VICTOR HUGO

O SOLAR DE APOLO

romance mediúnico de ZILDA GAMA

Victor Hugo

(ROMANCE MEDIÚNICO)

Psicografado

por

ZILDA GAMA

O SOLAR DE APOLO

EDIÇÃO

Rua Dom Duarte Leopoldo, 170

SAO PAULO

O SOLAR DE APOLO

1.° PARTE
O SOLAR DE APOLO

LIVRO I

O solar de Apolo

Convido-te, amável leitor, a participares comigo de uma incursão no passado. Volvamos as páginas da História e remontemos ao século III da nossa era. Detendo-nos no longínquo ano de 195, vamos encontrar na Grécia um rico proprietário de terras chamado Plotino Isocrates, homem de 42 anos. Vivia ele em seu castelo, situado nas vizinhanças de Sicione, pequena cidade do Peloponeso, às margens do Golfo de Corinto. Em sua juventude seguira a carreira das armas, mas, tendo casado moço ainda, resolveu dar baixa do serviço ativo, para dedicar-se exclusivamente à família, e foi residir com os seus numa vasta propriedade que lhe adviera por herança, de seu pai, não longe de Corinto e de Atenas. Chamava-se o imóvel Solar de Minerva e ficava situado em região acidentada, mas de grande beleza panorâmica. A esse tempo, a erosão ainda não transformara as montanhas helenicas em desertos e, de longe, o verde profundo das oliveiras e dos loureiros confundia-se com o colorido ameno dos bosques naturais, onde o leão, hoje extinto, caçava javalis e infundia terror aos camponeses.

Nessa época, o cristianismo, já assaz difundido, era tolerado nas províncias do Império Romano, de que a Grécia fazia parte. O culto dos deuses todavia, era a religião principal e só foi abolido mais tarde, em consequência de um edito de Justiniano. Os santuários de Delfos e Eleusis, onde se praticava o mediunismo, então chamado profetismo (de profeta, falar outrem), gozavam de gerais favores, sendo muito procurados os seus oráculos. Não eram raras as pessoas que praticavam as duas religiões e recorriam tanto aos bispos como às pitonisas. Foi somente no século seguinte que o cristianismo se tornou a religião oficial e o culto dos deuses abolido. Aliando-se aos imperadores, de cujos banquetes passou a participar, o alto clero romano em pouco tempo abandonou o nome de "Igreja Cristã" para adotar o de "Igreja Católica", embora continuasse a utilizar o nome e a figura de Cristo. Não demorou muito e a Igreja conseguiu que fosse proibido o ensino da filosofia e da mitologia. As escolas de Atenas, onde lecionavam os neoplatônicos, foram então fechadas,

juntamente com todos os santuários pagãos, e uma noite pesada desceu sobre o mundo, a qual ficou sendo conhecida como a Idade Média, ou a Noite de Mil Anos.

Havia quase vinte anos que Plotino Isocrates e família residia no seu feudo. Seu temperamento pertinaz e autoritário levava-o a obter êxito nas tarefas que empreendia, de modo que sua presença impulsionou grandemente o progresso daquelas terras. O ex-militar guardara da antiga profissão o porte ereto e o desembaraço do homem acostumado a mandar. Atingira a plena maturidade e só agora as primeiras cãs revelavam-lhe que se aproximava a velhice. A despeito da sua natureza voluntariosa, Plotino Isocrates era inclinado à bondade e ao perdão, e assim frequentemente se encontravam em choque, na sua consciência, os seus sentimentos e as medidas de rigor que se julgava obrigado a adotar.

Emérita Kondilais, esposa de Plotino, fora jovem de notável beleza. Abeirava-se dos 36 anos, conservando porém a pureza de linhas que na adolescência a tornara conhecida em Atenas. Vivia para os dois filhos, Anália e Samuel* aquela com dezoito e este com 17 anos.

A primeira década da vida conjugal decorrera relativamente feliz; ultimamente porém, os desentendimentos entre os esposos eram mais frequentes, devido em parte ao gênio ciumento de Plotino, que não permitia que sua esposa se afastasse de casa a não ser em sua companhia. A situação agravara-se desde que viera fixar residência nas imediações, um antigo companheiro de armas de Plotino, chamado Argos Zenóbio, que também aspirara à mão de Emérita. Argos, pouco mais moço que Plotino, era totalmente diferente deste, que se diria talhado para a vida familiar. Amava aquele a aventura e a vida social, em aras das quais havia sacrificado a vida despreocupada que levava na residência paterna, vizinha da de Plotino. Durante muitos anos esteve desaparecido, somente regressando quando os seus pais morreram para tomar posse do imóvel que lhe coubera por herança. Sua volta repentina, causou justificada preocupação em Plotino, pois este não ignorava que as aspirações de Zenóbio haviam sido correspondidas por Emérita, só não resultando em casamento por motivos independentes da vontade de ambos. Efetivamente, Argos Zenóbio era uma figura de bela aparência, alto, desenvolto, e simpático no falar. Teria agora 40 anos, mas

continuava alegre, conversador, risonho, amando o vinho, o jogo e as mulheres, com as quais se mostrava liberal. Fora a seu tempo considerado um dos melhores "partidos" para as moças casadoiras de Atenas e de Corinto, sendo bem recebido em todas as rodas. Sua popularidade crescera com a vitória obtida nos Jogos Istmicos, quando na idade de 20 anos arremessara o martelo à distância de meio estádio, derrotando os melhores atletas de toda a península. Aos 21 anos, após brilhante curso na escola de armas, ingressou no exército como comandante de um corpo de lanceiros. Depois, de algumas campanhas, e não podendo se esquecer da formosa Emérita, resolveu casar-se, mas, demorando-se em ação contra os remanescentes de uma tribo rebelde, ao voltar já a encontrou casada com seu amigo e camarada Isocrates Plotino. Regressou então à caserna e aos combates, mais temerário que nunca, tendo sido ferido várias vezes, algumas com gravidade. Entediando-se por fim da vida militar, pediu licença por prazo indeterminado, saindo a correr mundo. Seu valor, atestado por inúmeras cicatrizes, sua inteligência, cultura e variada aptidão, abriam-lhe todas as portas e ele pôde percorrer sem dificuldade todos os países que encontrava em seu caminho. Chegando ao império de Nipango, além do qual só se avistava o mar sem fim, de onde surgia o sol, travou amizade com alguns samurais, cujo idioma, ao qual curiosamente faltava a letra "I", facilmente aprendeu. Após alguns anos de permanência entre aquele povo exótico, e chegando-lhe notícias da morte de Zenon e da ascensão de Anastácio, seu amigo, ao trono da Grécia, associou-se a alguns mercadores e armando poderosa frota, para enfrentar os piratas que infestavam os mares, regressou do oriente carregado de sedas, pérolas e especiarias, que vendeu em Alexandria com lucro fabuloso. De volta à pátria, sentiu-se atraído pela agricultura, decidindo-se a residir no solar dos seus avoengos, limítrofe ao de Plotnio. Secretamente porém, seu desejo era rever Emérita, cuja lembrança não lhe saía da memória. Oficialmente, as relações entre os dois vizinhos eram as melhores possíveis, embora ambos adivinhassem que algo se interpunha entre eles. Plotino particularmente, conhecendo a audácia do seu antigo camarada, sentia-se inquieto e suspicaz ao meditar no celibato de Argos pensando sempre se entre as suas causas não estaria o amor por Emérita. Na sua imaginação, desfilavam todas as possíveis consequências do regresso do rival. E meditava na sorte dos seus filhos se alguma tragédia se verificasse. Anália e Samuel eram duas almas

nobilíssimas e amorosas que os deuses da Fortuna haviam ligado ao seu coração de pai. Não se diriam crianças pois. Mesmo nos verdes anos demonstravam tanta sensatez e compreensão, que Plotino e Emérita muitas vezes se guiavam pelas opiniões dos filhos. A educação de ambos fora esmerada e abrangia o canto, a poesia e a música, para cujo fim Plotino contratara competentes e idôneos professores. Em consequência, os convites para os raros saraus do castelo eram muito apreciados pelos moradores da herdade, cuja única distração à noite, era ouvir os menestréis com suas bandolas, e eles nem sempre apareciam naquelas cercanias.

Se bem que invejada pela maioria das mulheres de suas relações, Emérita não se resignava à vida reclusa, própria dos solares medievais. Culta e bela, apreciava as relações sociais e desejaria estender seu círculo de amizades. Plotino, todavia, não lhe permitia visitar os parentes nem conversar com estranhos, a não ser em sua companhia, e como raramente fizesse visitas, a nossa castelã se sentia isolada e triste.

Uma tarde, ficando sós à mesa, após o jantar, servido em amplo e florido salão, Emérita se dirige ao consorte dizendo-lhe com inflexão de voz suave e melancólica:

— Plotino, embora eu viva em um ambiente de sinceras afeições, cercada pelo teu carinho e pelo amor dos nossos filhos, sinto como um vácuo na minha existência.. . Nada me falta, materialmente, mas às vezes invade-me uma intensa nostalgia e parece-me estar encerrada num cárcere, dourado é verdade, mas sem liberdade. Gostaria de viver em sociedade, assistir a festas e reuniões, trocar ideias. Vocês, homens, podem passar os dias calados, entretidos com questões de filosofia, cujo alcance e utilidade nos escapam. Porém, nós, mulheres, precisamos nos ocupar de coisas mais práticas e para isso não é preciso perder longas horas meditando. Importa mais ter com quem conversar. Se permanecesses sempre a meu lado, eu não me sentiria tão isolada, mas frequentemente te ausentas e eu passo as horas apreensiva, sem poder me distrair, afastada de todos os meus parentes e das minhas amigas...

Emérita suspirou e calou-se. Plotino respondeu:

— Compreendo o que queres dizer. Foste criada em Atenas, em convivência com pessoas cultas e inteligentes e não te resignas a viver no meio de camponeses, que só sabem falar do tempo e das colheitas. Deves convir, no entanto, que a vida não pode se

constituir apenas de prazeres e diversões. No transcurso da nossa existência atravessamos três períodos distintos: infância, adolescência e maturidade. Em cada um deles pensamos de maneira diversa e temos preocupações diferentes. A época dos folguedos termina com a adolescência. Ao constituir um lar, o homem e a mulher entram na maturidade. Vivem não já para si, ou para realizar os próprios sonhos, mas para os filhos. O casamento é o fim do sonho, quer matando-o, quer tornando-o realidade. Feliz aquele que torna o sonho realidade. Mais feliz quem faz da realidade um sonho, trabalhando com heroísmo e abnegação em prol do seu ideal. E haverá mais nobre ideal do que criar e educar os filhos, incutindo-lhes bons hábitos e fazendo deles, por seu turno, pais e mães exemplares? Esta é a fase em que nos encontramos, Emérita. É a fase dos encargos penosos, das responsabilidades, dos sacrifícios, das lutas e sublimidades ignoradas. Precisamos renunciar aos prazeres mundanos e votar-nos incansavelmente ao trabalho. Não vês que a própria natureza indica essa missão aos pais, dando-lhes nesse período maior robustez física?

Agradeçamos aos deuses o muito que nos têm dado, poupando-nos a vida no meio de tantas guerras, enfermidades e perigos e permitindo-nos criar os filhos da nossa carne e da nossa alma entre a abundância e o conforto. Quantos trabalham mais do que nós e vivem miseravelmente, em meio às maiores privações! Se é certo que a filosofia ainda não explicou satisfatoriamente o problema da origem da vida, a finalidade da nossa existência me parece clara: trabalhar, progredir, física e espiritualmente. Após haver refletido maduramente sobre a desigualdade dos seres e o sofrimento dos inocentes, penso que a razão está com os egípcios e os indus, que atribuem essas diferenças ao mérito dos indivíduos em anterior encarnação. Esse pensamento também goza da simpatia dos nossos maiores filósofos.

Meu professor era partidário da teoria reencarnacionista e sustentava que a palingenesia devia ser entendida como nova vida na terra e não no empíreo. Não fazemos jus ainda a habitar entre os imortais. Cuidado, pois, Emérita, para não seres castigada pela tua ingratidão e obrigada a: reencarnar sob as vestes de uma serva ou de uma escrava.

Um rápido sorriso emoldurou o rosto formoso da interpelada e ela ponderou:

- Não precisas fazer ironias, Plotino. Não me queixo da sorte, mas acho que tenho o direito de procurar melhorá-la. Ademais, creio não ter proferido nenhuma heresia, pois se uns preferem a vida rural, outros optam pela citadina. Estou entre estes. Muitos castelões possuem casas na cidade, onde passam o inverno ou se hospedam quando vão fazer compras, rever parentes ou simplesmente descansar. Por que não poderíamos nós fazer o mesmo? Corinto dista menos de meia jornada deste solar. Por outro lado, saindo- se daqui de manhã, pode-se chegar a Atenas antes de anoitecer. Portanto, não seria preciso delegares a terceiros a administração desta propriedade. Além disso, Anália está em idade de casar e seria cruel privá-la de escolher noivo entre as classes cultas. Samuel também, apesar dos bons professores, está um perfeito campônio, tímido e calado.

Emérita escondeu o rosto com as mãos e pôs-se a soluçar. Plotino, imerso em profundas cogitações, manteve-se silencioso. A esposa prosseguiu:

- Tu achas que a mulher que se casa deve se tornar prisioneira do próprio lar, sem outras aspirações que as de ser escrava do marido e dos filhos?

Plotino, que a princípio se sentiu tocado com as lágrimas da esposa, respondeu com energia:

- Classificas de escravidão a vida que levas em minha companhia e os sacrifícios que fazes em favor dos nossos filhos? Bem vejo que não me amas e que a felicidade dos teus filhos está em segundo lugar na ordem das tuas preocupações. Sentes-te ainda atraída por divertimentos já impróprios da tua idade. Rodeada de atenções e do amor daqueles que exporiam a vida para salvar-te, ficas enfadada e suspiras pelas falsas amizades dos salões. Ignoras acaso a corrupção que lavra nas cidades? Não vês que uma noite de encantamento, entre risos e danças, vinhos e música, prepara, às vezes, dias de lágrimas? Confundindo a felicidade com o prazer, por ignorarem que aquele é um estado dalma e este uma sensação passageira, muitos têm trocado a paz de espírito pelo prazer do corpo, e tarde reconhecem que saíram perdendo. Feliz é aquele que, com o corpo chagado, tem a consciência tranquila e sente que cumpriu o seu dever. Estou inteiramente de acordo com Ariston o grande filósofo de Quio, cujos ensinamentos infelizmente não gozam da popularidade que merecem. Ele prova

irretorquivelmente que a felicidade só pode ser encontrada na virtude e nunca no prazer. Infelizmente, a trégua que Roma impôs às nossas discórdias internas está nos custando cara demais. Atualmente, a caça ao gozo é a lei do romano e está se tornando também a nossa. Os deuses são desprezados e as nossas mais santas festividades, como a comemoração da vinda de Baco à terra, e as saturnais, degeneram em regabofes abjetos, indignos de serem descritos. Tu viste que aqui mesmo na festa da vindima, tivemos que restringir a distribuição de vinho porque as bancarrotas, a pretexto de exprimirem o seu júbilo, se entregavam a excessos de toda ordem. Quantas mães, após participarem de tais festividades, abandonam os seus lares para seguir algum aventureiro, cujas promessas valem tanto quanto eles mesmos e que as abandonam na primeira esquina? Não. Emérita. Uma verdadeira esposa e mãe não troca o modesto lar, onde vivem os seres que a amam, para divertir-se na companhia de pessoas levianas e irresponsáveis... Que ventura maior haverá para um coração materno do que permanecer no pequeno reino em que é rainha de outros corações amantes?... Que glória maior para uma senhora honesta do que abandonar os festejos mundanos para dedicar-se à sua família, ajoelhada à beira de um leito onde um filho dorme ou geme enfermo, entoando uma canção ou uma prece? Não há prazeres que excedam, aos do sacrifício pole ente amado. Uma carícia infantil é recompensa bastante para a verdadeira mãe e paga com juros todos sofrimentos passados.

- Mas eu já me sacrifiquei por muitos anos, Plotino.

Enquanto os nossos queridos filhos eram pequenos, nunca hesitei me imolar, mas agora a situação é diversa e não mais razão para permanecer neste isolamento atroz. Tu vais frequentemente à cidade, revês amigos, conversas com estranhos, mas eu nem a Sicione vou. Não permites que se contratem jograis e se não fosse a companhia das esposas dos professores, creio que eu já teria enlouquecido nesta solidão.

Plotino ouviu-a consternado. As ideias expostas por Emérita espantavam-no. Nunca a supusera tão leviana e infantil. Um mundo desabava no seu interior. Após alguns instantes de silêncio murmurou:

- Tuas palavras são para mim uma revelação. Preciso meditar na extensão delas. Amanhã te darei a minha decisão.

Emérita acrescentou:

- Não sou eu apenas que penso desta maneira. Anália e Samuel também desejariam tomar parte em folguedos sociais, como um derivativo para as fadigas do estudo e a reclusão deste solar. Se não se queixam é para não magoar-nos, mas a juventude pede alegria e distrações.

- Não sou do teu parecer, respondeu Plotino com veemência. Não me consta que eles desejem participar das alegrias mundanas, antes dão-se por contentes com o conforto e o carinho que lhes são proporcionados aqui. Acho muito condenável o hábito assaz difundido de se permitir aos jovens frequentarem bailes e festividades ruidosas, cujo único objetivo é o gozo material. O espírito nada tem a lucrar com a excitação dos sentidos causada pelos contatos de jovens de sexo diferente e sei de muitos que contraíram graves enfermidades ao se retirarem de tais festas.

- Mas não te lembras de que já desfrutaste a juventude, sem os resultados nefastos que hoje receias?

- Justamente por isso. Falo por experiência própria. Conheço os riscos a que estão sujeitas as moças inexperientes, pois muitos jovens não têm escrúpulos e abusam das oportunidades que se lhes oferece para seduzi-las. Quantos amigos meus, confundindo amor com licença, faltavam com o respeito devido às namoradas e se vangloriavam da prática de atos que os degradavam!

- Querias então que não houvesse nenhum entretenimento social? Só vês o lado mau das coisas. Para ti todas as festas são pecaminosas. Nem os deuses podem preencher os teus padrões de virtude. A ser como desejas, todos passariam a vida encarcerados em seu próprio lar, como se vivessem em estado de luto permanente!

- Não! O abuso não tolhe o uso. Aprovo as festas familiares rigorosamente selecionadas e mesmo os festejos públicos com que a nação possa celebrar os seus triunfos e suas glórias. Mas desaprovo as grandes reuniões, onde se forjam idílios insensatos e a ruína de lares venturosos. Intimidades só se permitem aos íntimos. Acho muito mais agradáveis os pequenos convescotes, onde todos se conhecem e se estimam, porque seus pais também foram amigos. Neles reina a cordialidade, o júbilo, a naturalidade, o respeito, único ambiente em que pode surgir o verdadeiro amor. Foi

num meio assim que te conheci, namorei e pedi em casamento. Surpreende-me portanto tua nova concepção do que é correto. O que é direito apenas em parte, para mim é miado por inteiro. Não posso admitir que os consortes, cujas responsabilidades não lhes consentem o menor desvio no cumprimento do seu dever de pais, deixem os seus entezinhos queridos entregues a fâmulos inconscientes! Quantas desditas têm tido erigem no descaso das mães! Os irracionais revelam maior compreensão do que certos pais e não abandonam um momento sequer seus filhotes indefesos. Acumula remorsos quem troca o dever pelo prazer. A mãe digna desse nome não pode mais pensar em futilidades, nem diversões e gozos, longe de seu lar.

— Mas, Plotino, nossos filhos já estão crescidos, não necessitam mais de vigilância nem desse excesso de carinho, que só tem cabimento na infância. Alguma vez me achaste em falta para com a minha obrigação? Há quase vinte anos que só vivo para eles, não pensando senão neles, aceitando resignada este encarceramento cruel, e o louvor que me reservas é esta humilhante reprimenda? Quem te ouvisse falar, diria que eu sou uma mãe desnaturada e que não tenho noção do meu dever!

Emérita levantou-se agitada, com os olhos marejados de pranto. Isócrates redarguiu:

- Enganas-te ainda. Nossos filhos estão numa idade em que seus atos têm influência decisiva nos seus destinos. Mais do que nunca precisam eles do nosso desvelo e assistência. Precisamos dar-lhes exemplos salutares pois que eles têm os olhos voltados para os que lhes deram a vida. A infância reclama auxílio material; a juventude exige-o também espiritual. A falta de um conselho oportuno, do uma justa intervenção materna, tem levado muitas moças a no enamorarem de indivíduos que depois as levam a perdição e até à morte.

Emérita não se deu por vencida. Vendo que seus argumentos não demoviam o esposo das suas concepções, resolveu apelar para o seu sentimento, pois o coração tem razões que a razão desconhece. Foi assim que, sentando-se novamente, segurou a mão do esposo e disse-lhe em tom de voz terno e melancólico:

- Plotino, se soubesses o que significa para uma mulher viver dezenove anos segregada, sem amigas, sem parentes, sem uma confidente com quem conversar de

igual para igual; sem ir a teatros, sem assistir a jogos; vendo e revendo todos os dias as mesmas fisionomias; ouvindo pela centésima vez a mesma história, certamente serias mais indulgente para comigo. Não me julgues mal, meu querido. Não quero demover-te dos teus princípios retilíneos, que são também os meus. Apenas, sinto-me cansada, exausta, nervosa e preciso me distrair um pouco, sair, rever o mundo. Falei em festas mas não faço questão de frequentá-las. Basta-me ir uma ou outra vez ao teatro ou a um concerto. Quando eu ficar bem voltarei ao Solar de Minerva. Concedes?

Mas o antigo guerreiro, espicaçado pelo ciúme, era insensível a todas as formas de persuasão e respondeu inflexível:

- Não precisas mais fingir, Emérita. Por tuas palavras, tarde conheço os teus verdadeiros sentimentos! Via-te resignada e nobre, com a aparência de quem está satisfeita com a sorte que lhe coube. A mulher que ama o seu esposo e seus filhos, sente-se feliz só na companhia deles. Somente agora percebo que possuí o teu corpo, mas não o teu coração, que está longe de mim. No entanto, fiz tudo quanto estava ao meu alcance para tornar-te ditosa. Minha preocupação de todos os instantes desde que nos casamos, tem sido aumentar o conforto desse lar, velando para que nada lhe falte material ou moralmente. Escravo prazeroso do amor que te dediquei, tenho vivido exclusivamente para ti e os filhos que me deste. Abandonei a carreira das armas para estar mais tempo ao teu lado. Recusei os cargos públicos que me ofereceram para não ter outras preocupações que não fossem as da tua felicidade. Grande engano o meu! Só hoje compreendo quantas censuras havia em teu íntimo contra mim. Mas, se não me amavas, porque me aceitaste como esposo? Não eras obrigada a unir-te com quem te desagradava. Se eu fosse dado a estroinices e loucuras, talvez me amasses. Tenho visto mulheres suspirarem por quem as abandona; adorarem a maridos que nada lhes dão a não maus tratos; tanto mais fiéis quanto mais traídos. Como não me vês jogando, bebendo ou me divertindo fora de casa, não me dás valor. Aceitaste os encargos do lar como um castigo, mas a vida que te agradava era a dos salões, onde reina a hipocrisia e a ostentação, a vaidade e a corrupção!

Emérita Kondilakis ficou alarmada. Seus grandes olhos tristes fitavam o esposo com espanto.

- Plotino, como podes ser injusto a esse ponto?! Não envenenes o sentido das palavras que eu profiro! Tomemos nossos filhos por desempatadores desta questão e verás que a tua acrimonia não tem razão de ser. Amo-te como sempre, meu querido. Não suspeites mal onde ele não existe. Não me faças sofrer mais do que eu já tenho sofrido.

Emérita inclinou a cabeça sobre a mesa e desatou em choro convulso. Plotino retrucou;

- Ou as palavras mudaram de significado ou eu perdi o senso. Dizes que a tua vida aqui é um colar de sofrimento, que te sentes como uma escrava e prisioneira e não queres que eu me veja na posição de algoz a supliciar-te implacavelmente? Manifestas o desejo de frequentar festividades mundanas, justamente na idade em que tais atos perdem o interesse, e queres que eu te dê razão? Onde estão teus tormentos? A qual pedido teu deixei de atender? Referes-te aos jograis. Então pretenderias que eu desse ingresso em nosso lar à esses vadios, apenas para ouvi-los contar anedotas ou dizer graçolas? Falas em ir morar em Corinto como se ignorasses a corrupção que lavra nessa cidade, ponto de ter se tornado proverbial a riqueza dos seus lupanares, e pretendes que eu te leve para lá? Declaras que os anos que viveste em minha companhia, velando pelos seres amigos que te rodeavam solícitos, foram anos de sacrifício, e queres que eu me julgue amado?

- Para todas as distrações são criminosas. Como prescindes de divertimentos, pensas que todos podem fazer o mesmo? Pois eu te digo que gosto de reuniões sociais e não vejo nenhum mal nisso. Gosto de conversar, rir, folgar. Nada me pesa na consciência para viver acabrunhada.

- Que queres dizer com isso? Como deverei interpretar as tuas palavras, se as reuniões familiares que realizamos neste castelo de vez em quando, e em que há danças e recitativos, músicas e narrações, são para ti como se não existissem? Emérita, a sabedoria ensina que a ventura terrena só pode ser conquistada com sacrifícios, com desvelos e com o austero cumprimento de todos os deveres morais. Uma coisa é certa, e o exame atento da natureza o revela; o objetivo da vida não é o gozo material mas sim o aperfeiçoamento espiritual. Através da luta pela vida, Deus aperfeiçoa as formas

e desenvolve o espírito, tendo em vista uma beleza cada vez maior e mais completa. Ao gozo que nos degrada é preferível o sofrimento que fortifica. Nossos maiores filósofos sustentaram essa tese após longos estudos e observações, confirmando-se assim quanto ensinara Orfeu, o grande e divino filho de Deus que entre nós habitou. Considerando a semelhança de sua doutrina com a do famoso Cristo Jesus, que estou estudando ultimamente, convenci-me que foi o próprio Orfeu quem renasceu entre os judeus, pois um simples carpinteiro não poderia praticar os milagres que dele se contam. Só o rigoroso e inflexível cumprimento do dever nos abrirá as portas das mansões onde residem os imortais e eu estou decidido a alcançar essa graça. Libertos de todas as fraquezas terrenas, faremos jus aos paramos celestiais. Não tentes pois, dissuadir-me de seguir o meu caminho nem esperes que eu te ajude a errar.

- Achas errado cultivarmos as relações sociais depois de consorciados? Devemos afastar-nos da convivência dos seres amigos e da sociedade, como se fôramos condenados à prisão?

- Devemos afastar-nos do que nos desvia da virtude e a sociedade moderna está por demais corrompida para que possamos conviver com ela sem nos contaminarmos. Jamais ofereceria minha filha nas feiras de vaidades. Quem quer uma esposa virtuosa vai procurá-la numa família virtuosa e não em centros de prazer. O segredo da resistência dos judeus a todas as tentativas de extermínio, tem sido o culto da família. Não há júbilo maior do que dos lares virtuosos, onde o respeito e o amor geram a simplicidade e a cordura, a modéstia e a paciência, a paz enfim. Pensas que as festas aliviam os nervos? Não há criatura mais nervosa do que a mulher que se prepara para uma festa ou regressa dela. De várias sei que mandavam supliciar as suas servas porque a túnica não lhes caía bem, ou porque o penteado demorava.

- Pelo que que expões, a mulher que casa deve dizer adeus ao mundo e à sociedade e levar uma vida que pouca diferença faz da existência das sacerdotisas.

- Sim, desde que haja necessidade! A maternidade é um sacerdócio, e talvez o mais sagrado que existe, porque é conferido pelo próprio Deus Supremo. Assim foi, é e será o consumação dos séculos.

_ Por essa teoria, Plotino, os casamentos vão rarear, pois nem todas as criaturas humanas nasceram com vocação para o... claustro.

- Tanto melhor para a humanidade porvindoura, pois as jovens que se aliarem aos que lhes consagrarem afeto, educarão os filhos em sãos princípios. Mas não penses que possam os homens furtar-se às leis da natureza. O casamento é uma delas. Outra lei é a da justiça, segundo a qual os atos maus produzem maus resultados. O sofrimento aguarda os que se desviarem da reta senda do dever. Ora, se podemos escolher entre o bem e o mal, porque optaremos pelo mal, que acarreta a dor e a desgraça? Há alguns que aprendem de boa vontade; outros que só o fazem constrangidos pelos castigos. A quem devemos imitar? Futuramente os pais relapsos serão julgados pelos tribunais terrenos, com severidade. Casar-se com a preocupação exclusiva de melhor gozar a vida, abandonando ao acaso os entezinhos que concebeu, constitui um crime nefando, que deveria ser punido com rigor pelas leis sociais. Infelizmente a maioria dos homens acha maior prazer no vício do que na virtude. Imperfeitos que são, por vontade própria,, desculpam-se alegando que assim nasceram e acusam Deus de não os ter criado perfeitos, como se Deus os obrigasse a praticar o mal. O mal sempre há de gerar o mal para castigo dos maus. Habitamos o mundo que merecemos e se fôssemos transportados para um mundo de seres imaculados e perfeitos, sentir-nos-íamos envergonhados e constrangidos como mendigos introduzidos numa sala onde se realiza um banquete. Esta é a verdade. Emérita. Aproveitemos pois, a nossa rápida passagem pela face do planeta para burilar nossa personalidade, a fim de que o nosso espírito possa gozar da felicidade reservada aos eleitos.

Nesse momento entrou Anália, que se acercou dos pais e, beijando-os carinhosamente:

- Vejo que a despeito dos longos serões, assunto não vos falta. Isto é sinal de que os anos passam, mas papai e mamãe continuam enamorados. Como é agradável vê-los assim unidos como dois pombinhos. Os dois melhores pais do mundo.

E assim falando, acariciava os cabelos de Plotino e Emérita, revelando pelo tom de voz os tesouros de ternura do seu coração. Seus longos cabelos anelados caíam-lhe

graciosamente pelas espáduas, emoldurando um rosto de rara beleza. A harmonia existente entre a perfeição das formas e a superioridade do espírito que se adivinhava, atraía a atenção de quem a contemplava. A presença da jovem serenou a disputa entre os cônjuges, que acolheram satisfeitos suas palavras joviais. A seguir, deu entrada no salão, um simpático adolescente, cujos modos calmos revelavam maturidade espiritual. Aproximou-se dos pais a quem abraçou, e sentou-se sem dizer palavra. Fez-se um instante de silêncio, que o jovem interrompeu, dizendo:

- Se é segredo o que faláveis, eu me retiro.

- Não, filho, respondeu Plotino. Pelo contrário, foi bom chegares, porque se tornava necessária a tua presença.

- Alguma preocupação, meu pai?

— Sim, meu filho. É um assunto importante, que interessa a nós todos, porque as suas consequências são incalculáveis.

- Que dissestes, paizinho? interpelou-o a donzela, acercando-se do progenitor e fitando interrogativamente a mãe emudecida.

- Prestai atenção ao que vou perguntar e respondei-me com inteira lealdade: Já pensastes em abandonar este solar, por achá-lo enfadonho e sem atrativos?

- Nunca! responderam os dois jovens a uma voz.

Plotino olhou significativamente para Emérita, que se mantinha silenciosa, agastada com o rumo que o esposo imprimia aos acontecimentos.

Samuel prosseguiu:

- Porque não estaríamos satisfeitos, se aqui se acha tudo quanto amamos na vida: nossos queridos e bondosos pais? Convosco desejamos prosseguir enquanto nos quiserdes em vossa companhia, pois não saberíamos viver sem a vossa afeição e os vossos carinhos. Porque nos perguntais isso? Não vedes a alegria que sentimos ao vosso lado?

- Duvidais do nosso amor, queridos pais? inquiriu Anália com os olhos cintilantes.

- Eu vos agradeço a sincera confissão, meus filhos adorados! Vossas palavras me recompensam de tudo quanto tenho sofrido por vós. Tudo tenho feito e continuarei a f uni para tornar-vos venturosos. Vossas palavras me cumulam de felicidade e por elas me considero eternamente grato, mas compreendo que deveis ter aspirações de venturas terenas, como a constituição dos vossos lares e a conquista da felicidade!

- Sim, querido pai, tornou Samuel, como todos, nós também temos esses ideais, mas não vos preocupeis por enquanto, pois o que nos estiver destinado pela Providência Divina, virá ter às nossas mãos.

- Bem, meu filho, louvo as tuas expressões! Bem sei que não temes o futuro, capacitado de que as leis do Criador não podem ser fraudadas e que Ele, que tudo sabe e provê, não se esquecerá de ninguém na partilha de bens de que regurgitam suas mãos. Como vós, tenho confiança no Criador, a quem o grande filósofo hebreu Jesus, dá adequadamente o nome de Pai. Ainda hoje meditava eu numa das suas frases geniais, recolhida pelos seus discípulos, na qual ele nos aconselha a não nos preocuparmos demais com o quo havemos de comer e de vestir. Numa imagem formosa, lembra que Deus veste os pássaros e as flores com maior beleza do que os reis podem vestir-se e conclui acertadoramente que o que importa é seguir as retas veredas da justiça, pois, em o fazendo, tudo o mais nos será dado de acréscimo.

- Justamente o que pensamos, querido pai! Exclamou o adolescente.

Anália ajuntou:

- Nossa vida aqui decorre feliz. Desde que nascemos, nunca nos faltou nada. Acho tão bonito este lugar! Temos tudo que se precisa para viver: frutas, flores, cereais, iguarias saborosas, campo e montanha, terra e mar. Que mais poderíamos desejar se temos também o amor e o carinho daqueles que nos deram o ser?

- Muito bem, respondeu Plotino, contente com o que ouvia. Quero porém que me elucidem sobre o seguinte: não desejais frequentar festividades sociais, participar de entretenimentos noturnos, amados filhos?

- Depende da vossa vontade, meu pai! respondeu Anália, pois se tendes vos privado de ir a festas ruidosas por amor dos vossos filhos, agora, se vos aprouver,

poderemos acompanhar-vos. Para nós será um ótimo ensejo de conhecer a sociedade humana. Se surgirem decepções, lamentaremos o ocorrido e voltaremos a viver como até agora, neste reduto encantador. Tenho curiosidade de assistir uma festa importante, para saber o efeito que vamos sentir, eu e Samuel!

- Quereis então, filhos, ir ao Solar de Apoio no próximo sábado? Recebi atencioso convite do seu proprietário, o valoroso Argos Zenóbio, que festeja o seu regresso à pátria, após longa e fortunosa ausência.

- Se quiserdes nos levar, papai, respondeu Anália, iremos com prazer. Será a nossa primeira aventura social, a nossa primeira experiência em cerimônias festivas. Mas, porque está tão triste e lacrimosa a nossa adorada mãezinha?

* * *

No dia seguinte, depois do jantar, que decorreu com desusada animação, mostrando-se reservada apenas Emérita, Plotino reuniu a família na sala de música, que servia também de biblioteca, e assim lhes falou:

— Queridos filhos, atendendo a um pedido de vossa mãe, vou quebrar os princípios por que tenho me norteado em vossa educação e conduzir-vos a alguns lugares aprazíveis, a festividades brilhantes. Penetrareis um mundo que ainda não conheceis. Travareis relações com pessoas de todos os matizes morais e isto vos servirá de valiosa experiência. Até aqui tenho evitado o contato daqueles que vos possam causar dano. Agora, que o vosso espírito está formado e sabeis distinguir o bem do mal, estais aptos a vos conduzir em todas as situações e eu vos levarei a lugares onde melhor podereis conhecer a humanidade e mesmo a vós próprios. Quero ver como vos conduzireis.

— Amado pai — disse Samuel, — ensinastes-nos a prezar o bem acima de tudo, em qualquer situação; mostrastes-nos a beleza sublime que existe no culto fervoroso e humilde das virtudes; nossa escolha já está feita; não é mister novas experiências; ou dar-se-á que duvidais dos vossos filhos e do amor que eles vos consagram?

— Tesouros de minh'alma! falou Plotino com arrebatamento, não duvido de vós, mas como já falei, é preciso que haja situações propícias para que possam ser revelados

os verdadeiros pendores de cada criatura. Vou explicar melhor o que desejo, esperando ser bem compreendido por todos: aqui, sob a vigilância paterna, fostes criados e educados. Tudo foi feito para vos fazer compreender que a felicidade reside na virtude; mestres foram trazidos que vos mostraram os fundamentos divinos da moral e as razões que nos aconselham a optar pelo bem; mandei ensinar-vos a música, o canto, a poesia, a oratória como outras tantas fontes de beleza e de momentos felizes. Até hoje, nunca soubestes o que fosse um desejo contrariado ou uma privação, Precisais agora pôr em prática o que aprendestes.

Teoricamente estais armados para vencer a luta que vos aguarda. Mas, como vos comportareis em face das provas que só a vida apresenta? Confio em que triunfareis.

— Querido pai, exclamou Anália, perplexa com as palavras que ouvia, realmente nossa vida tem decorrido até aqui descuidosa e fácil. Do mundo só conhecemos este recanto ditoso. Tendes razão em querer saber se ao defrontar as dificuldades naturais da vida, saberemos nos conduzir convenientemente. Isto vem confirmar o que me foi dito há pouco tempo, por um oráculo, em uma das nossas reuniões de estudo do cristianismo. O nume tutelar que falou pela boca da pitonisa aconselhou-nos a que permanecêssemos firmes na prática do bem, pois que dias chegariam em que seríamos submetidos a prova. Aguardo serenamente as lutas que o destino me oferecer. Inspirados pelas vossas palavras, paizinho, haveremos de vencer!

Plotino estreitou ternamente nos braços os dois filhos, dizendo:

- Deus vos abençoe meus filhos, pelas alegrias que me dais. Sinto-me mil vezes compensado dos trabalhos e apreensões que me causastes involuntariamente com as vossas traquinadas inocentes e as enfermidades que vos assaltaram no infância. Um dia sabereis o que é o sofrimento dos pais que amam verdadeiramente os seus filhos ao verem seus pequeninos corpos tremerem de febre, sem que eles possam atalhar o mal, cuja a causa na maioria das vezes se ignora.

Continuarei ao vosso lado, assistindo-vos com a minha experiência e os meus conselhos, sempre que o solicitardes. Mas penso que não será necessário interferir, pois bem conheço os nobres sentimentos de ambos. Estamos portanto, de acordo: frequentareis as reuniões mundanas e sereis apresentados à sociedade que se diverte.

Dirigindo-se à esposa, que se mantinha silenciosa, perguntou:

— Estás satisfeita, Emérita?

— Só tenho que aprovar as tuas deliberações.

— Não, quero ouvir a tua opinião sincera. Não sou nenhum déspota familiar. Desejo que a nossa vida doméstica transcorra em ambiente de concórdia e não de opressão! Quero que todos manifestem lealmente os seus pensamentos!

— A minha vida, na sua mais bela fase, disse Emérita com desalento, já está encerrada. É-me indiferente hoje, permanecer aqui ou além. Já gostei muito de festas, na mocidade, mas agora a idade me afugenta dos folguedos sociais. Todavia, não serei "desmancha-prazeres".

— Não te compreendo, interrompeu Plotino com o olhar fulmíneo, ainda ontem me pedias para ir a festas e hoje dizes que te é indiferente ir ou não?

— Mudei de opinião. Mas se achas que não devemos fugir ao convívio humano, nem isolarmo-nos egoisticamente neste solar, então iremos.

Samuel e Anália entreolharam-se atônitos e, antes que o progenitor usasse da palavra, o jovem ponderou:

— Mãe querida, não queremos contrariar-vos. Aceitamos prazerosos o alvitre de papai, porque pensamos que contava com a tua aprovação. Uma vez porém, que não vos agrada a perspectiva de tomar parte em folguedos, permaneçamos neste bendito solar, onde temos sido tão felizes.

— Não, meu filho. Teu pai já decidiu levar-vos a divertimentos. Aproveitai, portanto. A mocidade passa depressa e se não conhecerdes a felicidade agora, é pouco provável que venhais a encontrá-la mais tarde, ou num céu que ninguém sabe se existe!

— Bem, disse Plotino, conciliador. Façamos uma experiência: aceitemos o amistoso convite de Argos Zenóbio para a festa que ele oferece aos vizinhos e em breve, reunidos novamente neste mesmo local, externaremos as nossas opiniões relativamente às impressões colhidas.

— Querido paizinho, aduziu Anália atemorizada, não seria melhor desistir de experiências que podem criar a desarmonia entre nós?

— De modo nenhum, minha filha. Sempre haverá meio de nos esquivarmos a futuros convites se as opiniões de todos aqui não foram unanimemente favoráveis.

E dando a entender que considerava o caso resolvido:

— Todos vós fareis as compras necessárias para uma apresentação condigna. Escolhei o que houver de melhor em trajes de gala, sem cogitar dos gastos que isso possa ocasionar. Esmerai-vos, para que não fiquemos em posição vexatória nos salões do maravilhoso castelo. Argos Zenóbio não é homem de meias medidas e tudo indica que o espetáculo excederá às mais otimistas previsões. Muitas críticas eram feitas a Zenóbio, durante o tempo que servimos juntos no Exército, pelo seu elevado padrão de vida e excessiva riqueza dos jantares que oferecia aos amigos. Ora. se isso ocorria quando seus meios de fortuna eram ainda limitados, como não será agora, depois que se tornou rico como Creso? Preparai-vos a capricho, para não fazermos má figura.

— Paizinho, interveio Anália, não sei o que eu estou sentindo, mas já não tenho vontade de ir a festas. Eu havia pedido à mamãe que me apresentasse à sociedade, como é costume entre nós, mas agora que a minha aspiração se realiza, minha alma se conturba e o meu maior desejo seria evitar essa experiência, que talvez nos traga dissabores em vez de alegria!

— Não sejas pessimista, minha filha, disse Emérita. Os pensamentos agourentos atraem, maus espíritos, que procuram convertê-los em realidade.

— Nada receies, minha filha, acrescentou Plotino sorrindo, que é que poderia acontecer de mal num baile? Tomarmos cuidado para que o frio da madrugada não prejudique os vossos organismos no trajeto da volta. Perdi uma irmã em consequência de enfermidade contraída na saída de uma festa. O seu desaparecimento, em verdes anos, imergiu a nossa casa em dor inconsolável e acabou por levar ao sepulcro minha amorosa mãe. Conhecendo o perigo, poderemos evitá-lo. Um carro fechado nos transportará e todos levarão seus agasalhos.

Finda a palestra, foram descansar. Os dias que se seguiram, foram absorvidos pelos preparativos, e o castelo, normalmente silencioso, apresentava estranha animação. Fânulos apressados cruzavam as suas dependências em todas as direções. Hábeis costureiras foram contratadas, ao mesmo tempo que era providenciada a compra de finíssimos linhos, tules preciosos, sedas, joias modernas, e mil outras coisas indispensáveis a uma indumentária de gala.

Chegavam notícias do Solar de Apolo que confirmavam as previsões de Plotino sobre a grandiosidade do espetáculo preparado por Zenóbio. Operários sem conta eram empregados na reparação do solar e restauração dos seus jardins. Dizia-se que emissários de Zenóbio percorriam o Peloponeso à procura de artistas, músicos, bailarinos, cantores e acrescentava-se em tom faceto que Zenóbio despachara um liberto com a missão de escalar o Parnaso e contratar as próprias Musas por qualquer preço!

Somente Emérita mantinha-se desinteressada e por vezes, os filhos lhe faziam arguições amistosas, que eram respondidas evasivamente. Dir-se-ia que ela se encerrara em si própria, absorta em alguma grave preocupação que não desejava comunicar a ninguém.

— A mãezinha já conhece o senhor do Solar de Apolo? interrogou Samuel, fixando-lhe o olhar atento.

— Sim, murmurou ela soturnamente. Ele foi aluno do meu falecido pai, de quem depois se tornou amigo. Meu progenitor admirava-lhe as qualidades pessoais, embora fizesse restrições sobre o seu caráter, pois, dizia, não basta a uma pessoa ser inteligente e corajosa, é preciso que aplique esses predicados para o bem. E aos que desculpavam os defeitos de Zenóbio em consideração às suas qualidades, respondia sempre: uma bela inteligência não justifica um mau caráter. A esse tempo, habitávamos em Atenas e meu bondoso pai lecionava na Academia dos peripatéticos, assim chamados porque os professores dão as aulas passeando com os discípulos. Plotino e Zenóbio estudaram juntos e foi nas festas de formatura que vim a conhecê-los. Ambos se enamoraram de mim e quase surgiu uma briga entre eles, porque papai favorecia Plotino. Mamãe se admirava de que duas pessoas de gênio tão diferentes como Zenóbio e Plotino fossem

tão amigos e declarava: é a primeira vez que eu vejo a virtude de braço com o vício. Os dois seguiram a carreira das armas, mas cada qual foi para o seu lado. Ao partir, Plotino me pediu em casamento. Depois de refletir, respondi-lhe afirmativamente por carta e pouco depois, realizamos nosso consórcio. Mais tarde, também Zenóbio, que se tornara um belo oficial, apresentou-se como candidato à minha mão. Quando soube que eu já estava casada, ficou desapontado e regressou às fileiras, onde se destacou como hábil guerreiro. Ele era belo, mas prepotente e voluntarioso. Deus queira que tenha mudado de temperamento, para seu bem e para o bem dos que estão em contato com ele.

- Não aprecio indivíduos com tais característicos morais! exclamou Samuel.

— Nem todos pensam dessa maneira, meu filho. Muitos dos seus companheiros apreciam-no e pensam de igual modo. Vários colegas tomavam-no por modelo, pois é imponente, másculo, opulento, instruído e sabe dominar os que o cercam como se fora um xeque.

— Também não gosto de pessoas assim, disse Anália, o homem autoritário é geralmente um tirano, e espalha o sofrimento por onde passa. Já não tenho mais desejo algum do ir ao Solar de Apolo. O melhor é nos conservarmos afastados de semelhante personalidade. Não prevejo nada de bom numa festa cujo ofertante é arbitrário e pode altercar com algum convidado e entender de mandar prendê-lo ou matá-lo!

— Não, minha filha, isso ele não fará, nem imagines tamanha loucura, pois Argos apenas convidou amigos e pessoas de elevada condição social.

— Mamãe, tudo se pode esperar de uma pessoa tirânica. O nascimento, ou seja, o nome da família, a educação recebida, o dinheiro abundante, não constituem entraves ao seu despotismo, antes o favorecem. Pedirei a papai para desistir de nos levar a essa festa, cuja antevisão está me causando sérias apreensões.

— Não! Não! disse Emérita, com energia não manifestada até então. Agora é tarde para voltar atrás. Deixemos que as coisas sigam o seu curso.

* * *

O Solar de Apolo, um tanto distante do que pertencia a Plotino, era mais amplo, tinha sido edificado no alto de unia colina, como soiam ser os castelos medievais, com o objetivo de não só proporcionar melhor vista para todos os lados, como oferecer melhor defesa em caso de assédio. O acesso era feito por uma larga estrada sinuosa que terminava numa ponte levadiça, ao pé de grossas muralhas de pedra. Aos peães o caminho era encurtado em vários trechos por lances de escalinata. As torres dos ângulos; cobertas em ponta, projetavam-se a altura impressionante, o seu recorte no céu produzia, à distância, mirifico efeito. A coloração clara das pedras empregadas na construção atenuava o efeito opressivo daquela massa granítica. Concorriam para alegrar o ambiente, os jardins, um bem cuidado pomar e os tufos de flores que aqui e ali medravam nas seteiras e barbacãs. Penetrava-se no solar por um amplo portão chapeado de ferro, normalmente aberto. Uma rua interna, calçada com grandes pedras, circundava o jardim interior e havia neste, uma fonte de mármore representando uma ninfa sentada junto a um cântaro caído, de onde fluía a água.

Nas noites festivas, eram acesos inúmeros archotes e lanternas, que resplendiam nas trevas, favorecendo a aproximação dos convivas. Um farol era aceso na torre de vigia, cuja luz era vista das costas da Ática, do outro lado do golfo.

Raiou finalmente o dia ansiosamente aguardado pelos nossos personagens. Plotino dava as últimas ordens para que tudo estivesse pronto à hora da partida. Nenhum esforço fora poupado para que a sua família se apresentasse condignamente trajada na faustosa cerimônia. Emérita e Anália, louras, de cabelos anelados, haviam escolhido uma roupagem de seda azul-safira, que combinava com a cor dos seus belos e grandes olhos. Um cinto de prata, incrustado de finas pedrarias realçava o talhe esbelto das duas criaturas, que não se diria mãe e filha. Samuel por sua vez, extremamente semelhante ao progenitor, era de porte elevado, tez morena, olhos negros e expressivos, revelando sempre uma certa melancolia, que se tornava patente a todos.

— Estás doente, meu filho? interpelou-o Plotino, quando a família se achava reunida quase à hora de partirem.

— Não, querido pai, estou perplexo por ter de experimentar uma desconhecida emoção, indo ao castelo de vosso amigo Argos Zenóbio, sobre cujo procedimento as opiniões divergem. Eu preferiria que não nos levásseis ao Solar de Apolo, concluiu o jovem, fitando-o com visível amargura.

Emérita, que era supersticiosa, preocupada com os pressentimentos do seu filho, empalideceu subitamente e disse:

- Não fales assim Samuel, porque atrai infelicidade, Aposto que amanhã bendirás as horas felizes que vamos viver. Estas emocionado porque é a primeira vez que vais a uma festa importante!

- Deus vos ouça, mãezinha, respondeu Samuel, que a seguir acrescentou sorrindo algo a contragosto: Vejam como são as coisas: mamãe, que a princípio não queria ir, parece que é a única que está realmente alegre, tanto que está mais bonita e animada do que Anália. Nunca vos vi tão bela, minha mãe. Pena é que não estejamos todos com a mesma disposição de espírito, pois vejo papai e Anália meio tristes e adivinho que de bom grado renunciariam o divertimento.

- Pelo que ouço, falou Emérita com ironia, já fostes contaminados pelo pessimismo de Plotino, para quem a alegria pecado mortal. Para vós todos a vida consiste apenas na ingestão de alimento e no trabalho, sem nenhum momento de despreocupação que suavize as agruras da existência. Só profetizais decepção e tormentos, do berço tu mulo, sem nenhum fugaz encanto para o coração.

- Somente agora decifro as razões da tua perpétua melancolia! exclamou Plotino com a voz alterada por secreta angústia. Como soubeste dissimular por tanto tempo os teus verdadeiros sentimentos, que hoje explodem!

- Jamais te disse que não apreciava festas! Foi numa festa que me conheceste, e continuo a achá-las encantadoras, replicou Emérita arrogante.

- E quando estavas num baile, deleitada pela música, pelas iguarias saborosas e entre o entusiasmo esfuziante dos demais convivas, não te assaltava uma sensação de futilidade e hipocrisia?

- Não, absolutamente. Se formos raciocinar assim, tudo nesta vida é fútil e inútil porque tudo acaba num túmulo. Se a perspectiva de morrer já é de si tão triste, esqueçamos que a morte um dia cortará o fio da nossa existência e vivamos alegres e despreocupados, tanto quanto possível. Há quem ame o silêncio e a monotonia da vida doméstica, com as mesmas dificuldades e as mesmas lutas de sempre, mas eu não acho que o véu de noiva seja mortalha.

- Estou surpreendido com as tuas revelações, Plotino. Vou de assombro em assombro! Tuas palavras são de um coração árido, desprovido de sentimentos afetivos, em que predomina o egoísmo. Nunca imaginei que tivesses um coração insaciável, ávido dos falsos e corruptos prazeres mundanos. O lar para ti é um castigo, uma prisão! A companhia dos seres que te amam, é monótona, sem atrativos. Não só me ofendes, como ofendes a Deus com a tua ingratidão, pois graças à proteção das mensageiros da sua caridade, jamais tivemos um dissabor profundo, e temos sido poupados pelas desditas, tão comuns no mundo em que vivemos. Que mais querias tu, Emérita?! Não profiras mais essas queixas insensatas e injustas, pois Deus pode te castigar fazendo-te conhecer a verdadeira desgraça!

— Quem não deve não teme e eu não ofendo a Deus quando sustento que temos o direito de procurar alegrias lícitas, em convivência com os seres amigos.

— Mamãe, exclamou Samuel, fitando-a com dolorosa surpresa, estou vos desconhecendo! Eu pensava que não tivésseis outras preocupações senão o nosso lar. Agora começo a perceber que vós, sempre compassiva e meiga, tendes outras aspirações, que o vosso mundo não é apenas o nosso, ideais esses que não se coadunam com os do nosso afetuoso pai!

— Eis o erro que todos cometeis: lar, sinônimo de prisão e isolamento. Mas, por que? porque uma mulher sensata, mãe de família há de se enterrar viva entre as quatro paredes do lar?

— Porque a verdadeira ventura terrena deve pairar na tranquilidade das habitações honestas, no aconchego dos entes queridos, falou o jovem com desconhecida eloquência.

— Eu desconheço estas expressões em teus lábios, Samuel! disse-lhe a progenitora fitando-o surpresa. Dir-se-ia que estudaste bem as lições com teu pai, para que as transmitisses com fidelidade, como se já tivesses a experiência de um ancião!

— Lamento o vosso equívoco, querida mãe, porque considero papai nobre demais para transmitir-me pensamentos que viessem causar-vos pesar. Mas a verdade é que a razão está com ele.

Anália, que aguardava um ensejo para desviar o debate, interveio:

— Deixemos de discussões, pois a nossa união é a nossa força e a nossa riqueza. Vamos, isto sim, ver se não falta nada, pois está chegando a hora da saída.

Uma carruagem tirada por quatro cavalos ajaezados com apuro, viera postar-se à porta. Mais algumas recomendações ao mordomo e Plotino Isócrates acompanhado da esposa e dos filhos, tomou lugar na viatura, que se pôs em movimento.

Sentado em frente à Emérita, Plotino pôde examiná-la bem. Nunca a vira tão bela, ou nunca ela lhe parecera tal? perguntava a si mesmo. As recentes disputas haviam servido para verificar quanto a amava ainda, e mesmo, que a amava cada vez mais. Sentia-se apaixonado, sofredor e angustiado com o pensamento de que não era correspondido. Ali estava, fria e arrogante, mas bela como uma rainha, aquela que era há muitos anos a sua quase exclusiva preocupação terrena. Um riquíssimo ornamento em forma de diadema cingia-lhe a fronte, multiplicando a beleza do seu nobre semblante.

— Sinto-me abafar sob esta capa de peles, murmurou ela.

Plotino ajudou-a a desvencilhar-se do valioso abrigo, importado de longínquas regiões setentrionais, e quedou embevecido e magnetizado. O busto elegante e soberbo de Emérita, destacava-se sob a magnífica túnica reluzente, bordada de ouro e filetada de pérolas, deixando a descoberto o níveo colo imáculo. Mordido pelo ciúme, Plotino falou com certo sarcasmo:

— Estás hoje mais bonita do que no dia do nosso casamento! Dir-se-ia que apuraste mais o vestuário para esta festa do que para os nossos esponsais!

— Não me recordo mais como estava naquele dia. As noivas geralmente ficam atônitas. É como um terremoto, o casamento.

— Pois eu me lembro perfeitamente, volveu Plotino. Estavas inexplicavelmente triste, absorta, e no entanto dizias-te alegre.

— Era natural que assim fosse porque o casamento é o ato mais importante da vida feminina. O espírito fica como perturbado de tantas emoções. É o grande dia do destino, para a mulher. Eu era uma inexperiente donzela e o nosso noivado foi rápido demais. Instada pelos parentes, que te elogiavam unanimemente, aceitei teu pedido de casamento, mas teria sido melhor que nos tivéssemos conhecido mais, para sabermos nossos verdadeiros pendores. Se eu soubesse que pretendias retirar-te da vida social para viver enterrado neste ermo, não teria aceito a tua aliança.

Meu coração parece que adivinhava o quanto de renúncia a vida me pediria e não participava da alegria a que eu queria forçá-lo. Lastimava também a separação de meus pais, temendo perder a paz que eu sempre gozara na companhia deles, tão mansos e carinhosos para com todos. Nunca se ouvia sequer uma reprimenda em nossa casa. De repente, como se o destino jurara destruí-la, ficou deserta. Meu irmão mais velho morreu, de uma flecha envenenada que lhe feriu a mão, na guerra contra os persas. Uma irmã casada, que morava conosco, morreu de parto, pouco depois do meu consórcio. O marido, desgostoso mudou-se. Mamãe não resistiu a tantos abalos consecutivos e enfermou gravemente; Papai deixou tudo para permanecer ao lado dela, mas em vão. Morreram com a diferença de dias, um do outro. Talvez eu pressentisse tudo isso. Temia também não encontrar no novo lar a mesma felicidade que desfrutava no domicílio paterno.

— Esse receio acorre às noivas pouco compenetradas da sua missão, disse Plotino. Aquelas que têm o amor por farol, não receiam desventuras problemáticas, porque confiam no afeto do esposo e assim sonham com ininterruptas felicidades. Qualquer lugar a que as leve o seu marido, torna-se um ninho de amor e um palácio de fadas, todavia, não quero obrigar-te a pensar como eu e estou cogitando dos meios de restituir-te à liberdade, a fim de que possas viver como entendes e onde quiseres. Há o recurso legal do divórcio, a que não me oporei. E como não quero que permaneças na

minha companhia movida pela necessidade, porei à tua disposição os recursos indispensáveis, para que possas viver independente. Tarde descubro que não me amavas! Porque então te casaste, se nada te forçava a isso?

— Plotino, tuas palavras mesmas, mostram que não têm razão tuas acusações. Se só agora percebes que eu não te amava é porque nunca te dei motivos para supor que não eras amado. Sempre fui mãe e esposa honestíssima e carinhosa, inteiramente consagrada ao lar, porque pois me diminuis no julgamento dos nossos próprios filhos? Não prossigas nessa atitude, que só pode lançar a discórdia e a desunião entre nós. Não sabes que toda casa dividida será destruída? Essa tese é sustentada por aquele a quem tanto admiras: Jesus. Não suscites portanto, essas questões dolorosas, depois de quase vinte anos de existência em comum, e justamente agora que precisamos nos apresentar com o semblante risonho, para não entristecer os demais.

— Queres que eu me mantenha silencioso e concorde com as proposições errôneas que sustentas? falou Plotino. Destruíste o sonho da minha vida, e em boa hora me permitiste o engano dalma em que vivia, e não queres que eu procure esclarecer e solucionar a situação que se criou? Emérita, prosseguiu ele pertinaz, muito temos ainda que conversar.

— Então é melhor voltarmos, Plotino. Para que comparecer a uma festa patenteando sofrimento? Nossos filhos não se divertiriam.

— Não! respondeu Plotino. Agora é tarde. Iremos de qualquer forma. Não me disseste que adoravas as festas? É impossível recuar, a sorte está lançada!

* * *

O restante da viagem transcorreu em silêncio tumular. Ao se aproximarem do Solar de Apolo, feericamente iluminado, perceberam o ruído característico das grandes festas. Chegavam-lhes aos ouvidos os sons dos instrumentos musicais, entrecortados por vozes e alegres risadas. A sege deu entrada no imponente castelo, acorrendo logo, dois criados que conduziram o veículo até o lugar de descida dos convidados. Meio atordoados, os familiares de Plotino agruparam-se por um momento junto à escada de mármore que dava para o salão, engalanado magnificamente para a recepção dos convivas. Luzes e flores em profusão. Em vários pontos, pequenas mesas

artisticamente enfeitadas, sobre às quais, viam-se pratos de prata contendo doces e iguarias. Pares e grupos formavam-se em toda parte, rindo e conversando animadamente. Bancos no jardim ofereciam a quem quisesse repousar um pouco, momentos de trégua na ruidosa folgança. No topo da escada achava-se Argos Zenóbio, vestido em grande gala e coroado de rosas. Revelando a consideração que dispensava aos recém-chegados, desceu imediatamente, para recebê-los e apresentar-lhes as boas-vindas. Saudou atenciosamente, e com um gesto largo, dirigindo-se a Plotino, exclamou:

— Nobre Plotino, é uma honra que concedes a este solar comparecendo à minha pobre festa, acompanhado da tua família. Digna-te a subir.

Após algumas frases amáveis e as apresentações usuais, o elegante grupo deu entrada no recinto principal, já repleto de pessoas. Zenóbio acompanhou os amigos ao vestiário, onde lhes foram servidos perfumes e ungidos os cabelos com óleos aromáticos, segundo o costume da época. Hábeis músicos dedilhavam citaras e harpas, tímpanos e atabales, mantendo os convidados entretidos enquanto se aguardava o início das danças. Depois de retirarem os luxuosos mantos, dirigiram-se para o centro do salão, fantasticamente iluminado. Fileiras de lanternas multicores pendiam das altas traves e dos festões artisticamente lançados de uma janela a outra. À medida que se aproximavam do meio da sala, os circunstantes, compreendendo que se tratava dos convidados de honra que haviam chegado e que a festa ia começar, iam fazendo silêncio e prestando atenção ao grupo, do qual, sobressaíam a elevada estatura do anfitrião e a resplendente beleza de Emérita. Enquanto isso, os músicos tomavam lugar no balcão da orquestra e os fâmulos corteses sustavam por um momento o oferecimento de doces e licores.

— Amigos! disse Zenóbio em voz alta, estendendo os braços para a frente e para o alto, o Solar de Apolo se orgulha com a presença de tão seleta sociedade. Eu vos agradeço o vosso comparecimento e vos ofereço esta festa. Não é ainda a que eu desejava apresentar-vos e eu vos rogo que releveis as deficiências que observardes. É porém o máximo que me foi possível obter nas atuais circunstâncias. Minha felicidade é completa com a chegada do meu distinto amigo Plotino Isócrates e sua exma. família.

Expandi portanto, a vossa alegria, meus caros convidados! Ocupai os vossos postos. As danças vão ter início!

Palmas e vivas atroadores, saudaram as últimas palavras de Zenóbio e a orquestra atacou uma alegre peça musical.

Em sinal de deferência, Argos Zenóbio, solicitara a Emérita que lhe concedesse a primeira contradança. Obtida a anuência protocolar de Plotino, estendeu o guerreiro a mão possante sobre a qual Emérita depôs, trêmula, seus níveos dedos. Aos compassos da música, desfilavam os pares em longos serpenteios, enquanto do alto choviam pétalas de flores, lançadas por mãos invisíveis. Um momento havia em que o cavalheiro enlaçava a dama pela cintura e voluteava, ocasião em que os pares podiam conversar mais livremente.

— Emérita, murmurou então Zenóbio, ainda estás tão encantadora como quando te conheci com dezesseis anos de idade! Foste meu único sonho de ventura sobre a Terra, e debalde, tenho procurado esquecer-te. Só compreendi quanto te amava quando percebi que nunca serias minha! Destino infausto o meu! Jamais pude amar outra mulher, e tive. de permanecer solteiro, esperando que a morte viesse pôr termo à minha vida inútil. A despeito de todos os perigos,, tenho sido poupado e eu vejo nesse fato, um sinal de que os deuses, penalizados do meu sofrimento, pretendem favorecer ainda a nossa união.

— É impossível, Argos, falou Emérita, emocionada. Agora é tarde. Sou mãe de dois filhos já moços e Plotino tem sido irrepreensível para comigo.

— Mas tu me amavas também. Lembras-te como feliz e alegre era o nosso namoro?

— Sim, mas depois desapareceste e eu pensei que nunca mais te veria.

— Fatal erro, aquele! Como não percebi logo que não poderia viver sem ti? Porque retardei a minha decisão de pedir-te em casamento? Estamos moços ainda e talvez possamos recomeçar a vida. Sou bastante rico para viver folgadamente em qualquer país do mundo e se a tua felicidade não for completa ao lado de Plotino, eu me proponho fazer-te feliz. Dize-me francamente: és venturosa?

— Difícil uma resposta sincera, Argos! Plotino é austero, cumpridor dos seus deveres domésticos e carinhoso para com os filhos, aos quais parece adorar. Nada nos falta em matéria de conforto, mas...

— Este "mas", diz tudo, Emérita. Atenção, dissimulamos. Ele nos observa disfarçadamente com o olhar desconfiado e rancoroso! Vejo que te ama apaixonadamente. Todavia, não renunciarei, visto que te conheci e amei primeiro.

— Não rememores o passado longínquo, Argos!

— Porque não hei de lembrá-lo se é a minha única fonte de felicidade? Já soube que não és feliz, embora há pouco, tenhas dito o contrário! Naquela ocasião, eu não-pude lutar pela tua posse, porque os meus recursos eram limitados, e eu não havia herdado ainda este castelo, hoje engalanado para receber-te. Foste compelida a te consorciares com um falso amigo, seduzida pelas promessas falazes de Plotino, que me venceu nesta batalha, à traição.

Se ao menos me houvesses pedido para esperar-te, murmurou Emérita, possuída de tremor nervoso que foi notado por Argos. Não sou ambiciosa e teria preferido a tua relativa pobreza à opulência de Plotino, a quem eu não amava e a quem apenas aceitei para aliviar a aflitiva situação econômica do meu pai, que mal ganhava o necessário para viver. Plotino nada me deixa faltar, exceto a liberdade. Não sou senhora de receber visitas nem de fazer as que desejo, devido à estreita sujeição em que ele me mantem.

— Vives prisioneira, Emérita? Queres te libertar do cruel verdugo, querida? interrogou Argos arrebatado, fixando o olhar enérgico em Emérita. E como esta estivesse prestes a desmaiar, de cansaço ou de emoção, susteve-a e parou.

— Queres repousar no aposento destinado às damas? perguntou com meiga solicitude.

— Não, Argos, já passou o que sentia. Não convêm despertar as suspeitas de Plotino, que afeta desinteresse mas certamente nos observa.

— Emérita, falou Argos, antes de nos separarmos, quero que reveles a verdade integral: ele não te trata com a atenção devida à tua beleza e honestidade?

— Às vezes. Nem sempre estamos de acordo quanto às diversões, que ele detesta! Considera a esposa uma enclausurada no lar, sem direitos de espécie alguma, sem poder frequentar a casa das pessoas amigas ou deleitar o espírito nas reuniões sociais. Foi com bastante relutância que me trouxe, bem como aos nossos filhos, que é a primeira vez que assistem a uma festa.

— Ele suspeita da nossa antiga afeição, Emérita? Saberá que muito nos adoramos ainda?

— Não sei. Não posso dizer-te ao certo, mas presumo que sim, porque é bastante zeloso em tudo que diz respeito à minha pessoa. É melhor não nos falarmos mais. Agora tudo está perdido!

— É o que supões. A vitória coroa os persistentes. Poderemos gozar ainda infindas venturas! Depende de ti. Se quiseres eu te libertarei!

Os últimos acordes da orquestra extinguiam-se e os pares voltavam lentamente aos primitivos lugares. Em vez de conduzir Emérita ao lugar onde estava o esposo, Argos dirigiu-se para uma mesa onde se achavam as bebidas e enquanto a servia, lhe disse:

— Necessito falar-te seriamente assim que for possível. Vendo-te, ressuscitou em mim, com intensidade, o afeto que te consagro desde a juventude!

— Não penses mais no passado, Argos, pois tenho que seguir meu destino!

— Não somos escravos do destino! Nós o fazemos e modificamos. Os fortes vivem como querem, os fracos como podem.

— Assim parece, mas a realidade nos ensina que o destino tem uma força que ninguém pode dominar, nem Júpiter!

— Eu o dominarei, respondeu Zenóbio levando ao tórax a destra cerrada. Vais compreender tudo dentro de poucos minutos. Assim dizendo, Argos retirou-se do salão.

Entrementes, Plotino se acercava e com acerba inflexão falou à esposa:

— Recordaste longamente o passado, entabulando uma interminável palestra com Argos, não é verdade, Emérita? Devia ser bem interessante o que faláveis, pois a fisionomia de ambos revelava incontida emoção.

— Estranho que hajas, de longe, observado os nossos rostos, mas isso não me conturba, porque tenho tranquila a consciência.

— Se seguisses os ditames da consciência, pensarias mais nos teus filhos e não relegarias teu esposo a uma posição secundária e ridícula. Não me iludem ambos e só te peço que vejas onde pisas e aonde te leva o inescrupuloso Argos.

— Quem achas que sou, retrucou Emérita, alguma esposa sem dignidade e pundonor?

— Repito: cuidado, estás à beira de um abismo. Depois não te queixes de mim. Imagino facilmente o que se passou no teu coração ao reencontrar o antigo afeiçoado, aliás, também atual, pois nem procuraram ocultar a simpatia que sentem um pelo outro. És mais leviana do que eu pensava.

— Enlouqueceste, Plotino? interrogou-o Emérita lívida e assombrada.

— Não, absolutamente; antes houvesse enlouquecido para não perceber a extensão da minha desventura. Nossa aliança é finda, Emérita. Fiz tudo o que estava ao meu alcance para tomar-te feliz. Fracassei. Não te culpo por não gostares de mim, pois estas coisas não se forçam. Apenas, já que me aceitaste por esposo, exijo lealdade. Se não te importa a reputação, tem dó ao menos dos teus filhos, sobre cujas cabeças inocentes desabarão as ruínas do nosso lar. Sem lar poderei viver, mas sem honra não.

Emérita estava como que fulminada; cambaleou e teria tombado ao solo se o marido não a houvesse amparado. Diversos pares, que dançavam alegremente, aproximaram-se para auxiliá-la. Argos, que tendo regressado, observava de longe a eleita do seu coração, aproximou-se de Plotino interpelando-o emocionado:

— Que é que sucedeu a vossa esposa? Está enferma?

— É uma indisposição passageira, respondeu Plotino afetando serenidade. Ultimamente sua saúde não anda muito boa. Por isso quase perdíamos esta admirável festa e a ela só comparecemos em consideração à vossa antiga e leal amizade.

Argos julgou perceber uma leve ironia no fim da frase e procurou o olhar de Plotino, mas não encontrou a solução que esperava.

Emérita refazia-se do delíquio.

— Seria conveniente repousar alguns momentos naquele triclínio, senhor! disse Argos apontando para um compartimento contíguo, para onde todos se dirigiram.

Samuel e Anália, que dançavam alegremente, vendo a progenitora amparada, passar o lenço na testa lívida, aproximaram-se aflitos e com os olhos lacrimosos interrogaram:

— Que foi papai? Mamãe está se sentindo mal?

Emérita pervagou o olhar em torno e encontrando o dos parentes, disse com voz débil:

— Vamos para casa!

Os filhos beijaram-lhe as mãos com ternura e ansiedade. Plotino retirou-se rapidamente para procurar o palafreneiro e sua sege, enquanto os filho carinhosamente ajudavam Emérita a levantar-se e iam buscar os mantos no vestiário. Argos, que os acompanhava, aproximou-se disfarçadamente de Emérita dizendo-lhe quase em segredo:

— Coloquei no bolso direito do teu abrigo, um minúsculo bilhete em que explico como podemos reconquistar a felicidade quase perdida. Mandarei em breve ao teu castelo, um falso mendigo, para trazer a resposta.

Emérita fitou-o com tristeza, sem dizer palavra e dos seus olhos azuis-turqueza, que as lágrimas tornavam mais belos, fluíram duas gotas ardentes.

Antes do carro partir, o médico do solar, a mando de Argos, apresentou-lhe um copo com poção calmante e fez entrega de várias plantas aromáticas, cuja cocção, dizia, restabeleceria a circulação e exerceria função benéfica sobre o organismo.

O baile, que havia sido suspenso por momentos, prosseguiu após o lamentável incidente mas com menor entusiasmo.

O retorno ao lar, foi silencioso, evitando todos acordar Emérita que caíra em brando torpor.

Acompanhemos o sono da esposa de Plotino: ao pôr-se a carruagem em marcha, Emérita sentiu as pálpebras cansadas e cerrou-as. Aos poucos foi-se delineando na sua memória a imagem do médico do solar de Apoio, cuja fisionomia se tomou estranhamente nítida. Estarei sonhando? perguntava ela a si mesma. O ancião parecia fitá-la com os grandes olhos calmos, ao mesmo tempo que dizia: dorme. .. dorme... Sob a influência daquela ordem, Emérita adormeceu completamente. Simultaneamente tinha a impressão de flutuar no espaço e a seguir de penetrar numa sala escura, na qual sentado numa mesa coberta de livros e papiros, achava-se o herbanário, que lhe dizia:

— Chamei-te minha filha, e nada temas. Teu corpo repousa sob o efeito sedativo da infusão que te ministrei. Acordarás melhor, porém ouve: Estás sob a ameaça de graves sucessos, e precisas revestir-te de muita prudência para não seres tragada pelo temporal que ajudaste a desencadear. Trata-se de uma prova necessária ao progresso do teu espírito, que sempre tem fracassado nela. Conspiram contra ti todos os defeitos do teu caráter: o orgulho, a vaidade, a inconformação, o egoísmo e até a ingratidão.

Acautela-te pois, a fim de não sucumbires à tentação. Se conseguires triunfar, teu fardo será aliviado; se tornares a fracassar, se agravará e muito a tua situação, porque todos os auxílios te foram prestados e não terás atenuantes. Sou guia espiritual e de Argos pedi a missão de encarnar para estar ao vosso lado nesta provação. Não reincidas nas graves faltas do passado. Ora sempre a Jesus, para que te dê forças e vencerás. Adeus.. .

A imagem do velho herbanário foi-se distanciando lentamente, até desaparecer no infinito. Outros sonhos lhe povoaram a mente. Quando acordou, achavam-se já perto do Solar de Minerva. Anália, que retinha entre suas mãos as da sua mãe, exclamou:

— Estás melhor, mamãe?

— Sim, onde estou?

— Estamos quase chegando.

— Ah! É verdade, murmurou em tom doloroso, recordando-se subitamente do que se passara.

Plotino quebrou o silêncio que se fizera:

— Não falais nada, meus filhos? Manifestai a vossa opinião sobre a grande festa a que comparecestes. Pareceis decepcionados, no entanto Zenóbio esmerou-se em nos proporcionar todas as diversões que se poderia esperar.

— Depois o farei, pai! explicou Samuel entristecido. Receio que mamãe se acha seriamente enferma, para desmaiar sem motivo em pleno salão.

— Deve ter sido fraqueza, interveio Anália, pois com os preparativos há dois dias, que ela não se alimentava direito.

Plotino pôde admirar a nobreza de sentimento dos filhos, que com estas explicações procuravam desviar a suspeita de que o delíquio de Emérita tivesse alguma relação com o reencontro dela com Zenóbio. E imerso em profundas cogitações, manteve-se em silêncio até o fim da viagem.

Ao saltarem, Samuel exclamou:

— O melhor da festa é chegar em casa!

Todos riram diante da observação do jovem, que alegremente se desfazia de capas e adornos e respirava a plenos pulmões a atmosfera acolhedora do lar.

E como se achassem todos fatigados, retiraram-se para os dormitórios. Anália abraçada a Emérita e Samuel conversando com Plotino. Eis o que dizia o mancebo, em voz baixa:

— Paizinho, sede paciente com minha mãezinha querida. Ela há tempos já vem dando estes sinais de esgotamento nervoso. Evitai discutir com ela, que parece realmente enferma e sofredora.

— Justamente essa aparência de martirizada é que me ofende até o recesso da alma! Não sei mais o que fazer para contentá-la. Mas já descobri a causa dessa insatisfação: é que ela não ama ao teu pai e ultimamente a minha presença tornou-se-lhe insuportável e cansativa.

— Não digais isso, paizinho, disse Samuel. Não me façais chorar. Mamãe está mesmo doente. Consultai um médico e vereis que voltará a alegria e a felicidade ao nosso lar.

— Está bem, filhinho, disse Plotino abraçando ternamente o filho. Farei o que for possível. Por hoje chega, vamos dormir. Pai e filho permaneceram unidos durante algum tempo num longo abraço, como se desejassem reforçar os laços que os ligavam. Depois separaram-se, indo cada qual para seu quarto.

* * *

Plotino penetrou sem ruído na câmara conjugal, fracamente iluminada por uma lâmpada pendente da parede. Emérita deitara-se vestida e jazia imóvel no leito, com o braço dobrado sobre os olhos, parecendo amuada.

Ao ver entrar Plotino, que fora sentar-se numa poltrona junto à janela, Emérita levantou-se e dirigindo-se para o quarto contíguo, onde ficavam os armários, disse:

— Vou me despir. Estou cansadíssima.

Retirou os brincos e demais adornos, que guardou no porta-joias e após alguns movimentos, certificando-se de que não era observada, apalpou emocionada o manto de arminho, encontrando o minúsculo bilhete que nele fora colocado por Argos Zenóbio. Apertou-o na mão sob inenarrável emoção e receosa de perder novamente os sentidos, se o lesse, encerrou-o no fundo secreto de uma das gavetas da cômoda, pensando:

— Amanhã lerei o que ele me escreveu. Agora falta-me coragem para isso, pois não sei o que Argos me propõe.

Ao fechar a gaveta, lembrou-se sem saber, porque do sonho que tivera na carruagem e no qual lhe aparecera o herbanário. "Cuidado", parecia ouvi-lo dizer.

— Que sonho estranho, murmurou. Será um pressentimento? Talvez um aviso. Preciso redobrar de cuidado.

Voltando ao aposento, viu que Plotino permanecia imóvel, junto à janela, com o olhar perdido no horizonte longínquo. Deitou-se, e ao rememorar os acontecimentos daquela noite repleta de emoções contraditórias, foi presa de uma crise de soluços.

— Estás novamente enferma? perguntou o marido com leve ironia na voz.

— Não sei o que tenho, sinto a cabeça vazia e parece-me que vou enlouquecer! Vou deitar-me no quarto ao lado, para não perturbar o teu sono, disse ela com humildade.

— Não é preciso. O dia está prestes a raiar e amanhã irei dormir noutro quarto. Não receies, que não a tocarei mais.

— Não me tortures assim, Plotino. Prefiro que me mates logo com um punhal!

— Porque te mataria eu? Não sou teu juiz. Estás no direito de seguir teus caprichos. Deus permite que as suas criaturas realizem as experiências que quiserem, por mais absurdas que sejam, inclusive aniquilarem-se física ou moralmente. Cada um, porém, arcará com os resultados dos seus atos. Escolheste o caminho da revolta e da inconformação. Trilha-o se quiseres. A árvore se conhece pelos frutos. No triste desfecho de hoje, tens o primeiro furto da árvore que resolveste plantar. Podes fazer-me sofrer, mas não roubar-me a paz da consciência. Não te matarei. Bastante punição encontrarás por ti mesma. Não tenho rancor de ti, tenho pena, porque vejo que estás cavando a tua ruína pelas próprias mãos. De hoje em diante és livre, mas enquanto estiveres sob este teto, respeita-o. Apenas, no interesse dos nossos filhos, sugiro que a separação se faça sem ruído. Poderás permanecer aqui até que estejas em condições de mudar-te. Diremos que vais em busca de saúde, e mais tarde, que nos divorciamos por incompatibilidade de gênios. Poderás então satisfazer as tuas pretensões por mais insensatas que sejam!

— Eu nunca agi com insensatez, Plotino! Enxotas-me de casa?! Tua vontade vai ser satisfeita...

— Não! podes permanecer aqui quanto tempo quiseres, mas agora sim, como prisioneira! Proibida de sair de casa sem minha autorização, proibida de falar com quem quer que seja na minha ausência! Sacriíicar-nos-emos a bem dos nossos filhos, aparentando sermos ainda marido e mulher. Perante terceiros falar-nos-emos com naturalidade, embora um abismo nos separe doravante. Pensa e escolhe. Quando te houveres decidido, participa-me.

Um vivo clarão do arrebol iluminou a sala. Plotino levantou-se e a passos firmes, como se houvera dormido a melhor das noites, abandonou a estância, deixando Emérita desacordada.

Um ambiente de tristeza reinava no Solar de Minerva. Samuel e Anália, entregues aos estudos, não haviam palestrado ainda com a progenitora, e o pai, mal surgido o dia, ausentara-se de casa.

Emérita, deprimida, mantinha-se isolada, pensativa, não se afastando do dormitório.

Plotino dera ordem ao mordomo para lhe preparar novo aposento, até que a esposa recobrasse a saúde!

À tarde, quando o silêncio se fez mais completo, indicando que não havia ninguém nas proximidades, Emérita se ergueu do leito, encerrou-se no vestiário e retirando do esconderijo o pequenino volume astuciosamente enviado por Argos Zenóbio, leu, trêmula de emoção:

> "Adorada do meu coração — Estamos novamente na encruzilhada da vida. Não tentes mais fugir deste amor que vinte anos provaram, ser sincero. Planejarei a tua fuga e quando tudo estiver pronto, avisar-te-ei. Polidoro, meu fiel escudeiro, disfarçado em mendigo, será o nosso mensageiro. Por ti, estou disposto a lutar e a vencer!
>
> Teu
>
> Argos"

O coração batia-lhe com força no peito e um tremor nervoso dominou-a incoercivelmente. Nunca sentira aquela emoção e então, compreendeu quanto excedia ao do marido o afeto que consagrava ao antigo namorado. Uma coragem nova reanimou-a e ela também se sentiu disposta a lutar e a vencer pelo seu amado. Recomeçariam a vida! Eram moços e fortes ainda! Quantos se casam mais velhos do que eles, e conhecem ainda a felicidade! Reconheceu a loucura que praticara unindo o seu destino ao de Plotino — sempre zeloso e exigente. Revia-se na festa em que os conhecera, na flor da idade, e em que ambos, fascinados pela sua formosura,

manifestaram a admiração que ela lhes causara nos corações ardentes. Já naquele memorável dia, simpatizara mais com Zenóbio, com o qual percebia possuir maior afinidade. A conversação deste era superficial mas brilhante e alegre, ao passo que a de Plotino versava de preferência, assuntos sérios e enfadonhos. No entanto, ele também fora belo na mocidade. Garboso e impecável, fixava o interlocutor com atenção, devassando-lhe os íntimos pensamentos e desígnios. Ecoavam-lhe ainda aos ouvidos as alegres risadas de Zenóbio e seu gênio zombeteiro, em contraste com o gênio taciturno de Plotino, que raramente gargalhava. Não obstante, unira-se a este! Ah! se Zenóbio houvesse pedido para esperar! Mas como adivinhar que ele a amava? E Emérita considerou então, a fragilidade da vontade humana, em relação com o destino das criaturas. Uma pequena lacuna, alterara-lhe o curso da vida irremediavelmente! Sentia que agora era tarde para recomeçar. Apesar de não amar Plotino, tinha confiança nele, sabia-se em segurança ao seu lado. Que fazer?! "Oh meu Deus, auxiliai-me!" exclamou ela.

Sentiu-me subitamente cansada e reclinou-se no leito, com os olhos fechados. Pareceu-lhe então adormecer e sonhar novamente com o herbanário egípcio que lhe dizia:

— Insensata. Queima o bilhete de Argos. Queres provocar uma tragédia?!

Abriu os olhos assustada, ouvindo ainda nitidamente as palavras do ancião. Levantou-se rapidamente e sem que ninguém a observasse reduziu a cinzas o escrito comprometedor. Sentiu-se mais tranquila, como se tivesse alijado de si um peso invisível, mas ainda imersa em cruciante incerteza, permaneceu absorta e desanimada.

Uma leve batida à porta fê-la levantar-se, para abrir. Seus olhos nublados de lágrimas, depararam com Samuel e Anália. que tristes e preocupados interrogavam-na:

— Ainda estás doente, mãe? Porque permaneces afastada de nós, que tanto te adoramos?

— Obrigada, meus queridos filhos! Perdoai-me, pois desde ontem tenho tido receio de enlouquecer e chego a pensar em me suicidar para que vosso pai seja ditoso.

Os filhos abraçaram-na ternamente, chorando:

— Não deveis dizer isso, mãe. Não vedes que papai vos ama, como aliás todos aqui? Bani do vosso pensamento ideias tão fúnebres. Porque nos fazeis sofrer com a suspeita de que não vos amamos? Vivíamos tão felizes e contentes; depois que começaram as vossas dissenções com papai tudo mudou. O ambiente anda carregadíssimo sem que se saiba porquê. Não há uma razão forte para estarmos todos tão acabrunhados!

Ela os fitou com gratidão infinita e, menos agitada, perguntou:

— Vosso pai já chegou?

— Sim, há poucos instantes, e sabendo que não tínheis saído do quarto o dia todo, mandou-nos vir à vossa procura chamar-vos para o jantar, que vai ser servido daqui a pouco.

Reconfortada, Emérita fez alguns retoques na toalete e, abraçada aos filhos, encaminhou-se para o salão em que eram servidas as refeições dos donos do Solar de Minerva. O marido e os professores saudaram-na, interrogando-a solicitamente sobre o estado de sua saúde. Ela lhes agradeceu a amabilidade com expressões de inequívoca gratidão.

O jantar decorreu calmo e quase em silêncio. A conversação se resumia em uma ou outra observação, feita de vez em quando pelos filhos ou professores com o intuito de quebrar o mutismo pesado e incômodo. Findo o repasto, foram tocadas algumas músicas, após o que recolheram-se todos aos seus aposentos. Plotino, a pretexto de procurar algumas peças de roupa que lhe faltavam, ou que não encontrava, veio até o antigo dormitório do casal. Esperava que Emérita lhe comunicasse a sua decisão sobre a sua formula "divórcio ou prisão", porém a consorte se manteve quieta, inferindo ele que o assunto permanecia pendente. sobraçando seus pertences, retirou-se com um cortez: Boa noite.

Vendo-se só e percebendo que a decisão do marido era inabalável, Emérita atirou-se no leito consternada, conjecturando:

— Infeliz que sou! Não sei que decisão tomar! Argos me oferece a sua proteção, um novo lar mas, não sei porque, não tenho confiança nessa nova ventura. Será a

separação dos filhos o que me entristece a este ponto? Ter-me-ei acostumado com Plotino e agora, no momento em que o perco, passei a amá-lo? Quem pode entender o coração humano?! Como é contraditório! Depois de ansiar longos anos por esta libertação e esta união com Argos, vacilo, como um preso que depois de cumprir longa sentença é posto em liberdade e ao sentir-se na rua constata que passara a amar o cárcere. Oh meu Deus, como sou desventurada! Tirai-me desta dúvida, dizei-me o que deverei fazer! Jesus, se existes e és o amparo dos aflitos, como dizem os teus seguidores, tira-me desta aflição atroz.

Um brando entorpecimento invadiu-a toda, como um formigamento. Quis mover-se mas o corpo abatido recusava obedecer-lhe. Entretanto, coisa estranha, não sentia medo, porém calma e bem-estar, aos quais por fim, se abandonou. Tinha a impressão de estarem seus progenitores a seu lado.

Papai, mamãe, onde estareis nesta hora? começou ela a pensar. Porque partistes tão cedo? Se vísseis vossa filha como sofre, compadecer-vos-eis. Inspirai-me!

Uma voz, que parecia ecoar dentro da sua cabeça, nítida mas imaterial, respondeu-lhe:

— Filha de minh´alma, aqui estamos a teu lado, com a permissão de Jesus. Temos orado por ti a fim de perseverares no bem e poderes recolher como prêmio a felicidade.

— Eu poderia ser ditosa, queridos pais, murmurou ela, em surdina, se não fora a recordação de ambos e de Zenóbio. Por que não me casei com ele, se nos amávamos? Por que se afastou de mim quando poderia fazer-me ditosa?

— Filha, tu e Zenóbio têm sido cúmplices de crimes dolorosos em encarnações passadas e estais impedidos de consorciar-vos enquanto não resgatardes os débitos que contraistes para com a Justiça Divina. Precisais aprender a não construir a vossa felicidade à custa dos demais. Sempre que vossas almas se encontram, em diferentes corpos, na terra, não respeitam as barreiras que lhes são opostas pela moral e pelo dever, e isto, longe de vos aproximar, vos tem afastado cada vez mais. Ainda agora, vacilas no cumprimento do dever e esqueces que tens dois filhos adoráveis, pelos quais deves te sacrificar.

— Então... devo esquecer Zenóbio?

— Sim, filha querida. É preciso. Lembra-te mais de Jesus, dos teus filhos e do teu esposo, e menos de ti e de Zenóbio.

— Que devo responder a Plotino? Ele parece decidido ao divórcio.

— Responde-lhe que optas pela família.

— Mas as suas condições são severas!

— Sim, todavia ele acabará por perdoar-te.

— E que farei quando Argos mandar saber a resposta ao seu bilhete?

— Responde-lhe negativamente!

— Eu tenho me esforçado para viver em harmonia com o meu esposo, mas este parece adivinhar os meus mais secretos pensamentos, censura-me sempre acremente, sem motivo justificável, e não me perdoará nunca a minha palestra com Argos!

— Esforça-te, filha, disse o seu sensato genitor, para viver em harmonia com aquele que é o teu legítimo companheiro nesta existência e que tem motivos para ser desconfiado, porque já foi traído por ti e Argos em anterior encarnação. Ele sabe intuitivamente que vocês se amam. Tens sérios compromissos para com Plotino, assumidos antes de voltar ao corpo físico. Plotino também está resgatando falta idêntica, que o mantêm igualmente separado da sua alma gêmea, mas nesta vida tem cumprido rigorosamente o seu dever e é um esposo fiel e dedicado. Reconcilia-te com ele quanto antes.

— Há um mútuo ressentimento, meu pai, em nossas almas, e isso destruiu a nossa harmonia conjugal, talvez para sempre!

— Procura reconquistar-lhe o afeto de modo a que não pairem dúvidas em seu espírito, a teu respeito! Deves dar a seguinte resposta ao sedutor Argos: "Perdoa-me. Não posso abandonar os filhos que eu adoro. Adeus". — Estamos trabalhando junto a Argos, a ver se o dissuadimos da louca empresa que planeja. Ajuda-nos com as tuas orações. Deus te abençoe.

Estas foram as últimas palavras que ouviu. Reabrindo os olhos, viu que anoitecera completamente... Lembrando-se dos conselhos paternos e percebendo que para qualquer lado que se voltasse os caminhos estavam fechados, caiu prosternada, soluçante, e com os braços erguidos rogou ao céu:

— Jesus, compadecei-vos de mim. Implorai a Zeus que me extinga a vida, que se me tornou intolerável sobre a terra! Levai-me para onde se encontram meus estremecidos pais e eu bendirei eternamente o vosso nome!

*

A misericórdia divina nunca desampara os homens e recursos infinitos são movimentados a fim de auxiliá-los. Na maioria das vezes, os beneficiários nem percebem os imensos esforços que foram despendidos para facilitar-lhes o triunfo. É claro que algum sacrifício deve ser feito por quem precisa progredir. A lei é: Ajuda-te que eu te ajudarei. No caso presente temos um exemplo desse postulado: Isolada como vivia do mundo, por uma necessidade do seu carma, Emérita foi auxiliada com o desenvolvimento de faculdades mediúnicas, que lhe permitiriam receber conselhos e advertências de seus pais desencarnados.

*

Durante longas horas a filha do professor Kondilakis meditou nas palavras paternas. Lembrou-se de que um dia, após o seu casamento com Plotino, seu pai lhe dissera com expressão carinhosa:

— Filha, perdoa a teu esposo o não ser apreciador de festejos sociais, onde, muitas vezes, seres humanos, até então de proceder inatacável, são arrastados ao abismo de paixões malsãs. Quantas mulheres têm cometido loucuras irreparáveis! Não te revoltes pois, contra o teu marido, pelo fato de ele não apreciar as vaidades mundanas. Pondera, antes, na correção com que tem procedido até o presente. Não suponhas que eu me tenha enganado e enganado a ti, aconselhando-te a aceitares a proposta de casamento que Plotino te fez. O homem perfeito não existe. Muito pedi a Deus que te permitisse compartilhar da ventura de outro ser humano, que pudesse proporcionar-te um lar ditoso, onde reinasse o conforto e a paz. Agora que tudo está

conseguido, que o Céu realizou as minhas aspirações paternais, sê digna do teu virtuoso consorte e jamais te arrependerás!

Que respondera ela, quando o nobre ancião lhe disse tais palavras? Respondeu, com voz trêmula não podendo refrear sua grande emoção:

— Nunca serei ditosa em meu próprio lar, meu pai, pois a imagem de Argos se interpõe entre nós.

— Que dolorosa e surpreendente confissão, filha! Agora compreendo porque vives triste e indiferente aos que te rodeiam de carinhos.

— Foi a Fatalidade que agiu contra mim, meu pai, não permitindo que eu me unisse a Zenóbio.

— Agora, filha, que a situação está definida, eleva teu pensamento aos Espíritos Santos implorando-lhes auxílio para que jamais te afastes da senda luminosa do dever e possas cumprir até o fim os teus deveres conjugais.

Por que sortilégio, essas palavras do seu pai, pronunciadas há tantos anos, voltavam-lhe nítidas à memória? Estaria prestes a enlouquecer? Que faria ela quando Argos lhe enviasse o emissário para colher a resposta decisiva?' Teria forças para dizer NÃO ao amado do seu coração? Quem sabe se a voz que escutara provinha, não do espírito de seu pai, mas de uma alucinação do seu cérebro superexcitado? Desde a véspera parecia-lhe ouvir vozes. A advertência do herbanário seria um simples sonho?

Estes e outros pensamentos fervilhavam na mente de Emérita, empenhada em não abandonar a ilusão de um amor que tudo indicava impossível e criminoso.

Percebendo que sua filha se mantinha irresoluta, nova manifestação foi preparada para a madrugada desse dia, pelas entidades que em vida foram seus pais. Foi a vez de falar a mãe de Emérita. Aproximando-se da filha adormecida, chamou-a. Recebendo o apelo materno no íntimo do seu espírito, a esposa de Plotino estremeceu.

— Minha mãe! Salva-me deste abismo!

— Filha, haja o que houver, nunca desmereças do conceito reto da tua consciência. Não desprezes os conselhos que te foram dados por teu pai e pelo bondoso egípcio. Nunca faças jus a censura dos emissários celestes e estes saberão

defender-te em todas as emergências da vida terrena. Não te iludas! A alma existe e é responsável perante Deus por todos os seus atos, bons e reprováveis! Não traias a confiança do teu esposo ou a de teus filhos! Toda dor, por mais acerba que seja, encontra compensação farta na paz da consciência. O justo suporta todos os martírios terrenos porque sabe que neste planeta tudo é transitório, e que só Deus é justo. Haja o que houver, aconteça o que for da Vontade Suprema, nossa alma deve estar isenta de máculas. É preferível sofrer o mal, a fazer outros sofrê-lo.

Sê portanto, a lâmpada inextinguível do teu lar, sempre acesa no coração dos entes queridos, para os nortear para o Altíssimo!

— Lembrar-me-ei sempre dos vossos conselhos, minha mãe.

— Deus o permita, Emérita. Conforma-te com o Destino, que é forjado por nós mesmos segundo leis que não conhecemos, mas das quais, não se pode fugir.

— Então, mãe, nossa vontade não impera em nossa vida material? Nossos esforços são anulados, por mais veementes que sejam?

— Nossas aspirações, quaisquer que sejam, tendem a realizar-se. O que não é possível é fugir à consequência dos nossos atos. Deus permite que se pratiquem perversidades porque o sofrimento tem função importantíssima no aperfeiçoamento dos seres. Se nossas maldades ficassem impunes, não nos arrependeríamos de praticá-las. Não conheces o ditado: Quem semeia ventos colhe tempestades? É uma verdade. A lei manda que a colheita seja da mesma natureza que a sementeira. Se semeares espinhos não podes colher flores. Compreendes? Por isso, minha filha, nossos pensamentos devem estar sempre voltados para o bem. Todo aquele que se desvia do caminho do dever, inflige a si mesmo uma rude punição, quer na existência em que errou, quer na subsequente. Tens sido até aqui esposa honesta e mãe zelosa. Não queiras perder o fruto desse nobre procedimento. Muitas vezes, Emérita, no fracasso de um sonho, está o triunfo de nossa alma. Persevera no bom caminho e terás condigna recompensa. Não tem limite o porvir do nosso espírito e a renúncia, para evitar o sofrimento de nosso próximo, é uma das mais gloriosas vitórias da nossa vida! Tens dois tesouros sagrados em teu lar, teus meigos e adoráveis filhos e a estes deves consagrar tua atual existência. Mesmo inditosa, não deves jamais ser infiel ao teu

companheiro. Grava, pois, no recesso de tua alma, minhas derradeiras palavras sobre tão melindroso assunto: não desmereças do conceito do teu esposo, mesmo que ele pratique ações condenáveis. Adeus, minha filha. Que o nosso Pai Celestial te abençoe.

***

Deitado na sua cama solitária, Plotino meditava. Os acontecimentos dos últimos dias perpassavam em sua memória nos mínimos detalhes. Tentara uma experiência arriscada: a de levar Emérita ao Solar de Apoio.

— Fiz bem, dizia consigo mesmo; eu precisava ter a certeza de que Emérita ama Zenóbio. Desde que ela soube do regresso do aventureiro, mudou completamente, tornando-se indiferente ao lar e aos filhos. Lembro-me daquele dia já longínquo, em que ela me pediu para levá-la a passeio às imediações do Solar de Apolo. Quando chegamos perto da fortaleza. Emérita disse a Samuel:

— Eu podia ser a senhora deste incomparável castelo ..

— Por que, mãezinha? interrogou o filho surpreso.

— Porque fui quase noiva do seu proprietário.

— Então, Emérita, replicou Plotino repreensivo, confessas que estás arrependida por haver unido o teu destino a quem não possui um alcáçar como este? Tens a coragem de revelar a verdade ao teu filho?

— Falei brincando, Plotino; quis apenas gracejar contigo, mas já estou arrependida de havê-lo feito.

— E acaso duvidas, respondeu Plotino, que eu não compreenda que este principesco solar te faz recordar o passado, arrependida por não te haveres consorciado com o seu proprietário? Foste apenas mal inspirada pela ambição que sempre dominou o teu coração: tu te casaste comigo porque Argos desapareceu e naquela época eu era mais rico do que ele. Quando soubeste que ele havia herdado esta magnífica propriedade, grande foi a tua decepção e o teu arrependimento.

— Paizinho, interveio Samuel sempre sensato e ponderado, para que não surja outra discussão como esta, jamais viremos por estes arredores.

E assim sucedeu por muito tempo. Por isso, grande foi a surpresa de Samuel, quando seu pai aquiesceu ao convite de Argos Zenóbio, não percebendo que ele tentava uma positiva experiência para melhor conhecer os sentimentos de Emérita!

Várias vezes ela se lastimara em palestra com os filhos, de que o marido lhe proporcionava uma existência confortável, mas de encarcerada!

Sim, tudo ficara esclarecido agora. Emérita não o amava. À luz desta verdade tudo se concatenava e formava sentido: suas queixas, sua tristeza, suas confissões, sua reanimação ao saber que Zenóbio voltara, seu desejo de frequentar festas, seu pedido para ir morar na cidade. Nestas condições, para que reter a esposa a seu lado? Fizera bem em oferecer-lhe liberdade. Ou prisão total, pois Emérita não lhe inspirava mais confiança. Sim, no dia seguinte perguntaria pela opção. E fatigado por estes e outros pensamentos, Plotino adormeceu.

* * *

No dia seguinte, os dois esposos levantaram-se cedo, indo cada qual para os seus afazeres. Denotavam ambos, na palidez do rosto, o drama acerbo que viviam. Um momento houve em que se encontraram casualmente, cumprimentando-se com aparente frieza. Achando-se sem testemunhas, Plotino aproveitou a ocasião para perguntar-lhe:

— Tem já alguma decisão a comunicar-me?

E como Emérita hesitasse, acrescentou:

— Tu tens dois caminhos a escolher, como já disse: a permanência aqui, e agora sim como prisioneira, sem direito algum, ou a separação com o consequente divórcio. Neste caso, e enquanto proceder bem, dar-te-ei uma mensalidade para o teu sustento. Ficarás livre, então, dos compromissos familiares que tanto te constrangem, e poderás levar a vida que quiseres, onde quiseres e.. . com quem quiser.

Emérita, que se sentiu ferida por essas palavras, respondeu com rancor:

— Tu falas como se detivesses o monopólio da honra, da fortuna e do destino. Pois fica sabendo que meus pais me deixaram um nome honrado e nunca precisaram

recorrer a infâmias para se manterem. Nem todos podem fazer semelhante afirmação a respeito daqueles que lhes deram o ser...

Plotino saltou:

— Que pretendes dizer com essas palavras reticentes? Já ouviste alguma acusação ou referência desairosa à memória dos meus adorados pais? A que vem essa calúnia extemporânea contra seres que não podem defender-se e que sempre te trataram bem? Fala!

— Não calunio ninguém, mesmo porque és a primeira pessoa a quem falo sobre certos fatos do meu conhecimento e que envolvem o nome de teu pai.

— Faço questão absoluta de saber que fatos são esses, para pulverizar instantaneamente as infâmias. Meus pais eram modelo de virtude, conforme tu mesma pudeste comprovar!

— Não mencionei o nome de tua mãe, que realmente era uma santa, mas o mesmo não sucedia com o meu sogro, Milon Isócrates. Não pretendia revelar-te coisas que me contaram em segredo há muito tempo, todavia, para castigo do teu orgulho direi... Quando eras pequeno, teu pai atravessou uma fase de dificuldades financeiras e por isso, uma noite, apresentou-se com a família neste solar, que pertencia a um tio de teu pai, chamado Cleon. Este, que era imensamente rico, morava sozinho aqui. Sendo viúvo, sem filhos, o seus únicos herdeiros eram Milon e dois outros sobrinhos. Ora, teu pai, soube se insinuar na estima do velho, obtendo permissão para residir em sua companhia. Durante algum tempo, viveram em harmonia, mas por questões de somenos importância desavieram-se, cavando-se um abismo entre eles. Cleon, profundamente desgostoso com a rebeldia do sobrinho, a quem acolhera como se fosse um filho, declarou que faria novo testamento, deserdando-o e pondo em seu lugar um dos parentes afastados. Com esse intuito, preparava-se para ir a Atenas, quando um dia apareceu morto, com o crâneo fraturado. É verdade que o assassinato se deu na estrada pública e os seus bolsos apareceram saqueados, como se houvesse sido vítima de vulgares malfeitores, mas as suspeitas recaíram também sobre o teu pai, que a custo livrou-se das acusações de alguns vizinhos.

— Tuas mesmas palavras deixam perceber que ninguém presenciou o crime. Como portanto, afirmar que o autor de tão hediondo atentado, tenha sido a pessoa que recebeu tantos favores do morto? Quem poderá afiançar categoricamente que meu tio foi assassinado pelo meu genitor? Onde forjaste essa calúnia inverossímil, Emérita?

— Calúnia, disseste, Plotino? Queres uma prova do quo acabo de revelar-te e que devias ter suspeitado outrora, apesar da tua pouca idade? Pois bem, se quiseres tirar uma prova cabal do que ora te exponho, poderás obtê-la no Fórum de Atenas, onde se acha o inquérito feito pelo Questor, o qual aborda também o suicídio do teu pai, nas águas do golfo, movido pelo remorso.

— Estas faltando com a verdade! exclamou Plotino, rubro de cólera. Meu pai morreu afogado num desastre, por ter emborcado a frágil embarcação em que saíra para pescar.

— É o que pensas! Chamas-me de mentirosa? Pois eu te digo que quando era apenas tua noiva, muitas foram as pessoas amigas que me aconselharam a desistir do nosso projetado enlace, alegando que eu não poderia ser feliz indo residir no lugar em que foi praticado tão horripilante crime. Fortuna mal adquirida não traz sorte, diziam todos.

— Se eu soubesse do que agora me relatas, há muito teria vendido este desditoso solar e partido para longínquas terras, e que talvez ainda faça, em breve. Quando as pessoas que nos cercam são falsas e sabem inventar tragédias deploráveis e inacreditáveis, convém que nos afastemos delas, para sempre! Devias ter usado de lealdade para comigo e não permanecer muda tanto tempo.

— Era minha intenção jamais referir-me a esses dolorosos episódios, e se agora o fiz, foi em revide às tuas injustas acusações.

— Darei providências imediatas para a descoberta da verdade. Confesso com sinceridade que quando meu pai foi vítima de um acidente marítimo (tinha eu então apenas dez anos), percebi que algo de muito grave ocorria em nosso lar, mas somente hoje tenho a noção exata do que se passou, visto que ninguém, nenhum amigo teve ânimo bastante para me narrar a verdade. Sei que minha mãe vivia imersa em dissabor inconsolável, mas eu atribuía tudo ao profundo amor que a ligava a meu pai. Vou

apurar nos tribunais o que de fato se passou, e se não houver nenhum vestígio, ficará patente a falsidade da calúnia que veiculas contra a honra da minha família. Agora descubro mais uma das razões porque relutaste em aceitar-me por companheiro de existência. Infeliz que sou! Estão realmente mortos para sempre meus pobres sonhos de terna felicidade!...

No rosto de Plotino estampou-se um profundo desalento, e aquele homem usualmente enérgico, fechou os olhos para esconder as lágrimas.

— Aceitei teu pedido de casamento, continuou Emérita, porque me inspiraste afeto, a despeito das referências desfavoráveis feitas a meu pai por pessoas idôneas, às quais respondi que nenhuma culpa te cabia nos infaustos acontecimentos.

— Agora compreendo tudo! Basta! Mas, por que não foi terminado o processo contra meu desditoso pai? Por que continuou na posse de uma propriedade em litigio, havendo outros herdeiros presumíveis? Como terminou a questão judiciária? Que fim levaram os parentes longínquos de meu tio? Por que se eclipsaram eles para sempre?

A estas perguntas Emérita não soube responder cabalmente e a palestra terminou com os cônjuges mais desavindos que nunca.

Depois deste incidente, Plotino ausentava-se do lar sem comunicar à família o verdadeiro motivo das suas idas a Atenas, mas, pelo postilhão[1] que o conduzia, soube-se que ele procedia a demoradas pesquisas nos arquivos do Foro Criminal daquela cidade.

Poucos dias após, vemo-lo dirigir-se à Emérita nos seguintes termos:

— Conseguiste plenamente o teu escopo: lançar-me o desespero nalma!

— Eu o fiz involuntariamente, em ato de legítima defesa. Qual a culpa que me cabe se apenas reproduzi opiniões alheias referentes a meu sogro? Obtiveste confirmação de que foi ele o autor do crime? Já investigaste o que há?

— Em parte... Há efetivamente um processo contra meu pai, sobre o qual recaía odiosa suspeita. No entanto, minha mãe ganhou a questão e continuamos a viver neste castelo, eu e ela. A morte de meu pai determinou o encerramento do inquérito.

— Sim, houve um parente de tua mãe, de grande prestígio no governo, que intercedeu por ela e conseguiu abafar o processo, invocando a morte do acusado.

— Eu soube que a desavença entre meu pai e tio Cleon surgiu de uma intriga, pois foram dizer a este que o seu sobrinho queria libertar-se do seu benfeitor para apoderar-se imediatamente deste solar. Talvez algum servo desleal, com o intuito de obter possível recompensa pela denúncia. Quem sabe se não foi o mesmo servidor que assassinou meu tio, pensando ser agradável a meu pai e que depois, como este recusasse aprovar a sua ignominiosa ação, vingou-se arrojando-o ao mar? Compreendo agora que algo de muito grave ocorreu neste castelo e já que tudo aqui me recorda fatos dolorosos, vende-lo-ei na primeira oportunidade. Venceste, Emérita, conseguiste arrazar-me totalmente. Pensei salvar a honra no meio dos destroços do meu lar, mas também ela perecerá na catástrofe!

* * *

A revelação feita por Emérita, das circunstâncias que rodeavam a posse do solar, provocou em Plotino, um doloroso aturdimento. Um pensamento, dentre todos os que fervilhavam no seu cérebro, predominava: possuía uma riqueza quase ilícita, que podia ser contestada a qualquer momento por parentes do morto. Que teria acontecido se o Solar de Minerva houvesse passado a outras mãos, ficando ele e sua progenitora na penúria? Qual fora o amigo que a protegera para sustar a ação judicial, e com que intenção o fizera? Como sincero amigo ou com interesses inconfessáveis?

Uma invencível tristeza apoderou-se do castelão, que embora houvesse presenciado as duas tragédias sucessivas, do assassinato e do suicídio, só agora compreendia o significado delas. Que juízo faria do seu próprio genitor? Teria mesmo tentado impedir que o seu tio Cleon fizesse novo testamento extinguindo-lhe a vida? Teria aquele bondoso ancestral prometido deserdá-lo, conforme diziam? As recordações que tinha de seu pai, falecido quando Plotino ainda era criança, testemunhavam seu caráter amoroso e solícito. Procurava na memória um ato de violência que tivesse sido praticado pelo seu genitor, e não encontrava. Ainda existiriam, no próprio castelo em que residia, algumas pessoas contemporâneas dos trágicos acontecimentos? Existiriam ainda, algures, os legítimos herdeiros do Solar de

Minerva? Porque se haviam eles eclipsado até então, quase vinte anos após o doloroso fato que tanta magoa lhe causava? Estas e outras conjecturas lançaram Plotino em estado de grande depressão moral e abatimento físico, causando surpresa aos que o fitavam, o seu súbito envelhecimento.

FIM DO LIVRO I

LIVRO II

O Reflexo do passado

Moralmente vencido pela incerteza que pesava sobre a origem da herança que lhe coubera, Plotino deixara de assediar Emérita. Que ela ficasse morando no castelo ou resolvesse partir, era-lhe agora quase indiferente. Agarrava-se desesperadamente à hipótese de que o pai e seu tio houvessem sido assassinados. Por quem? Com que intuitos? perguntava a si mesmo. Enquanto não soubesse, sua preocupação não teria fim.

— Porque não morri antes? dizia consigo. Teria sido melhor cair no campo de batalha do que carregar o peso desta dupla desgraça: ficar sem honra e sem lar! Sou um espectro vivo. Que caminho tomarei?

Menor não era a perturbação em que se via envolta Emérita. Ela, que outrora se fazia notar pelo seu dinamismo e alegria, deixou de buscar o convívio dos entes queridos: seus dois filhos e algumas moradoras do castelo mais chegadas. Encerrava-se em seus aposentos particulares, afirmando necessitar de silêncio e isolamento por achar-se enferma e excessivamente nervosa. Samuel, sempre atencioso para com sua progenitora, saíra à procura de um famoso médico, o qual prescreveu um complicado tratamento à base de tônicos e estimulantes. Os saraus musicais foram inteiramente abandonados e as lições eram dadas como que a medo, em voz baixa. Um véu de tristeza cobria a mansão desde o infausto dia em que Emérita regressara doente da grande festa havida no Solar de Apolo. Não mais se ouvia o canto das lavadeiras nem as gostosas gargalhadas que vez por outra partiam das dependências dos empregados. Os próprios pássaros pareciam ter fugido do arvoredo. O silêncio reinava nas vastas edificações, que se diria desabitadas.

Um desalento invencível se apoderara da castelã, e o seu organismo, abalado por violentas emoções, apresentava graves desequilíbrios. Era-lhe um tormento a vida como transcorria, apesar de estar morando num aprazível castelo onde havia todo o conforto material. Sentia-se atribulada, desgostosa, com frequentes crises de choro

seguidas de prostração. Parecia-lhes que os seus filhos, outrora tão carinhosos, andavam arredios.

— Certamente me censuram o não haver reprimido os galanteios de Zenóbio e julgam-me causadora da atual situação, pensava ela.

Perdera, pois, desde então, o conceito dos que lhe eram carinhosos e que agora só lhe dirigiam palavras convencionais. Plotino mantinha-se irredutível e apenas a cumprimentava. Dois professores cujas esposas estimava, alegando necessidades várias, haviam-se retirado do castelo acompanhados de suas famílias. Mas, o que mais a afligia era o dilema em que se encontrava: permanecer ou fugir? O amor que dedicara a Zenóbio na juventude, e que supunha extinto, renascera ardente e embriagador. Ele nada perdera da sua fascinante personalidade, antes, tornara-se mais atraente. Revê-lo causara-lhe as mais gratas emoções e ainda agora, pensar nele era-lhe uma agridoce mortificação. Tardiamente verificava que só a ele dedicara o seu coração. As demonstrações de apreço que ele lhe havia prodigalizado na festa, causando até estranheza aos presentes, tangiam as suas fibras emotivas fazendo-as vibrar. Se ele se tivesse mostrado indiferente, talvez ela também tivesse podido permanecer fria, mas o reencontro fora cordial e afetuoso e isso avassalara-a completamente. Teria forças para recusar-se a acompanhar Argos se ele a chamasse, sentindo-se desprestigiada e infeliz em seu próprio lar? Passando e repassando na memória os fatos idos, sentia-os reviver cada vez mais nítidos e detalhados. E concluiu que não lhe seria possível resistir ao apelo de Zenóbio.

Concebeu então um plano que, posto em execução havia de resolver a situação: o suicídio! Sim, ocultar-se-ia num sepulcro e isso a libertaria das dúvidas e entrechoques em que vivia. Não desobedeceria ao espírito do pai, que lhe recomendara o sacrifício da permanência no solar; nem causaria mais desgostos a ninguém. Só ela sofreria as consequências daquele amor insensato. Esperaria Argos no céu; retirar-se-ia do mundo que lhe recusava a felicidade a que se julgava com direito e estaria solucionado o problema em que se debatia. O esposo, cego de ciúmes, a desprezara ao perceber que ela amava a outro, embora tivesse sido até então honesta e austera cumpridora dos seus deveres.

Subitamente, lembrou-se de que Zenóbio ainda não mandara buscar a resposta ao bilhete que lhe escrevera... E se o mendigo aparecesse, de repente? Devia dar-lhe uma resposta que não lhe concedesse esperança de um novo encontro, dissuadindo-o de reatar um afeto condenado pelo juiz irrecorrível que na terra se chama — Destino! Deprimida por estas considerações, foi dominada por um tremor nervoso e percebeu que a febre se instalara no seu organismo.

— Meu Deus, murmurou ela, compadecei-vos de mim.

Como se esta pequena oração tivesse sido atendida, sentiu-se invadida por um agradável torpor e adormeceu.

No dia seguinte, embora se sentisse melhor, conservou-se deitada.

Pouco antes do almoço, apareceu no solar pedindo auxílio um mendigo andrajoso. Acolhido caridosamente, demorou-se em palestra com a cozinheira e manifestou desejo de falar à proprietária, alegando que ela já o conhecia. Achando-se Plotino ausente, foi chamado Samuel que recusou-se a perturbar o descanso da castelã e despediu o mendigo com um generoso donativo.

Enquanto isso. Emérita encerrada em seu quarto, cismava. Reconstituiu mentalmente o bilhete que Zenóbio ocultara no seu manto, cujos termos repetiu pela centésima vez. Arrependeu-se de havê-lo destruído, parecendo-lhe haver praticado um ato de traição ou covardia. Lembrou-se do momento em que, retendo na palma da mão, por momentos, as leves cinzas dissera consigo mesma:

— Eis a que está reduzida a minha vida terrena: um pequeno punhado de cinzas.

Subitamente, um calafrio percorreu-lhe a espinha e ela sentiu ecoarem dentro de seu cérebro, como que provindas do infinito, as seguintes palavras, que reconheceu serem de seu pai:

— Filha do meu coração, porque vacilas, porque aninhas em teu espírito as serpes da incompreensão? Aproxima-se o ponto culminante da prova que vens atravessando e vejo-te despreparada! Estás à beira de um abismo! Um passo em falso e resvalarás num báratro de trevas e sofrimento horrível! Filha, é o teu destino, ou antes, o teu futuro, que está em jogo. Esforça-te por resistir à tentação, a fim de que possamos

auxiliar-te a vencer. Não penses que a morte do corpo te libertará dos prazeres, ao contrário, multiplicá-los-á ao infinito. Ouve bem, minha pobre filha; estás na encruzilhada de um caminho que se bifurca e que leva a dois infinitos: da dor ou da glória. À entrada do primeiro está Argos, atraente e enganador. As rosas que avistas são ilusórias e transformar-se-ão em espinhos lacerantes. À frente do segundo está o dever, a permanência no teu lar semidestruído. Os espinhos que neste avistas transformar-se-ão em rosas. Não te deixes portanto, enganar pelas aparências. Se pretenderes fugir ao teu dever de mãe, que te ordena a resignação e o auto-sacrifício, terás por companheiro de jornada o desespero, o vexame, o arrependimento, o remorso e a desilusão. Pensas que existe a ventura sobre a terra? A felicidade é um sentimento delicado como uma flor, que só desabrocha nas almas virtuosas e honestas, cuja consciência esteja perfeitamente tranquila. Se te suicidares ou abandonares o teu próprio lar, cometerás um dos mais abomináveis crimes que alguém possa perpetrar no Planeta da Lágrima: o da deserção. Não pode haver felicidade no erro. Tens um coração afetuoso e sensível — ávido de carinho que não encontraste ainda. Só consideras verdadeiro o amor de Argos, que te manifesta com veemência, mas que, na presente situação, te conduziria ao abandono do lar e à desventura total. Não convém que aceites as suas propostas loucas e deves repeli-las com todo o vigor. Projetas abandonar o convívio dos teus por um amor insensato, que te levará à perdição porque é condenado por Deus. Não faças semelhante loucura.

Emérita ouvia atenta e admirada as palavras que, do outro lado do túmulo, lhe dirigia o seu progenitor. Estabelecendo-se a pausa necessária para o proveito da conversação, Emérita obtemperou:

— Porque chamais de louco a este afeto sincero que nos atrai um para o outro? Não temos acaso o direito de amar e procurar ser felizes?

— Filha, não raciocines parcialmente, pois enganas-te a ti mesma. Não vês que, pelo matrimônio, perdeste a oportunidade de corresponder ao amor de Argos? Com o casamento, a tua situação mudou completamente. És agora mãe de família, com deveres indeclináveis. Assumiste perante Deus e a tua própria consciência, um compromisso solene e irrevogável. Não podes abandonar a tua cruz no meio da

jornada. Lembra-te de que o Divino Jesus deu o exemplo de submissão ao dever, conduzindo o seu madeiro até o cimo do Calvário. Se abandonares a família para fruir esse amor criminal, serás mais desditosa ainda do que presentemente, porque se agora desfrutas de relativo conforto material e moral, com aquele crime perderás um e outro. Não faças como as crianças que, perseguindo uma borboleta, deixam-se cair no precipício.

— Perdão meu pai! Não compreendes que o meu caso ó diferente, porque já fui abandonada pelo meu esposo, que parece odiar-me? Os meus próprios filhos me desprezam!

— Não, Emérita. Todos te amam ainda. Sua atitude retraída traduz reserva e desconfiança e um justo ressentimento motivado pela tua conduta irrefletida. Acolhendo prazerosa os ousados galanteios do teu antigo namorado, causaste-lhes uma amarga decepção. Acham-se agora em expectativa dolorosa e, conforme for o teu proceder, eles se lançarão em teus braços ou apontarão a porta da retirada ultrajante. Necessitas recobrar o antigo conceito junto às almas ilibadas que te cercam. Se te mostrares arrependida todos te perdoarão, mas é preciso que te humilhes e proves por atos que as suas suspeitas são infundadas. Esquece as palavras contundentes pronunciadas pelo teu esposo. Impulsionado pelo ciúme, não há coração que não cometa algum desatino. Quem quer ser perdoado deve começar perdoando. Esquece pois a ofensa e consagra o restante da tua existência ao mais belo de todos os ideais e ao mais elevado de todos os sentimentos: o da maternidade. Deves ser para os teus filhos um modelo de virtudes morais, para que eles se inspirem no teu exemplo e se elevem e se dignifiquem pensando em ti.

— Eles somente seguem os conselhos de Plotino e fitam-me com indiferença ou talvez com desprezo, como se eu já houvesse conspurcado o nosso lar, disse Emérita em pranto.

— Porque perceberam que amas o aventureiro ousado e estás desejosa de abandoná-los para seguir o intruso.

— O meu afeto por Argos estava adormecido, parecendo morto, mas despertou da letargia como sucede aos cataléticos, às vezes, dentro de sua própria sepultura. Eu

porém estava resolvida a sacrificá-lo pela segunda vez nesta existência, se diversa fosse a atitude de Plotino. Este, entretanto, tornou-se um déspota, ofendendo-me até o âmago com a sua atitude. Abandonou o leito conjugal, deixando-me sozinha neste imenso quarto. Acho que tenho o direito de tomar uma desforra correspondendo ao amor de quem, apesar de menosprezado, continua a consagrar-me intenso afeto.

— Não compreendes que o que supões ser intenso afeto pode não passar de pretenso afeto? Às vezes as palavras de amor ocultam um plano de vingança. O despeito arma ciladas traiçoeiras, com as quais o indivíduo desprezado se vinga daqueles que, a seu ver, lhe roubaram a felicidade. Argos te ama, mas tem contas a ajustar contigo. O amor de certas pessoas faz sofrer mais do que o ódio de outras, que sabem perdoar. Trata pois de reconciliar-te com teu marido, que não te odeia, como supões, antes continua a amar-te. Ele intimamente deseja que permaneças aqui. Seu ciúme exacerbado comprova a intensidade do amor que te dedica, sente-se no entanto ofendido ao ver que amas o seu rival. Ele é sensato e sobretudo não deseja desonrar o nome dos vossos filhos, dois tesouros divinos cujo valor ainda não percebeste e que tens a obrigação de devolver a Deus tão puros como os recebeste, e não salpicados da lama do descrédito.

— Eles deixaram de consagrar-me verdadeiro amor e estão de acordo com o pai. Perderam a afeição que me tinham e percebo que não tenho desejo nem ânimo para lutar contra essa injustiça, mas ao contrário, lutarei de bom grado contra o destino e arrancar-lhe-ei o quinhão de felicidade que ele me recusa.

— Quem ousa pelejar contra o Destino, para ser esmagado sob as rodas da seu carro invencível e triunfal?! Conforma-te ou serás triturada em rios de sangue! Não compreendes que estás pondo lenha na fogueira que te queimará? Não sejas leviana, filha; não desencadeies a guerra entre os dois rivais, ambos violentos e desejosos de eliminar o inimigo. O ódio intensificado pelo ciúme cega as almas bem intencionadas. Plotino tem se esforçado para progredir espiritualmente e procura aprender as lições de Jesus, mas, apesar disso, ainda se deixa arrastar pela cólera e esta abre a porta de todas as desgraças. Cuida portanto, minha filha, em não praticares nenhum ato

suscetível de agravar a situação. A tragédia ronda a tua casa e o menor deslize teu, lhe dará entrada. Adeus.

A infortunada castelã começou a soluçar e assim esteve por longo tempo. Bruscamente ergueu-se, aproximou-se de um pequeno santuário onde havia uma luz permanentemente acesa, em homenagem a entidades santificadas entre elas, Artemis, a deusa da Justiça. Recordou que fora naquela chama que incinerara o bilhete amoroso de Zenóbio e suspirando ajoelhou-se.

— Amparai-me nesta emergência, murmurou. Estou exausta. Inspirai-me, pois minha razão vacila. Sinto o cérebro dolorido e incapaz de raciocinar. Perdi o amor de meus filhos e o meu esposo me abandonou. No meio de tanta amargura, um amor que julgara morto ressurge avassalador no meu peito e me promete uma felicidade que eu jamais tive. No entanto, recebo ordem de dizer não ao seu aceno. Oh, dai-me forças para resistir. Após largos momentos de oração e sentindo-se aliviada, chamou a empregada e determinou que lhe fosse trazida uma refeição, após a qual, abrindo uma das portas laterais do quarto, que dava para o jardim, foi estacionar num banco que havia perto de um pequeno lago. Engolfada em profunda meditação, olhava, sem ver, o chafariz que brotava de um golfinho de mármore, quando notou a presença de um mendigo, de aspecto humilde e deprimido, que se acercou com demonstrações de respeito e assim falou em voz baixa:

— Nobre senhora, sou um pobre necessitado e desejo falar à dona deste alcáçar...

— Sou eu mesma! respondeu Emérita com voz débil.

— Será crível o que acabo de ouvir, senhora? interpelou-a o suposto mendigo com espanto. Estais muito mudada, e quase não vos reconheci.

— Sim, esta é a dolorosa verdade. Sou um espectro da que foi ao Solar de Apolo com ares de rainha. Tenho sofrido muito desde que lá compareci. Que desejas?

— Nobre Emérita, ouvi-me. Trago uma mensagem oral de meu amo e senhor Argos Zenóbio. Ele vos saúda atenciosamente e informa que não vos escreve com receio de vos comprometer, pois da outra vez que aqui estive fui recebido com

desconfiança por um jovem, que parece ter pressentido o motivo da minha vinda a este local e me despediu com valiosa esmola.

— Diz-me com presteza o que Argos manda transmitir-me:

Relanceando o olhar em torno, para certificar-se de que não havia ninguém nas proximidades, o indigente falou em tom de segredo:

— Eis o que o senhor do Solar de Apolo vos manda dizer. Meditai vossa resposta pois que a quer decisiva. Ele aqui virá ao alvorecer do dia de amanhã, antes do nascimento do sol. Hoje à noite fundeará ao largo um barco na qual, se quiserdes acompanhá-lo, ele vos conduzirá a um país distante. Caso contrário, ele apenas vos dirá adeus e partirá para todo o sempre!

Emérita sentiu-se desfalecer. A emoção fazia-lhe palpitar o coração em violentos socos, impossibilitando-a de falar.

— Qual a vossa resposta, senhora? insistiu o emissário.

— Dize-lhe que vou, decidir esta noite. Ainda não tomei uma resolução por amor a meus filhos!

— Compreendo, senhora, o quanto tendes padecido. Nunca vi uma pessoa fazer tanta diferença, em tão poucos dias, como vós.

— Tenho sofrido demais. Agora vai, apressa-te para que não te veja alguém do calabouço em que vivo! Adeus! Amanhã de madrugada estarei aqui.

O mensageiro de Argos acelerou os passos e ainda bem não havia desaparecido na curva da estrada, Samuel surgia, inesperadamente, ao lado de sua mãe. Depois de haver-lhe beijado a mão, disse-lhe com tristeza infinita:

— O "mendigo" a quem já dei cem denários outro dia voltou sorrateiramente, mãe!

— Quem necessita de pão, no lar sem recursos, meu filho, às vezes não tem outro remédio senão recorrer à caridade pública.

— Sim, mas a quantia que eu lhe dei era suficiente para ele não precisar importunar-nos tão cedo outra vez. Que queria ele?

— Um auxílio.

— Tínheis algum dinheiro para lhe dar? tornou Samuel com curiosidade crescente.

— Não, por isso ficou de voltar outro dia. É um antigo criado de meu falecido pai.

Samuel fitou-a em silêncio, com um olhar em que se lia tristeza e reprovação. Depois, para não constranger mais sua mãe com perguntas embaraçantes, interrogou:

— Estais melhor?

— Um pouco, mas meu desejo é desaparecer, dar um. fim a esta vida de martírios morais.

— Mamãezinha, vossas palavras me horrorizam!

— Por que? Sou demais na minha própria casa! Vou livrar-vos de preocupações e desventuras entregando-me àquela que não despreza ninguém: a amiga dos desventurados chamada Morte.

— Estais louca, mãe? Quereis buscar a paz para vós. e deixar no desespero os que vos adoram?

— Quais são os que me amam, Samuel, se estou sendo menosprezada como se tivesse praticado um crime execrável?

— Todos aqui vos amam, minha mãe. Vós é que vos isolais e estais descontente conosco. Quereríeis que aplaudíssemos a maneira por que recebestes as excessivas demonstrações de apreço de Argos Zenóbio? Papai está juslamente ressentido da atenção que dispensastes a esse homem, que não ocultou a simpatia que tem por vós. Deixastes-nos sozinhos enquanto dançáveis alegremente com esse aventureiro. Uma senhora casada não deve pôr o seu esposo em segundo plano, em público.

— Queriam que eu tratasse mal a um velho amigo da minha família só porque manifestou prazer em rever-me e tratou-me com fidalguia?

— Mãezinha, eu não vos condeno nem sou vosso juiz. Cumpre-me tão somente amar-vos, amar-vos sempre. Mas, assim não pensa o meu prezado pai que há vários

dias deseja saber a identidade do mendigo que aqui esteve e que não é conhecido de ninguém. Felizmente ele não o viu conversando convosco há poucos momentos, senão teria vindo afrontá-lo, pois conjectura que seja um falso pedinte mandado por Zenóbio.

Emérita sentiu-se vacilar, mas sem trair na fisionomia o susto que lhe ia nalma, respondeu com calma aparente:

— Teu pai calunia-me, Samuel! Viver assim é impossível. Vou abreviar os dissabores que ora nos torturam. Deixar-vos-ei livres.

— Mãe, que pretendeis dizer? Então julgais que se eu e Anália vos perdêssemos, ainda poderíamos ser felizes?

— Se não puderdes ser venturosos agora, sê-lo-eis mais tarde. Teu pai, principalmente, triunfará com os argumentos que julga invencíveis.

— Voltemos ao solar, mãe e bani da mente tão aziagos pensamentos. Estou alarmado com as ideias que acalentais ultimamente.

— Amanhã, meu filho, tudo estará terminado.

— Silêncio, mãe, pelo amor de Deus. Não me tortureis com semelhantes palavras, sinto-me extremamente desditoso.

Samuel estreitou longa e ternamente sua genitora, soluçando fortemente. Com os olhos turvos de lágrimas e voz entrecortada falou:

— Não, não! Queremos que fiqueis sempre conosco!

— Se assim pensasses não terias aprovado teu pai, que me martiriza. Todo o crime que cometi foi ser pobre! Uma jovem sem fortuna nunca deverá desposar um fidalgo ou um ricaço, pois jamais poderão ser felizes. Os ricos quase sempre se deixam cegar pelo orgulho e pensam que a moça, por ser pobre, é inferior a eles e tratam-na como escrava e acham que dando-lhe de comer já fazem muito!

— Talvez tenhais razão, mãe querida, respondeu Samuel, mas crede que em idêntica situação eu jamais farei de escrava a eleita do meu coração. Se me acontecer casar com uma donzela sem riqueza, mas digna do meu afeto, terei o máximo prazer em proporcionar-lhe conforto e nunca lhe lançarei em rosto a sua pobreza. Mesmo

porque, às vezes, numa criatura humilde e sem recursos se esconde uma alma grande e rica de dons espirituais. Jesus escolheu os seus discípulos entre os operários e pescadores, embora não desprezasse os ricos.

— Já tens outra nobreza, meu filho, a única verdadeira: a do espírito. Infelizmente teu pai não pensa da mesma forma. Agora, agravaram-se as nossas dissenções de tal modo, que não vejo outra solução além da extrema.

— Acaso ainda premeditais o suicídio, mãe? Quereis perder vossa alma e desgraçar para sempre vossos filhos?

— Pretendo tomar a resolução suprema dentro de poucas horas e se tal acontecer, tu e Anália fareis preces em benefício de minha alma para que Deus me conceda o perdão.

— Mãezinha, se me amásseis não me faríeis sofrer assim! Vou falar a papai do que ocorre convosco. Sabendo a verdadeira situação é impossível que ele não intervenha com bondade, de maneira a evitar esta desgraça.

— Não, meu filho, não adiantaria. Teu pai é inabalável. Um dia me darás razão.

— Mãe, suplico-vos: aguardai dois dias. Dai-me um pouco de tempo para normalizar as coisas! Prometeis não atentar contra a vossa existência até depois de amanhã?

— Sim, respondeu Emérita com voz débil e indecisa.

* * *

Pesava sobre o Solar de Minerva, um silêncio de morte. A noite caíra sombria e tétrica como nunca. Ninguém ousava falar, e quando o fazia era em voz baixa, como é costume nas câmaras mortuárias. Encerrado em seu gabinete de trabalho, Plotino abismava-se em conjecturas sobre os fatos ocorridos e que são do conhecimento do leitor. Por volta das dez horas, Samuel dirigiu-se ao encontro de seu pai. Bateu levemente na porta. Como não obtivesse resposta, abriu-a devagarinho, vendo que seu pai, absorto, não ouvira o toque.

— Dá licença, meu pai?

— Entra, Samuel. Queres falar comigo?

— Sim, desejo falar-vos seriamente. A questão que surgiu entre vós e a querida mãe, desde a nossa malfadada ida ao Solar de Apolo, está assumindo um caráter cada vez mais grave e assustador.

— Já sabes avaliar a gravidade das situações, tendo apenas dezessete anos, Samuel?

— Sim, e estou muito preocupado com a marcha dos acontecimentos, que em vez de se desanuviarem parecem carregar-se mais. Não julgueis que estou fantasiando desventuras imaginárias. Estive conversando com mamãe e verifiquei que o seu estado de espírito é de desespero e que ela pode praticar uma loucura irreparável se não forem tomadas precauções.

— Dize-me, filho, o que soubeste. Estou alarmado com as tuas palavras!

Samuel, com os olhos toldados de lágrimas, expôs com lealdade o que se passava, exceto o encontro que tivera com o suspeito mendigo, para não agravar a situação materna. Confidenciou-lhe que sua amada progenitora premeditava suicidar-se na manhã do dia seguinte, pois não suportava mais viver desprestigiada em seu próprio lar; que com esforço, obtivera dela, promessa de não praticar nenhum atentado contra a própria vida naqueles dois dias. E rematou:

— Compadecei-vos dela, meu pai. Reconciliai-vos, para felicidade de todos e a fim de que volte a alegria e a paz a este solar, outrora tão agradável. Não posso conformar-me com a separação dos dois entes que mais amo sobre a terra: meus bondosos pais. Refleti bem na seriedade do que está se passando e com um gesto generoso ponde fim a todo este mal-estar. Ensinastes-me a amar a Jesus e a sua doutrina de amor e perdão. Suas lições não dizem: perdoar sempre, esquecer todos os agravos? Chegou a hora de demonstrardes por atos que adotais semelhantes princípios. Não sois vós mesmo que costumais dizer: não poderá haver felicidade na terra se os homens não se perdoarem reciprocamente? O perdão foi feito para quem erra e é concedido pela parte que foi ofendida. Mostrai que a razão está do vosso lado, perdoando à mamãe sua possível falta e tomando a iniciativa da reconciliação.

— Meu filho, exclamou Plotino emocionado, levantando-se e abraçando Samuel em pranto, eu te considerava ainda criança, até este momento. Mas agora reconheço que já tens critério suficiente para aconselhar até um varão sensato, como eu me considero. Há dias que não discirno mais satisfatoriamente o que se passa no meu íntimo, tal o entrechoque de ideias que lavra no meu cérebro. Estou a ponto de enlouquecer, pois às vezes se estabelece tamanha confusão no meu pensamento que receio perder a luz da razão. Mas, tuas palavras vieram ajudar-me a adotar uma orientação justa. Ainda neste caso parece que a salvação está, como sempre, em Jesus... mesmo quando temos razão, devemos ceder, a bem da concórdia...

— Sim, querido pai, cedei, nós vos pedimos. Vereis como desaparecerá a lamentável incompreensão existente entre vós e a dedicada mãezinha. Salvai-a do suicídio que planeja.

— Filho adorado, farei como pedes. Amanhã de manhã, irei ao encontro de tua mãe e, com sinceridade e doçura, abdicarei das condições que impus para a sua permanência neste lar e, se ela manifestar desejo de reconciliação, acederei em recomeçar vida nova, em pé de igualdade, com esquecimento do passado.

— Pai, não sei como agradecer-vos. Tirastes um peso enorme de sobre o meu coração. Tenho um medo horrível de que mamãe se suicide. Porque não lhe falais agora mesmo?

— Porque é tarde. A luz do seu quarto está apagada; deixemo-la descansar; mas amanhã sem falta falar-lhe-ei. Eu também estou penalizado do sofrimento dela, que se espelha no seu impressionante abatimento físico.

— De qualquer modo, permanecei vigilante e atento, de modo a prevenir algum ato de desespero.

Plotino, comovidíssimo, abraçou novamente o filho bem amado, dizendo-lhe:

— Foi bom teres me prevenido do que se passa com tua mãe, a tempo de evitar o seu suicídio. Há dias já que o meu coração vinha me pressagiando desgraças irreparáveis, sem que eu pudesse atinar quais fossem. Tenho a impressão de que este solar está prestes a ser abandonado por todos os que o habitam.

— Pai querido, vossos pressentimentos confirmam muitas palavras. Conjurastes o perigo que nos ameaça, sendo nobre e generoso e tomando a iniciativa da reconciliação com mamãe.

— Sim, meu filho, e obrigado por teus prudentes e nobres alvitres. As tuas revelações chegaram a tempo e prometo que amanhã à primeira hora irei procurar tua mãe e tentarei a nossa reconciliação. Não devemos ser irredutíveis em nossas opiniões. Conquanto a razão me assista e o primeiro passo no sentido da reharmonização devesse partir dela, quero fazer este sacrifício e serei o primeiro a estender a mão.

— Eu também vos agradeço, meu pai, o terdes atendido ao meu pedido. O fogo se apaga com água, o rancor se extingue com o amor. Afastemos pois, as nuvens negras que pairam sobre as nossas cabeças. Às vezes me parece ter havido um influxo maléfico, de origem espiritual, para que este lar, sempre tão risonho, se apresente de repente inteiramente transformado. Talvez sejam adversários de outras existências que nos perseguem e tramam a destruição do nosso grupo familiar...

— Crês realmente, Samuel, na possibilidade de sermos influenciados por espíritos, tu que eras há pouco uma criança? interpelou-o Plotino, surpreso com as expressões do filho.

— Sim, meu pai, eu creio na possibilidade de recebermos inspirações e influências espirituais. Todo pensamento atrai uma resposta que lhe é afim. Se pensamos em Deus, ele nos responde e nos tornamos melhores. Se pensamos em coisas más e nelas nos comprazemos, só podemos atrair influências semelhantes e portanto nefastas. Pelo menos foi o que nos ensinou o nosso mestre de filosofia, que demonstrou haver perfeita identidade entre os princípios das vibrações simpáticas de Pitágoras, e as lições de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre o poder da prece. Estou convicto de que nossas palavras e atos preparam o nosso futuro. Às vezes uma simples vida na terra não permite a realização dos nossos desejos e ideais. Voltamos então, em outro corpo, e conseguimos concretizá-los. Esta teoria é a única que concilia a Infinita Justiça com a Infinita Misericórdia, uma vez que todas as qualidades boas devem ser infinitas em Deus. Às vezes tenho a impressão de já ter vivido na Ásia, onde fui sacerdote hindu, encarregado de guiar para Deus as almas que pendiam para o abismo do erro.

Recentemente, numa reunião cristã de domingo, o bispo recebeu o dom da profecia e tomado por um espírito anunciou-me que nesta encarnação estou incumbido da mesma elevada missão de guiar para Jesus muitos espíritos que fraquejaram nas batalhas da vida!

Plotino fitou o filho com crescente admiração; não parecia ele um simples adolescente mas um sensato e experimentado varão que já houvesse vivido mais de meio século no plano material.

Samuel, com apenas dezessete anos de idade, tinha estatura elevada, pouco musculoso, tez morena, olhos grandes, negros e lúcidos; sua voz possuía um timbre persuasivo e agradável, cuja vibração penetrava no íntimo dos corações e tornava-se inesquecível, ouvida uma só vez que fosse! Naqueles momentos memoráveis, seu aspecto era o de um inspirado oráculo do templo de Delfos; havia um estranho fulgor em seus olhos, que parecia desvendar o íntimo dos seres, devassar os corações e o mistério dos destinos.

— Desconheço-te, meu filho, nestes momentos inesquecíveis! exclamou Plotino. Tu pareces realmente um dos inspirados hierofantes que sondam os corações e desvendam os enigmas do porvir. Sob tua esclarecida inspiração, acabo de banir do meu íntimo, sentimentos menos nobres que me tornavam implacável e sofredor. Aceito os teus conselhos,

Samuel, e ponho-me ao teu dispor, para tentarmos recompor o nosso lar antes que seja tarde demais.

— Como sou feliz, meu pai! Deus vos recompensará e fará cair sobre a vossa cabeça a sua bênção. Se tendes incontestáveis motivos de pezar, olvidai-os neste momento quase trágico, e tereis a maior das recompensas: a paz do espírito, a isenção de remorsos e a aprovação da vossa própria consciência! Ademais, mamãe não chegou a cometer nenhum crime, senão o de não haver repelido as gentilezas de um antigo admirador, talvez temendo ofendê-lo, o que excitaria os seus ímpetos de vingança e poderia provocar uma luta armada entre dois velhos amigos e companheiros de infância.

— Tens razão. Confesso-te que só com o fato de ter tomado esta resolução, já me sinto melhor e recuperei minha capacidade de discernimento. Irei dentro de poucos instantes procurar tua mãe a fim de alijar de vez este peso sinistro que me oprime o coração e pressagia desgraças.

— Como sois bom, meu pai! Sinto-me também aliviado, pois é grande conforto, quando a desventura nos visita, sabermos que fizemos tudo para barrar-lhe a entrada.

— Reconheço agora, Samuel, que o meu procedimento com Emérita, foi um pouco rude! Mas, não pude refrear a minha revolta contra o modo de agir de tua mãe para com Argos Zenóbio. Compreendi nitidamente pelo delíquio de Emérita no salão, e depois pelo abalo por ela demonstrado, que ela ainda ama aquele histrião. Percebi a emoção de ambos quando, enlaçados, ela empalideceu e quase desmaiou nos braços do ousado aventureiro.

— Perdoai-me, pai querido, pois estais dominado pelo zelo e suspeitais o mal onde ele não existe. Talvez não se tratasse senão de uma indisposição causada pelo calor reinante. Sabeis que minha adorada mãe sempre teve conduta irreprochável e é digna da vossa veneração!

— Não posso dar-te uma resposta positiva, meu filho, pois tenho observado pessoas que eram modelo de virtude, enlouquecidas pela paixão, praticarem os maiores desatinos. Homens casados, que sempre foram bons pais de família, arruinaram-se por amor a meretrizes, e mulheres honradas que abandonam tudo para seguir aquele que as enfeitiçou. O coração humano é incompreensível.

— Mas querido pai, se vossa esposa estivesse já com a alma corrompida pela paixão ou dominada por um afeto criminoso, seria indiferente ao vosso proceder e não sentiria tanto a vossa aparente indiferença por ela.

— Não deixas de argumentar com critério, Samuel, e nestes dias de acerbos dissabores, tens sido o conforto do meu coração.

— Meu paizinho, vou revelar-vos algo que talvez vos surpreenda: conservo nítida lembrança de uma dolorosa experiência, semelhante à que estais atravessando, e que só pode ter-se verificado outrora, em outra vida terrena. Por isso trago a noção

intuitiva de que qualquer violência em casos tais, é prejudicial e pode acarretar danos irreparáveis. Não vos deixeis arrastar pela paixão a algum gesto menos sereno, por muito justificado que pareça. Fazei como dissestes: sufocai vossos ressentimentos e sede generoso para com a vossa desditosa consorte, restaurando assim, a paz em nossa família.

Plotino baixou a fronte meditativa e após alguns momentos de silêncio murmurou:

— Será feito como desejas. Farei as pazes com Emérita, se em verdade ela te manifestou esse desejo. Todavia, dentro de poucos dias iniciarei uma longa viagem ao Oriente, deixando por tempo que não posso prefixar, esta casa sob a tua exclusiva responsabilidade! Há documentos preciosos, na arca que se acha no compartimento sempre fechado, que serve de arquivo, no andar de cima, os quais comprovam a legitimidade da posse destas terras, para o caso de surgir alguma dúvida ou questão judiciária, como já sucedeu há tempos. Quero tentar uma nova experiência que decidirá para sempre da nossa vida conjugal. Ficarás como verdadeiro senhor deste castelo, sempre vigilante e solícito e doravante serás o responsável por tudo o que ocorrer durante a minha ausência.

— Que dissestes, pai? interpelou-o o jovem, alarmado, quase em pranto. Pretendeis abandonar-nos? Quereis retirar dos vossos ombros possantes o fardo das responsabilidades deste lar, colocando-o sobre os de um adolescente?

— Sim, mas não por egoísmo e sim porque compreendo que tens o espírito evoluído e melhor do que eu, saberás reorganizar a nossa casa. Deixarei o campo livre para que possas fazer o que eu não pude ou não soube fazer, a bem da harmonia da nossa família e do progresso deste recanto. Quando eu regressar, estarão as coisas serenadas e ser-me-á mais fácil recomeçar minha vida doméstica. O tempo ajudará a cicatrizar estas feridas. E pode ser também que a minha ausência permita a Emérita deliberar com mais liberdade sobre o que efetivamente deseja fazer.

— Então, falou Samuel alegremente, permitis que eu transmita agora mesmo a minha cara mãezinha, o resultado da nossa cordial palestra?

— Sim, podes fazê-lo quando quiseres. Confio plenamente em ti, filho do meu coração.

Samuel beijou a destra paterna e retirou-se sem ruído.

Fatigado mas satisfeito, após a longa conversação mantida com o filho, Plotino apagou a lâmpada com um sopro e deixou-se cair no leito para repousar.

***

Enquanto Plotino e Samuel conversavam, vejamos o que acontecia a Emérita. Recolhida ao seu aposento, em estado de espírito contraditório e vacilante, difícil de descrever, manteve-se largos minutos pensativa. Depois, levantando-se, apagou a luz e silenciosamente dirigiu-se ao quarto da filha. Esta, que se conservava acordada, apesar do adiantado da hora, levantou-se com vivacidade e beijando carinhosamente a mãe, trouxe-a para o seu leito. Assentando-se, tomou-lhe as mãos e perguntou-lhe ansiosa:

— Estás melhor, minha mãe?

— Não, Anália, sinto-me exausta e enferma e incapaz de agir na determinação dos serviços domésticos. Por isso, como tens horas disponíveis, de manhã, venho pedir-te que me substituas na direção da casa, provisória ou definitivamente, não sei.

— Substituição definitiva, dissestes vós, mãe? interpelou a jovem angustiada.

— Quando alguém adoece, Anália, nunca poderá saber se irá ou não recobrar a saúde. Eis o que me sucede presentemente. Tenho me sentido mal e não sei se voltarei a gozar saúde. Em consequência, faço-te a rogativa de que assumas a chefia dos trabalhos desta casa, em meu lugar.

— Mãe! comunicarei a papai a vossa resolução e o estado precário de vossa saúde, para que ele providencie sobre o vosso urgente tratamento. Vou pedir-lhe que vos leve imediatamente a Atenas, para que sejais convenientemente medicada.

Emérita esboçou um sorriso triste e respondeu:

— É escusado o teu carinhoso cuidado, minha filha, pois, no estado em que estou, não há médico que remedeie. Acho que daqui só me ausentarei num caixão mortuário...

— Falastes em morrer, mãe? Não percebeis o quanto de angústia invadiu meu coração? Oh meu Deus! Que infortúnio se aninhou nesta casa, outrora tão alegre! Não bastam os dissabores que por si nos batem à porta, para que os andemos a procurar por nós mesmos?! Mãezinha, cooperai para que possa voltar a felicidade ao nosso lar! Vosso estado de espírito só pode favorecer novos dissabores! Deixai que o meu prezado pai vos leve a um bom médico. Ele é o primeiro a desejar o vosso restabelecimento, pois a vossa existência é preciosa para todos nós.

Isso dizendo, Anália prorrompeu em pranto, reclinando a cabeça no ombro materno. Emérita afagou com unção os cabelos da filha:

— Querida, minha existência não tem mais finalidade. Sou um fantasma vivo nesta casa. Assim, é melhor que eu morra logo, pois ficareis livres para recomeçar a vossa vida em melhor companhia...

— Mãe! não repitais semelhante coisa! Que horríveis e funestos pensamentos abrigais em vosso íntimo? Por que duvidais do nosso amor? Não vedes que o ciúme de papai é uma prova de que ele vos ama apaixonadamente? Da mesma forma, todos aqui vos estimam e idolatram. Por que acalentais ideias negativas? Não percebeis que elas só podem agravar a nossa situação, já de si tensa e lamentável?

— Filha, ninguém mais do que eu lamenta a situação que se criou em nossa residência e para a qual, se contribui, foi involuntariamente. Minha punição foi severa demais e o sofrimento moral abateu-me fortemente o físico. Estou incapaz do menor esforço e sinto que não poderei viver muito tempo. Não adianta mais fingir. Revistamo-nos de paciência e encaremos o futuro como ele se nos apresenta. Amanhã assumirás a responsabilidade da direção desta casa.

Neste momento entrou Samuel com ar sorridente. Ao ver a irmã com os olhos rasos d'água, disse-lhe:

- Não precisas mais chorar, tudo vai terminar bem.

E beijando ternamente a mãe e a irmã, contou-lhes pormenorizadamente a conversa que mantivera com o pai. Terminou transmitindo com palavras afetuosas a incumbência de Plotino, no sentido de um completo esquecimento do passado e da

recomposição da família. Acrescentou que, com o intuito de facilitar essa recomposição, Plotino faria uma pequena viagem.

Emérita escutou o filho em mutismo absoluto e em seguida, disse-lhe com desalento:

- Meu querido filho, dize a quem te enviou, que não necessita abandonar este solar bem amado por minha causa, pois eu nada possuo aqui a não ser o precioso amor de meus filhos que, aliás, para meu coração, vale por um incalculável tesouro. Minha saúde está irremediavelmente arruinada e não poderá tardar muito o desenlace. Ele que espere mais alguns dias e o problema doloroso de nossa vida estará resolvido para sempre.

— Insistis em praticar uma loucura, mãezinha? falou Samuel. O suicídio é um crime perante o Criador, pois ninguém tem o direito de matar, nem o de autodestruir-se. Não sabeis que a vida é dom de Deus e que é uma ilusão pretender suprimi-la? Pode-se eliminar o corpo físico mas o corpo espiritual é indestrutível e o suicida tem uma dolorosa surpresa ao reencontrar-se nos planos superiores mais vivo que nunca... e mais sofredor... Vossa insistência, mãe, revela que não tendes na menor conta a aflição que nos ides causar. Quereis levar à loucura aqueles que vos amam?

— Não, meu filho! Desejo apenas tranquilizar os corações dos que vivem neste lar que já não considero mais meu e cuja felicidade é impossível com a minha presença destoante. Vosso pai alimenta uma odiosa suspeita contra a minha fidelidade de esposa e eu não desejo sobreviver após tão deprimente ofensa à minha honra...

— Pois bem, cara mãezinha, disse Samuel com emoção e carinho, eu já vos transmiti a resolução que papai tomou, para que sejam sanadas as divergências presentes: deixemo-lo partir e, longe do lar querido, saudoso e com a paixão serenada, ele voltará livre de odiosas suspeitas, para recomeçarmos nova existência familiar em melhores bases de compreensão.

— Obrigada, querido filho. Ouvindo-te os judiciosos conceitos, julgo que já tens mais de um século de experiências terrenas. Infelizmente eu não participo do teu otimismo com relação ao futuro. Plotino nunca se modificará e suas suspeitas voltarão a ofender-me.

— Desculpai-me, prezada mãezinha, mas, como adepta da nova religião, que sois, não ignorais que as ofensas por mais graves que sejam, podem e devem ser olvidadas. Ademais, permiti que vos diga, que o vosso companheiro de existência não deixa de ter alguma razão, porque suspeita que ainda consagrais afeto a Argos Zenóbio e vós não agistes de modo a dissipar o seu funesto engano. Não houve até agora uma explicação satisfatória para a violenta emoção que recebestes ao dançar com Argos e meu pai acha que ouvistes alguma declaração amorosa ou proposta ultrajante, que não lhe devíeis ocultar.

— Pois foi essa a interpretação que Plotino deu ao meu desmaio no Solar de Apolo? Não poderia ele compreender a minha perturbação, após dias de tensão e dissenções domésticas, por perdido o hábito de bailar num salão onde se aglomeravam inúmeras pessoas? Porque agravou ele o que me sucedeu, sem que pudesse eu controlar as reações do organismo desequilibrado?

— Tendes razão, mãezinha! Eu mesmo me senti afogueado e opresso no meio de tanta gente.

— Há ofensas, meu filho, que dificilmente se desvanecem de nossa alma. Tenho a sensação de que fui apunhalada e que a lâmina aguda permanece cravada no meu peito.

Samuel tentou desviar a conversação para um diapasão menos trágico e com efusão carinhosa disse, abraçando a mãe:

— Com a vossa licença, arrancarei do vosso coração esse punhal.

E com o gesto de quem retirasse uma arma invisível e a arremessasse longe, acrescentou sorrindo:

— Pronto. Estais curada e da ferida não resta sequer vestígio. Não falemos mais em coisas tristes e recomecemos a viver como se nada tivesse acontecido.

Isto dizendo, retirou-se acompanhando a mãe até o seu aposento e foi comunicar ao pai o feliz resultado das demarches de pacificação geral, após o que recolheu-se ao seu quarto.

* * *

A noite ia transcorrendo em calma aparente. Em seus aposentos separados, os esposos Isócrates, todavia, não conseguiam adormecer. Plotino, reconciliado com a sua própria consciência, sentia-se tranquilo e procurava absorver-se em conjecturas sobre as consequências dos seus últimos atos. O acolhimento dispensado por Emérita às propostas conciliatórias de Samuel, fora relutante... Esperava maior entusiasmo por parte dela, no entanto, de início, ela quase recusara a reconciliação e a conformidade obtida por Samuel, fora mais consentida que anuída. Seria próprio do temperamento feminino aquela incerteza ou Emérita realmente não o amava? Mas, neste caso, porque sofria tanto com a separação? Por que pretendia suicidar-se?

— Quem pode entender o coração feminino? murmurou ele. Como hei de julgá-la sendo assim tão contraditória a sua conduta? Se me ama, porque não se alegra com as pazes? Se não me ama, porque não aceita a liberdade que lhe ofereço? Que pretende ela? Seja como for, acho que fiz bem em tomar a iniciativa do apaziguamento. Queria ter a certeza de que havia feito tudo o que dependia de mim em prol da harmonia doméstica. Estou contente comigo mesmo: transigi ao máximo, fui mesmo além do que me permitia a própria honra. Por amoldar-me às lições de Jesus, cedi num ponto sobre o qual outrora não admitiria sequer discussão. Agora, devo aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

Emérita, por seu lado, permanecia angustiada. Os olhos desmesuradamente abertos fitavam a chama imóvel da pequena lamparina do santuário. A filha do professor Kondilahis compreendia que se aproximava o momento culminante do seu drama. Dentro em breve, Argos Zenóbio, grande paixão de sua vida, apresentar-se-ia mais uma vez para propor-lhe união. Certamente, esta seria a última oportunidade de ser amada por aquele que em segredo continuava a amar. Teria forças para resistir? Sim, pensava consigo mesma, pois estava decidida a dizer-lhe não. Ao mesmo tempo uma voz que parecia surgir do abismo, segredava-lhe:

— Tola, já te sacrificaste demais. Cada um procura as suas conveniências, a verdadeira felicidade te aguarda ao lado do teu amado. Ele é rico e poderoso e saberá proteger-te. Ireis viver num país remoto e desconhecido, onde recomeçareis a vida. Teus filhos já estão criados e não precisam mais de ti. Plotino, é um déspota e merece

uma lição. Não vaciles mais. És livre, teu marido espontaneamente restituiu-te a liberdade, desprezou-te e abandonou-te. Faze como tantas que não desistem de achar a felicidade, lutam por ela e acabam encontrando-a.

Emérita sentia-se enlouquecer.

— Que farei? Que farei?! exclamava baixinho batendo com os pulsos na fronte.

Subitamente um estranho bem-estar invadiu-a. Dir-se-ia que se encontrava sob a influência de um ser superior, cuja presença pressentia sem contudo identificá-lo visualmente. Abandonou-se feliz àquela paz desconhecida e insensivelmente cerrou os olhos.

O fenômeno de clarividência reproduzia-se, e ela ouviu:

— Filha, sou eu, tua mãe, que te falo, com a permissão de Jesus. Tanto roguei que ele permitiu a vinda de uma entidade suprema a fim de ajudar-nos a persuadir-te a seguir as retas veredas da justiça. Estamos todos ao teu lado, procurando inspirar-te e muito já conseguimos através da mediunidade de Samuel. Mas a verdadeira decisão pertence a ti. Se insistes em acompanhar o teu afeiçoado, embora para isso precises calcar aos pés os teus sacrossantos deveres, ninguém poderá impedir-te. O arbítrio é livre e todas as criaturas podem fazer as experiências que desejarem, inclusive queimar-se voluntariamente. Considerando as provas do teu carma, obtivemos várias graças de Jesus, quais sejam a de permitir que nos ouças e que não te faltem conselhos oportunos. Ouve, minha querida Emérita: detém-te enquanto é tempo. Ainda não perdeste por completo o domínio da situação, mas o instante se aproxima em que deverás decidir por ti e não ouvirás mais a nossa voz. Fecha os ouvidos aos maus conselhos de entidades perversas que exploram as tuas fraquezas e procuram induzir-te ao erro. Não julgues que seja possível comprar a felicidade ao preço de abdicações ao dever. A honra deve sobrepujar a própria vida. Ainda uma vez te dizemos: não pode haver felicidade integral sem o cumprimento austero de todos os preceitos morais e espirituais! A opulência, o conforto, o amor conquistado pela violência, não sufocam os gritos da consciência culposa. Por absurdo que pareça, a verdadeira felicidade está na luta vitoriosa contra o mal, aliada ao sacrifício dos sonhos menos

nobres. Pensas que poderia ser ditosa abandonando o lar conjugal, os teus filhos e aquele a quem Deus te ligou e que tem sido o teu amparo na vida?

— Mas, ele me enxotou de casa sem razão alguma, me calunia e oprime com suspeitas ultrajantes! exclamou Emérita mentalmente, soerguendo-se no leito em atitude do desafio.

— O ciúme, desditosa filha, conturba a razão, penetra no âmago das criaturas e desvenda com antecedência as possibilidades de traição que germinam em outra mente-

— Não sei o que responder-vos, mãe, porém não seguirei Argos. Resolvi apenas despedir-me dele, pois não nos veremos mais no plano terreno!

— É muito arriscada a despedida, filha!

— Não tenho ânimo de deixá-lo partir para sempre e não lhe conceder o derradeiro ADEUS! Não quero todavia ser acusada de infiel por Plotino e tão logo Argos tenha zarpado, pretendo atirar-me às águas do golfo.

— Persistes nos teus propósitos insensatos! Desconheces a força do pensamento! Está se tornando quase impossível auxiliar-te e é com dificuldade que permaneço ao teu lado!

— Perdão! Amparai-me para que eu não enlouqueça de desespero!

— Emérita, tudo foi feito para amparar-te, mas tu não te dispões à luta e acaricias ideias criminosas que tornam cada vez mais difícil o nosso auxílio. Fixa o pensamento em Deus e medita no exemplo de Jesus que tudo sacrificou para cumprir o seu dever!

— Minha saúde está arruinada e o suicídio será um alívio para os que me cercam.

— Seja como for, não tens o direito de abreviar os teus dias. Não queiras atrair maiores martírios com a fuga às provas que te esperam! Em outra vida foste infiel ao que é atualmente teu marido e amaste loucamente a Argos Zenóbio. Tiveste o destino quase reproduzido nesta encarnação. Esforça-te por suavizar e não, agravar a tua situação porvindoura. Estás no momento decisivo e não queiras fracassar. Ainda podes desviar a tragédia iminente sobre o teu lar, tão tranquilo e ditoso até há poucos dias! Adeus, Emérita, Deus te abençoe e dê forças, minha querida filha!

As últimas palavras da amorosa entidade, foram pronunciadas em pranto, e findas que foram, estabeleceu-se profundo silêncio no cérebro de Emérita. Um soluço confrangeu-lhe o peito emagrecido e uma golfada de sangue rubro assomou-lhe aos lábios. Recolheu-o numa toalha, quedando-se horrorizada ante o espetáculo da sua ruína física. Levou a mão à testa, que ardia em febre e tombando para trás, sobre o leito, desfaleceu.

O desprendimento parcial do espírito, causado pela crise por que passava Emérita, proporcionou às entidades amigas, novo ensejo de fazer ouvir as suas vozes. Entre as visões desconexas do delírio, apereceu-lhe a figura do médico egípcio que lhe dizia:

— Infeliz Emérita, os teus sofrimentos encerram uma lição que deves aprender: o erro acarreta invariavelmente a dor. Quando o homem se afasta de Deus para seguir a sua fantasia, a dor o acompanha. Não penses que é impossível ser mais desgraçada do que és atualmente. Leio no teu pensamento o propósito firme de te encontrares com Argos, a pretexto de que se trata de uma despedida para a eternidade. Teus martírios atuais têm origem em falta semelhante praticada no pretérito, conforme já te foi explicado. Insistes em encontrar-te com Argos, mas essa ventura te será negada enquanto não trilhares o caminho do dever e da honra. Evita portanto, o que for nocivo à tua alma, para que no porvir, não se reproduzam, agravadas, as angústias da era presente. Pensa na desilusão que irias causar aos teus filhos, cujo amor perderias totalmente.

Já te sentes gravemente enferma e é provável que em limitado tempo seja a tua vida material consumada; sacrifica-te pois, mais um pouco, por amor a teus filhos. Argos outrora te abandonou num lupanar. Se com ele desertasses novamente, sabedor da grave moléstia de que és portadora, fugiria de ti, renegando o teu amor e ficarias novamente abandonada na mais extrema penúria!

— Não me tortures mais! Achas pouca a dor que me avassala? Oh, quem me dera morrer, findar este martírio!

— Filha, não te entregues ao desespero. Recorre a Jesus, que no Monte das Oliveiras sorveu a taça das amarguras que todas as criaturas humanas têm do levar aos

lábios, Confia no auxílio e na proteção do Mestre incomparável, quo tudo tem feito e fará para retirar-te do abismo. Confia também em nós, encarregados por ele de dar-te apoio nesta emergência, e que também tudo temos feito para retirar-te da borda da cratera do vulcão chamado traição, em que pretendes precipitar-te.

— Não! dir-lhe-ei apenas adeus, rapidamente.

Embora semiadormecida, Emérita percebeu que o sábio herbanário reprovou suas últimas palavras. Uma infinita tristeza cobriu a fisionomia serena do Guia, que pouco a pouco foi-se apagando, enquanto novos rostos surgiam diante dos seus olhos, rindo e falando coisas desconexas. Pareceu-lhe ouvir uma estentórica gargalhada e receando que tivesse enlouquecido, acordou de repente, assustada. Ao recobrar a consciência do seu estado, soltou um ai dorido. Aquela gargalhada, de quem seria? que significaria? Lembrou-se do sonho com o egípcio: seria novo aviso ou um devaneio da sua mente exacerbada? Tentou erguer-se, mas sentiu dificuldade em fazer os mais simples movimentos. Retombou no leito e correu a vista em torno. O negrume da noite começava a dissipar-se e pela janela coava uma tênue claridade. Na fimbria do horizonte, percebia-se o recorte das montanhas e, por trás delas, um leve rubor. Não tardaria a amanhecer. Subitamente, veio-lhe à memória o encontro marcado por Zenóbio. Com esforço inaudito, pôs-se de pé, retocou levemente a toalete e lançando mão de um manto que a cobria da cabeça aos pés, abriu com extrema precaução a porta que dava para o jardim e deslizou para o exterior. Ao sentir o ar fresco da madrugada murmurou:

— A sorte está lançada!

Fitou a janela dos quartos dos filhos, fechadas e silenciosas, e mentalmente dirigiu-lhes um adeus. Pousou a seguir os olhos no quarto de Plotino e teve a impressão de que se encontrava desabitado, tal a quietude que nêle reinava. A visibilidade era parca e uma densa neblina envolvia o jardim. Emérita não saberia dizer que horas eram, mas calculou que deviam ser menos de cinco da madrugada. Cruzou o manto para proteger-se do frio, afastando-se cautelosamente, pisando de leve as pedras do jardim. Um cão de guarda pressentiu-a e latiu, aquietando-se logo, porém, no reconhecer a sua dona. Estugou o passo e atingiu a estrada. A emoção de

que se achava possuída era tal que sentiu-se fraquejar e ela foi obrigada a estacar e apoiar-se numa árvore para recobrar as forças. Depois, retomou a marcha e caminhou até uma curva, de onde se avistava o vale e o mar. Ancorada a pequena distância da praia, achava-se uma galera, que além do velame, dispunha de duas séries de remos. Pelos orifícios do costado coava-se tênue claridade, indicando que a equipagem se encontrava a postos.

— Eis onde se encontra Argos! Veio dizer-me adeus! Meu doce amado, serei digna de ti e da fidelidade do teu amor! Não te deixarei partir sem te dizer o quanto te amo e quanto sofre o meu coração com esta separação. Um abraço que me dês, em despedida, e eu me considerarei feliz e morrerei contente!

Isto dizendo. Emérita, sem mais hesitar, pôs-se a caminho, com a celeridade possível e mais alguns momentos decorridos, divisou dois vultos embuçados, acompanhados a curta distância por um grupo de marinheiros, que se dirigiam para o ponto onde ela estava.

— Emérita! disse um dos embuçados, agitando a mão em sinal de reconhecimento.

Era a voz de Argos, que vibrava clara na atmosfera matinal.

— Vamos, querida! Não percamos a derradeira oportunidade de sermos felizes nesta vida. Aguarda-nos um brigue salvador. Apressa-te!

Mais alguns passos e a esposa de Plotino era acolhida pelos braços vigorosos de Argos Zenóbio.

Após trocar ligeiras palavras com Argos, Emérita lançou um último olhar na direção do castelo e o que viu gelou-a de pavor: Plotino acabava de assomar na estrada!

O imprevisto acontecera! Preocupado com as ocorrências verificadas em seu lar, Plotino atravessara a noite sem .dormir. Súbito, ouviu o ladrido do fiel Cérbero e conjeturou que naquele instante a desditosa mulher talvez se tivesse erguido do leito, não contando com a sua vigilância, e se preparasse para suicidar-se ou caminhasse em busca de outro afeto. De um salto aproximou-se da janela entrefechada e à luz

imprecisa da madrugada divisou o vulto da esposa que se esgueirava de casa. Por, precaução armou-se com uma espada e seguiu-a sem ser visto, a regular distância. Repentinamente ferira-lhe os ouvidos a voz de Argos Zenóbio, chamando Emérita. Fremindo o ódio, empunhou a espada e precipitando-se para a frente, chegou à vista dos adúlteros no justo momento em que Zenóbio estreitava Emérita nos braços.

— Miserável! bradou Plotino presa de fúria incontida. Destruidor de lares! Pagarás com a vida o teu crime, bandido! Defende-te! Sem vacilar, Argos Zenóbio empunhara uma cimitarra que trazia oculta sob o manto e enfrentou resolutamente Plotino. Por sua vez, o companheiro de Zenóbio, sacou uma comprida adaga e preparou-se para lutar em defesa do seu amo. Foi infeliz, porém, e o primeiro golpe de Plotino atingiu-lhe em cheio o peito e ele caiu em decúbito dorsal para não mais se erguer.

— Alfeu! gritou Zenóbio, para o chefe dos marinheiros, manda conduzir para bordo esta senhora. Enquanto o inimigo for um só, não precisam intervir, deixem-no comigo. Plotino acometia cerradamente o falso amigo, que se limitava a aparar os golpes enquanto estudava os pontos fracos do adversário e poupava as próprias forças, demonstrando assim, longa experiência de combates. As armas chocavam-se com estrépito enquanto os gritos de morte cruzavam os ares.

— Eu sabia que este dia tinha de chegar, disse Argos aparentando calma. Roubaste-me a felicidade e agora vais pagar.

— Salteador de estradas! retrucava Plotino, o teu fim havia de ser triste! Toma!

O duelo prolongava-se entre golpes e contragolpes aparados com maestria. Plotino, conquanto inferior em físico ao adversário, revelava-se brilhante esgrimista, e ambos já apresentavam alguns ferimentos no corpo, embora sem gravidade. Repentinamente, surpreendendo Plotino desguarnecido na volta de um molinete, Zenóbio desferiu-lhe um golpe de ponta com tal violência que a espada ficou cravada no peito do infeliz. Mas, rápido como o raio, e tirando partido da situação, que privava Zenóbio de defesa, o moribundo cravou-lhe por sua vez o seu gládio. Ambos os adversários recuaram simultaneamente, feridos de morte, e tombaram ao chão, onde poucos momentos tiveram mais de vida.

O ruído do combate havia despertado os moradores do Castelo e Samuel chegara correndo, a tempo de ver o pai expirar. Retirou com cuidado a lâmina assassina da horrenda ferida, recompôs as vestes paternas e fechou os olhos desmesuradamente abertos do morto. Ajoelhando-se, beijou-lhe carinhosamente a testa pálida e os cabelos precocemente encanecidos. Depois, lembrando-se de Emérita, pôs-se rapidamente de pé e perguntou:

— Onde está minha mãe?

Alfeu, chefe dos capangas de Zenóbio, que, juntamente com os demais, permanecia silencioso ante o quadro dantesco dos três homens mortos, adiantou-se e respondeu:

— Meu caro jovem, vossa mãe foi afastada do cenário desta tragédia e dirige-se no momento para a praia. Se andarmos depressa, poderemos alcançá-la.

E voltando-se para os seus comandados, falou:

— Aguardem-me aqui.

Já Samuel corria estrada abaixo. Ao atingirem a praia, viram Emérita amparada por dois homens, que era conduzida para bordo num escaler. No momento em que acostava e eram lançadas as cordas, a pobre mulher, num gesto rápido e imprevisto, que ninguém pôde deter, arrojou de si o manto que a cobria e saltou às águas, desaparecendo. Seus guardiães sem vacilar, atiraram-se ao mar, à sua procura, mas após vários mergulhos, reconheceram a impossibilidade de encontrá-la. Samuel a tudo assistira petrificado de terror. Vendo que os marinheiros não traziam de volta à superfície sua progenitora, lançou-se às ondas e em rápidas braçadas, procurou atingir o local do drama. Fazendo uso de um apito que lhe pendia do peito Alfeu deu ordem para que um escaler fosse ao encontro do bravo mancebo, enquanto ele por sua vez, atirava-se às vagas, na expectativa de salvá-lo caso as forças lhe viessem a faltar antes da chegada do pequeno barco. Exímio nadador que era, o marinheiro em poucos minutos emparelhou com o jovem, que lutava com as ondas que lhe fustigavam o rosto. Logo após, os nadadores foram içados para a barca, enquanto tentativas eram ainda feitas para encontrar o corpo da suicida, porém, sem resultado. Em face do

insucesso, Samuel deixara-se quedar mudo e abatido. Depois, dirigindo-se a Alfeu, exclamou:

— Sois responsável pelo que aconteceu e vou denunciar-vos às autoridades de Corinto, que hão de saber agir com justiça.

— Meu caro jovem, nenhuma culpa me cabe pelos infaustos acontecimentos, que sou o primeiro a lamentar. Minha galera foi adquirida pelo senhor do Solar de Apolo, que pretendia retirar-se definitivamente deste lugar para ir habitar em distante país do Oriente. Jamais pensamos que aqui viesse a ocorrer tão impressionante tragédia.

— Porque deixastes minha mãe suicidar-se?

— Porque ela enlouqueceu repentinamente e agiu, como vistes, sem dar tempo a impedir seu tresloucado ato. Mas tudo foi feito para salvá-la.

— Ela vos acompanhava de vontade própria?

— Sim, mas acredito que a ideia do suicídio já a dominava quando acedeu em ser levada para bordo, pois suas palavras a Zenóbio, eram de quem viera apenas despedir-se. Infelizmente, mal chegamos, surgiu um senhor, que agora sei que era vosso pai, o qual imediatamente atacou o senhor do Solar de Apolo e seu escudeiro Polidoro Asclepios, a quem prostrou morto. A seguir, travou-se um duelo feroz entre os dois inimigos, que terminou com o falecimento simultâneo dos adversários.

— Ninguém tentou impedi-lo, marujo? inquiriu Samuel enxugando as lágrimas que lhe corriam dos olhos.

— Não foi possível, moço. Tudo ocorreu tão rapidamente que não houve ensejo de uma intervenção pacificadora.

— Argos Zenóbio foi o verdadeiro culpado! Jamais deveria ter projetado uma despedida clandestina com a esposa do seu antigo colega de armas. Foi ele que causou a desventura do nosso lar! Porque não veio lealmente despedir-se do meu progenitor e de sua família?

— Também assim penso, meu digno rapaz, mas estávamos sob suas ordens e cumpria-nos obedecê-las.

— Conduzi-me para terra. Vou mandar avisar as autoridades e aguardarei as suas decisões. Confesso que me sinto mais aliviado ao saber que minha mãe veio apenas despedir-se daquele que foi o seu primeiro namorado. Pobre mãe! Não creio que pretendesse abandonar o nosso lar!

— Sim, disse Alfeu, que parecia interessado em consolar o infortunado Samuel. Tratava-se apenas de um adeus para todo o sempre e se não fora a violenta intervenção de vosso progenitor, tudo terminaria sem consequências a lastimar. Rumemos para terra!

Em caminho, o marujo prosseguiu com velada tristeza:

— Nobre mancebo, lamento profundamente o infortúnio que vos atingiu. Peço-vos que me perdoeis se involuntariamente concorri para ele. Reafirmo-vos porém, que nenhuma responsabilidade me cabe, porque Argos Zenóbio não nos revelou seus intuitos. Apenas nos disse que ia despedir-se de uma pessoa e que o acompanhássemos, para o caso de ser atacado por um destemido adversário. Se me permitis, dar-vos-eis um conselho ditado pela experiência: não leveis ao conhecimento das autoridades policiais de Corinto o que aqui aconteceu. Eu e meus amigos conduziremos para bordo do ARGONAUTA os cadáveres de Argos Zenóbio e Polidoro Asclepios, rumando a seguir para o Oriente, de onde não regressaremos nunca. Vós mandareis inumar vosso progenitor, fazendo constar que ele e a esposa foram vítimas de um naufrágio nas proximidades desta praia, e assim poderemos ainda hoje ficar livres dos desagradáveis percalços que certamente levantarão as autoridades. Nenhuma culpa temos dos sucessos desta madrugada e quanto mais depressa os esquecermos, melhor. O irremediável remediado está.

— Talvez tenhas razão, marujo, mas e se alguém nos denunciar? Vão julgar que ocultamos a verdade por algum motivo inconfessável.

— Guardemos no recesso de nossas almas o segredo. Eu respondo pelos meus homens. Compete a vós obter silêncio dos moradores da vossa casa. Quanto a mim, levantarei ferros neste momento, levando os dois corpos. De passagem, avisarei as autoridades de Sicione de que avistei um escaler destroçado nos rochedos, de modo a justificar as vossas declarações.

O silêncio de Samuel valia pelo seu consentimento. Ao chegarem juntos dos corpos caídos, Samuel reconheceu no escudeiro de Zenóbio o mendigo que avistara por duas vezes no Solar.

Alfeu, o comandante do Argonauta, determinou que os despojos de Zenóbio e Polidoro fossem transportados para o barco e estendendo a mão para Samuel, disse-lhe:

— Adeus. Jesus vos proteja sempre.

— Assim seja, adeus, respondeu Samuel emocionado. Parte tranquilo, e que a fortuna te acompanhe.

* * *

O corpo de Plotino foi sepultado no cemitério local, em singela cerimônia. A seguir Samuel reuniu os moradores do solar, aos quais solicitou que fizessem segredo sobre as verdadeiras causas da morte de seus pais, a fim de que, explicou, não viessem a correr interpretações difamatórias sobre as razões do duelo e a presença de Zenóbio a horas mortas no Solar de Minerva. Declarou mais que as pessoas que desejassem retirar-se dali, seriam integralmente indenizadas pelas benfeitorias que houvessem feito, ou das quantias de que se julgavam credoras. Depois, assumindo com critério a direção do seu lar, legalizou sua situação e a de sua irmã, submetendo às autoridades a partilha dos bens deixados pelos seus progenitores, o que aliás não foi difícil, pois Plotino deixara testamento, e todos os documentos concernentes às suas propriedades e bens se achavam em perfeita ordem, como se previsse a sua próxima morte. Considerando a sua nova situação de chefe de família, que lhe impedia de prosseguir os estudos, dispensou os professores, a quem gratificou generosamente, assim como restringiu o número de serviçais, também recompensados com quantias que lhes poderiam garantir a manutenção durante algum tempo, de modo a que pudessem conseguir novas colocações.

Depois dos momentos aflitivos, sucederam-se dias de silêncio e serenidade. O Solar de Minerva, agora imerso em quietude, parecia desabitado. Anália, desde os trágicos acontecimentos, guardava o leito, reequilibrando-se lentamente das violentas emoções sofridas. Uma serva acompanhava-a dia e noite, propiciando-lhe alimentos e

calmantes e ao mesmo tempo procurando distraí-la. Frequentemente Samuel ia vê-la, a pretexto de pedir-lhe conselho sobre uma ou outra providência a tomar, mas com o intuito oculto de proporcionar-lhe um derivativo às preocupações. Um dia, a serva, sempre vigilante, veio chamar aflita o Sr. Samuel — como passou a tratá-lo — dizendo:

— Senhor, a enfermidade de vossa irmã agravou-se, pois ela está delirando.

— Será possível? falou o jovem preocupado. Tenho estado tão absorto, que receio ter descuidado o tratamento da minha querida irmã! Vou vê-la imediatamente.

Encaminhou-se para o quarto de Anália e grande foi o seu susto ao ver que, efetivamente, ela apresentava sinais alarmantes, como sejam, rigidez, queda de temperatura e pronunciava palavras desconexas, como se conversasse com pessoas invisíveis.

— Anália, gritou Samuel aflito. Que tens? Não me deixes agora, que mais necessito da tua presença. Desperta, em nome de Jesus! Não te abandones ao desânimo; reage, querida irmãzinha; sou eu, Samuel, que estou aqui; fala comigo!

Como se atendesse ao chamado, Anália reabriu os olhos, onde brilhava um fulgor celeste, e volvendo-os para Samuel, murmurou:

— Atendi ao teu apelo. Eu já tinha morrido mas tornei a viver desde que pronunciaste o nome sacrossanto de Jesus! Voltei para lutar ao teu lado.

— Sentes-te melhor?

— Sim. Meu grande mal era o desejo de morrer para reencontrar nossos amados pais, todavia durante o letargo por que passei, avisaram-me que devia regressar ao corpo e auxiliar-te, pois muito teremos que trabalhar ainda na face da terra.

— Ótimo, exclamou Samuel. Precisas ajudar-me a administrar este valioso patrimônio. Sabes que dispensei os nossos dedicados professores e muitos dos nossos servos?

— Não! Ignorava tudo o que me disseste! Vou sentir a ausência de todos eles! Não lhes deste algum auxílio?

— Sim, tanto que muitos permanecerão aqui até que obtenham nova ocupação.

— Fizeste muito bem. Mas porque não vieram despedir-se de mim?

— Porque estava doente e eu receava que essa notícia prejudicasse o teu restabelecimento, pois não ignoro que a muitos dedicas real afeição.

— É verdade. E agora manda servir-me uma boa refeição. Quero restaurar as forças e contar-te minuciosamente as visões que tive durante o desprendimento do meu espírito.

— Estou curioso para saber o que se passou contigo nesse estranho estado de rigidez que atravessaste e que me alarmou à chegada.

Depois de ter-se reconfortado com o alimento que lhe foi servido, Anália sentou-se ao leito e disse:

— Ouve agora, meu irmão, o que desejas saber: parece-me que, no dia da tragédia, algo se passou com o meu espírito, pois apesar de não ter ouvido o ruído do combate, senti uma angústia horrível, que não sabia explicar, e que me fez despertar com a sensação de que uma grande desgraça acabava de abater-se sobre nós. Levantei-me e os fatos vieram confirmar os meus dolorosos pressentimentos. Aniquilada pelo golpe, pretendia deixar-me morrer no leito, quando ontem verificou-se novo fenômeno. Meditava ou sobre os amados pais, tão tragicamente desaparecidos, quando aos poucos uma vertigem apoderou-se de mim e eu me senti arrastada para distâncias incomensuráveis e me vi como no fundo do mar, entre sargaços e algas e monstros marinhos. Bracejava por me desvencilhar daquele meio, como se estivesse presa de um horrendo pesadelo, quando subitamente deparo com um corpo de mulher flutuando entre duas águas. Adivinhei que se tratava de nossa mãezinha. Aproximei-me, abracei-a e beijei-lhe os cabelos que ondulavam desatados. Ao meu apelo, abriu os olhos e como se saísse de si mesma, o seu espírito levantou-se enquanto o corpo permanecia inerte.

— Anália, disse-me ela com voz cava e estranha, onde estou não poderias penetrar, por isso vim ao teu encontro trazida não sei por que força. Teus pensamentos chegam até mim em forma de nítidas sensações, apesar do abismo que nos separa, por mim mesma cavado. Ouve, minha filha, não te deixes morrer. Serás responsabilizada por suicídio. O corpo, por mais doente ou disforme que seja, é uma bênção para o

nosso espírito cheio de culpas. Agarra-te a ele e defende-o, pois muito podes e deves realizar ainda, na superfície da terra. Roguei a Deus e ele permitiu que eu viesse avisar-te. Ora por mim e por Argos, cujo sofrimento ainda é mais atroz que o meu. Não posso vê-lo na escuridão que me rodeia, mas ouço os seus gritos de ódio. Ele se julga ainda em luta com Plotino. Só não ouço a voz do meu marido. Filha, um último conselho: Foge das imprudências, pequenas causas têm às vezes, grandes efeitos. Adeus. Pede sempre por mim. Não te refiro o que estou passando para não entristecer-te. Adeus.

Sua alma pareceu reentrar no cadáver e enormes peixes se aproximaram e começaram a devorá-lo. Em poucos instantes, aquela que foi nossa mãe estava reduzida a um triste esqueleto, que foi afundado lentamente até desaparecer de vistas no pélago profundo.

— É horrível, murmurou Samuel. Aí talvez esteja a explicação do porque o seu corpo não foi achado nem deu à costa. Pobre mãe. Oremos sempre por ela.

— Sim, é importante fazê-lo e doravante enviar-lhe-ei todos os dias pensamentos de amor e carinho. Mas, ainda não te contei tudo. Guiada por misterioso instinto, dirigi-me para outro ponto, mar a dentro, e pude perceber mais dois corpos arrastados pela correnteza submarina: os de Argos Zenóbio e do seu escudeiro. Aproximando-me deles, vi que tinham atadas aos pés, grossas pedras, cujo peso no entanto não tinha sido suficiente para fixá-los ao fundo. Uma coragem desconhecida me impulsionava e chegando-me perto de Zenóbio olhei-lhe atentamente a cabeça. Como se os meus olhos penetrassem o abismo interior dos seres, percebi, sob a imobilidade aparente do corpo, a extraordinária movimentação do cérebro. Lendo-lhe o pensamento, confirmou-se o que minha mãe havia dito, sobre a perturbação do seu antigo admirador. Zenóbio imaginava-se em luta de morte com um invisível adversário, com o qual rolava no solo e trocava baldões e golpes de arma. A seu lado, em atitude de oração, permanecia aquele médico egípcio, que atendeu mamãe no Solar de Apolo.

O herbanário percebeu a minha presença e dirigiu-me a palavra nos seguintes termos: "Senhorita, agradeço a vossa intenção de auxiliar meu infeliz amigo, todavia, nada é possível fazer por ele no momento, exceto rezar. O estado de excitação em que se encontra o seu espírito inibe-o de perceber a nossa presença. Debalde tentei evitar a

tragédia que todos lamentamos. Meus conselhos não foram acatados pelo meu filho de outras vidas, sempre caro ao meu coração. Não o julgueis com severidade. Argos tem muitas qualidades, porém, é impulsivo e não se detém ante obstáculo algum. O sofrimento que lhe acarreta esse defeito acabará por curá-lo e em próximas encarnações teremos nele um abnegado paladino das boas causas. E tal como nós, que outrora também vivemos para a satisfação dos nossos caprichos, sem por isso deixar de ser auxiliados em nossas quedas, cumpre-nos auxiliar os que hoje tombam vencidos pela paixão. Ao vosso lado se acham, invisíveis ao vosso olhar, várias entidades, que em vida foram parentes e amigos. Elas mandam dizer-vos que deveis mudar vossa atitude e preparar-vos para desempenhar uma bela e nobre missão. Não se justifica o vosso desespero, minha boa menina. Voltai ao vosso corpo ciente de que de hora em hora Deus melhora, mesmo quando tudo pareça piorar.

O ancião voltou às suas vibrações e me senti trazida novamente para casa. Qual não foi a minha surpresa, ao chegar, deparando com o nosso pai em pé, à entrada. Pude ver outros espíritos que o ladeavam e que me pareceram ser os dos nossos avós. Afigurava-se restabelecido do ferimento, pois me disse com voz firme:

— Anália, vim despedir-me de ti. Dentro de poucos instantes serei levado para uma casa de repouso. Precipitei-me lamentavelmente, quando devera aguardar serenamente o desenrolar dos acontecimentos e concorri para o desfecho sangrento desta desavença. Essa sensação de culpa agrava o meu estado. Todavia confio em Jesus que me será permitido reparar o mal feito e os meus protetores espirituais me asseguram que o conseguirei. Mas, antes de me ausentar, tenho que dar-te, bem como ao querido Samuel, um conselho que aliás me foi sugerido por um dos meus referidos protetores. Meus adorados filhos, tereis de partir também para outro campo de ação, longe deste local, e das recordações deprimentes que ele vos provoca. Não convém que permaneçais aqui por mais de um mês. Ides ter tremendas decepções se continuardes neste solar, pois ele não foi licitamente adquirido, tendo sido isso uma das causas que contribuíram para o nosso infortúnio, embora nenhuma culpa nos coubesse, pois eu ignorava como os fatos se passaram. Deixei uma quantia suficiente para viverdes sem preocupações financeiras até que organizeis a vossa vida definitivamente. Estou repetindo as palavras de uma elevada entidade, que muito vos ama, e aconselha, de

alma para alma, a fim de que seja evitada outra catástrofe sangrenta! — Sede sempre, amados filhos, ordeiros e pacientes. Lembrai-vos sempre de Jesus e quando vos sentirdes feridos, calai a vossa mágoa. Cumpri escrupulosamente todos os deveres terrenos, a fim de esgotardes vossas dívidas cármicas e não aumentardes o cálice de amarguras, como eu fiz! Para punição minha e daquela que foi minha companheira, vamos ficar separados e também de nossos amados filhos. Nossa vontade é limitada pela força das circunstâncias que criamos! Vigiai pois e orai, a fim de que, não fracassando, possais gozar das venturas que já na terra felicitam a consciência dos justos.

Um soluço vibrou nos ares e, após vi o nosso desditoso pai afastar-se do nosso lar acompanhado dos amigos siderais.

— Anália, pelo que me descreves, possuis uma valiosa faculdade espiritual, idêntica à das pitonisas de Delfos! É uma riqueza maravilhosa a que Deus te concedeu! Se quiseres fazer uso corrente desse dom, poderás espalhar mais benefícios, curas e consolações do que se tivesses de posse de todo o ouro de Creso!

A moça emocionada, soluçava.

— Coragem, minha boa irmãzinha, exclamou Samuel afagando-lhe os cabelos. Isso não é motivo para te entristeceres. Pelo contrário. Graças ao teu dom de profecia, ficamos sabendo desde já que o crime que destruiu o nosso lar teve origem no passado dos que o perpetraram. Isso nos adverte de que precisamos meditar sobre os nossos próprios sentimentos, a fim de que saibamos repelir os maus pendores e possamos praticar sempre o bem. Mais uma vez se verifica na prática que a única diretriz sábia é a que traçou Jesus — farol aceso pelo próprio Onipotente para orientação de todas as almas neste planeta!

— Tens razão, mas porque Ele não me permitiu desenvolver esta faculdade antes, a tempo de prevenir a mamãe do infortúnio que a ameaçava? Confesso que o que mais me flagela o coração é saber que ela foi ao encontro do inescrupuloso Argos. Ela nunca deveria ter atendido ao criminoso convite para uma despedida clandestina...

— É bem verdade o que disseste, Anália! Que essa dolorosa tragédia nos sirva de exemplo salutar até o fim desta existência! Cumpramos sempre, a despeito de todas as desilusões, nossos deveres sociais, morais e cristãos. Antes a sacrifício que a desonra!

— Nunca imaginei, Samuel, que os nossos bondosos pais, sempre ordeiros, ponderados e nobres, se envolvessem em tão deplorável episódio!

— As tragédias da vida, Anália, são sempre inesperadas. Às vezes nos envolvemos num ato dramático contra a nossa própria vontade. O Destino nos parece cruel, mas deve ser baseado na justiça divina e é forçosamente consequência dos nossos próprios atos do passado. Ouvi falar de seres quase angélicos que reencarnam para resgate de faltas cometidas há dez ou vinte mil anos! Animemo-nos, pois. Preparemos desde já o nosso futuro feliz seguindo a trilha que nos mostrou Jesus. Graças a Ele já te encontras bem melhor e doravante, até o remate da nossa vida planetária, havemos de agir com denodo e retidão e, assim procedendo, não teremos motivos para nos lamentar nem arrepender!

Anália escutava admirada as sensatas ponderações de Samuel e interiormente rejubilava-se em possuir um irmão com tais dotes.

No dia seguinte, a jovem levantou-se bem disposta e, à primeira refeição, narrou a Samuel novo caso de vidência ocorrido à noite.

— Ontem, depois da nossa conversa, senti-me melhor e logo que saíste, adormeci. Vi-me perfeitamente a mim mesma deitada, enquanto o meu espírito se levantava. Ao meu lado achava-se a personalidade insinuante de um mancebo de extraordinária beleza. O seu olhar, estranhamente calmo e severo, infundia ao mesmo tempo confiança e respeito. Vestia uma túnica de imaculada alvura, parecendo seda, e me disse:

— Anália, chamo-me Cirinto e sou um dos teus amigos espirituais. Nossas relações datam de um passado milenar. Já foste minha filha, assim como eu fui teu filho. Hoje somos irmãos. Em conformidade com os planos traçados antes da tua descida à carne, inicia-se agora uma nova etapa em tua vida. Trata-se de uma missão de amor e caridade, com cujo desempenho muito deves lucrar, pois extensos benefícios

podes espalhar. Sempre que houver mister, comunicar-me-ei contigo e te orientarei, assim como atenderei aos teus chamados. Desejas alguma informação?

— Venerável mentor, murmurei, meu pai ontem aconselhou-me a não permanecer neste castelo. Podeis confirmar essa recomendação?

— Sim, tomou Cirinto. Não deveis permanecer aqui, porque se assim procederdes, sereis vítima de uma cilada.

— E para onde deveremos ir?

— Ireis para Delfos e sempre que for possível haveis de comparecer às reuniões que lá se efetuam no Templo de Apolo. Ambos possuem aptidões psíquicas de grande utilidade para a prática do bem, mormente Samuel que no passado foi meu discípulo na índia e possui fulgurante inteligência, de irresistível poder de persuasão. Almas trevosas serão encaminhadas até vós, a fim de receberem conselhos e orientação. Até breve!

Samuel ouvia a narrativa de Anália com o máximo interesse. Quando ela terminou, disse:

— Rejubilo-me com a notícia de que também eu desenvolverei o dom de receber os Espíritos Santos. Já há tempos venho sentindo inspirações que não provêm exclusivamente do meu cérebro. Repetirei uma frase que li num livro cristão: "Faça-se no servo a vontade do Senhor". E levantando-se da cadeira, visivelmente inspirado, ergueu com arrebatamento os braços, orando com eloquência:

— Jesus, consolador dos infortunados, eis-nos à disposição das tuas ordens, prontos a executar qualquer tarefa que te dignares confiar-nos em tua seara. Não aspiramos a honra nem felicidade maior do que essa: a de sermos contados entre os teus cooperadores. Compadece-te das nossas imperfeições e aceita a humilde oferenda dos nossos, serviços. Sê nosso Amigo e nosso Pai, substituindo o que o Destino nos tirou. Norteai nossas almas para Deus! Amparai-nos quando vacilarmos. Sede nossa única inspiração!

Mal terminara a invocação, Samuel inteiriçou-se e, de olhos fechados, com o timbre de voz alterado, dirigiu-se à irmã com as seguintes palavras:

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

— Para sempre seja louvado seu santo nome, respondeu Anália prontamente.

— Minha irmã, sou o protetor espiritual do vosso irmão germano. Meu nome é Hermínio Condilalds, e fui vosso avô materno, que aliás não conhecestes. Jesus, cuja doutrina, sempre que tive ensejo ensinei na Academia, designou-me para auxiliar-vos em vossa tarefa. Minha experiência e a possibilidade que ora tenho de ler os pensamentos, me permitem dar-vos conselhos úteis, como já o fiz àquela que vos deu o ser.

— Tiveste ensejo de advertir minha mãezinha do perigo que a ameaçava? inquiriu Anália.

— Sim, preveni-a de tudo o que sucedeu. Dei-lhe as mais paternais orientações; aconselhei-a a fugir ao encontro fatal; avisei-lhe de que aquela era uma hora decisiva para a sua prova e que não comparecesse à despedida oculta. Faltou-lhe porém, forças para vencer a atração de Argos a quem ela desde milênios consagra um amor profundo!

— Pois ela amava a outro homem sem ser o seu marido? Fazia melhor julgamento de minha mãezinha, falou Anália pezarosa.

— Filha, o amor é um sentimento misterioso e invencível. Hoje não há tempo suficiente para relatar tudo quanto ocorreu com a tua progenitora, a quem eu acompanho desde um passado imemorial. Ultimamente, em consequência de reincidências, suas encarnações têm sido penosas. Quer isto dizer que devemos multiplicar esforços por auxiliá-la a vencer o abismo em que caiu. Oremos por ela, que necessita imensamente de amor e carinho. Não te abandones à tristeza depressiva. Jesus, a quem invocaste, te protege. Breve terás ciência de importantes acontecimentos. Teu irmão, que me recebe neste momento, tem faculdades psíquicas e vai terminar cristãmente sua tarefa terrena. Vai ele despertar, agora, para terminar tuas apreensões".

Samuel despertou e vendo sua irmã chorando, e a si mesmo no meio do salão, percebeu que também recebera o dom mediúnico e intimamente elevou um preito de reconhecimento ao Senhor. Dirigiu-se para a irmã e abraçando-a carinhosamente disse:

— Querida Anália, fui inspirado agora para irmos ao salão nobre, onde se acham os retratos de nossos infortunados pais.

Assim dizendo, Samuel encaminhou-se para o local juntamente com a irmã.

Lá chegando, fitaram ao alto os quadros representando seus pais, pintados a óleo por verdadeiros artistas. Ajoelhando-se, murmurou:

— Amados pais, onde estiverdes recebei nosso pensamento de afeto e gratidão, saudade e amor indelével. Depois das tempestades vêm as bonanças. Assim, possamos nós reunirmo-nos todos, um dia, novamente, esquecidos de tudo que não seja o bem e o nosso imenso amor recíproco. Sede sempre nossos protetores. Abençoai-nos.

Depois destes fatos, sentiram-se bastante aliviados e puderam ocupar-se com proveito de outras atividades.

Vários amigos de Plotino, abalados com os acontecimentos, visitaram o Solar de Minerva para transmitir aos jovens enlutados, palavras de conforto e encorajamento.

Mais alguns dias decorreram, após os episódios aqui relatados, sem incidentes dignos de nota. Aos poucos voltava o Solar à normalidade. Outros assuntos, além da tragédia, já ocupavam as conversas, e o tempo, o grande curador, estendia sobre as feridas do passado o bálsamo do esquecimento.

Retiraram-se os professores e os servos dispensados pelo sensato Samuel, que dia a dia firmava a sua autoridade com atos e decisões esclarecidas e acertadas.

***

Quem no plano terreno jamais passou um dia sombrio, assistindo à perda de um ser idolatrado, não poderá avaliar com precisão o que seja o sofrimento de um coração amoroso após o golpe desfechado pela mão impiedosa da morte. Os que padecem essa rude prova, jamais olvidarão os cruéis momentos passados, em que o primeiro gesto da criatura é de revolta contra o destino. Já Ovídio descrevia esse estado de espírito em seus maviosos versos:

Perdoai meu atentado
Mas ao ver os bons morrer

Disposto me sinto a crer
Ser Deus um nome inventado.

Só a confiança cega em Deus pode valer ao coração alanceado, se lhe faltarem os meios de comunicação com os mortos. O Espiritismo, que nada mais é que o cristianismo em sua pureza e simplicidade originais, restabeleceu, entre outras coisas, o intercâmbio entre as esferas, possibilitando o encontro de seres provisoriamente separados pela morte. Por isso Jesus, ao anunciar o advento futuro do Espiritismo, chamou-o de Consolador quando disse: Eu vos enviarei o Consolador, que ficará convosco até a minha volta e restabelecerá as coisas que eu ensinei. Aludia ele assim, também, antecipadamente à deturpação que a sua doutrina viria a sofrer nas mãos da igreja romana. Esforços foram feitos pelo Mestre para deter essa corrupção, entre eles enviando à terra o seu discípulo amado na figura de Francisco de Assis, e Allan Kardec na pessoa de João Huss. Mas o progresso não pôde realizar-se contra a vontade dos homens e o efeito dessas tentativas foi somente minorar os grandes males da impiedade e do mercantilismo católico, que avassalavam o mundo. No tempo em que decorre a nossa história, o recurso à comunicação com o plano invisível era ainda corrente, como fonte de consolações, depois de ter sido reaberta (por Cristo), a porta fechada por Moisés quando proibiu as invocações. Assim, os jovens irmãos Samuel e Anália, apesar do tremendo abalo sofrido em seus frágeis organismos pelo duplo golpe que os atingiu, se refizeram rapidamente e volvendo à realidade, começaram a agir construtivamente, sempre de comum acordo.

Uma tarde, à segunda refeição, disse Samuel:

— Minha irmã, deves varrer da lembrança esses pensamentos tristes que às vezes se apoderam de ti e te fazem, ainda chorar. Nossos pais, onde estiverem, sentir-se-ão aliviados se souberem que estamos enfrentando com galhardia os acontecimentos. Precisamos agora aprontar-nos para deixar esta casa quanto antes e para isso deves ir tomando providências. De minha parte já notifique! a todos os nossos empregados para procurarem outros patrões, uma vez. que novos cortes se tornam imprescindíveis.

— É verdade tudo quanto disseste, meu irmão. Não sei porque, mas às vezes, me domina um estranho desalento. Tenho notado que desde a partida dos professores, os empregados que aqui permanecem estão arredios, fitando-nos. com desconfiança.

— Ainda não observei o que acabas de revelar-me... Amanhã, sendo o último dia do mês, reuni-los-ei no saguão, como nossos pais faziam, e quando lhes for fazer o pagamento, dirigir-lhes-ei coletivamente a palavra para saber se têm alguma queixa de nós. Percebo agora que talvez tenham sido forjadas calúnias contra nós ou nossos esforçados genitores.

No dia seguinte, à tarde, enquanto aguardava a hora em que os servidores deviam comparecer, Samuel e Anália trocavam impressões e confidências.

— Já pensaste, Samuel, no que a humanidade deve a Jesus? Sem o Sermão da Montanha, que prega o perdão e a renúncia e fornece uma nova Lei aos homens, viveríamos ainda sob o império dos deuses impiedosos ou da lei antiga, do olho por olho, dente por dente. Jesus nos forneceu o segredo da felicidade presente e futura.

— É verdade minha irmã, e louvo o acerto da tua observação; mas não penses que a humanidade tenha ficado privada de luz durante tantos séculos. Sempre houve filósofos que ensinaram a verdade em grau adequado à receptividade das nações. Em nossa amada pátria tivemos sábios como Sócrates, Platão, Ariston, que pregaram uma elevada moral, exemplificando-a com o seu procedimento correto até ao sacrifício. Mas, quase todos foram combatidos e perseguidor porque a humanidade emerge lentamente da animalidade para a espiritualidade e detesta os que lhe falam em abdicar dos gozos terrenos. Se Jesus renascesse, novamente os Sumos Sacerdotes o condenariam à morte, pois o que o matou não foi um adversário individual, mas uma classe, ou seja, a maioria dos componentes da sociedade. Não foi por outro motivo que Sócrates foi condenado a beber cicuta e os demais filósofos foram perseguidos e exilados. Entre os judeus se observa o mesmo fenômeno e raros foram os profetas que não morreram apedrejados pela multidão ou degolados pelos tiranos. Roma também teve os seus enviados celestes, nas pessoas de Numa Pompílio, Cícero, e outros. Mas que se pode esperar de uma civilização que nasceu com um rapto e cujo símbolo é um lobo?

— E será sempre assim? perguntou Anália.

— Não, temos uma profecia de Jesus que diz: "Os mansos herdarão a terra". Aos poucos a humanidade irá ascendendo a graus mais elevados e prevê-se o dia em que os bons serão a maioria. Até lá convém que haja dificuldades e sofrimento, pois é por meio deles que os homens se purificam e se elevam. Não devemos temer covardemente a dor. Sem luta não há vitória. Alexandre o Grande, apesar de ter sido discípulo de Aristóteles, morreu, como sabes, vítima do vício da embriaguez, depois de ter vencido todos os adversários menos a si mesmo. Temos aí um exemplo de que o forte é aquele que se domina e não o que domina os demais.

— Samuel, disse Anália mudando de assunto, pois se sentia incapaz de acompanhar o irmão em suas especulações filosóficas, acreditas que mamãe, que sempre foi fiel companheira de papai, amasse realmente Argos Zenóbio?

— Creio, Anália, que mamãe foi apenas amável com ele, querendo talvez evitar algum ato violento do seu admirador. Há pessoas que não sabem ser rudes e nossa mãe era uma delas.

— Tens razão. Às vezes fico pensando se não terei culpas no sucedido, pois o meu dever era ter ficado ao seu lado naquela noite sinistra em que mamãe veio despedir-se de mim. Vendo que eu estava ao seu lado, não teria tido ensejo de ir ao encontro daquele homem fatal. Hoje compreendo que devíamos tê-la melhor amparado desde que fomos à festa. Há situações que não se pode vencer sem amparo de outros corações amigos. Quanto não deve ela ter sofrido para recorrer ao suicídio!

— Sirva-nos os exemplo esse doloroso sucesso, Anália! Quando imaginarmos que nada mais é possível fazer em benefício de nosso semelhante, lembremo-nos de que uma palavra de carinho ou um sorriso de compreensão às vezes podem afastar uma desgraça. Há outro aspecto do drama que requer meditação, é o que diz respeito ao cuidado que devemos ter em nossas relações com os nossos semelhantes. Os árabes dizem com razão que somos donos das palavras que calamos e escravos das que proferimos. Quem sabe se não lhe teria escapado uma promessa, que depois foi forçada a cumprir, de um encontro a sós? Quando unirmos o nosso destino ao de outro ser, procuremos, antes de assumir responsabilidades, sondar-lhe os sentimentos. Talvez ele

a tenha ameaçado de violência se não fosse atendido o seu convite. Neste caso, foi para salvar a nossa vida ou a de nosso pai, que ela se sacrificou. Estava com a saúde irremediavelmente perdida e preferiu arrostar sozinha a morte, para não imolar a família!

— Que nobres pensamentos tiveste, Samuel, em defesa de nossa torturada mãezinha! exclamou Anália sufocada.

Houve alguns momentos de silêncio, com a aproximação de dois servidores que os fitaram de modo estranho.

A conversa porém prosseguiu entre os dois jovens, dizendo Samuel:

— Refletindo sobre as ocorrências, eu conjecturo se Argos Zenóbio não veio disposto a raptá-la caso ela não comparecesse ao encontro. Se o seu propósito era apenas despedir-se, não havia necessidade de fazer-se acompanhar de tantos homens. Acostumado a expedições guerreiras, podia bem ter planejado um assalto ao castelo com o extermínio dos que se opusessem. Neste caso, nossa mãe evitou o mal maior.

— Não o duvido, Samuel, eu também já pensei nisso.

— Agora, minha irmã, façamos silêncio em torno desses dolorosos acontecimentos, guardando todavia, as suas lições.

Os dois irmãos ficaram por momentos em completo mutismo. Depois Samuel continuou:

— Nunca cogitemos de falsear a verdade, de iludir o nosso próximo, nem a nós mesmos. Quem mente e engana o seu semelhante é como o traidor que se disfarça para melhor ferir. Por isso Jesus disse: seja o vosso falar sim sim, não não.

— Prometo que assim o farei sempre, disse Anália.

— Agora, voltemos à realidade. Dize-me porque às vezes ao me dirigires a palavra, mudas de voz e me olhas fixamente como se quisesses devassar os meus pensamentos?

— Meu irmão, desde aquele instante inolvidável, em que fizeste uma vibrante invocação para que eu despertasse de um torpor quase mortal, sinto que se operou

uma grande metamorfose em minha alma e vêm-me ao cérebro inspirações irresistíveis, como se eu estivesse sob a influência de um ser invisível de grande força espiritual.

— É o que eu supunha. Trata-se de teu guia Cirinto, que certamente procura desenvolver as tuas faculdades psíquicas. Pois sabe que esta noite vi como em sonho, um amigo desconhecido, cujas feições me pareciam familiares sem que eu pudesse recordar onde nos conhecêramos. Ante o meu embaraço, sorridente me fitava. Por fim disse: és incapaz de relembrar o lugar onde me conheceste porque tua memória está adstrita ao cérebro de matéria astral, que usas no momento, e que não me pode reconhecer pela simples razão de que o nosso conhecimento data de época anterior à constituição do teu corpo atual. Guardas apenas de forma intuitiva a noção de que sou uma pessoa familiar, mas debalde, procurarias localizar-me entre as tuas lembranças positivas. Chamo-me Hermínio e fomos companheiros de encarnação na índia, onde sob a chefia de Cirinto, trabalhamos juntos em prol do nosso progresso psíquico bem como do de nossos irmãos, que são todos os seres humanos. Exerceste notável e edificante mister na Ásia e fizeste jus a exercê-lo novamente na Europa. Quando chegar a ocasião, tuas faculdades despertarão e desfrutarás de maior lucidez espiritual. Se souberes premunir-te contra o orgulho nos últimos triunfos que te aguardam, atingirás a libertação definitiva dos grilhões terrenos, e à terra só voltarás em missão voluntária.

Anália ouvia-o atentamente. De súbito estremeceu e levantando-se de olhos fechados, aproximou-se de Samuel a quem falou:

— Nossas comunicações se amiudarão. Falo-te agora por intermédio do corpo de tua irmã, estando tu consciente no plano físico, para que conserves perfeita lembrança do que vou dizer-te: vai se operar grande mudança em tua existência e na de tua irmã. Como já vos foi dito, houve outrora ilegalidade na aquisição deste castelo, por parte de um dos vossos antepassados. Dentro de poucos dias virá aqui um dos seus legítimos herdeiros reclamá-lo. Não questiones, para que sejam evitados novos dissabores. Teu pai, no fim da vida, vivia em verdadeira angústia, por ter sido cientificado da verdade sobre a herança. Essa era uma das causas da sua tristeza.

Deves transferir esta propriedade ao referido postulante, que virá em companhia de um irmão. Eles estão premunidos de documentos para, em caso de recusa, causar-vos bastantes pesares. Logo que tenhais cedido o imóvel, partireis para Delfos, como também já vos foi aconselhado. Lá encetareis vida humilde, mas honesta, e por muitos anos podereis viver em paz. Lá também encontrareis as criaturas que serão vossas consorcias de peregrinação terrena. O que desejo é reiterar a recomendação de que estejais prontos para retirar-vos deste castelo mui brevemente. Não tenhais receio. Segui sem hesitar o carreiro do Dever, da Honra, da Fé e da Caridade e contai sempre com a nossa assistência. — Avisa tua irmã, que ora transmite as minhas palavras mas que ao despertar não se lembrará delas, que terá como companheiro de jornada um digno cavalheiro e que nunca olvide o que sucedeu à sua desditosa mãe, pois também ela tem infrações a resgatar e será posta à prova a sua integridade moral. Ela será mãe e terá por missão guiar para Deus o espírito de um ser muito amado, que virá ao plano físico para cumprir uma breve mas dolorosa expiação, em resgate de uma falta clamorosa. Tenha em mente nossa irmã Anália que jamais uma esposa deve manter relações secretas com ninguém — por mais nobres que sejam, seus intuitos! Tende vós ambos sempre presente o que sucedeu à infortunada Emérita, por não ter ouvido os conselhos que lhe foram dados reiteradamente. O sofrimento que fustigou a alma dessa infeliz irmã é indescritível. Deveis fazer irradiações espirituais de paz e harmonia em benefício do seu espírito. Orai também pelo vosso algoz, Argos Zenóbio, cujo sofrimento é digno de compaixão. Procurai adquirir o hábito da oração, não no sentido de pedir favores ilícitos a Deus, mas para pedir forças para as vossas lutas e paz e felicidade para todos os seres, bons e maus. — Ao partirdes, deveis levar convosco os mais fiéis dos vossos servidores: Nereu e sua esposa, que vos consagram afeição paternal. Em Delfos encontrareis outro lar, sem o perigo do isolamento em que viveis, à mercê de adversários ocultos, como os há, neste castelo. A fim de partirdes com a alma serena, sem levardes convosco sementes de remorsos, gratificai compensadoramente todos os que aqui permanecerem.

Podeis levar o que mais vos convier, e que vos pertence legalmente: joias, relicários de família, o dinheiro encontrado no cofre de Plotino. Procedei sempre inatacavelmente e os mensageiros de Jesus estarão ao vosso lado. Adeus. Hermínio.

Anália abriu os olhos e vendo-se em pé percebeu que estivera mediunizada. Samuel transmitiu-lhe pormenorizadamente as palavras de Hermínio e seu coração de donzela exultou diante do prognóstico de que um cavalheiro digno seria o seu príncipe encantado. A essa altura já eram numerosos os servidores que se reuniam no saguão. Samuel e Anália efetuaram os pagamentos devidos a cada um e depois Samuel fez-lhes cientes de que estava cogitando de transferir sua residência para local mais povoado e que, assim, aqueles que possuíssem outros meios de vida fossem tratando de readaptar-se em outro lugar. A seguir indagou se algum dos presentes tinha queixa ou reclamação a apresentar, por serviços ou favores prestados aos seus pais. Como ninguém se manifestasse, disse:

Permiti que vos presenteemos com algumas lembranças. Escolhei neste castelo algo que vos agrade ou de que estejais necessitando e levai para as vossas casas, como recordação nossa. Desde já aceitai estas peças de roupa e de fazenda, que talvez vos sejam de utilidade no inverno que se avizinha.

Samuel e Anália levaram os aldeões a uma sala onde havia grandes armários e abertos estes, distribuíram entre todos, grande quantidade de cobertores, agasalhos, tecidos de lã que ali havia, findo o que, retiraram-se os aquinhoados sobraçando as suas dádivas, muitos deles com lágrimas nos olhos.

***

No dia imediato, tal como fora vaticinado pelo mentor espiritual, apresentaram-se no castelo dois indivíduos que aparentavam ter mais de cinquenta anos, manifestando o desejo de falar ao seu proprietário. Recebidos cortesmente por Samuel, que os convidou a entrar no salão nobre, assim se expressou um deles:

— Eu e meu. irmão Alceu Isócrates Galeno, há muitos meses estávamos concatenando documentos para provar que somos os legítimos herdeiros desta propriedade, de cuja posse fomos espoliados por um dos vossos avós paternos. Obtivemos cópia do processo a que respondeu esse antepassado vosso e bem assim, declarações juradas de antigos moradores deste solar, que comprovam o nosso direito. Antes de intentar a necessária ação perante os tribunais, achamos de bom alvitre propor-vos um acordo amigável: vós nos transferireis este solar como se tivesse havido

uma compra e venda e nós vos indenizaremos das benfeitorias aqui introduzidas pelos vossos genitores. Deste modo evita-se uma longa a custosa questão judiciária, que só pode terminar com a nossa vitória, e vós não saireis prejudicados. Pagaremos imediatamente um terço do valor combinado, ficando o restante para ser resgatado em cinco anos. Se vós e vossa irmã aceitardes esta proposta, faremos perpétuo silêncio em torno dos documentos que conseguimos coligir e cuja divulgação viria manchar desnecessariamente a memória de vossos ascendentes. Caso contrário, tudo será patenteado perante as autoridades, obrigatoriamente. Aqui estão as declarações de dois eminentes jurisconsultos, cujo parecer nos é inteiramente favorável. Agora, meditai e dizei-nos o que resolverdes.

— Cedei-me os documentos que trouxestes, disse Samuel, que os leu atentamente, verificando a procedência das reivindicações formuladas pelos dois reclamantes.

Depois de passá-las às mãos de Anália, que os examinou igualmente, assim falou Samuel:

— Senhores, é possível o acordo. De nossa parte encontrareis a máxima boa vontade para resolver em paz este caso. Tendes alguma proposta concreta a fazer?

— Sim, respondeu Galeno, o mais velho dos irmãos. Dar-vos-emos trinta mil denários, em prestações de dez mil, sendo uma à vista.

— Com vossa licença, disse Samuel, vou mandar servir-vos um refresco enquanto consulto minha irmã sobre a vossa proposta.

Levantaram-se os dois irmãos para providenciar a bebida e nesse interim, confabularam rapidamente sobre a proposta, resolvendo aceitá-la, conforme lhes haviam recomendado os guias espirituais. Instantes depois regressavam com uma bandeja contendo doces e refrescos, o que estabeleceu maior cordialidade entre as partes. A seguir Samuel tomou a palavra:

— Senhores, as provas que apresentastes são concludentes. Eu e minha irmã lamentamos o sucedido, que vos privou durante tanto tempo do uso e o fruto deste imóvel. Em consequência, aceitamos a vossa proposta com uma condição: a de não

recebermos senão os primeiros dez mil denários que nos ofereceis, ficando os restantes vinte mil como justa indenização que vos é devida. Podeis providenciar a lavratura da transferência da propriedade bem como ocupá-la quando o desejardes. Tão logo vos apresenteis, partiremos para sempre deste lugar.

Os dois anciãos retiraram-se satisfeitos e no dia seguinte efetuou-se a transmissão da propriedade perante o notário público, tudo de acordo com o combinado, ficando os irmãos Galeno de ocupá-la tão logo pudessem mudar-se.

À noite, Samuel e Anália refugiaram-se no salão de música, onde costumavam conversar a sós. Lá chegando, mal fechada a porta, Anália transfigurou-se e inspirada pelo seu Guia, assim falou:

— Irmãos em Jesus, eu vos felicito. Agistes muito bem recusando os vinte mil denários que os generosos irmãos Galeno vos ofereceram. Não tenhais receio do futuro, que a Deus pertence! Recebereis sempre as inspirações necessárias para o êxito da vossa missão. Lá para onde norteareis vossos passos, há um templo onde recebereis luminosos conselhos. Agora preparai-vos secretamente para partir.

— Porque secretamente? interrogou Samuel. Estamos em perigo aqui, onde nascemos e temos vivido sem fazer mal a ninguém!

— Sim, meu filho. Tua alma bondosa desconhece a inveja, mas há servidores que se sentem prejudicados porque gratificastes liberalmente os primeiros que foram despedidos enquanto eles só receberam presentes. Os últimos acontecimentos, notadamente a venda do castelo, provocaram o despeito de alguns antigos servidores, que se mancomunaram com adversários de vosso pai, sobre os quais eu desejo guardar reserva. Projetam eles, antes da vossa retirada, contando com a inexperiência de ambos, apoderar-se do cofre que existe no gabinete, onde acreditam existir incalculáveis riquezas! Para isso estão dispostos até a exterminar-vos!

— Estou alarmado com as vossas palavras, meu caro amigo, falou Samuel emocionado. Procurei agradar a todos e fazer justiça dando a cada um mais do que a cifra a que tinha direito. Porque pois nos odeiam a ponto de intentar matar-nos?

— Filho, a inveja é um sentimento satânico do qual só estão livres os espíritos purificados. Há pessoas que odeiam aqueles que lhes fazem benefícios. A falta de reconhecimento chama-se ingratidão. Esse é o proceder da maioria dos seres humanos. Nós mesmos, que vigiamos nossos pensamentos, somos ingratos para com Deus e com Jesus. Quase todos neste planeta, sabem exigir, mas raros os que sabem dar. Poucos conhecem a alegria de retribuir, mesmo com palavras, ou um gesto cortez, um benefício recebido. Lembremo-nos do Mestre de Infinita Bondade: generoso, compassivo, reto, sereno, recebeu da humanidade o flagício, o azorrague, o sarcasmo e a cruz! O pungente drama aqui desenrolado despertou, não a piedade pelas vítimas, mas a cobiça, o desejo de se apoderar das haveres dos herdeiros, julgando-os demasiadamente aquinhoados pela fortuna!

Deveis, pois, fugir aos ocultos adversários que aqui estão agindo sob o influxo maligno de entidades atrasadas, tanto encarnadas como do plano espiritual.

Amanhã, veladamente, encerrareis em arcas o que possuirdes de mais necessário e valioso, sem que ninguém aqui perceba os vossos preparativos. Organizareis a partida na calada da noite de modo que ao alvorecer o dia já vos encontreis longe deste castelo. Adeus e até breve em Delfos! Cirinto.

À noite, Samuel e sua irmã convocaram os fâmulos do castelo e assim lhes disseram:

— A todos vós que nos ouvis, e que nós, desde que abrimos os olhos, nos habituamos a considerar amigos, comunicamos que dentro de três dias partiremos para longínqua região. As recordações pungentes dos derradeiros sucessos magoaram profundamente nossos corações e desde então, tornou-se penosa a nossa permanência neste solar bem amado. Os novos proprietários acederam em utilizar o trabalho de todos os que aqui queiram permanecer, desejando que sejais seus amigos e colaboradores como fostes dos nossos pais.

Nós vos apresentamos pois as nossas amistosas despedidas. A cada um de vós será conferida uma gratificação pelos vossos serviços inestimáveis. A todos as nossas despedidas, talvez eternas!

Emocionados, os servos entreolharam-se e Samuel e Anália abraçaram em despedida um por um, gratificando-os generosamente.

Nessa mesma noite, Samuel avisou Nereu e sua mulher que tivessem tudo pronto para partirem de madrugada sem ser pressentidos pelos empregados que dormiam numa ala do andar térreo. Tendo fechado hermeticamente as janelas, Samuel e Anália silenciosamente acondicionaram roupas, objetos, preciosidades, em malas que Nereu e Samuel iam transportando para uma carruagem oculta nas cercanias. Quando terminaram os preparativos, a noite ia alta e o castelo estava mergulhado em trevas e silêncio. A seguir, os dois homens deram a mão às duas mulheres e descalços, em absoluto mutismo, atravessaram o jardim e ganharam a estrada, lançando um último olhar de adeus ao velho solar onde haviam residido durante tantos anos. Anália soluçava e a seu lado Samuel sentia o coração confrangido. A seguir, subiram no carro que os esperava a regular distância e afastaram-se com a celeridade possível. Não decorrera meia hora de caminho quando perceberam desusado movimento no castelo, que ficara nas alturas. Detendo por um momento a carruagem, ouviram gritos e imprecações que partiam de pessoas que assomavam às janelas com archotes nas mãos e compreenderam que tinha havido um motim entre os servos e que grande era a indignação que lavrava entre os assaltantes ao perceberem que as ricas presas haviam escapado.

Volvamos um instante ao solar. Após a distribuição das gratificações, procedida por Samuel e Anália, vamos encontrar alguns fâmulos reunidos na cavalariça, conversando animadamente.

— Vejam, dizia um deles, a migalha que recebemos depois de uma vida de trabalho e dedicação aos nossos senhores. Façamos justiça pelas nossas próprias mãos! Arrombemos o cofre e apoderemo-nos da quantia a que temos direito, antes que os nossos lindos pássaros batam a plumagem. Bem vistes que eles pretendem partir brevemente. Proponho que seja hoje o assalto. Estejam todos preparados para, às duas horas, lançarmos mão do que é nosso e nos foi negado. É bom virem armados, pois talvez encontremos resistência inesperada. Hipólito os chamará. Agora ide para casa.

Ninguém objetou a essas disposições e cada um se retirou. Por volta de duas horas, ou seja, pouco depois que Samuel e seu pequeno grupo haviam partido, o chefe da conspiração, acompanhado de um grupo de homens amados, dirigiu-se à luz de lampiões, para o gabinete de Plotino. Ao depararem com o cofre aberto e vazio, perceberam que algo havia sucedido. Correram ao quarto de Samuel, cuja porta foi arrombada, e igualmente encontraram-no vazio!

Grande foi a revolta que se apoderou dos invasores ao verem que haviam sido logrados!

Citron, o chefe, encolerizado, assim falou:

— Se me tivessem ouvido, não teria acontecido isto! O que pretendíamos fazer neste momento já o devíamos ter feito desde que foi cedido o Solar aos irmãos Galeno! Não havia mais nada que esperar!

— Paciência, disse um deles. Talvez tenha sido melhor assim. A jovem Anália está gravemente enferma e por esse motivo certamente seu irmão apressou a partida.

— És um bobo, falou Citron. Provavelmente foi Nereu que nos denunciou e preveniu Samuel dos nossos planos. Mas quem teria contado a Nereu?

— Agora é tarde para nos lamentarmos, manifestou outro.

— O traidor precisa pagar! exclamou Citron. Um de nós irá ao encalço desse miserável e o eliminará. Se o nosso plano tivesse vingado, poderíamos partir ao amanhecer para longínqua região, onde cada um iria viver sem a preocupação do dia de amanhã. Agora, foram-se as nossas esperanças de independência! Teremos de ser servos o resto da vida! Maldito Nereu! Encarrego-me de aplicar-lhe a punição merecida. Eu mesmo lhe cortarei a língua!

— Tenhamos calma, Citron, falou Hipólito, pois poderemos executar os mesmos planos com os novos senhores deste solar... Se eles não reconhecerem nossos direitos e não nos indenizarem, faremos com os Galenos o que pretendíamos fazer com os Isócrates que fugiram...

E nesse tom, prosseguiu a conversa.

* * *

Depois do algumas horas de viagem, feitas à luz da lua, que felizmente estava em fase crescente, Samuel e seus companheiros estacionaram em frente a uma humilde casa de pasto, nas vizinhanças de Corinto. O sol já abrira o seu leque de luz no horizonte. Fazia frio e os viajantes desejavam comer algum alimento quente. O estalajadeiro, que nesse momento abria as portas, prontamente os atendeu. Enquanto aguardavam a refeição, trocavam impressões sobre as ocorrências daquela noite memorável. Quem teria sido o cabeça da revolta? Quais os motivos alegados para justificar o ataque? Ou o móvel do crime teria sido pura e simplesmente o roubo? Estas e outras perguntas foram feitas sem que ninguém alvitrasse resposta satisfatória. Baseado nas revelações do guia espiritual, Samuel informou que a inspiradora do assalto havia sido a inveja aliada à ingratidão e que portanto, era escusado procurar uma explicação plausível para o ato dos servidores. E acrescentou:

— Não esqueçamos de agradecer aos bons guias, cujas advertências nos salvaram a vida. A tendência da criatura é olvidar os benefícios recebidos, vigiemos portanto para não incidir no mesmo defeito que criticamos nos outros.

— É verdade, disseram todos. íamos esquecendo de dirigir o nosso pensamento de gratidão às luminosas entidades que abnegadamente nos salvaram. Por aí se vê que também nós ainda estamos muito longe da perfeição...

A seguir, Samuel, que apesar da sua pouca idade, se tornara o mentor do grupo, disse:

— Nereu, estás muito calado desde que partimos. Quero que saibas que não vemos mais em ti um empregado e sim um amigo muito querido. E já que o destino não vos concedeu filhos, peço-te, e à bondosa Diana, que a partir de hoje nos considerem seus filhos. Jesus ensinou que todos os homens são irmãos e que nenhum é mais do que o outro. Em consequência, peço-te que doravante tenhas inteira liberdade conosco.

— Obrigado! respondeu o humilde servidor, todos são irmãos mas uns melhores do que os outros e eu reconheço a superioridade do vosso espírito sobre o meu. Portanto, embora eu e minha companheira desde muito já vos consideremos como filhos, continuarei a tratar-vos com o respeito merecido. Acompanhar-vos-emos aonde

quiserdes ir e enquanto nos quiserdes em vossa companhia. O que mais desejamos é permanecer ao vosso lado até o fim dos nossos dias. Eu, porque gosto muito do senhor, e Diana porque tem loucura por dona Anália.

— Ó meus amigos, disse o jovem comovido, nos momentos de prazer não faltam pessoas que queiram fazer-nos companhia, mas nos momentos difíceis são poucos os que se apresentam... Tu e Diana de modo nenhum sereis mais considerados servos, e sim parentes dignos e respeitados!

— Mais uma vez obrigado, meu caro menino, disse Nereu disfarçando as lágrimas que lhe assomavam aos olhos.

Repentinamente, Anália que se achava abraçada a Diana, teve um estremecimento e retomando a sua posição ereta na cadeira, falou, de olhos fechados:

— Caríssimos irmãos. Prossegui a peregrinação encetada esta noite. Nada receeis; estais sob a proteção de devotados amigos siderais. Tereis hoje e sempre, enquanto cumprirdes escrupulosamente os vossos deveres divinos e humanos, todo o apoio fraternal dos falangiários do bem. Com esta marcha inicia-se a vossa missão. Ao fim de três dias chegareis às proximidades de Delfos, onde encontrareis a habitação que será vosso lar e onde vivereis em paz e harmonia.

Conhecereis duas dignas famílias, onde encontrareis dedicados amigos que já foram vossos consortes em outra vida... Antes do vosso casamento haveis de encontrar alguém cuja amizade será fonte de inexauríveis alegrias para vós ambos. Nada posso dizer por enquanto sobre essa pessoa. De tudo porém, ficareis inteirados com o escoar do tempo.

Ides habitar uma região propícia aos ideais que acalentais: Delfos. Amanhã já avistareis o Monte Parnaso, em cuja encosta fica o templo, singelo na aparência, mas de grande atividade psíquica, que ireis frequentar, em benefício do vosso desenvolvimento espiritual e com proveito para inúmeras almas que a ele recorrem em busca de inspiração e auxílio. Permanecei em paz. Adeus.

Anália despertou e pelo olhar espantado de Nereu e sua esposa, compreendeu que um mensageiro de Jesus fizera ouvir suas sábias palavras.

— Que foi que eu disse? perguntou ela a Samuel.

Este pô-la ao corrente da mensagem recebida por seu intermédio e ficou surpreso ao ver que os dois fiéis servos haviam se ajoelhado junto à mesa.

Fê-los levantar-se e juntos ergueram o pensamento a Deus em sinal de agradecimento pelo auxílio que lhes era prestado de modo tão constante e extraordinário na dolorosa contingência em que se viam.

* * *

Decorridos três dias de viagem, chegaram ao local almejado: Delfos, atualmente chamada Castri e reduzida a ruínas, mas que na época da nossa história era ainda uma bela e pequena cidade da Fócida. Hospedaram-se numa das numerosas "pensões" existentes nos arredores, onde permaneceram até conseguir uma habitação que lhes conviesse, não longe do Templo de Apolo Delfinios, que dava o nome à cidade e cujo símbolo era um delfim. Tudo ocorreu conforme havia previsto o Guia Espiritual por intermédio de Anália. Depois de convenientemente instalados em uma nova e aprazível residência, Samuel convocou os familiares e, reunidos que foram, assim se expressou:

— Amigos, penso que é ocasião de entoarmos loas ao Creador[(2)] pelas graças que temos recebido. Após a catástrofe que sofremos, com a morte de nossos pais, verificou-se a ruína material: perdemos a nossa casa e as terras de que vivíamos. Porém, graças a Deus, com a ajuda dos seus mensageiros, esses dois golpes, que talvez nos houvessem prostrado, foram suportados com coragem e ainda conseguimos escapar indenes a uma cruel tentativa de morte. Possamos nós ser sempre dignos de tão grande proteção. De minha parte tenho a dizer-vos que não ambiciono riquezas, mas servir a Deus e aos meus semelhantes. Em consequência não é razoável esperar que venhamos a ter o conforto que já gozamos e sim que levemos uma vida simples e modesta. Aqui não poderemos ter empregados. Todos são livres e se alguém quiser algum dia retirar-se desta sociedade fraterna para viver mais a seu gosto, faça-o sem constrangimento.

— Senhor Samuel, disse Nereu, não serão necessários empregados. Eu e Diana faremos todo o serviço de casa, pois assim as horas passarão facilmente. Os labores,

não sendo exaustivos, têm a vantagem de fazer o tempo transcorrer mais suavemente do que quando ficamos de braços; cruzados.

— Obrigado Nereu. Viveremos aqui sem luxos nem caprichos, apenas frequentando lares de pessoas de hábitos singelos. Procurarei uma profissão e na primeira oportunidade, passarei a frequentar o templo.

Começaram então aqueles quatro seres a viver pacificamente naquela pequena casa, que possuía um belo pomar e, em frente, um pequeno mas encantador jardim.

Todas as nobres aspirações dos moços foram realizadas dentro de poucos dias. Samuel obteve um emprego de professor primário em casa de um rico negociante local e Anália colocou-se também como professora de música no domicílio de uma família onde havia duas meninas em idade escolar.

Foi então que os dois irmãos, unidos, puderam realizar sua grandiosa aspiração: frequentar o templo onde oficiavam as célebres pitonisas de Delfos, por cujo intermédio entidades espirituais luminosas espalhavam mensagens de admirável sabedoria e amor.

Ao chegarem, causou-lhes admiração a pequenez do templo, que melhor mereceria o nome de santuário, ao qual se chegava por um longo caminho ladeado de estátuas, oferendas, pedras votivas e até monumentos erigidos pelas cidades da Grécia, em sinal de reconhecimento pelos bene- lícios recebidos do "deus" que se fazia ouvir através das sacerdotisas idosas que o serviam. No frontispício via-se a célebre inscrição: ***Conhece-te a ti mesmo***[(3)]. No meio do templo havia um orifício, de onde brotava fumaça de origem vulcânica, e sobre ele uma cadeira de bronze de três pés, onde a pitonisa se sentava em meditação. As origens desse templo um dia serão de conhecimento da humanidade, que ficará sabendo como todos os movimentos de fé são aproveitados pela Hierarquia Oculta do mundo para a prática do bem. Ainda hoje, isso se verifica. Não tendes inúmeros lugares santos onde às vezes se verificam "milagres"? Eu mesmo por ocasião da minha última romagem terrena visitei um desses lugares em busca de melhoras para a minha saúde: Lourdes. Em Meca não se realizam também inúmeros milagres? E o mesmo acorre em vários lugares do mundo.

Na época a que me reporto, apesar de fatores vários que levavam à decadência o famoso santuário, entre eles as guerras e a perda da independência da Grécia, ainda era grande o número de pessoas que vinham consultar o oráculo, formando-se às vezes, por ocasião de peregrinações, extensas filas que desciam a montanha.

Anália e Samuel franquearam as duas colunas do templo e acharam-se diretamente em frente da sacerdotisa que, envolta nos vapores que se evolavam do solo, parecia orar. À aproximação dos jovens a venerável senhora levantou-se com majestade e com voz suave e profunda assim lhes falou:

— Benvindos sejais irmãos queridos, que de longe vestes com santos propósitos altruístas, a fim de cooperar conosco na manutenção desta obra, que tantos benefícios e consolações tem espalhado. Contra ela se acirra cada vez mais o ódio das trevas. Vencestes, com a vossa pureza de intenções, secretos e poderosos adversários dos dois planos. Fostes auxiliados porque mereceis. Agora cabe-vos auxiliar a outrem. Jesus contempla tudo o que ocorre no Planeta das Lágrimas e sua intervenção benfazeja nunca falha. Graças sejam rendidas à Potestade Suprema e a Jesus pela valiosa cooperação que nos vindes prestar. Escolhestes local apropriado para vossa residência, de acordo com as intuições recebidas pela irmã aqui presente, que possui faculdades idênticas às da sacerdotisa por cujo intermédio vos dirijo a palavra.

Aqui vereis decorrer quase dois decênios, em paz e saúde. Após esse tempo, enfrentareis lutas e dificuldades, mas elas vos encontrarão já perfeitamente preparados para vencê-las com galhardia.

Radioso será o fim da vossa existência, embora tenhais os corações repletos de dolorosas recordações. O destino humano é viver e lutar. Rejubilai-vos vós que não temeis a luta, porque uma glória imarcescível vos coroará. O sofrimento passa e a força da alma fica, tudo conforme o traçado do Geometria Suprema, que não se ilude jamais e tudo delineia com maravilhoso acerto. Confiai no Pai mesmo quando tudo pareça desdizer a sua Providência. Quando o mal deixar de atrair-vos totalmente e vossas almas se tornarem puras como o ouro no crisol, desnecessário se terá tornado o sofrimento e conquistareis a felicidade suprema: a Redenção, que vos franqueará o ingresso em esferas sublimes, de beleza indescritível. Segui sempre os ditames da

consciência, meus amigos, e nunca vos arrependereis. Por ora cooperareis nas irradiações de Paz e Perdão que aqui se realizam ao cair do sol, e mais tarde participareis de outros trabalhos em benefício dos que sofrem. Recebei a bênção deste santuário.

Quando a pitonisa concluiu, Samuel e sua irmã foram possuídos por uma extraordinária sensação de paz interior e de amor para com todas as criaturas de Deus, boas e más. Durante largos instantes permaneceram à sombra daquela benfazeja vibração, gozando de um bem-estar tal como nunca haviam sentido e compreenderam que a verdadeira felicidade consiste em harmonizar-se com as vibrações divinas.

* * *

Indelével foi a impressão recebida pelos dois irmãos no famoso templo, cuja grandeza perceberam ser espiritual, diferente portanto, da que estavam acostumados a considerar como tal, e muito louvaram a Jesus pela graça de serem admitidos a cooperar em tão importantes serviços do Bem. Todas as tardes, infalivelmente, compareciam às preces coletivas e participavam dos cânticos erguidos em louvor da Divindade. Anália, em virtude das suas aptidões musicais, integrava com brilho o conjunto coral.

Dentro de pouco tempo estavam relacionados com diversas famílias e gozavam de geral estima. Entre as pessoas com quem travaram amizade, achavam-se os jovens Eurípedes e Eneida Marcial, com quem poucos meses depois, vieram a convolar núpcias. Um acréscimo foi feito à casinha em que residiam, passando a viver todos sob o mesmo teto amigo. Jamais seis pessoas habitaram juntas em tão cordial entendimento e harmonia. Eurípedes, que beirava os vinte e seis anos, dava-se maravilhosamente bem com Samuel, por quem tinha verdadeira admiração. Este, apesar dos seus escassos dezenove anos, era mais alto e do seu todo transpirava uma certa autoridade espontânea que infundia respeito e atração. Por sua vez Eneida, jovem e delicada morena de olhos negros e vivos, era amicíssima de Anália, e todos viviam em suave e perene alegria. Eurípedes possuía uma pequena loja, à beira da estrada que conduzia ao templo, estrada essa chamada via sacra, e expunha à venda recordações, imagens, estatuetas e outros objetos de culto, no que era auxiliado por Eneida.

Uma noite, ao regressarem do Templo, Anália foi tomada pelo seu Guia Cirinto, que assim se expressou com a sua voz serena e profunda.

— Meus irmãos e amigos, tendes sido fiéis ao Mestre bem amado e, cumprindo as determinações que vos foram dadas, viestes para esta região, fértil em dádivas espirituais, a fim de cooperar na manutenção deste posto avançado de espiritualidade, mantido na terra pelo poder de Jesus. Tendes cumprido rigorosamente vossos deveres. Fizestes jus à aliança com outras almas amigas, afeiçoadas de outras eras, que vieram juntar-se a vós sob este teto. Amanhã, quando fordes ao santuário, presenciareis um acontecimento inolvidável. Não vos alarmeis porém, porque tudo o que ocorrer convosco está determinado pelo Alto... Já tivestes um período de ventura e tranquilidade, necessário ao reequilíbrio dos vossos espíritos. Agora, nova fase de trabalhos se abre diante de vós. Recebereis em vosso círculo familiar dois espíritos que já vos foram muito caros num passado recente. Reencarnarão como vossos filhos. Trata-se de mais uma graça que baixa sobre vós. Antes do nascimento de ambos virá um outro ser, frágil na aparência, completar os personagens que constituem o elenco do novo drama tecido pelo Destino com os elementos que lhe forneceis. Não posso revelar-vos maiores detalhes. Somente mais tarde, com o escoar do tempo, compreendereis toda a sabedoria que nos rege e que emana do Juiz Supremo,

As novidades anunciadas pelo bondoso guia encheram de júbilo os corações dos presentes.

No dia imediato, os dois casais, acompanhados de Nereu e esposa, que queriam presenciar o acontecimento anunciado pelo protetor espiritual, dirigiram-se para o Templo. Quando lá chegaram era já grande o número de fiéis que aguardavam o início das irradiações crepusculares.

Dois sacerdotes ladeavam a pitonisa, em profundo recolhimento, enquanto os músicos se agrupavam ao fundo, vestidos de branco. Nenhum rumor se ouvia, permanecendo todos em grande expectativa e recolhimento. A um sinal dado pelo venerável ancião que presidia os trabalhos da noite, o coro suavemente iniciou um mavioso hino, acompanhado pela orquestra, em surdina. Misteriosa paz derramava-se sobre o ambiente, acalmando os corações. Um profundo suspiro sublevou o seio da

pitonisa que se achava sobre a trípode e ela se pôs de pé lentamente. Com os braços erguidos assomou à porta do templo enquanto a multidão se ajoelhava contrita.

— Irmãos bem amados, começou ela a falar, que aqui viestes em busca de um consolo ou um alívio para os vossos males, limpai vossos corações de todo sentimento menos nobre para que possais receber as graças que neste momento chovem do Alto sobre vós. Abri, alargai os vossos corações, expulsai deles o rancor, o ciúme, a inveja, a dureza, e ficareis aptos a receber os benefícios que solicitais. Vejo-vos preocupados com questões atinentes aos vossos interesses materiais, e mui pouco com o que diz respeito aos vossos interesses espirituais, quando deveria ser o contrário. Quereis a saúde do corpo mas eu vos digo que o que está doente é a vossa alma. Curai primeiro as doenças do vosso espírito para que as do corpo desapareçam. Um sofre do estômago mas não quer deixar de comer demais; outro sofre de vertigens mas não deixa de beber; este aninha o ódio no pensamento e não quer sofrer de ulcerações. Não é possível, irmãos. Não podereis servir ao Bem e ao Mal conjuntamente. Onde reina o desequilíbrio e a maldade não há ambiente para a ordem e o bem. Se implorais a benignidade de Deus, começai por aplicá-la ao vosso semelhante. Arrependei-vos sinceramente do mal que praticastes, formai o firme propósito de repará-lo e muito poderá ser feito por vós neste momento. Levantai-vos todos vós e acercai-vos. Amados, ajudai-nos a ajudar-vos. Não é outro o nosso propósito. Nós que habitamos o empíreo de nada mais necessitamos e se até vós baixamos é com o intuito de vos auxiliar. Outro interesse não nos move. Porque tanto empenho em recuperar a saúde e fazer bons negócios se nenhum dos que estão presentes chegará a ver o fim deste século? Porque tanto empenho nesta caça aos bens materiais, que passam rápido, e esse desprezo pelos bens eternos? Só porque não vedes o espírito? Mas duvidais acaso da sua imortalidade? Se duvidais, porque vindes pedir conselhos aos espíritos? Sede coerentes. Não pretendais viver em harmonia com Plutão e Zeus ao mesmo tempo, porque isso é impossível. Não enganareis a Zeus e sim a vós mesmos. As trevas são incompatíveis com a luz. Decidi-vos portanto, definitivamente, entre o Bem ou o Mal.

— Ouvi-me, divino Apolo, falou um dos assistentes, emocionado, eu não me sinto com forças para proceder como vós nos aconselhais, sofrendo calado e indefeso a

injustiça e o ódio dos que me perseguem. Deverei abrir o peito aos que desejam a minha ruína? Não será isso o mesmo que ajudá-los a matar-me?

— Bem sei que é rude a tua prova, meu amigo, respondeu-lhe o invisível Mestre, com bondade, mas assim é preciso que procedas. Digo-te mais que é o único meio que tens de venceres os teus inimigos. Não existindo a morte, não poderás vencer os inimigos sem convencê-los, isto é, sem te reconciliares com eles. Importa que sofras calado todas as injustiças, amando e abençoando os teus perseguidores, que são apenas amigos, pois te auxiliam a resgatar faltas praticadas em outras vidas. Quando não mais tiveres dívidas a pagar, cessará o poder que eles têm de fazer-te dano. Dizes que abrir o coração ao inimigo é suicídio. Entende bem: abrir o coração é ser justo para com o teu inimigo, é amá-lo. Isto que parece difícil é na realidade facílimo. Já experimentaste?

— Confesso que não, murmurou o peregrino reticente.

— Então tenta e verás como não é difícil a primeira oração. Uma vez que perdoas, deixas de ter inimigos. Na realidade, só temos que recear um Poder Invencível: Deus, mas esse é por nós e não contra nós. E se ele é por nós, quem poderá prevalecer contra nós? Habitua-te a confiar na Providência Divina e nada temas: o futuro pertence-te.

A seguir a respeitável Entidade dirigiu-se para a trípode onde se sentou e começou a receber os peregrinos que se ajoelhavam ante ela, alguns carregados pelos seus parentes. Altamente concentrada, apunha-lhes a mão sobre a cabeça e em poucas palavras ditava o conselho necessário, cujo acerto provocava assombro.

Repentinamente ouviu-se um grito: Estou curado! Enxergo! Recuperei a vista! Abençoado sejas Apolo Delfinios! Os circunstantes rodearam o homem que assim falava, o qual, dispensando os serviços de um menino que lhe servia do guia, dirigiu-se sozinho para o centro do salão, arrojando-se aos pés da pitonisa banhado em lágrimas de alegria e reconhecimento.

— Poderoso deus! clamava ele em altas vozes, se bem que eu tenha poucos inimigos, guardava dentro de mim rancor contra os parentes que me abandonaram. O muito sofrimento e as misérias por que tenho passado, abrandaram-me porém o coração e seguindo a tua sábia advertência, perdoei intimamente a todos os culpados,

aos quais desejei as máximas venturas, embora o meu desgraçado ser tivesse que continuar a sofrer todos os martírios do Averno. Pois bom, imediatamente comecei a sentir-me invadido por uma indizível sensação de ternura, que me fez derramar copiosas lágrimas. Ao enxugar os olhos, percebi que enxergava. Arranquei precipitadamente as vendas, que protegiam da poeira e do sol as minhas pupilas mortas, e vi que recobrara o dom precioso da vista! Abençoado sejas!

Ante o prodígio, o coro estacara. Depois, começou a entoar o hino Glória a Orfeu, reservado para tais momentos. Suas claras e jubilosas harmonias elevavam-se ao céu em sinal de gratidão pela graça alcançada. Os assistentes choravam e vários declaravam que se sentiam melhor de suas doenças, finalizando-se assim os trabalhos com incontáveis benefícios espirituais e consequentes reflexos físicos.

Ao regressarem ao lar, Samuel percebeu a aproximação do seu protetor espiritual, e feita a concentração em torno da mesa, manifestou-se Hermínio por seu intermédio dizendo:

— Boa Noite, amigos. Vistes hoje quanto pode o espírito sobre a matéria. Se conseguíssemos manter sempre o elevado nível vibratório hoje verificado, maiores prodígios seriam possíveis. Perseverai na senda que vindes seguindo e os bons resultados não faltarão. Agora dizei-me: estais preparados para receber no vosso meio a um antigo inimigo, que muito mal vos causou, e a amá-lo e tratá-lo como a um irmão?

— Sim, responderam os presentes, a uma voz.

— Então preparai-vos e daí graças a Deus, porque tudo indica que desta vez será conseguida uma reconciliação geral, para o bem comum. Mais um esforço e tereis dado um passo de grande importância para o progresso do grupo de almas a que pertenceis. Exultai amigos e entoai loas ao Doador da Vida pelas grandes oportunidades que vos oferece de acesso aos planos elevados. Agora, trazei material de escrita. Acha-se presente um dos grandes vultos da nossa literatura, cujo nome não estou autorizado a declinar, o qual vos brindará com uma poesia. Permanecei concentrados. Adeus.

Trazidas que foram penas e folhas de papiro, Samuel de olhos fechados escreveu estes versos com rapidez vertiginosa:

VIVER SEM MÊDO

Viver sem medo... aqui, ali, seja onde for,
Entre bons, entre maus, entre A, B ou C,
É uma virtude cristã, de inegável valor;
E prova de que em Deus e em Jesus se crê.

Viver sem medo... é ter, dentro da própria Vida
Uma vida maior, independente e forte;
É não temer a Dor; é ter a alma nutrida
Pelas bênçãos do Amor, que desconhece a Morte.

Viver sem medo... é amar a Luz, a Liberdade;
É amparar o fraco; ajudar o Ignorante;
É melhorar o Mau; é fazer Caridade;
É confraternizar com todos, e ir adiante.

Viver sem medo... é ter compreensão de tudo
Quanto possa levar o homem à Perfeição;
É ante o Erro e o Crime, armar-se com o Escudo
Da Ciência e do Amor, do Bem e da Instrução.

Viver sem medo... é não deixar que o Egoísmo,
A Indisciplina, o Vício, a Ambição e a Vaidade
Continuem a ser o mais tremendo Abismo
Existente entre Deus e a sua Humanidade.

Viver sem medo... é ter um Poder que irradia
Fluidos de Autoridade aos atos mais pueris...
É provar que a Ilusão é apenas Fantasia
E que só a Verdade é que faz o "Eu" feliz.

Viver sem medo... é agir com toda Retidão,
Aprendendo a fazer, dentro da Treva, Lume;
É não dar à Perfídia a honra da Indignação,

Nem sentir dentro da alma o Despeito ou o Ciúme.

Viver sem medo... é ter, ante qualquer Perigo,
Atitude mental suprema; é ter em vista
Que o Ódio pode atacar e ferir o Inimigo,
Mas que, em verdade, só a Bondade o conquista.

Viver sem medo... é crer, com Coragem espartana,
Que a Revolta não resolve o problema da Dor
E que o Equilíbrio e a Paz da sociedade humana
Não se podem basear na Raiva e no Rancor.

Viver sem medo... é crer que a Morte não existe.
Que tudo se transforma, e renova, e enriquece;
É combater o Mal; é jamais ficar Triste;
É ser Justo e Leal, e ter por arma a Prece.

Viver sem medo... é dar Crença e Perseverança
Ao Cérebro imortal; é dar força à Razão;
É acender de vez, cheio de Fé e Esperança,
A luz da Caridade em pleno Coração.

Viver sem medo... enfim, é ter absoluta Certeza
De que a Sombra jamais há de deter a Luz...
É avançar sorrindo, combatendo a Torpeza,
Renunciar ao Mal, carregar sua Cruz!

Finda a psicografia, Eurípedes leu em voz alta os versos que aqui reproduzimos, maravilhando-se todos pela variedade de dons com que vinha sendo cumulada a pequena e fraterna família.

No dia seguinte, como fosse domingo e fizesse tempo esplêndido, resolveram todos dar um passeio de carro até uma cascata existente nas proximidades, entre as belas florestas que outrora cobriam a Fócida, hoje áspera e agreste. O fiel Nereu conduzia a sege e o passeio decorreu em grande alegria dos participantes. Na volta

porém, quando se achavam já na metade do caminho, o céu cobriu-se de nuvens escuras, prenunciando temporal.

— Que faremos? perguntou Samuel ao seu cunhado. Não será melhor procurarmos um abrigo?

— Talvez. Um raio que caia pode assustar os cavalos e precipitar-nos nas escarpas.

— Vamos andando, enquanto pudermos, disse Anália. Não quero perder as preces vespertinas no Templo. Temos recomendações no sentido de só faltarmos em último caso.

Pareceu ser esse o melhor alvitre, e resolveram segui- lo. Tocadas pelo vento forte as árvores balançavam-se, parecendo dizer não a Eolo, que teimava em puxá-las. Dentro em pouco grossas bátegas começaram a cair aqui e ali, e uma forte chuva desabou sobre a terra sedenta. Passo a passo avançavam os excursionistas, procurando um abrigo onde pudessem refugiar-se da intempérie. Os coriscos sulcavam os ares e por vezes Samuel era obrigado a auxiliar Nereu a conter os cavalos, Por felicidade, não demorou muito e acharam à beira do caminho, uma espécie de gruta, formada por gigantescas pedras superpostas. Para ali conduziram a carruagem, em cujo interior todavia permaneceram, porque a proteção da furna era algo precária. As rédeas foram amarradas a uma árvore, que crescia nos interstícios das pedras e todos se dispuseram-se a aguardar pacientemente o fim da procela. A cada raio que caía, Diana persignava-se e murmurava o nome de Jesus.

— Dir-se-ia que ouço o choro de uma criança, falou a esposa de Samuel.

— Deve ser o vento nas árvores, murmurou Nereu apurando o ouvido.

Fez-se maior silêncio e pôde-se perceber realmente o som característico do pranto de criança recém-nascida.

Samuel, apreensivo, disse:

— Vou ver o que é.

E desceu, acompanhado de seu cunhado. Num dos meandros ou corredores naturais formados pelas rochas, viram uma criancinha deitada no chão e no extremo oposto um indivíduo embuçado num manto negro, que fugia.

— Alto! bradaram os dois. Que crime cometeste, covarde?

O desconhecido estacou por momentos e de longe gritou:

— Nenhum! Cumpro ordens! Socorram a criancinha antes que ela morra de frio! e desapareceu em veloz carreira.

Enquanto isso Eurípedes recolhia o infeliz enjeitado, que continuava a chorar energicamente, e o conduzia para o carro. Entregue que foi às mãos diligentes e carinhosas das três mulheres, em poucos minutos teve substituídas as suas roupinhas molhadas por panos secos e reconfortantes. Friccionaram-lhe as perninhas álgidas, arroxeadas de frio.

— Indigno é o ser que ditou uma atrocidade como esta! exclamou Samuel revoltado.

A criança devia ter no máximo dois dias de vida, pois o umbigo ainda se apresentava mal cicatrizado.

— Assim que chegarmos, disse Anália, dar-lhe-ei um pouco de leite quente e amanhã providenciaremos uma ama para o pequenino, cuja vinda para o nosso meio já estava prevista pelos guias.

— Acho bom não esperarmos que a chuva passe. O menino está gelado e urge dar-lhe alimento quente.

Aliás, o temporal amainava visivelmente. A chuva tornara-se fina e só as enxurradas que desciam as encostas inspiravam ainda cuidado. Com cautela puseram-se novamente a caminho e com o atraso de uma hora e pouco, apenas, chegavam em casa. Socorros foram prestados ao infante, que ficou aos cuidados de Diana enquanto a família se dirigia para o templo. Hebe, a pitonisa-mor já se achava na trípode, imersa em profundo recolhimento. Feitas as in vocações aos Poderes Celestiais, pelo dirigente do dia, o coro elevou suas vozes em notas suaves, entoando um hino de paz e adoração

ao Senhor. Antes de finda a oração musical, a venerável matrona ergueu-se incorporada e circundando em torno o olhar velado, murmurou:

— Irmãos caros. Hoje somos poucos, mas o devotamento e a sinceridade suprem o número e nossas vibrações não deixam de produzir os seus efeitos salutares. Não podeis imaginar ainda os prodigiosos efeitos das orações, principalmente coletivas. Deste centro irradiam-se jactos de luz que dissolvem nuvens de trevas, sobre as quais exercem efeito semelhante ao da água sobre o fogo. Perseverai e os louros não deixarão de coroar vossos trabalhos. Falar-vos-ei hoje sobre a necessidade de paciência no lar.

Irmãos, o lar é uma igreja e uma escola, cujo valor nem sempre apercebemos. É um templo, porque o seu recesso é sublime e santo e nele deve-se penetrar com respeito e veneração. É uma escola, porque ali nos aperfeiçoamos e aprendemos. Mas é também uma grande e delicada oficina de trabalho espiritual. O segredo da felicidade num lar é a paciência, a cordura. Nunca deveis levantar a voz. Aprendei a calar quando vos ferirem. Daí o exemplo de mansidão e de serenidade. Aceitai os dissabores domésticos como provas necessárias. Muitas vezes são antigos inimigos que se reúnem sob o mesmo telhado, sob as bênçãos de um esquecimento temporário, a fim de recapitularem antigas lições interrompidas e restabelecerem laços de amor desatados pelas paixões ou pela imprevidência. É claro que na reincidência as penas se agravam. As oportunidades de reajuste tornam-se mais difíceis de serem aproveitadas. Por isso, se não possuirmos muita paciência, ao reencontrarmos os nossos adversários, seremos vencidos pelos impulsos de aversão instintiva. Quantas vezes se ouve dizer numa casa:

— Não tolero mais fulano! Um dos dois tem que sair daqui!

Nunca façais isso! Não alimenteis discussões. Quem consegue a remissão de um ser inclinado ao mal, consegue valiosa vitória, sempre recompensada pelo Creador.

Um conselho amistoso, às vezes, produz maior efeito do que uma chibatada de fogo. Uma palavra serena e piedosa pode desarmar o braço de um facínora, ao passo que a violência gerará a violência e o homicídio.

Alguns dos que se acham presentes acabam de receber em seus braços um antigo adversário, que muito sofrimento já lhes causou. Pois bem, vereis a sapiência das leis celestes que facultam o esquecimento dos agravos e a reconciliação das almas

desavindas. A paciência e o amor transformarão esses adversários em amigos para a eternidade. Confiai em Deus. Não penseis que são injustos os sofrimentos que vos advêm. Sabei que todos vós, em remotas peregrinações, também já muito fizestes sofrer, fostes despóticos, violentos, infligistes padecimentos e injustiças e torturastes os que vos amavam.

— Venerável sacerdotisa, exclamou um dos assististes, a quem certamente tocaram as palavras da entidade. Porquê Deus não me puniu outrora, quando ainda me recordava dos crimes praticados, aplicando a justiça por mais severa que fosse, e não agora, que já estou deslembrado de todas as vilanias perpetradas numa era que se eclipsou da minha mente? Eis porque não me resigno: sofrer pelo que ignoro haver praticado num passado que não se pode investigar!

— Meu amigo: um delinquente que hoje comete um crime, poderá horas após, adormecer profundamente e então esquecerá a perversidade praticada mas, nesse período, deixará de merecer as sanções da lei? Não, certamente. Digo-te mais: se nos lembrássemos de todos os crimes praticados nas inúmeras encarnações passadas, cujo resgate temos que empreender um dia, nenhum de nós poderia dormir ou viver normalmente, como é necessário. Convence-te do seguinte: o esquecimento é um favor que Deus nos faz, em sua infinita misericórdia e não um castigo. Além disso, se não te lembras às vezes nem do que ias dizer, como queres te lembrar de fatos ocorridos há milênios? Estabelecer-se-ia em teu cérebro uma tal confusão que terias de ser recolhido a uma prisão de loucos. Que importa pois, que um indivíduo sofra sem saber porque, se o sofrimento lhe é duplamente benéfico: abrandando-lhe o coração e quitando-lhe as dívidas? Edifiquemos o nosso porvir procedendo ilibadamente no presente. Tenhamos em mente que o adversária da atualidade é o prejudicado de outrora. Por esse motivo surgem nos lares dissidências alarmantes, às vezes entre os próprios pais e filhos. Cedei sempre, mesmo quando tiverdes razão. A quem quiser disputar convosco sobre a propriedade do vosso manto, dai-lhe também a vossa túnica, porque Zeus, que tudo vê, vos dará duas, e o iníquo mais tarde ficará reduzido a farrapos para escarmento. Algum dia, outro disputará a posse das suas roupas e ele, a quem o sofrimento ensinou a tolerância e a bondade, deixá-las-á, por sua vez. Lembrai-vos de que pela paciência possuireis as vossas almas, sereis donos dos vossos destinos.

Quereis saber quanto vale a paciência? Vede os males causados pela falta dela.

E com esta simples frase a vidente encerrou a preleção da noite.

* * *

Ao regressarem ao lar, estavam todos ansiosos para saber como estaria passando o pequeno enjeitado, que ficara aos cuidados de Nereu e Diana. Receavam que se manifestasse alguma febre em consequência da chuva que apanhara, mas felizmente encontraram-no dormindo calmamente em improvisado berço feito por Nereu. Rejubilaram-se com o fato e reunindo-se na sala de jantar para decidir sobre o que fariam, Samuel assim se expressou:

— Meus caros amigos. Precisamos considerar o seguinte: breve nascerão os nossos primogênitos e precisamos desde já prever a situação que se vai criar futuramente entre os nossos filhos e o pequeno enjeitado. Em primeiro lugar acho que devemos dar-lhe também a condição de filho. Fomos informados de que se trata de um antigo inimigo nosso, mas estamos suficientemente esclarecidos sobre o mecanismo da Justiça Divina para lamentar esse fato. Acolhemo-lo como filho e façamos perpetuo silêncio sobre o que sabemos. Estais de acordo?

Todos aprovaram o ponto de vista de Samuel. Eurípedes levantou outra questão:

— Fomos dois a encontrá-lo, mas só pode ser perfilhado por um. Quem o adotará publicamente?

— Tirem a sorte, falou Anália sorrindo.

E assim foi feito, escrevendo-se os nomes de Samuel e Eurípides nos dois lados de pequeno pedaço de pergaminho, o qual foi lançado ao ar. Depois de revolutear, pousou no chão com o nome de Samuel para cima.

— Mas será nosso afilhado, disse Anália.

— Agora, inspirai-nos um nome, disse Samuel.

Proponho o de Argos Políbio, disse Anália.

— Logo o nome do destruidor de vosso lar? perguntou Eneida.

— Justamente por isso, respondeu ela. Será um dos modos de virmos a amar aquele nosso inimigo.

A inesperada lembrança de Anália foi discutida entre os presentes, que afinal acharam procedente o seu ponto de vista, à luz da doutrina cristã de esquecimento de todo agravo, e assim foi chamado o menino.

No dia seguinte, uma ama foi contratada para vir alimentar o menino a horas certas. Tratava-se de uma robusta lavadeira residente nas proximidades, cujo filho, ainda de colo, havia morrido poucos dias antes.

Anália e Eneida por sua vez preparavam-se ativamente para receber seus pimpolhos, cujo nascimento se aproximava a olhos vistos, obrigando ambas a pedirem dispensa das ocupações estranhas ao lar. Não deixaram no entanto de frequentar o templo, onde se amiudavam as mercês divinas, sendo raro o dia em que não se comentava uma cura ou a confirmação de fatos preditos pela pitonisa. Aos domingos pela manhã realizavam-se em casa reuniões para estudo do Evangelho e a comunhão com os santos espíritos em tomo da mesa branca. Conselhos, receituário, aposição de mãos, oram propiciados nessa ocasião. Anália e Samuel tornavam-se dia a dia melhores transmissores, não sendo raras às vezes em que os guias traziam espíritos sofredores para serem doutrinados. As vibrações desses espíritos eram de tal modo pesadas que não permitiam a comunicação direta entre os socorristas do espaço e eles, havendo de mister a incorporação provisória em corpo denso.

Um domingo, pela manhã, após a leitura de um trecho do Evangelho, que foi comentado por todos os presentes, manifestou-se o guia de Anália, Cirinto, que assim falou:

— Caros amigos, estamos satisfeitos convosco. Perseverai neste rumo e tudo vos será facilitado cada vez mais. Não tenhais receio das lutas que o futuro um dia vos fará deparar. Vivei alegremente o dia que passa sem temer o amanhã, que a Deus pertence. Quem vos fala, tem experiência própria. Também eu tive várias existências na terra, em passado não muito remoto. Vivi dramas acerbos, lances amorosos, riqueza e miséria. Por tudo passei: Vidas de resgate e expiação, bem como encarnações calmas, e de pouso. Um dia, raiou para o meu espírito uma oportunidade. Há cerca de mil anos, o

divino Dionisos, que em sua última descida ao planeta conhecestes pelo nome de Jesus, enviou à terra um dos seus anjos, Orfeu, com a missão de preparar a unidade espiritual da Grécia sob a égide da beleza do amor. Foi-me dada a ventura de assistir às suas pregações sublimes, que arrancavam lágrimas dos que as escutavam e descerravam à nossa visão interior as maravilhas do mundo espiritual. Fascinado pela felicidade que me traziam os estados de êxtase que me causavam os discursos de Orfeu, votei-me de corpo e alma à prática do bem e o meu pequeno espírito pôde enfim progredir. Tive ainda encarnações de sofrimento e imolações redentoras, mas tudo concorreu para o saneamento da minha alma, que na derradeira fase já não se lembrava mais de si própria e sim, tão somente, daqueles que sofriam mais que eu e não tinham o conforto de conhecer a verdade. Minha fé adquiriu a consistência de uma rocha inabalável.

Na última prova, já cego das vistas e com o corpo mutilado pela lepra, abandonado pelos filhos, vivi os maiores horrores que é dado ao ser humano experimentar. Mas, ao deixar o casulo físico, meu espírito conheceu momentos de alegria celestial. Milagrosa alteração se verificara: lavada pela lepra, de suas máculas passadas, minha alma apresentava-se branca e leve. Ajoelhei-me chorando, agradecendo a Deus o sofrimento redentor que ele me enviara. Deixei de ser um habitante terrestre para tornar-me trabalhador dos espaços. Mil vezes abençoei todas as torturas físicas e morais que eu experimentara com ânimo sereno. Todo o sofrimento desaparecera, como a borrasca desaparece depois de limpar os ares e regar a terra. Reconhecendo o quanto eu devia a Orfeu. que me apontara a porta estreita que ascende ao empíreo, pedi que me fosse permitido cooperar na sua obra. Esta prossegue, no plano invisível e se reflete, na terra, em iniciativas de vária natureza, tendentes a tornar os homens melhores. Mas o mundo conhecerá ainda um largo período de trevas e violências. Torna-se cada vez mais difícil manter os santuários e as escolas filosóficas onde fazemos ouvir nossas vozes. Os homens vivem ainda em busca do prazer material, e até que aprendam a valorizar os do espírito, decorrerão séculos. Mas isso não importa. Dionisos espera por nós desde a formação do mundo, trabalhando incansavelmente e dia a dia novas almas se libertam das cadeias terrenas e ascendem ao seu trono de luz. Assim, pouco a pouco, os espíritos endurecidos acabarão ficando em minoria e a terra se tornará um paraíso. É a predita Idade de

Ouro. Não vos aflijais portanto, quando virdes a ignorância triunfar. Cumpri com esforço e abnegação as vossas atribuições, pois o futuro é belo e incomparável e não há razão para pessimismo!

Felicito-vos pela escolha do nome do menino, mas ocultai sempre o que ele vos recorda para que a criança não se sinta oprimida.

Este lar não tarda a ser acrescido de mais dois entes humanos que vem à terra em cumprimento de dolorosas e remissoras missões. Amai-os a todos apaixonadamente para serdes dignos do amor de igual natureza que vos dedica Jesus. Esforçai-vos para que as três crianças se estimem fraternalmente. Incuti-lhes, desde o início, hábitos brandos, a tolerância, a cordura, o perdão, para que possam vencer as tendências contrárias que se manifestarão neles com a idade.

Os lares, meus irmãos, são assim constituídos: seres humanos já intensamente relacionados desde o tempo em que suas almas habitavam o reino animal, congregam-se novamente por efeito da Lei do Carma, de modo a virem a conhecer as belezas do amor e a estabelecerem laços que farão felizes. Perdoando-se, e esquecendo as faltas perpetradas uns contra os outros, colaboram por sua mútua evolução e facilitam o seu progresso. Nas famílias onde há disputas e ressentimentos, esse progresso se faz à custa do muito maiores sacrifícios, porque os componentes do grupo, em vez de se auxiliarem, se combatem e dificultam a marcha uns dos outros. Por aí podeis avaliar a importância da tolerância e do perdão. Não haveria felicidade na terra sem esses sentimentos.

Deus, o Juiz Supremo, não exige o resgate imediato das dívidas. Ele sabiamente avalia as possibilidades dos seres o tempera a sua justiça com a sua misericórdia. Todos os viventes têm a eternidade por passado e por futuro. Nenhum crime fica impune, a pedido do próprio criminoso, que deseja libertar-se dos remorsos, como Hércules da túnica de Nesso, sendo este o significado dessa passagem da Mitologia.[4]

Meus irmãos, não tereis descanso enquanto não atingirdes a perfeição moral. Esforçai-vos pois desde logo para vos purificardes. Pesquisai vossos sentimentos recônditos e expulsai os que não forem dignos de um tabernáculo. Sede tão tolerantes com as falhas alheias quanto intransigentes com as vossas. Respeitai sempre o vosso

semelhante; temei-o mesmo, porque ele é filho de um rei poderosíssimo, Deus, que vos tomará justas contas do mal que houverdes feito aos seus princípios bem amados.

Quanto a ti, Samuel, já estás prevenido da missão que te aguarda, elevada mas difícil. Ainda te recordas, como no houvesse ocorrido ontem, a tragédia que vos atingiu em pleno coração. Pois bem, o desditoso que recebestes nos braços, foi o destruidor do vosso lar.

Tereis que lutar contra a animosidade que haverá entre ele e outro ser humano que está prestes a se manifestar nutre vós. A grande oportunidade de vossas vidas está em saber reconciliar esses adversários, a fim de que entre eles surja outro sentimento: o amor sublime e fraternal! Não será fácil consegui-lo, pois a rivalidade é antiga e forte e infelizmente só tem feito crescer. Mas, o poder de Deus é infinito e situações serão criadas para vos auxiliar a obter êxito. Estaremos a vosso lado em todos os momentos difíceis. Se conseguirmos a pacificação, eles se aliarão eternamente, depois de mútuo perdão.

Querido irmão, vós todos que vos congregastes nesta habitação, tereis de exercer grande esforço em prol do pequenino que salvastes e abrigastes. E haveis de salvá-lo novamente! Ele e os que não tardam a emergir no plano material, hão de proporcionar-vos dias de alegria e de lágrimas. Tereis de norteá-los com afeto e dedicação para os mais edificantes Ideais, para a luz eterna da Redenção!

— Mas, disse a esposa de Samuel, a redenção não já nos está assegurada por Jesus Cristo? Se não, porque o chamam de redentor do gênero humano?

— Devo dizer-te, prezada Eneida, que Jesus é realmente o Redentor da Humanidade mas no sentido de que é aquele que torna possível a redenção e indica o caminho que a ela conduz. Sem o Mestre Incomparável, dificilmente o homem acharia por si mesmo a porta estreita que leva à verdadeira liberdade. Ele é o Salvador, na acepção de que permite aos homens salvarem-se de si mesmos, pois mortos estão no pecado e na matéria, assim como prisioneiros dos seus próprios erros e paixões. Deus não deixaria os seus filhos sem um Pastor e um Guia que lhes mostrasse a felicidade eterna. Para a vida do mundo físico acendeu Ele o sol nas alturas, para a vida do mundo espiritual instituiu Ele um sol não menos potente: Jesus Cristo. Somente daqui

a milênios a humanidade saberá tudo o que deve a Jesus. Não fora ele, os homens estariam ainda em plena Idade da Pedra e do canibalismo. O nome de Jesus, meus irmãos, era para ser pronunciado de joelhos e chorando, pela humanidade. E o de Deus era para não ser pronunciado senão nas ocasiões mais santas e solenes e após longa purificação da nossa boca. Mas, a bondade do Pai e de Jesus é infinita. Murmuremos os seus nomes com veneração e carinho, repletos de gratidão, e não estaremos pecando. Adeus. A felicidade vos acompanhe e a Paz permaneça em vosso lar.

A seguir, pela boca de Samuel manifestou-se Hermínio que lhes fez a revelação seguinte:

— Os três infantes que se estão incorporando ao vossa núcleo familiar não permanecerão sempre convosco. Antes de completarem vinte anos ter-se-ão encaminhado para novos setores. Ireis observando os seus sentimentos, a eclosão das suas inclinações, cultuando sempre o que for nobre e coibindo seus maus pendores. Grande deverá ser o vosso esforço, para que nenhum deles se perca. Sabei que só o hábito é mais forte que a natureza. Incuti-lhes pois, bons. hábitos. Com o tempo e a repetição, as coisas difíceis do fazer tornam-se fáceis, do mesmo modo que as fáceis se tornam difíceis. Vede o vício de roer unhas. Para quem. não rói, não roer é a coisa mais fácil do mundo, mas para quem rói, é a mais difícil. Se desde pequenos incutis aos vossos filhos o costume da ordem e do trabalho, serão sempre metódicos e diligentes. Se os deixais de mão, serão sempre relaxados e preguiçosos e jamais triunfarão, nem de si mesmos nem do mundo. Esforçai-vos portanto em educá-los bem desde a primeira infância, formai o caráter deles, nas máximas cristãs e quando chegar a idade em que os seus antigos hábitos deverão se manifestar, sob a forma de pendores, poderão controlá-los mais facilmente. Digo isto porque, no princípio da nova existência planetária, os três serão ligados por sentimentos fraternos, mas com o transcurso dos anos as antigas rivalidades e odiosidades surgirão fatalmente.

Creio que não é preciso recomendar-vos mais nada. Boa noite amigos!

* * *

Argos Políbio contava já três meses de idade, quando foram acrescentados à família mais dois entezinhos: um menino, filho de Samuel e Eneida e uma menina,

filha de Eurípides e Anália. Plotino e Emérita, assim se chamavam os novos moradores, em homenagem aos avós desaparecidos.

Alguns anos transcorreram sem grandes modificações na vida dos nossos personagens, senão que Anália passara a integrar o grupo das pitonisas e Samuel o de grão-mestres do templo. Folheando mais algumas páginas, vamos encontrar os três amiguinhos Argos, Plotino e Emérita, em idade escolar e, no colégio que frequentavam, salientarem-se nos estudos e nos jogos. E assim foram crescendo, estreitamente unidos, a ponto de parecerem a todos, três irmãos carnais. Com o passar do tempo foram-se desenvolvendo as suas mentalidades em sentido algo diferente: Argos era atraído pelo esporte, Plotino pelo estudo, embora brilhassem numa e noutra coisa. Samuel costumava dizer: Argos foi espartano em encarnação passado, e Plotino ateniense. De vez em quando, surgiam disputas entre eles, mas terminavam sempre em reconciliação por intervenção dos pais.

Além disso, havia outra secreta rivalidade entre Argos e Plotino: Emérita, a linda priminha, era quase sempre o pomo de discórdia entre eles.

Todos, porém, educados cristãmente e recebendo instrução esmerada, que abrangia o cultivo dos sentimentos, sabiam refrear seus impulsos e perdoavam-se reciprocamente, e assim atingiram a casa dos dezoito anos de idade.

Um dia, ao amanhecer, Argos manifestou o desejo de ir em companhia de dois colegas, tomar parte em uma excursão marítima, no vizinho Golfo de Corinto. Tendo solicitado prévio consentimento aos pais, convidou para fazer-lhes companhia Plotino, mas este, à hora da partida recusou-se a ir, alegando falta de vontade.

— Não tens vontade de passear de barco?! exclamou Argos admirado. Parece-me antes que não te agrada a minha companhia.

— Não é isso, protestou Plotino. Não leves a mal a minha recusa, mas algo me diz que não devo ir a esse passeio pois, não sei porque, tenho a impressão de que me aconteceria algo desagradável. Aconselho-te até a que consultes o guia de tia Anália sobre esse passeio. Tenho um mau pressentimento!

— Qual o que! disse Argos animoso. Adoro as viagens por mar e agradam-me os perigos que se corre nas vagas enfurecidas e movediças.

— Bem, estamos em completo desacordo, disse Plotino, mas isso não há de ser motivo para discussão entre nós. Cada um fará o que mais lhe aprouver.

Separaram-se então, amistosamente.

Mas a Natureza parecia hostil às diversões marítimas. O céu tornou-se sombrio, no transcurso do dia, e, sem demora, bátegas de chuva violenta fustigavam a terra, torrencialmente.

— Estou ansioso pelo regresso de Argos! falou Samuel, lembrando-se de que o filho adotivo tinha ido com alguns amigos tentar a travessia do Golfo, indo de Lepanto a Patras, ao Norte da Moréa.

Transcorreu o dia em dolorosa expectativa para todos. Anoiteceu. Políbio não regressara ainda. Horas intérminas decorreram com a morosidade própria dos momentos aflitivos. Transcorreu a noite, em dolorosa vigília para os integrantes da família, que amavam sinceramente o jovem.

No dia imediato, entretanto, quase ao entardecer, chegou Argos Políbio, amparado por dois dedicados companheiros, todos eles com os rostos entristecidos. Políbio mal se sustinha em pé, e, o que logo atraiu a atenção de todos os que o viram, havia uma larga atadura do lado direito, comprimindo-lhe o braço.

— Que é que sucedeu a Argos? interrogaram todos, correndo para o seu lado.

— Um deplorável acidente! exclamou um dos que o amparavam, fraternalmente.

— Foi ele vítima de sua audácia ou de uma inolvidável heroicidade! Escutai-me, todos que muito o estimais. Infelizmente há grave fratura do braço.

— Como ocorreu o lamentável acidente? interrogou Eurípides, que também compartilhava da dor que, então, farpeava os corações familiares.

— Houve alguma precipitação de nosso querido companheiro, senhores! exclamou um dos rapazes! A tempestade atingiu-nos, violentamente, mal o barco se aproximou de um ilhéu pedregoso, de difícil acesso. O barco, desarvorado, pois lhe

havíamos colocado uma vela para aumentar a velocidade, era abalado da proa a popa. As vagas, agigantadas, dir-se-iam enfurecidas contra nós, prestes a devorar-nos. Perdemos a serenidade de ânimo e julgávamos haver soado, para nós, os derradeiros instantes de vida.

— Façamos esforços para atingir o ilhéu! exclamou Argos, então, com voz de comando.

Com grande dificuldade, conseguimos dirigir a embarcação para o referido local, inteiramente pedregoso, para ficarmos a salvo, até que nos socorresse algum pescador, como os há, em profusão, naquela zona marítima, porém, os esforços foram tão intensos, que se lhe esgotaram as forças e, quando ele se atirou em um dos lajedos próximos, caiu com a cabeça para baixo e logo submergiu nos vagalhões enfurecidos.

Quando, após ingente luta, conseguimos segurar-lhe as pernas, para retirá-lo do abismo, o braço direito foi de encontro a uma pedra com agudas arestas e ouvimos um estalido, que nos apavorou: o esfacelamento de algum osso.

— Arrastem-me, para cima! Estou perdendo as forças! Salvem-me, amigos, antes que as ondas me devorem! gritava Argos, e, subitamente, após o estalo mencionado, ele exclamou:

— Parece-me que está quebrado o meu braço direito! Não me salvem mais.

Eu e nossos companheiros, aqui presentes, fizemos um esforço sobre-humano para o retirarmos do local do sinistro, conseguindo, finalmente firmar pé numa elevação do rochedo.

Argos, ao perceber sua desdita, tentou arrojar-se aos vagalhões novamente, dizendo com desespero incontido:

— Vou perder o braço direito! Prefiro a morte a ficar deformado! Deixem-me atirar-me dentro das ondas. Deixem-me!

— Enlouqueceste, Argos? Nós havemos de salvar-te, ou morreremos contigo!

— Não! Não! É melhor morrer do que ficar com o braço direito aleijado. Soltem-me!

Nós custamos a contê-lo e lhe falamos:

— Confiemos em Deus e na sua proteção, Argos! Quando chegarmos a Delfos, levar-te-emos a um médico e não perderás o teu braço!

— Não quero! Sei que vou ficar defeituoso!

Custamos a imobilizá-lo em nossas mãos. Quando abrandou a tempestade, debilitados e famintos, tendo desaparecido o barco que alugamos, vimos, com alvoroço, passar perto do ilhéu uma canoa de pescador. Nossos gritos estridentes fizeram os que se encontravam em seu interior, aproximar-se de nós, e, dotados de sentimentos fraternos, abrigaram-nos na frágil embarcação, onde pudemos ser salvos, quando já desesperávamos. E aqui estamos.

Plotino aproximou-se de Argos, e, abraçando-o fraternalmente, com os olhos marejados de lágrimas, disse-lhe, emocionado:.

— Não te lembras do que te disse, antes que partisses para o nefasto passeio?

— Sim, lembrei-me de tuas palavras, muitas vezes.

Ambos choravam, dolorosamente. Todas as providências foram dadas para o tratamento do braço contundido de Argos, mas, tendo permanecido muitas horas sem o indispensável tratamento, foi preciso que lhe amputassem.

A funesta excursão, num frágil barquinho, no canal de Corinto, resultou em sérios dissabores. Logo aos albores da juventude, ficara o moço privado de um dos órgãos mais úteis ao homem. Além do defeito, sentia a alma também fragmentada, pois afeiçoara-se, desde a infância à formosa e loura Emérita, e, desde o fatal sucesso, que o privara do braço direito, ela ficou algo arredia, transferindo as atenções para Plotino que, no entanto, foi um fiel companheiro, pródigo em desvelos para mitigar-lhes as dores e as amarguras.

Era, então, visível a predileção de Emérita pelo primo. Após muitos dias de delírio e dores cruciantes, depois da amputação do braço ofendido, seu estado físico equilibrou-se e ele obteve melhoras reanimadoras, começando a agir. Tinha tido, durante a febre que lhe afogueara o rosto, visões apavorantes; via-se em batalhas renhidas, assaltando lares honestos, fazendo pilhagens, e, por último, pareceu-lhe estar

em um altaneiro castelo, do qual se julgava senhor, e, finalizando as cenas, tomava parte em um duelo, tendo por contendor a Plotino e, ambos, em luta feroz, caíam sem vida sobre o solo ensanguentado.

Quando, após dezenas de dias de padecimentos, entrou em convalescença, tornou-se estranho para a linda Emérita, que começou a votar todas as atenções ao amável primo. Avolumaram-se as mágoas no coração de Argos, que, por vezes, lamentou não ter morrido no acidente.

Nessa época, Samuel e seus bem amados haviam assumido maiores responsabilidades no Templo de Apolo, pois a querida pitonisa Hebe, havia desprendido deste mundo sua lúcida alma. Uma tarde, em palestra com Argos, a quem considerava um verdadeiro filho, ouviu-o dizer, com inexprimível amargura:

— Louco que fui em esforçar-me para não morrer sob as ondas. Que me vale a vida aleijado, sem poder enfrentar as dificuldades de cada dia, nem trabalhar para a manutenção de um lar querido? Ainda prefiro a morte, a viver torturado e sem esperança na vida!

— Não digas loucuras, Argos! aconselhou Samuel, comovido. Não estás cego nem perdeste o senso, as piores enfermidades que existem! Podes ainda ser útil a ti próprio e aos teus, dirigindo uma casa comercial, uma granja, por exemplo. Eu vou me esforçar por fornecer-te a quantia necessária para que tu e teu amigo Plotino possais negociar de sociedade, pois ele pretende desposar a jovem prima, que foi solicitada ontem em casamento, obtendo a resposta desejada de seus tios.

— Pois Plotino já é noivo de Emérita, pai? interpelou Argos, com o timbre de voz alterado pela emoção violenta que sentia.

— Porque te admiraste tanto, meu filho? interrogou Samuel, fitando-o com espanto.

— Porque julguei que se considerassem irmãos e não futuros consortes!

— A afeição que eles se consagram nasceu no berço! respondeu Samuel, que intimamente percebeu o que se passava no coração de Políbio, ao qual procurou consolar.

Argos, porém, estava entristecido, embora seu pai adotivo o concitasse a enfrentar a vida com heroicidade e lhe dissesse, para suavizar-lhe o dissabor de haver sido mutilado:

— Se já houvesses lutado em prol de nossa Pátria, talvez tivesses imolado o braço direito em uma batalha. E, quem sabe? Em vez de um membro decepado talvez perdesses a vida.

— Preferia que assim sucedesse, pai! Que é que me vale estar vivo com a morte em minha alma?

— Tu te iludes, Argos! Ainda poderás ser útil a ti próprio e à humanidade. Põe tua alma em defesa do corpo e luta para Deus, que a vitória será certa e a felicidade, também!

— Perdi a Fé na misericórdia divina! exclamou Argos, com os olhos cintilantes de lágrimas.

— Não blasfemes, meu filho! Se o fizeres, virão novos tormentos.

O enfermo fitou-o, lacrimejante, e teve a impressão de que seu espírito ficaria imerso em desalento até que se lhe consumasse a vida planetária.

Uma noite de apreensões supliciantes sucedeu aquele dia em que Argos soube do projetado casamento dos primos. O aposento em que repousava, à noite, era em conjunto com Plotino, que, quase fronteiriço ao seu leito, dormia placidamente, enquanto ele, em vigília, atormentava-se com a ideia de que talvez, estivesse sonhando com a projetada ventura. Pairava-lhe na mente a imagem da loura e formosa Emérita, de quem, desde que fora atingido pela desventura, depois de crer que ela lhe correspondesse o afeto, tornou-se também arredio. Foi a desventura que o atingira, a causa de haver perdido a formosa companheira de infância que ele sonhara ser sua esposa para toda a vida.

Os pensamentos fervilhavam em sua mente, parecendo conter um Vesúvio no cérebro, que projetava pensamentos comburentes como verdadeiras lavas!

— Vou enlouquecer! disse ele, em seu íntimo, convicto de que iria perder o juízo.

Por diversas vezes pareceu-lhe ouvir estridentes gargalhadas e que alguém, que ele não via, assim expressava os seus pensamentos:

— Não tem mais direito à felicidade! És um mutilado! Tens em perspectiva um futuro de dores, humilhações, misérias.

Perdeste o amor de Emérita, que te correspondia, mas, agora, te despreza e substituiu-te pelo primo, mais venturoso do que tu. Que é que esperas mais na vida? Porque não pões termo à tua desgraça arrojando-te ao mar?

— Não! ouviu Argos, distintamente. Não é a ventura que nos leva ao Céu, à presença de Deus e de Jesus! Não é a vitória nas batalhas sangrentas, a ventura conquistada a poder de violências, de dores alheias que nos conduzem às paragens siderais, único objetivo de todas as criaturas humanas! Só são ditosos os triunfadores do Mal, das injustiças, das dores nobremente suportadas como tivemos o eterno exemplo em Jesus! Não ouças as palavras de um infortunado irmão que quer levar-te ao cárcere do remorso que segue as almas, até depois que se desprendem da matéria. A compunção é o látego divino! Se não tens coragem de contemplar a felicidade de um companheiro de existência, de um irmão pelo Destino, então não te demores mais aqui: foge; foge desventurado Argos! Sim, fugir, à hora do crime, deve ser a escolha de todos os cristãos, e não exterminar os que estão em repouso, adormecidos, sem defesa...

Não queiras enlouquecer de dor e de remorsos, apunhalando os corações amigos dos que te acolheram como verdadeiros pais, salvando-te da morte, do túmulo das trevas. Evita a desventura alheia, buscando o esquecimento de um afeto que, quando atingir a conquista definitiva, vai deixar de existir sobre a Terra.

Se ouvires as palavras de um insensato adversário, serás um dos maiores criminosos e não enlouquecerás para que maior seja a tua tortura moral, o teu tormento espiritual. Eu te aconselho que te ausentes, definitivamente, deste lar, o único que tiveste nos momentos felizes e de padecimentos, mas onde encontraste afeto e pão.

A ventura, sem a paz de consciência, não tem duração, é como um relâmpago, que fulge no firmamento e logo se arroja num abismo desconhecido. A única felicidade deste planeta de Sombras e de Lágrimas, consiste na isenção de culpas, na paz da consciência após o cumprimento austero de todos os deveres morais e cristãos!

Levanta-te e segue-me, desditoso filho! Eu me compadeço de ti e quero levar-te a um local onde serás feliz!

— Feliz, eu? Não escarneçais de minha desdita, amigo invisível.

— Lembras-te da data que transcorre, hoje? tornou a Entidade. Estamos a 25 de Dezembro, dia consagrado a Jesus! Concebeste um crime que, por muito tempo, agravaria a tua situação, por haveres premeditado uma ação condenável justamente na noite que assinala a vinda à Terra do mais fúlgido Emissário divino! Vais erguer-te do leito e seguir-me.

Argos levantou-se, cambaleante, como que dominado por uma força incoercível. Viu reluzir, à sua cabeceira, a lâmina de um punhal, que, desde a véspera ocultara naquele lugar, pensando matar Plotino, o único irmão que lhe foi concedido pelo Destino. Não podendo apunhalá-lo, por estar incapacitado de o fazer, lembrou-se de asfixiar seu companheiro de dormitório. Houve, então, a intervenção bendita do Emissário celeste, que o fez recair sobre o leito, estabelecendo-se o diálogo referido.

Argos, fitou, através das lágrimas que jorravam de seus olhos, o companheiro de todos os instantes e deteve-se no rosto sereno de Plotino, que ressonava tranquilamente.

— Podes dormir porque és ditoso. O desventurado, se adormecesse, seria menos infeliz. Como me consideraria feliz, se ainda pudesse empunhar um punhal para destruir a vida a quem me tomou desventurado! Como era firme a minha destra!

- Não compreendeste ainda que foste justiçado pelos tribunais celestes? ouviu o jovem, no íntimo de sua própria consciência, Seria preferível o suicídio, delito de suma gravidade, ao crime que projetas, pois se o cometeres, apunhalarás diversos corações amigos, ensanguentando um lar que substituiu o que te foi negado para resgate de uma falta gravíssima.

— Eu não posso continuar a viver mais, sentindo-me preterido por quem adorava e, no entanto, tornou-me desgraçado! murmurou o desditoso Argos.

— Podes reagir contra os dois delitos humanos — homicídio e suicídio — tendo a Jesus no coração! A ventura não consiste na realidade de um sonho quimérico, embora

querido, mas, às vezes, na sua renúncia. Não vaciles mais, no caminho da Honra, do Dever e da Justiça! Esforça-te para que saias deste lar bem amado com a consciência imaculada! Foge sem destino que este é, sempre, traçado pelo Geômetra supremo — DEUS — de quem somos filhos e vassalos eternos. Foge!

Serás guiado a um local onde foi acumulado um tesouro de conquista de guerra e, muitas vezes, de pilhagem, mas que poderás tornar lugar bendito, de onde praticarás a caridade cristã e o amparo aos que sofrem!

— Que posso eu fazer com esta dupla miséria — paupérrimo e deformado?

— Verás, quanto a misericórdia divina é grande! Foge deste local, antes que executes os alvitres de um adversário implacável, que te assedia há muito.

— Não! Fugirei depois que estrangular quem roubou a minha ventura, o afeto de Emérita, tornando-me, sempre e sempre, desventurado!

— Resgataste um débito do passado, Argos.

— Como hei de vencer o ódio que explode em meu coração por quem, até há pouco tempo, seria eu capaz de sacrificar a própria vida, e que me tornou o mais infortunado de todos os seres humanos? Como hei de contemplar a sua felicidade ao lado daquela que também começo a execrar?

— Tu ainda não compreendeste que a vida humana de uma era depende da de outra, transcorrida, às vezes, no mesmo local?

— Que alegria, seria a minha, se hoje transformasse em realidade o meu projeto, o de eliminar duas vidas, sendo-me indiferente o resgate em séculos de dores por vindouras!

— Eis porque foi decepado, com antecedência, teu robusto braço, desditoso Argos! Caiu para todo o sempre, o punhal maldito da vingança e da odiosidade, a fim de que não apunhales corações de pais e de irmãos, enodoando a página imaculada da alma onde devias gravar esta excelsa palavra: GRATIDÃO!

É assim que queres resgatar o débito de reconhecimento, por haveres sido abrigado num lar honesto? Não, desditoso Políbio. Varre do teu cérebro tão hediondos pensamentos.

Abençoa o doloroso acidente que te impede de praticar um dos mais horripilantes crimes dentre todos os que já perpetraste...

Tu, Argos, foste o destruidor de muitos lares e, nesta atual existência terás que praticar a caridade...

— Como hei de conseguir o que me alvitrais, se não possuo senão a desdita?

— O Destino, o executor das Leis divinas, tem surpresas que destroem todas as nossas mais profundas meditações.

Seguirás os meus passos; subirás o Calvário das provas e atingirás o Céu da Redenção!

— Parece que vou enlouquecer, bondoso Guia! Esquecestes de que sou pobre e me encontro desesperado, por não poder ferir quem me tornou infortunado?

— Um Emissário celeste não transgride as leis eternas! Esforça-te por destruir em tua alma os ímpetos fratricidas! Vais seguir os meus passos até determinada região, outrora familiar!

Se eu te disser que, depois de atingires o ponto culminado, terás horas de verdadeiro conforto espiritual, talvez duvides. Vais sofrer, a princípio, a nostalgia da falta deste remanso de paz doméstica que desejaste perturbar e enlutar, mas, depois, com a proteção celeste dos Mensageiros de Jesus, olvidarás o passado. Deus te fará Justiça!

— Às vezes. Mestre, penso que Deus é um mito, senão seria patenteada a sua existência em todos os momentos, impedindo o crime...

— Que é que te sucede, neste instante? Não estou a teu lado para que desistas de um crime revoltante? Muitas vezes tal sucede, porque ELE nos concede o livre arbítrio, o discernimento do Bem e do Mal. Somente os loucos não sabem julgar o proceder humano! Se os bons não souberem distinguir o Bem dos atos perversos, não tardarão a cometer algum desatino.

Ele existe, realmente, em nosso íntimo, mormente em nossa consciência, que é um tribunal divino em nosso próprio espírito, para julgar os nossos atos, acusando-nos ou absolvendo-nos; existe na soberana Natureza, na germinação de uma semente que

mais tarde se transforma em folhas, flores e frutos, no esplendor do Firmamento, pontilhado de estrelas e de nebulosas que são mundos em formação! Germinam as plantas no solo e este, quase sempre, não tem sabor nem aroma, nem beleza ou colorido e, no entanto, no transcurso dos dias, ostentam folhagens esmeraldinas, desabrocham flores que encantam pelo colorido e pelo perfume inebriante ou pelo dulçor de um fruto coralino. De onde surgiram o aroma, as belas cores, o sabor melífluo? E caro irmão, que é que existe acima de nossas frontes quando ainda nos achamos na terra? Que é que existe abaixo de nossos pés e no Espaço infinito? Que Geômetra traçará com tanta precisão as elipses, em pleno Espaço, onde vão bailar os astros-sóis fulgurantes e planetas opacos sem jamais se encontrarem, girando suavemente, sem que se ouça o rumor das asas invisíveis? De que substância se origina a luz solar que, existindo há bilhões de anos, ainda não se extinguiu? Quem aciona os astros para se moverem, sempre vitalizados, prestando homenagem ao Soberano do sistema a que pertencem? Como se efetua o equilíbrio dos corpos celestes em pleno Infinito, sem nenhum suporte resistente ou visível? De que substâncias foram forjadas as águas salgadas e insípidas, bem como as areais e a crosta terrestre?

Tudo quanto nossos olhos contemplam acima e abaixo de nossas frontes, não foi produzido pelo homem e revela um Fator prodigioso, inimitável, um artista incomparável!. Podes desmentir estas verdades eternas?

— Não! Não há sobre a Terra quem o possa fazer!

— Pois bem, como pode alguém elucidar o esplendor das alvoradas, ou o dos crepúsculos dos países tropicais? como encontrar a origem dos corpos celestes, que sulcam o Espaço a velocidades vertiginosas, de milhares de quilômetros por segundo, sem produzir o mais leve rumor e dando a impressão de estarem parados?

E, o que existe no Espaço Infinito, existe na Terra, que ainda habitas, onde germinam os cedros e os lírios, cada um com a densidade, a dessemelhança das folhas, das hastes, do aroma. E as aves, minúsculas ou altaneiras como os colibris e as águias que revoam, em vertiginoso adejo, como se fossem acionadas por um motor invisível e extraterreno?

Tudo isso, caro irmão, revela a existência de um Fator inimitável, de poder infinito, o qual se chama — DEUS — do qual tens duvidado e vivido alheio, sempre sonhando venturas, fugazes como a brisa, esquecendo-te dos triunfos siderais, que são eternos e indestrutíveis. Nunca imaginaste a ventura que sente um espírito, quando se libera da força centrípeta, da atração planetária e quase enlouquece, deslumbrado, ao contemplar das Alturas, o espaço infinito, repleto de constelações maravilhosamente belas?

Após alguns momentos de meditação, Argos, com as elucidações recebidas de seus Mentores psíquicos, compreendeu, lucidamente, o que tinha a fazer. Fitou, por instantes, na penumbra do aposento, o vulto de Plotino, no leito, e foi invadido por estranha comoção. Dir-se-ia que, naquele momento, sua alma estava sendo devorada por um câncer de fogo... Pela segunda vez foi tentado a empunhar o fatídico punhal, com a mão esquerda, porém, um abalo terrível vindo do exterior, impulsionou-o da fronte aos pés, sua mão esmoreceu e a arma homicida caiu sobre o soalho. Fitou o irmão de criação e algo de decisivo lhe falou dentro do coração: — "É a última vez, nesta existência, que fitas este rosto amigo".

Reuniu então algumas peças de vestuário, um agasalho, algumas dracmas que encontrou, fez de tudo um embrulho e abriu silenciosamente a porta do aposento. Transpôs o quintal e, do lado direito, escreveu o que lhe tumultuava o coração, sentindo-se dominado por uma poderosa sugestão: — "Deus que vos recompense! Parto sem destino! Adeus. Perdão!"

Ao terminar o que jamais, supusera ter ânimo de mencionar, foi novamente abalado por um soluço incoercível e a mão esquerda e o braço enrijado caíram ao longo do corpo onde pulsava um coração revoltado e proceloso! Ao descerrar o portão que dava acesso para a rua, foi pressentido pelo fiel Fidalgo, o cão doméstico, que veio lamber-lhe as mãos como a dar-lhe as despedidas.

- Como invejo este cão! exclamou Argos entre lábios mal descerrados. Ele gozará dos afagos de Emérita e eu não!

Os primeiros fulgores da alvorada tinham tingido o horizonte de rosas divinas.

Lançou um olhar entristecido à janela do dormitório da formosa prima, murmurando em seu íntimo:

— Adeus, criatura adorada! É a última vez que eu te contemplo!

Sentia, no seu íntimo, o coração soluçando, mas, impulsionado por uma força invencível, partiu para sempre daquele lar querido...

* * *

Um soluço incontido, abalou o peito de Argos Políbio, o, com a mão trêmula, abriu o portão. Com os passos lentos, seguiu em busca da estrada real, sentindo, emocionado, o ressoar das palavras de seu coração revoltado e acusador:

— Meus pais! Reconheço, neste momento, mais do que sempre, de que sois os causadores de todas as minhas desventuras, dos meus mais acerbos tormentos morais! Que as minhas lágrimas e os meus sofrimentos revertam em dores para ambos! Que, jamais, possais fruir um instante de tranquilidade neste mundo de intensos tormentos!

— Não, desventurado Argos, ouviu ele, também no âmago de seu espírito. Foste tu o culpado de tudo quanto tens padecido.

De vez em quando ressoava a seus ouvidos a voz suave de um invisível Protetor espiritual:

— "Vais rever o local onde muitas faltas cometeste! Estás andando como se estivesses seguindo uma rota traçada pelo Destino. Verás, no final da jornada, ressurgir do passado, luminosamente, como se voltasses uma página de tua própria vida planetária, ocorrida há muito tempo, e terás que metamorfosear o teu modo de vida, no carreiro divino do Cristianismo".

2.° PARTE
O SOLAR DE JESUS

Após alguns dias de marcha, sempre se dirigindo para o oriente, aproximou-se do Épiro e, já exausto, desalentado, alimentado escassamente, à mercê das intempéries, dormindo ao relento, aproximou-se de uma região acidentada.

Começou, então, a vencer o aclive, que terminava no alto de uma colina, que descia até o mar. Desvendou, ao alto, um imponente castelo, meio arruinado, que se erguia altaneiro.

— Jesus! exclamou ele, com angústia, eu conheço este local e aquele alcáçar que meus olhos fitam com assombro!

Será um axioma o da sobrevivência e o da transmigração da alma através de corpos sucessivos até o completo triunfo espiritual? Quando, em que época, eu conheci o Solar que acabo de fitar?

Sim, lembro-me de ter vivido nesta região uma existência faustosa e, por vezes, pecaminosa. Como hei de desvendar a verdade que dormita em minha própria alma? Como hei de descobrir o que fui, quais foram os meus crimes? Como hei de proceder para resgatar tudo quanto já fiz nossos semelhantes sofrerem? Foi aqui onde tanto padeci! Qual será o nome deste Solar?

Sem que lhe influísse a própria mente, um influxo sobre-humano, dominando sua vontade, fê-lo cair genuflexo sobre o solo, abalado por emoções estranhas e profundas.

— Deus! Se sois verdadeiramente Pai dos desventurados, compadecei-vos de mim! Concedei-me a certeza de que fui um criminoso e permiti que eu trabalhe para o meu resgate espiritual, tomando-me um consagrado discípulo de Jesus, e vosso extremoso filho!

Misericórdia, Pai! Compadecei-vos deste infortunado que, doravante, quer seguir a trilha do Bem e a da Caridade!

Por momentos, abalado por um tremor nervoso, sempre ajoelhado, Argos murmurou uma prece fervorosa. Ouviu então, em seu íntimo, aquela mesma voz amiga:

"Meu irmão em provas, aproxima-te do local onde viveste e praticaste muitos delitos, muitas transgressões às Leis divinas e sociais! Não te recordas mais desse imponente castelo que teus olhos acabam de contemplar? Não te lembras mais do Solar de Apolo? Não te lembras mais dos festivais ruidosos aqui realizados?"

Possuído de grande tristeza, ergueu-se com dificuldade, do solo e, com o andar mal seguro, começou a subir a colina, parando às vezes, para relembrar detalhes do panorama que lhe parecia familiar.

Um silêncio sepulcral dominava aquela região que parecia abandonada. Subitamente, sem que soubesse quem lhe desfechara um inesperado vigor no corpo amortecido, subiu ele uma extensão apreciável, e, já no ápice da colina, caiu novamente genuflexo, não sabendo discernir se os pensamentos que o assaltavam eram produzidos por seu próprio espírito ou se vinham de algum outro ente intangível, murmurou, com indizível emoção e inflexão dolorosa:

— "Deus! Eis-me certamente no local onde muitos crimes perpetrei, onde projetei a destruição de um lar bendito que foi inundado de lágrimas e de sangue!

Sem recursos financeiros, o braço direito decepado, que vim eu fazer aqui? Que ser monstruoso hei sido para merecer uma tão dolorosa penalidade? Agora, apavora-me o crime e não desejo nunca mais aviltar-me com a prática de alguma transgressão aos códigos celeste ou terrestre. Estou ávido de paz e de progresso espiritual. Só agora sinto em meu espírito a eclosão dos ideais humanitários e redentores. Dai-me a precisa coragem para não fracassar novamente, agora; há agora, em meu coração, ou antes, em minha alma, a convicção plena da sobrevivência da criatura humana, através dos séculos e dos milênios. Quero viver neste castelo, que parece abandonado, para agir de modo contrário, substituindo os festivais, orgíacos pelas preces radiosas! Dai-me a coragem inabalável para conseguir realizar os mais nobres ideais! Concedei-me a força

invencível e excelsa de implantar a Virtude onde imperou o vício. Quero ter por objetivo o Bem e ser discípulo fiel do Mestre amado — Jesus!"

Um soluço embargou-lhe a garganta e lágrimas ardentes surgiram-lhe nos olhos comovidos. Qual se fora um autômato, ergueu-se e encaminhou, seus passos para a entrada do Solar de Apolo, já bastante arruinado. Ao chegar deteve-se, por alguns instantes. Depois resolutamente, bateu no portão central e, após um tempo que lhe pareceu longuíssimo, aguardou que o atendessem.

Nenhum ruído se ouvia no interior, como se a imponente habitação estivesse de há muito abandonada. Com uma coragem que excedia à própria expectativa, bateu de novo, com uma pedra que apanhou no chão e de súbito, a porta foi entreaberta.

Surgiu, então, um ser humano, que já devia ter ultrapassado meio século de existência, de olhos negros e investigadores, dizendo ao recém-chegado:

— Quem ousa penetrar neste Solar, sem prévio consentimento de seu único proprietário?

— Um desventurado sem lar, estropiado de longa peregrinação, mutilado, que é demais sobre a Terra e vive em busca de quem lhe arranque a vida inútil! Um desgraçado que a Morte despreza e o Destino tornou indesejável, sem o braço direito para o trabalho honesto!

— Pois bem, já que Jesus te encaminhou para este castelo quase abandonado, consinto que te sentes neste banco e me relates tua vida, com sinceridade, dizendo-me de onde vieste e o que é que desejas aqui.

— Obrigado, senhor, vossas palavras deram-me novo alento, e ânimo para relatar-vos quanto sou desventurado sem omitir nenhum segredo. Julgo estar diante de um homem honesto e de um verdadeiro cristão, porque não me expulsastes de vossa presença e manifestais boa vontade para com um ser andrajoso e desprezível Estou exausto de fadiga e de sofrer. Temo não poder continuar a peregrinar para atingir outro local. Se não abrísseis esta porta, eu tentaria chegar até aquela muralha para arrojar-me às águas do mar...

— Compreendo que és um pobre e desditoso viandante e não um malfeitor. Vivo aqui só e sem amigos qual se fora um anacoreta, porque receio todos os seres humanos, que se deixam dominar pelo ouro e pela ambição!

Reside comigo apenas uma velhinha, que, quando meus pais morreram, de um desastre marítimo, compadeceu-se de mim e criou-me como se eu fora seu filho. É a única criatura em quem confio e creio em sua afeição maternal por mim!

Aceitai-me, pois, caro senhor, e tereis um filho que não conheceu seus progenitores criminosos, que me abandonaram ao relento, por uma noite procelosa. Juro que serei fiei e hei de auxiliar-vos na defesa deste Solar!

— Antes de dar-te uma resposta definitiva, dize-me: porquê te ajoelhaste ao te aproximares deste local? Estás surpreso? Eu estava oculto no alto da torre que fica ao lado direito.

— Nem eu sei ao certo, senhor, o que pratiquei. Houve um impulso que me dominou e fez-me ajoelhar sobre o solo nas proximidades deste castelo!

Argos lançou um olhar perscrutador investigando o Solar, até onde a vista alcançasse e ao senhor que lhe falava e, por fim, exclamou:

— Não sei o que ocorre comigo, desde que me aproximei deste castelo. Dir-se-ia que não é a primeira vez que aqui venho e indizível é a emoção que se apodera de mim ao contemplar o que me parece já ter visto.

— O que me assombra, também, mancebo, é a semelhança que há entre teu aspecto e o daquele que foi o proprietário dêste Solar — Argos Zenóbio! Que idade tens? Quem sabe se és filho bastardo desse a quem me refiro?

— Tenho apenas dezoito anos e não sei quem foram meus pais, pois fui abandonado numa gruta deserta.

— Argos já morreu há vinte anos. Não me consta que tivesse algum descendente ilegítimo. Como deslindar o problema que ora se nos apresenta? Será uma verdade a doutrina reencarnacionista? Serás o antigo proprietário deste Solar em outra encarnação? É muito misterioso o que ora nos sucede, mancebo!

— Ainda não dissestes como se chama este castelo. Estou ansioso por sabê-lo!

— Chama-se Solar de Apolo! Já conhecias esta região?

— Não! É a primeira vez que viajo! Residia em Delfos. Não sei onde ocorreu o meu nascimento e de onde são meus inconscientes genitores!

— Pareceu-me reconhecer o teu semblante logo que chegaste ao castelo, depois vi que te assemelhavas ao seu antigo possuidor, que, conforme já te disse, chamava-se Argos Zenóbio.

— Confesso que tudo quanto vejo, parece-me haver contemplado antes.

— Deus! Como é que aqui vieste pela vez primeira e julgo reconhecer-te? Parece-me que estou prestes a enlouquecer! Eu também, tenho esse receio. Vamos, porém, voltar à realidade. Vamos relatar o que há de positivo em nossa vida que ora transcorre. Quem sabe se não chegaremos a um resultado positivo sobre nossas próprias vidas atuais?

Eu estou perplexo! Nunca, desde a morte do desditoso Argos, deixei ninguém penetrar neste Solar, a não ser para beneficiar algum desditoso mendigo. Ao ver-te, porém, julguei reconhecer o meu antigo senhor que me entregou o Solar de Apolo no dia em que pretendia partir para o Oriente e despediu todos os seus servidores, menos eu. Partiu, sim, mas para o mundo das Sombras que tão pouco nós conhecemos. Agora, volta mudado! A vida humana tem dessas surpresas! Mas, como te chamas, mancebo? Ainda não me disseste.

— Meu nome. Quem poderá saber qual é? Minha designação, pelo batistério, é Argos Políbio. Foi forjada por meu generoso benfeitor, que me encontrou ao abandono.

— É espantosa mais esta coincidência! E que vieste aqui fazer?

— Vim sem querer, andando ao acaso. Não tenho para onde dirigir os meus passos. Fui dominado por um poder desconhecido desde que concebi um plano sinistro contra um quase irmão. Sim, sou um desgraçado e desejo usar de toda a lealdade para convosco que me não expulsou qual se fora eu um cão leproso, quando descerrastes a porta deste formoso castelo!

* * *

Houve um súbito silêncio entre aqueles dois seres humanos que, sem o suspeitar, acabavam de se reencontrar no plano material.

Ambos fitaram-se com silenciosa surpresa. O que vivia isolado, depois de analisar o aspecto do recém-chegado, murmurou perplexo:

— Parece-me que recuei muitos anos no caminho da vida! Teu rosto e teu aspecto são os do falecido Argos Zenóbio, nos primeiros alvores da juventude, quando nos conhecemos no exército, em momentos angustiosos das campanhas em defesa do torrão natal. Eu não te julgo um estranho, apesar de afirmares que aqui nunca vieste. De onde vens, portanto, mancebo?

— Eu já vos revelei a pungente realidade, desde o momento em que aqui penetrei! Sou um filho bastardo exposto numa gruta isolada, à beira da estrada, pouco distante do Gôlfo de Corinto e da cidade de Delfos. Fui acolhido e protegido por criaturas cristãs, cuja identidade vou revelar-vos.

Por um dever de lealdade, Argos mencionou os nomes, a situação, a procedência de seus protetores e o motivo que o fez abandonar o domicílio — o único que considerava seu neste Mundo das Lágrimas e dos sofrimentos acerbos.

— Meu plano, senhor, continuou Argos, era o de vingar-me, exterminando quem me tornou desditoso, e, após, arrojar-me ao mar. Porque não o fiz? Vou confessar a verdade: desde que me tomei infortunado, percebo que tenho a meu lado, incessantemente, um amigo desconhecido, que me inspira o que hei de fazer, livrando-me dos crimes e dos sofrimentos porvindouros! Tenho-me sentido amparado por um Mentor sideral, o mesmo que me inspirou a dobrar os joelhos e orar, quando me aproximei deste alcáçar que eu não considero desconhecido! Parece, às vezes, que estou enlouquecendo, pois julgo ver o vulto de um egípcio ao meu lado. Agora acho-me ao vosso dispor: podeis acolher-me e; eu vos tratarei, desde então, como se fôsseis meu verdadeiro progenitor ou apunhalar-me, e eu morrerei abençoando o vosso gesto!

O que não desejo é continuar a ser desventurado, sem procedência conhecida, sem poder enfrentar a vida por intermédio do labor honesto, pois o meu braço direito, o essencial para a aquisição do alimento para nosso mísero organismo, foi decepado pelo alfanje da Fatalidade. Senhor, estou ao alcance de vossas mãos justiceiras! Não

carrego nenhuma arma, nada que possa ocasionar-vos algum dissabor. Estamos sozinhos. Deveis possuir valores monetários, sempre em depósito nos solares antigos. Se duvidais de minha lealdade, eu vou ajoelhar-me para que me possais exterminar mais facilmente. Tenho um monte de bronze a oprimir meu peito. Eu pretendia, ao subir o aclive que fica próximo do despenhadeiro em que construíram este Solar, arrojar-me às ondas, terminando o meu inconsolável martírio moral.

Assim falando, Argos começou a soluçar. O misterioso anacoreta fixou-o compadecido e respondeu-lhe, levando sua destra ao ombro esquerdo do jovem infortunado e dizendo- lhe, enternecido:

— Tenho vivido isolado, pois deixei de crer na sinceridade humana, mas, pela primeira vez, após vinte anos de degredo voluntário, não duvido do que me disseste e me compadeci do tuas desditas. Quem sabe se não poderemos aliar-nos em nome do Jesus?

O mundo é perverso justamente para com aqueles que mais necessitam do seu amparo, de sua proteção. Nunca abri a minha alma, desde que me tornei desventurado, mas, a ti, desejo elucidar porque vivi isolado, ao abandono, como se estivesse em uma enxovia, ou no degredo de uma ilha afastada, e com o coração inundado de dor infinda. Desde que te ajoelhaste ao começar a ascenção da colina encimada por este castelo, uma íntima intuição me advertiu de que tens necessidade de meu amparo, de algum conforto espiritual que eu te possa proporcionar para mitigar a grande dor que ora te domina! Vou agora aproveitar o ensejo para te por ao corrente de minha vida passada, pois, a atual, tu a compreendeste, desde que te abri esta porta.

— Escutar-vos-ei, senhor, com o máximo interesse e atenção.

— Senta-te a meu lado e escuta o que te vou relatar. Desde os primeiros anos de juventude, enamorei-me de uma bela e bondosa camponesa, com a qual me consorciei; assim fui nomeado mordomo deste Solar, sendo grandemente prestigiado com a afeição do senhor a quem servia, o qual me conhecera em combate, trazendo-me em sua companhia, mal terminada a peleja. Como era eu o dirigente dos que aqui trabalhavam, estando Argos, durante anos, em peregrinações pelo Oriente, angariei a confiança absoluta daquele grande e inolvidável amigo.

Eu, sempre escrupuloso e probo, prestava-lhe minuciosas contas de tudo quanto ele me encarregava de fazer, de todas as ocorrências sucedidas durante sua ausência. Assim vivemos, na mais integral harmonia, durante alguns anos. Tendo eu contraído núpcias com a minha querida Helena, já aguardava o nascimento de nosso primogênito, quando Argos, contra o conselho do seu médico que aqui vivia, deliberou viajar novamente para o Oriente, entregando-me a direção deste castelo e a de todos os negócios referentes ao mesmo, pois pretendia permanecer, por muito tempo, em longínquos países. Só depois soube quais eram suas pretensões: partir, às ocultas, com a esposa de um amigo até que, decorridos os anos, pudessem regressar à Pátria, da qual era ele valoroso defensor.

Todos os seus planos foram descobertos pelo marido daquela com quem ia fugir e ambos, empenhados em luta apavorante, perderam a vida! Argos Zenóbio tinha-me feito entrega de um valioso documento, legalizado perante as autoridades competentes, constando no mesmo que, se não voltasse mais da projetada viagem, ou morresse, o Solar de Apolo ficaria sendo de minha propriedade. O médico egípcio, que Argos havia trazido de Alexandria, como se previsse o triste fim da expedição, recusara-se a acompanhá-lo e desapareceu para sempre, com grande pesar meu, que o estimava muito.

Quando se desencadeou a série de sinistros sucessos já relatados, houve como que o desmoronar deste Solar e de todos os meus planos de felicidade! Quando Argos Zenóbio morreu, tragicamente, do que dei a conhecer aos restantes companheiros de serviço, que aqui ficaram, depois das homenagens prestadas ao infortunado castelão, subitamente, sabendo os serviçais que eu estava ausente, para legalizar a posse do castelo, revoltaram-se e agrediram covardemente a minha indefesa Helena, fugindo em seguida para região ignorada, carregando todos os valores que encontraram, bradando enfurecidos:

— Este Solar devia ser de todos nós e não de um só, exclusivamente! Não queremos ser servos de outro, que não merecia tal!

Só escapou, ilesa, minha fiel e bondosa mãe, que segue meus passos desde que vim a este mundo de traições e de dores. Ela, ao ouvir os primeiros gritos dos

amotinados, ocultou-se em um dos subterrâneos do castelo e, quando eu regressei ao lar semidestruído, apareceu-me, pranteando nossa desdita. Já, então, havia exalado o derradeiro alento minha adorada esposa e, com ela, nosso esperado filhinho nascituro. Quis dar fim aos meus dias, em momentos de tremenda desilusão, mas eu me contive, ao ver o pranto e o desespero de minha mãe adotiva. Dizia-me ela, enxugando lágrimas sinceras:

— Se aqui estivesses, meu filho, terias sido estrangulado! Os servos estavam enfurecidos contra Argos por te haver concedido este Solar, como único herdeiro. Nunca me esquecerei daqueles pavorosos instantes! Imagina o quanto a pobre Helena padeceu!

— Como poderei encontrá-los para tirar uma desforra? inquiri eu, soluçando.

— Foram eles para muito longe e deves esquecer o que aqui se passou, depois de dares conhecimento de tudo o que ocorreu às autoridades. Deus, unicamente, fará a merecida Justiça!

Quase enlouqueci, ao verificar que a minha fiel companheira de existência fora morta e supliciada, sem haver praticado nenhum delito!

Os cruéis adversários, invejosos de nossa felicidade, haviam-na espancado barbaramente. No estado em que se encontrava, devia ter perdido a vida em dores horrendas.

Todos os agressores fugiram, conduzindo objetos artísticos, de valor inestimável, metais preciosos, deixando este Solar devastado, como vais ter ensejo de constatar. Fiquei neste isolamento, depois de terem vindo, aqui, as autoridades competentes, e, esperando morrer em breve tempo, também fiz um testamento, consagrando tudo àquela que me tem amparado desde que vim a este planeta de acerbos padecimentos! A opulência pode dar felicidade e alegria, quando a consciência está serena, aos entes queridos a nosso lado, com saúde e podendo desfrutar as regalias que o ouro concede aos que o possuem, mas, quando os seres amigos baixam ao túmulo, quando os supostos amigos supliciam os nossos corações, as moedas tornam-se inúteis e o milionário (tal o sou há vinte anos!) seria mais ditoso se não tivesse a carregar o peso desta desgraça e vivesse pelas estradas, esmolando aos viandantes.

— Lamento tudo quanto tendes padecido, senhor, e juro-vos, por Jesus, que me esforçarei para suavizar-vos as penosas recordações! Neste momento, o amigo que me inspira e guia meus passos, o qual alvitrou que viesse a vossa presença, segreda-me que ainda seremos felizes, antes de abandonar esta vida acidentada.

— Como o conseguiremos? Só espero o supremo remate desta dolorosa existência...

— Eu agradeço me haverdes confiado todos os vossos padecimentos, e, desde, este momento, tudo farei para ser vosso filho (aquele que não conhecestes!) e, sobretudo, vosso defensor. Haveis de permitir que façamos alguns reparos neste Solar, cultivando a horta e o pomar que estão em completo abandono, conforme verifiquei.

— Poderás fazê-lo, porque és jovem e tens esperança na vida. Eu te auxiliarei a trabalhar, pois já me sinto mais animoso.

— Trabalharemos em conjunto e as horas serão menos, amargas.

— É o momento da primeira refeição. Vamos entrar para que conheças a cara Fabiana!

— Como é surpreendente o destino humano! exclamou o jovem, fitando a quem o estava tratando paternalmente. É impossível não existir um supremo ser para traçar nossa sina, desde o seu primeiro instante!

Todo o futuro encerra, sempre, o prosseguimento do passado, com as consequências dos crimes ou das virtudes de cada ente humano eis o que tenho pensado muitas vezes...

Devo, agora, dizer-vos que sou sincero e amo a verdade e, se permitirdes que eu aqui permaneça, haveis de consentir que seja vosso companheiro e defensor de vossos direitos.

Argos começou então a relatar, pormenorizadamente, as peripécias de sua triste vida.

Ao pronunciar os nomes de seus protetores, Flávio interpelou-o, com a voz alterada:

— Nunca ouviste alguém fazer referências a este castelo?

— Sim, mas, como julgava nunca vir a conhecê-lo, não havia prestado a devida atenção! Agora me recordo de que, em palestra às vezes faziam referências ao senhor primitivo deste castelo, mas sem o amaldiçoarem. Todavia, percebi que algo trágico havia ocorrido neste local!

— Nada te revelaram da vida elegante e arriscada de Argos Zenóbio?

— Sim, mas sem lhe atribuírem as desventuras que atingiram o seu lar.

— Nobres almas! Vou pôr-te ao corrente dos tristes sucessos que ocorreram.

Flávio Genésio, o senhor de Apolo, narrou então com fidelidade todos os episódios que culminaram com a morte violenta de Argos Zenóbio e Plotino Isócrates e a ruína das respectivas casas. Zenóbio, revelou também, era ao que dizem, filho bastardo e a fortuna que conseguiu, nem sempre licitamente, lhe dera maior renome social. Foi sua desventura motivada pela paixão indômita que consagrara à progenitora de teus benfeitores. Eis a verdade integral. Suspeitei que aqui viesses sondar o antigo sucesso que infelicitou o lar de Plotino.

Vou pôr-te ao corrente de tudo quanto tem ocorrido, aqui, desde que me tornei auxiliar de Argos Zenóbio e, após sua morte, substituto legal de tudo quanto lhe pertencia. Desempenharemos o restante da tarefa, como Jesus nos inspirar. Poderás ser um leal companheiro c receber condigna recompensa se fores meu digno auxiliai!

— Tudo farei para merecer vossa confiança, caro senhor! exclamou o jovem, emocionado. Detesto a traição e, assim pensando, foi que deliberei a minha fuga porque, inspirado pelos sublimes Mentores siderais, percebi que se pusesse em execução o que vibrava em meu coração, eu seria o mais repelente dos traidores, pois infelicitaria o lar dos que me acolheram carinhosamente e trataram como se fora eu um de seus filhos cornais.

— Louvo muito o teu proceder, mancebo! Sou eu, desde a tragédia provocada pelo proceder ilícito de Argos Zenóbio, ao qual devo tudo o que possuo e ao qual serei grato, até o extremo alento desta existência, um sincero guarda deste Solar, um anacoreta exausto de silêncio e de não ter a quem transmitir os pensamentos

aguardando, apenas, a Morte, para me libertar e reunir-me à saudosa esposa e ao filhinho que não cheguei a conhecer!

Raramente saio deste castelo. Apenas poucas vezes durante um ano, dirijo-me a Corinto, para adquirir víveres e roupa, pois aqui todos me fitam como se já fora um fantasma, sorriem ao ver-me passar, e, por isso, prefiro ir fazer compras mais longe.

És mais ditoso do que eu, porque percebes as vozes silenciosas dos Mentores siderais! Aqui, só percebo rumores, quedas de móveis como se o castelo estivesse sendo invadido, novamente, pelos agressores que me tornaram desditoso justamente à hora em que podia ter sido feliz. Se não fora a dedicada Fabiana, minha mãe de criação, eu já teria posto fim ao meu martírio inenarrável.

***

Subitamente, ouvindo o senhor do Solar de Apolo, Argos Políbio inteiriçou-se e, com o rosto lívido, a voz diferente, exclamou:

— Bondoso irmão, eu vos agradeço não haverdes repelido de vosso lar o vosso mais sincero amigo de uma finda romagem planetária, reconhecendo-o pela voz e pelo aspecto e não podeis calcular a nobreza de vosso proceder, pois que evitastes o termo de uma útil existência, como ainda tereis ensejo de verificar. Convencei-vos de que este longo degredo voluntário que sofrestes, teve sua origem num passado acidentado, quando, após a perpetração de um homicídio, fugistes de um cárcere, e conseguistes ficar impune até o fim dos vossos dias.

Porque fostes atingido pela desdita à hora em que esperáveis a ventura? Porque assassinastes o esposo de uma linda jovem e destruístes um lar até então ditoso, e, quando supúnheis fugir com aquela que amáveis, fostes encarcerado, e ela se suicidou premida pelo remorso do ato indigno com o qual pactuou, deixando no lar abandonado um filhinho que morreu de uma queda, mal o havia abandonado sua mãe desnaturada. O filho que aguardáveis, e perdeu a vida antes de abrir os olhos à luz do Sol foi um de vossos cúmplices e causador da morte da criança. Vede pois, caro irmão, que, às vezes, uma súbita desventura, um fracasso inconsolável na vida representa uma justa punição e um resgate necessário. Muito sofrestes, porém, após a tragédia aqui desenrolada há vinte anos, pena a que fostes, condenado outrora e conseguistes

isentar-vos, por isso, nesta existência que transcorre, vós ficastes voluntariamente degredado, a fim de que seja reconquistada a felicidade desfeita em uma distante romagem planetária.

Este que ora recebe as orientações dos Emissários siderais, não é um estranho, mas um companheiro de lutas, que muito vos havia prejudicado, e, então, em finda existência, foi generoso convosco, doando este Solar ao antigo espoliado, mas, que, por motivos justos, ainda não conquistou a sonhada ventura, mas que ainda será uma realidade no porvir. Ides, agora, com o amigo que veio comparticipar de vosso degredo, para dar-lhe um limite, e, ambos, desde este momento, têm de trabalhar em conjunto, conseguindo a ventura espiritual, que é mais valiosa que a material.

Para que sejam acatadas as minhas palavras, prometo, para amanhã, uma grandiosa surpresa, um entontecedor sucesso que mudará o rumo de vossas vidas planetárias. Este jovem, que ora transmite os meus alvitres, possui faculdades semelhantes às dos oráculos, por ele solicitada antes de encarnar para praticar o Bem em grande escala, e, não fracassar na jornada terrena, para remissão de seus delitos do passado.

Ambos vão desempenhar uma excelsa e inesquecível missão espiritual que, levada a efeito com escrúpulo, resultará em plena remissão para ambos pois, a reparação do Mal cometido só poderá ser efetuada pela prática do Bem em larga escala, como tem sido realizado por vários benfeitores da humanidade. Não lhe reveleis, por enquanto, o que estais escutando, para que não seja ele sugestionado, e possa praticar a generosidade sem esperança de recompensa, mas, que, no entanto, poderá ser compensada pelo Juiz Supremo. Sereis, doravante, verdadeiros discípulos de Jesus".

.....

Quando recobrou a consciência, Argos interrogou ao que estava a seu lado:

— Dizei-me o que me sucedeu, senhor, pois tive uma tontura e perdi os sentidos. Julguei que ia morrer!

— Nada de assustador, meu caro, ao contrário, por teu intermédio, um Mensageiro sideral, o que te ampara nas horas pungentes da vida, deu-me preciosos

conselhos, os quais, no transcurso dos dias, havemos de executar. Ignorava que tivesses uma faculdade semelhante a que possuem os oráculos do Templo de Apolo, em Delfos.

— Ao qual já compareci muitas vezes, em companhia dos meus pais adotivos.

— O Mensageiro celeste, por teu intermédio, fez-me uma promessa valiosa, para amanhã, e, se tal suceder eu ficarei convicto da verdade do que me foi revelado.

Parece tudo fantástico o que está ocorrendo neste Solar, meu caro mancebo! A humanidade devia refletir, com maior interesse, sobre os problemas que constituem o destino de todos os seres que existem neste planeta. Eu, desde que me isolei, neste remanso de paz, afastando-me dos importunos, dos falsos amigos, tornei-me excessivamente desconfiado e, ainda não sei elucidar o que ocorreu comigo, quando consenti que penetrasses neste castelo. Confesso, porém, que dois motivos influíram em meus sentimentos: a semelhança dos teus traços com os do mais caro amigo que tive nesta existência, e a prece que fizeste, ao te aproximares deste Solar.

Políbio e o senhor do alcáçar, desde aqueles instantes, tornaram-se muito amigos e entraram em detalhes circunstanciados a respeito dos sucessos, do passado, de tudo quanto lhes ocorrera até a era em que se encontraram, percebendo que o Destino humano não é forjado pelos homens mas por uma intervenção extraterrena.

— Vamos, de hoje para o futuro, disse Flávio, agir de comum acordo, como se fôssemos pai e filho.

— Nada farei em desacordo com a vossa vontade, senhor, pois reconheço que algum laço indissolúvel liga os nossos espíritos! Só não cumprirei vossas determinações se me obrigardes a empunhar alguma arma homicida a não ser em legítima defesa deste lar e dos que o constituem.

— Não sei qual dos dois está possuído de mais nobres sentimentos: eu ou tu, rapaz! Bem, deixemo-nos de divagações e tem onde costuma estar aquela que tem sido minha melhor é mais sincera amiga! minha piedosa Fabiana, que me criou e educou com sacrifícios inauditos! Quero que a conheças e a consideres, qual se fora minha própria mãe.

— Interessante a nossa situação, senhor. Foi constituída uma família de três seres que não têm o menor parentesco uns com os outros.

— É a verdade, meu jovem; todos os seres humanos, por mais diversos que o sejam, pelos característicos raciais, de educação, de fortuna, são todos irmãos, pois um só é o Pai universal: DEUS!

* * *

Ergueram-se os dois, dirigindo os passos para o interior do majestoso Solar de Apolo. Argos detinha-se, por vezes, fitando tudo com o olhar demorado, como se estivesse revivendo, ao contemplar os vetustos salões, onde outrora se realizaram memoráveis banquetes, e deslumbrantes festas. Na ampla cozinha encontraram uma dama de humilde aparência, sexagenária, modestamente trajada, ocupada em serviços domésticos. Antes que a alcançassem, Argos interrogou ao castelão:

— Nunca pensastes em substituir por outros os móveis que os perversos agressores inutilizaram?

— Não. Desde a morte de Helena e de Argos Zenóbio. É-me indiferente o conforto do corpo, pois minha alma continua a sofrer e a recordar os seus tormentos! respondeu-lhe Flávio.

Quero agora, apresentar-te minha querida mãe.

Sorrindo, com ar calmo, a dama aproximou-se de ambos, sendo patente a admiração estampada no rosto da anciã.

— Mãe, apresento-vos Argos Políbio, que terá oportunidade de dizer como aqui veio parar. No limitado tempo em que veio ao mundo já sofreu intensamente! Espero que seja um verdadeiro amigo, que o Destino nos enviou, para suavizar as longas horas de tédio e de dolorosas recordações.

— Folgo em ver-te neste melancólico Solar, mancebo. Talvez não suportes com verdadeira coragem, aqui, as intérminas horas que passamos, apenas aguardando o fim determinado por Deus. — Terás, em permuta do teu sacrifício, nossa sincera afeição.

— Deixai-me oscular vossa destra, senhora! exclamou Políbio, comovido. Obrigado! Todos os esforços farei para jamais dar-vos um só dissabor! Tereis, em mim, um filho dedicado.

— Somente Deus poderá saber o que temos padecido neste isolamento, falou a digna dama, julgo, porém que, de hoje para o futuro, a vida transcorrerá menos dolorosa. Que Jesus vos abençoe, meu filho!

Políbio, agradecido e emocionado, osculou as mãos da nobre senhora que o acolhia com tanta generosidade.

— Mãe querida, falou Flávio Genésio, dir-se-ia que durante dois decênios, minha alma esteve extraviada da vida material, paralisada, encarcerada e somente agora, parece-me haver despertado para uma nova existência. Temos, aqui, neste castelo, terras cultiváveis, verdadeiro tesouro que nos suprirá fartamente, sem que tenhamos que nos afligir pelo nosso sustento e, no entanto, temos levado uma vida de sacrifícios, de abandono, e não sei como agradecer ao Pai celestial não nos ter deixado adoecer, pois temos desfrutado regular saúde. Agora somente compreendo que eu, certamente impulsionado por Agentes divinos, tenho estudo encarcerado por haver transgredido, certamente, os Códigos Celestes e terrestres.

A bondosa senhora serviu-lhes uma suculenta sopa, que ambos saborearam alegres e satisfeitos, como dois amigas muito queridos que se sentem contentes ao se reencontrarem após longa separação.

Findo o repasto, Flávio falou:

— Escuta-me, Políbio, se fores cumpridor de teus deveres, fiel aos que aqui residem, terás um porvir isento de amargores.

— Não me deixarei dominar pela ambição, senhor, mas pelo tributo de gratidão, pelo acolhimento paternal que tenho recebido dos piedosos habitantes deste castelo maravilhoso!

Assim dizendo, ambos se ergueram e Políbio abraçou aqueles dois entes humanos que, até então, temiam todas as criaturas, julgando-as perversas e agressivas.

A seguir, Flávio convidou Políbio para conhecer o castelo.

Depois de haverem percorrido grande parte do Solar de Apolo, passaram o dia em arrumações e à noite, quando Políbio ia dirigir-se ao aposento que lhe foi designado por Fabiana, disse ele ao bondoso anfitrião, com a máxima lealdade:

— Fechai esta porta pelo lado exterior, senhor Flávio! Antes, porém, podeis examinar o pouco que para aqui eu trouxe e, também a humilde roupa que me reveste o corpo.

Assim dizendo, antes do protesto de Flávio, o acolhido desfez com agilidade admirável para quem possuía um só braço, o que conduzira para o castelo, espalhou as humildes peças do vestuário, pelo pavimento, agitando-as invertidas, provando que apenas levara algumas dracmas.

— Não necessitavas dar-me esta prova de lealdade, Políbio, no entanto, eu louvo o teu proceder! exclamou Flávio, emocionado. Quando alguém premedita qualquer crime, não se submete a provas mas evita-as, com verdadeira relutância, o que patenteia seus secretos pensamentos.

Mas, de quem é este chalé? Parece de mulher!

— É o que me envolvia quando fui achado. Guardo-o como recordação.

Separaram-se, indo cada um deles para os aposentos, maternalmente arrumados pela bondosa Fabiana.

Quando Argos ficou a sós, ouviu, após as preces que formulou, sinceras e veementes, as palavras de seu Guia espiritual:

As vibrações sinceras de tua alma, foram recebidas.

— "Irmão Políbio, tiveste um dia abençoado por Jesus com agrado, no plano espiritual! Terás uma noite de sono reparador e em recompensa, prometo-te, para amanhã, uma bela surpresa, quase enlouquecedora! Todos os teus esforços devem ser para o austero cumprimento de teus deveres, terrenos, que possam concorrer para o teu apuro psíquico! Tens que trabalhar, intensamente, para que resgates os numerosos delitos de um passado. Foram aliados, novamente, antigos colegas de luta no transcurso das quais ambos perpetraram erros lamentáveis! Jesus que te ilumine a alma: com os seus clarões estelares!"

Após uma noite de serenidade e repouso, Argos Políbio ergueu-se do leito, bem disposto, sentindo-se reanimado e com ideias generosas. As horas transcorreram em palestras amistosas com Flávio Genésio, que, subitamente, disse ao jovem hóspede:

— Vamos percorrer o resto do Solar, Políbio! Quero que te certifiques da solidez deste velho castelo ainda inexpugnável!

Vagarosamente, Flávio, munido de inúmeras chaves, ia descerrando portas e janelas, subindo e descendo escadas, chegando por fim a uma das torres do Solar e, fitando o jovem que o acompanhava, disse-lhe, emocionado.

— Passo horas aqui contemplando a paisagem. Foi deste local, ontem, que eu percebi a tua aproximação e, quando te prosternaste no solo, compreendi que algo de anormal sucedia contigo, e que não eras nenhum malfeitor, mas um coração desventurado, que desejava encontrar um conforto que lhe escasseava na vida fértil em dores! Bem vês que eu não me iludia. Compreenderás, mais. tarde, quão vasta é a misericórdia divina nos momentos angustiosos da vida terrena!

— Vossas generosas palavras são semelhantes às que ouvi, hoje, ao despertar.

— Que é que ouviste?

— Escutei, como se alguém houvesse segredado em meus ouvidos: — "Coragem e paciência! Não tardarás a desvendar o enigma da tua vida".

Pois bem, senhor, na infância, ia com meus protetores ao tempo de Apolo, em Delfos. Ouvi, inúmeras vezes, magníficas mensagens siderais, que me causavam surpresa e encantamento! Compreendi que Deus é o Juiz universal, que nos julga, condena ou absolve! Vamos, pois, vibrar os pensamentos, erguendo-os ao Magistrado Supremo o a Jesus, implorando-Lhes bênçãos e inspirações!

— Tiveste uma bela ideia, Políbio, disse o senhor do Solar de Apolo.

Terminada a irradiação espiritual, ambos continuaram a percorrer o castelo, fazendo Flávio comentários referentes aos locais em que penetravam.

As horas transcorreram serenamente, em amistosas palestras. O céu estava sempre azul, refletindo nas almas o seu dulçor inefável. À tarde, os dois penetraram em um vasto dormitório, com mobiliário de apurado gosto artístico o qual se

conservava fechado desde o tempo de Argos Zenóbio, não tendo mais sido utilizado por ninguém.

— Eis o aposento ocupado pelo antigo proprietário deste alcáçar, Políbio! exclamou Flávio, apontando os móveis ali existentes.

— Tive a inspiração de vibrar uma prece neste local, senhor! falou o jovem. Antes, porém, desejo dirigir-vos algumas interrogações. Escutai-me: desde a morte trágica do seu antigo proprietário, nunca retirastes os móveis dos primitivos lugares?

— Não! Não quis ocupar este luxuoso dormitório, pois vim da humildade, embora ele hoje me pertença, legalmente.

Eu e minha mãe ocupamos os mais modestos aposentos, pois não temos ambições nem desejamos imoderado conforto material, mas exclusivamente, espiritual, que, aliás, sempre nos tem faltado!

— É estranho o vosso proceder, senhor! Parece que estais velando por este castelo como se esperásseis o regresso do antigo proprietário. Não é verdade?

— Sim! Esta tem sido a minha impressão, meu amigo, desde que o transformei em cárcere privado! Quantos mistérios tem a vida humana. Como e quando poderemos desvendá-los?

— Jesus da Galileia, sendo o consolador dos que padecem, ainda nos dará uma aceitável elucidação, senhor, sobre nossa vida terrena. Porque nos reuniu sob o mesmo teto? Quem guiou os meus passos para esta região de mim desconhecida? Porque reuniu o nosso destino como se ambos fôssemos pai ei filho?

— Eu tenho vivido, há quase vinte anos como se estivesse em um presídio sem autorização para retirar-me, senão por poucas horas. Quando saio, parece-me estar sendo seguido por sentinelas invisíveis, mas austeras, que me não deixarão evadir sob pena de ser fulminado por um raio! Sinto-me inquieto e tenho de voltar.

— Meu amigo, falou também Políbio, ao chegar a este castelo, algo me advertiu de que já o conhecia. Julgo-me tão humilde e sem mérito e, no entanto, parece que Deus nos reuniu para a consecução de uma excelsa missão. Vamos, pois, elevar os nossos agradecimentos ao Pai celestial.

Políbio, assim dizendo, ajoelhou-se, e, com voz comovida, elevou o braço para o alto, em súplica humilde:

— "Jesus, desejamos imitar-vos, seguindo as vossas orientações, os vossos próprios atos, até o cimo do Calvário de nossa Redenção espiritual! Não nos desampareis, jamais, por maior que seja o nosso percurso da peregrinação terrena, por maiores que sejam os flagelos de nossos corações desiludidos! Sede nosso Mestre, nosso Amigo, nosso Mentor no decurso de todos os séculos vindouros! Estamos ao vosso dispor. Inspirai-nos o que temos a realizar. Não desejamos o impulso do ódio, mas o amor a nosso próximo, a compaixão pelos que padecem as mais excruciantes dores, expulsos de todos os lares, ao desabrigo, sem uma palavra que os alente a esperar a derradeira fase da vida planetária".

Políbio fez uma pausa e depois prosseguiu com voz profunda:

— Foi este o aposento ocupado pelo antigo proprietário deste majestoso Solar, Argos Zenóbio.

Argos não possuía crença religiosa e, por isso, perpetrou faltas deploráveis. Hoje não queremos mais o gonzo material, e sim as conquistas espirituais. Queremos receber as vossas inspirações, para transformá-las em luminosas realidades! Desejamos trabalhar com ânimo sereno e honradez para que possamos merecer as vossas bênçãos no término de nossas jornadas terrenas! Dai-nos nítida percepção de nossos deveres! Inspirai-nos tudo o que for de vosso agrado, para que possamos abreviar a nossa Remissão espiritual!

Dai-nos vosso apoio e vossa proteção, Jesus, bem amado, vós que tanto padecestes por amor à Justiça, que tanto tem custado a ser implantada neste planeta, povoado por pecadores e repleto de lágrimas ardentes!

Queremos amparar os desabrigados, os que sofrem as consequências de lamentáveis crimes, norteando-os para a vereda do Bem, da Honra e da Virtude!

Nós vos tomamos por Mestre, Jesus, e podeis punir-nos se não soubermos cumprir nossos deveres sacrossantos, retirando-nos do palco da vida terrena, e, se, ao contrário, soubermos cumprir todos os nossos deveres morais não nos recuseis as

vossas bênçãos! Somos dois desventurados, batidos pelas procelas da vida, sem família, sem amigos, sem haver, jamais, experimentado as venturas terrenas, mas desejamos ser úteis e humanitários aos que são, também desditosos e desiludidos. Desejamos transitar pelo carreiro da Virtude e do Dever, a fim de que mereçamos a vossa bênção estelar!

Dai-nos a lídima convicção de vossa vontade para que possamos realizá-la até o extremo alento de nossas vidas.

Não somos mais dois seres humanos vulgares, ávidos de venturas e de conforto material, mas dois desiludidos que desejam ardentemente ser vossos discípulos e, nunca mais se desviarem do caminho reto da Virtude e da Caridade!

Já não aspiramos a ostentação, as regalias sociais, mas a conquista da Verdade, dos bens imateriais, o perdão para nossos crimes, destas e de transcorridas romagens terrenas.

Abençoai-nos, agora e sempre, e concedei-nos a precisa coragem para que, jamais, possamos fracassar nos momentos de provas acerbas!"

Ambos pronunciaram esta súplica como se estivessem ouvindo as palavras que, de fato, eram transmitidas a Políbio, que as reproduziu com os olhos fitos no Céu azul, amplamente divisado pela janela descerrada por Flávio Genésio.

Terminada a sentida prece, o jovem fitou tudo que o circulava com incontida emoção e, se não houvesse sido amparado por Flávio, teria baqueado sobre o assoalho.

— Não sei o que tem sucedido comigo, desde o momento em que aqui cheguei, cada vez parece-me reconhecer tudo quanto contemplo.

— Apreciei imenso a tua oração, Políbio! Desde que passei por intensas desventuras, tornei-me indiferente à vida, sem aspirar os bens mundanos, com o tesouro que me foi proporcionado pelo morto benfeitor. Percebi que tinha de viver recluso, como se eu é que houvesse cometido um crime abominável! Agora sinto-me reanimado.

Para vencer as horas de silêncio penoso, de reclusão celular voluntária, assim posso expressar-me, com sinceridade, costumo trabalhar no cultivo do pomar, dos

legumes, no amanho das terras nas proximidades do Solar e também trato dos animais domésticos. Saio, às vezes, ao alvorecer, em direção às povoações próximas, para dispor do excesso de frutas, dos legumes e das aves que aqui existem, e as quantias recolhidas chegam para cobrir as despesas do lar, voltando eu à reclusão. Mormente as noites são apavorantes! Eu e minha dedicada mãe costumamos ouvir depois do castelo escrupulosamente fechado, rumores injustificáveis, passos apressados, parecendo que alguém, atropeladamente, sobe e desce as escadas. Ouvimos, por vezes, também, gritos estridentes, gargalhadas de escárnio. E, desse modo, temos vivido, sem enlouquecer, Políbio!

Políbio quedou em silêncio, depois falou:

— Tive uma intensa emoção ao penetrar neste dormitório e vibra-me na alma o ardente desejo de afastar o guarda-roupa, a fim de certificar-me, se, sob o mencionado móvel não existe um alçapão secreto. Quero fazer uma experiência.

* * *

Com inauditos esforços, conjugando-os, um com um dos braços somente, o outro com ambos, conseguiram remover o pesado móvel existente no lado esquerdo do extenso dormitório onde se encontravam palestrando. Assim foi patenteado o assoalho, que, até então, se achava oculto pelo referido móvel, e surgiu uma abertura, vedada por dois quadrados de madeira, com argolas de ferro embutidas e cobertas de pó, presas por um cadeado também disfarçado.

Um esconderijo! exclamou Flávio, verdadeiramente surpreso.

Vamos abri-lo, senhor? inquiriu Políbio ao proprietário do Solar de Apolo.

Sim, mas como o faremos?

- As chaves do cadeado devem estar dentro de algum móvel deste aposento! exclamou o jovem, convicto, por uma intensa intuição de que falara a verdade.

Depois de longa busca nos móveis, foi encontrada uma gaveta secreta, contendo um grande molho de chaves, de diversas dimensões. Experimentadas quase todas, o cadeado foi finalmente aberto, as duas metades retangulares erguidas e foi-lhes patenteado um cofre colossal, também fechado, mas logo descerrado por meio de outra

chave, do mesmo conjunto. Levantando a tampa, viram espantados um incalculável tesouro em joias, moedas, pedras preciosas, barras de ouro e de prata.

— Como era opulento Argos Zenóbio! exclamou Poleio, com veemente admiração, mas, logo esmoreceu e tombou sobre o leito próximo. Flávio Genésio sacudiu-o com alguma violência. Com a voz em timbre diverso do que lhe era peculiar, o jovem falou:

— "Deixai-o, por momento, não vos assusteis. Escutai- me: Este tesouro não vos pertence, meus irmãos, pois foi ele acumulado com o sofrimento do próximo, nos assaltos a mão armada, a lares indefesos durante a guerra. Representa lágrimas, padecimentos de esposas, mães e criancinhas desditosas, que curtiram fome e frio. com o saque das suas residências.

Não servirá, pois, para a ostentação dos que passaram a possuí-lo, nem para o desfrute dos dois seres que acabam de encontrá-lo, neste momento. Esta era a surpresa que vos foi prometida, a prova evidente de que os Emissários divinos podem agir sobre os entes pensantes, não somente norteando-os para o Bem, como sustando-lhes os passos à beira de um abismo. Deus vos reuniu para a consecução de novos ideais cristãos e redentores! Terminou o encarceramento para o irmão Flávio Genésio, tendo concluído a sentença exarada outrora, por um íntegro Juiz criminal deste país e, juntamente com o seu auxiliar, que lhe foi enviado pelo Destino, onde se manifestam as resoluções supremas... A misericórdia celeste mais uma vez se patenteia neste Solar cuja fama se tornará mundial!

* * *

Ambos saíram do aposento, após encerrar o tesouro descoberto no mesmo cofre onde lhes foi patenteado, e, ao encontrarem Fabiana, contaram-lhe o sensacional achado e os planos que haviam traçado para o seu aproveitamento. Ela ouviu a narração circunstanciada e, com a voz emocionada, exclamou:

— Meus filhos, vejo no sucesso que me contastes, a proteção divina que veio ao nosso encontro. Há muito andava impressionada com o silêncio e o abandono em que vivíamos, neste Solar.

Achava desumano o nosso proceder, não ocupando nem a centésima parte deste castelo, enquanto, pelo mundo, há famílias ao desamparo, não tendo vestuário nem alimento. Agora sinto-me reanimada e, tudo o que depender de meus esforços, estará ao dispor de ambos. Que Deus nos abençoe para que jamais nos falte a coragem para a prática do Bem! No entanto, a lembrança do que nos sucedeu nesta habitação, cinge de crepe o nosso coração e me causa receios. Quem sabe se não seria melhor continuarmos a viver isolados, como nos acontece há vinte anos?

Assim falando, Fabiana, com os olhos enublados de lágrimas, exclamou:

— Vamos orar, meus filhos, implorando a Jesus uma resolução para a nossa vida futura!

Emocionados, viram a compassiva Fabiana ajoelhar-se no assoalho da sala onde se encontravam, com as mãos postas, murmurando com unção:

— "Meu Jesus, eis-nos ao vosso dispor para a Cruzada do Bem e da Justiça, sempre arriscada para os que desejam segui-la, contando apenas com a vossa proteção e a do divino Pai e seus dedicados Mensageiros! Dai-nos as inspirações mais acertadas, para que jamais nos desviemos da senda do Dever e para que seja satisfeita vossa bendita vontade, mormente sobre os que aqui se encontram, pois eu já me sinto fatigada, desiludida, exausta de labores que me extinguem, aos poucos, a saúde e a vida... Somos pequenos e humildes, mas desejamos tentar a derradeira partida para alcançar o vosso luminoso reino! Tende, pois, compaixão de nós, dai-nos coragem e vontade firme na execução de uma grandiosa missão terrena, sendo preferível a morte ao fracasso!"

Os dois a escutaram com emoção, e ao verem-na erguer-se, abraçaram-na, osculando-lhe a destra encarquilhada.

Logo após, Políbio, empalidecendo, ficou ereto, e, com voz diferente da que lhe era natural, murmurou, com suavidade:

— "Deus, amados irmãos, nunca investe um ente humano em um cargo superior às suas possibilidades, por mais excelso que o seja, e por mais árduas as provas por que passar, jamais o abandona no meio da jornada ou dos ínvios caminhos, pois lhe

concede amigos e Protetores, que o auxiliam a transpor todos os abismos da vida terrena, nos momentos tétricos ou difíceis da peregrinação da Terra ao Infinito!

Estejais sempre com os ouvidos ou a alma atentos às vozes dos Mensageiros de Jesus que, por intermédio do irmão que ora transmite esta mensagem, vos darão a orientação necessária ao desempenho da missão que vos foi outorgada, a qual tem por base o Bem, a Honra, a Virtude, com a prática dos quais os seres humanos podem imitar os Emissários siderais e alcançar a luminosa Redenção espiritual!

O tesouro encontrado, foi pilhado dos lares profanados, e será transformado nas moedas de luz da caridade, com as quais podereis adquirir o próprio Céu! Eis que Jesus vos oferece o momento precioso de, em alguns anos de sacrifícios e labores, resgatar os delitos do passado sombrio de todos vós!

São esses pois, os conselhos que ora vos transmito por ordem superior.

Que Deus e Jesus vos abençoem os esforços, de hoje por toda a Eternidade! Estais investidos do poder espiritual necessário para que, sendo leais executores da vontade suprema, possais alcançar a vitória.

Quando Argos Políbio recobrou os sentidos, viu que os dois entes amigos o fitavam com admiração, e falou comovido:

— Que é que me sucedeu novamente, senhor? Parece que há uma estranha influência sobre minha alma, neste Solar. Julgo que estive adormecido, novamente.

— Confirma-se a nossa missão, meu amigo. Teu Guia falou sobre o valor do tesouro encontrado e o destino que devemos dar-lhe.

Flávio, reproduziu-lhe os alvitres recebidos por seu intermédio e, por diversas vezes, consultou os desejos de Políbio, a fim de aquilatar de sua sinceridade, de seus sentimentos de altruísmo ou de ambição, mas o jovem lhe dava respostas que justificavam o excelente conceito que estava desfrutando naquele lar...

— Desde quando, Políbio, falou Flávio, emocionado, possuis estas admiráveis faculdades espirituais?

— Nunca eu havia percebido que as possuía, senhor, até o instante em que me bateu à porta a impiedosa desventura. Vivia em um lar ditoso, e, por vezes, julguei

que, aqui, no plano terreno, jamais possuiria outro. Mas, ao impulso da dor, com ideias sinistras, quando empunhei uma arma homicídio começou o desvendar de uma excelente realidade: não estamos arrojados no Vale de Dores, do Infinito constelado, temos amigos desvelados, temos soldados divinos que procuram nos reter o braço para impedir um crime, um ato violento! É a dor que nos faz desvendar os arcanos da vida eterna. É ela que eleva nosso espírito dos marneis[5] do crime, das injustiças, da corrupção, dos desatinos. Temos Entidades luminosas que seguem nossos passos vacilantes, auxiliando-nos a galgar o roteiro da Redenção! Desejo, de hoje para o futuro, ter Jesus no pensamento e na alma, aspirando alcançar o termo de meus tormentos, morais e físicos, e ser digno intérprete das mensagens siderais.

Sinto, nos momentos em que transmito as mensagens astrais, que minha vida material, fica, então, quase desligada dos tecidos e meu espírito, prestes a deixar o plano terreno, cedendo os seus direitos, a uma Entidade que ultrapassa a minha, com enorme vantagem. Há um ser nobilíssimo que me impede de transgredir as Leis divinas, de cometer o Mal, e, portanto, todos os sacrifícios, todos os esforços que eu fizer não atingem os sentimentos de reconhecimento que existem em meu íntimo.

Chegamos, pois, meu nobre amigo, ao instante aprazada paia encetar a incumbência dos Siderais que nos honram com a sua presença! Aliemo-nos a todos Eles, e, jamais, havemos de arrepender-nos, mesmo que sejamos crucificados, após todos os trabalhos e todos os sofrimentos em prol da nossa futura Cruzada do Bem!

— Aceitemos, pois, a missão excelsa que Jesus nos outorgou por mais acerbas que sejam as provas que dela advierem, por mais percalços e dissabores que tenhamos de suportar! Aceitemos os martírios morais, as desilusões, os desgostos, os desalentos!

— Sim, repetiu Políbio, essa será a subida do Calvário da Redenção, a única que nos levará ao alcance do Céu, da Remissão de nossos erros, a fim de que possamos atingir os páramos celestiais! Foi esse o exemplo que Jesus nos deu e há de perdurar por todos os séculos, aliando as almas para as missões sublimes, os sacrifícios redentores! Só assim poderemos partir dos Planetas da Lágrima e da Dor para as fúlgidas mansões siderais!

* * *

Mais uma vez aqueles três seres humanos ligados pelo Destino, no Solar de Apolo, fizeram vibrar os seus pensamentos, aliados, talvez, eternamente, em busca dás Regiões etéreas, onde todos conjeturam a presença dos mais luminosos espíritos redimidos pela Dor e pelo cumprimento austero de todos os deveres morais e psíquicos.

Depois de longas confabulações, ficou combinado entre eles que a bondosa Fabiana, isolada no castelo pertencente a Flávio Genésio, ficaria esperando, enquanto Flávio e Políbio, em modesto veículo, iriam convidar os desditosos que quisessem ir residir no Solar de Apolo.

Após alguns dias de ausência, inquietos quanto à piedosa Fabiana, que ficara só, regressaram eles em companhia dos primeiros infortunados que, em miséria extrema, os acompanharam com indizível reconhecimento.

Ao transporem os portões do castelo, as humildes criaturas recolhidas como náufragos da vida, sentiram-se deslumbradas e ditosas, chorando de inaudita emoção.

— Como Deus é misericordioso e bom! exclamou uma idosa mulher, juntando as mãos em prece fervorosa, pois acaba de conceder-me o que jamais ousei esperar, no momento em que pensava dar cabo da minha vida tormentosa!

— Seja, então, irmã, o vosso primeiro ato, neste Solar, uma rogativa sincera, implorando perdão ao Pai celestial pela falta de confiança que n'Ele depositáveis! exclamou Flávio, que escutara as palavras de uma das primeiras asiladas.

— Sim, bondoso senhor, eu o farei, agora, e, também, desejo implorar-lhe suas bênçãos para todos os que aqui se encontram reunidos talvez para sempre! Que Ele e Jesus vos recompensem, abnegados senhores, que, em tão deslumbrante castelo se lembraram dos que vivem ao relento e ao abandono. Tive um lar e perdi-o. Deus castigou-me merecidamente. Um dia ainda vos contarei a dolorosa história de minha vida.

— Como vos chamais, senhora? interrogou-a Políbio, que tivera súbita inspiração.

— Chamai-me apenas Elmana Sandria.

— Fico à espera de vossa confidência, para melhor poder confortar-vos o coração angustiado.

Decorreu um mês, desde que chegaram os primeiros acolhidos ao Solar de Apolo, e este já estava repleto de órfãos, sexagenários, viúvas, donzelas, crianças, denotando suas fisionomias as privações que, em outras paragens estavam curtindo.

.....

Cada um, de acordo com a idade e a saúde, desempenhava um mister doméstico, ou no pomar e na lavoura, todos, porém na mais perfeita harmonia.

Uma tarde, Flávio e Políbio, dirigiram-se ao vastíssimo pátio do castelo, onde outrora, eram realizadas as manobras militares, e que, agora comportava, com facilidade, todos os asilados, os quais estavam reunidos esperando com ansiedade a palavra dos dois aliados do Bem. Quando os viram aproximar-se, a multidão dos mendigos os saudou com respeitoso entusiasmo e com fraternal carinho, e, decorridos alguns segundos, com a voz emocionada e suave, Políbio dirigiu-lhes a palavra amiga:

— "Irmãos em Jesus, vós não fostes só acolhidos neste Solar, que se tornará bendito, mas em nossos corações! É mister, pois, que vos falemos, fraternalmente. Fostes acolhidos, em nome do Pai celestial e no de seu celeste Enviado Jesus — e muito esperamos de vossa dedicação e do vosso auxílio. Deixastes as asperezas do mundo em que talvez vivestes por vários anos, e, após decepções pungentes, bem diversa vai ser vossa existência, sem os clamores da fome, do frio, do desamparo. Estais reunidos sob a égide sagrada do amor ao próximo, da Fraternidade que, sendo iniciada na Terra, não termina jamais, prolonga-se nos planos siderais! Além, dos paramos divinos, não existe outro parentesco senão o fraternal! Deveis usar, sempre, de toda a lealdade, para conosco, como nós a teremos para com todos os que ora me escutam. Somos todos irmãos, perante as Leis divinas, pois há um único Progenitor para todo o Universo — DEUS — sempre clemente e bom.

Deveis compreender, porém, que, para que haja harmonia e saúde, é mister que não seja abandonado o santificante labor de cada dia. Foi por esse motivo que nós vos reunimos, pela primeira vez. Amanhã, quando todos se erguerem do leito, hão de dirigir-se a este mesmo local e, conforme a idade, a saúde, a competência individual,

dirá em qual labor deseja ocupar-se. Não nos julgueis senhores impiedosos, mas irmãos e amigos sinceros de todos! Não deveis, aqui, entesourar moedas, que serão recolhidas à Caixa Geral, já que podeis viver sem as preocupações dos aluguéis, dos alimentos, dos vestuários. Tudo isto tereis, com modéstia e benevolência.

Queremos cultivar as terras pertencentes a este castelo, beneficiar os pomares abandonados, adquirir animais domésticos, para nos utilizarmos dos seus produtos inestimáveis.

Detestamos a ignorância, e, por isso, todos devem aprender a ler. Os que possuírem instrução adequada serão os professores dos que sabem menos.

Os que não estiverem incapacitados para o serviço, pelo peso de idade ou pelas enfermidades, têm, sempre, de concorrer com os seus labores no cultivo das terras pertencentes a este Solar, para que os seus frutos sejam utilizados por todos os que, na atualidade, vivem como irmãos, tendo por único e piedoso Progenitor — Deus!

As famílias ocupar-se-ão dos misteres domésticos; os jovens, dos labores agrícolas para que este castelo se torne um remanso de paz e de concórdia na face da terra. Havendo paz, alimento, vestuário e bênçãos divinas, poderemos considerar-nos venturosos neste Planeta sombrio em que predominam as lágrimas e as dores! Todos os que se encontram válidos, homens e senhoras terão o seu trabalho designado, de conformidade com os seus pendores.

O labor individual é uma Lei divina que, na Terra e em outros planetas se acha em plena execução, é o meio mais santificante de que dispõem os indivíduos para sua felicidade porvindoura! É uma Lei universal, da qual nem o próprio Criador e Pai se exime, pois nos dá um exemplo incessante em tudo o que nos circula: o movimento dos corpos celestes, a precisão que há em tudo, o som, o desenvolvimento das plantas, a circulação do sangue nos corpos vivos, assim como o curso dos rios, o calor solar etc.

O trabalho dignifica o ser humano por mais humilde que o seja. Os humildes são os vencedores contra os prepotentes, os orgulhosos, os injustos. Jesus amava a humildade e nós devemos imitá-lo. O exemplo que Ele nos concedeu, eternamente, antecedeu sua vinda a este planeta, pois nasceu em uma humilde manjedoura que, com o transcurso dos séculos, há de ser devidamente glorificada. Todos nós devemos

considerar-nos discípulos de Cristo, consagrando-Lhe diariamente, nossos atos e nossos pensamentos.

As batalhas da vida planetária serão vencidas com denodo moral, com humildade, não visando lucros excessivos, porém os que sejam suficientes para a manutenção dos lares. Todo triunfo alcançado será consagrado ao Pai celestial.

Todos os nossos esforços devem tender para a conquista definitiva da Redenção espiritual, que consta de uma série de provas, de dores, de imolações, de lágrimas, injustiças e, quando alguém suporta tudo com verdadeira heroicidade, alcança o triunfo que leva milênios a ser conquistado!

Termino, pedindo que não vos julgueis escravos nesta casa, mas sim irmãos muito amados cuja chegada nos enche de alegria.

* * *

Decorrido menos de um mês, já o SOLAR DE APOLO estava repleto de peregrinos, de asilados, reinando a maior harmonia, disciplina e fraternidade entre todos.

Foram turmas de homens idosos e jovens para os misteres da lavoura, outros cuidavam dos reparos do prédio danificado pelas intempéries e pelos agressores, enquanto outros ainda cuidavam das aves domésticas. Foram realizados reparos indispensáveis nos móveis e no próprio castelo, pois decorreram vinte anos sem que nenhum conserto ali se fizesse.

As mulheres tinham dias determinados para os serviços domésticos de lavanderia e da alimentação coletiva.

Uma era de prosperidade, de paz, de concórdia, surgiu para aquele solar, outrora triste e sem vida. Políbio e Flávio ocuparam o antigo aposento que fora o preferido de Argos Zenóbio quando ainda se encontrava no plano terreno. Ambos queriam velar pela conservação do inestimável tesouro que se ocultava abaixo do pavimento, sob o pesado móvel, a fim de, aos poucos, irem retirando as quantias necessárias a manutenção dos asilados sem que estes desconfiassem de que existia um erário de valor incalculável naquele recinto.

Ambos levaram, para o aludido local, armas e munições, conservadas em um dos móveis contidos no recinto, para que ninguém pudesse conceber a ideia do que existia no dormitório dos dois leais amigos.

Foram escolhidos professores para que ministrassem ensinos utilíssimos aos abrigados, um para adultos, e outro para os jovens e as crianças.

Uma tarde, tendo previamente avisado, nas horas das refeições aos que se encontravam reunidos em um vasto salão, Políbio e Flávio solicitaram a atenção dos que estavam residindo no SOLAR DE APOLO.

Coube a Flávio expor os seus pensamentos, iniciando, assim, sua longa confabulação:

— "Há muito desejávamos, eu e meu digno amigo, aqui presente, reunir-vos para que, lealmente, pudéssemos palestrar com todos os que aqui se encontram, ovelhas de incontável aprisca de Jesus! Eis-nos congregados, em nome do incomparável Mestre bem amado, como irmãos, sob o mesmo teto paternal, pois Deus é o Pai universal! Está em conjunto a falange do Bem, tal será sempre o nosso objetivo.

O conselho de administração deste Solar, que se tornará bendito, está fazendo novos planos, plenamente contente com o correto proceder de todos. Faremos uma reunião mensal e, quando quiserdes expor pensamentos úteis à coletividade, deveis chamar a nossa atenção para o que puder beneficiar a mesma e ainda não foi lembrado pelos que almejam tornar-vos ditosos. Não encontrareis dois insensíveis potentados, mas irmãos atentos, preocupados com a felicidade de todos vós.

Vou, agora, expor-vos os nossos pensamentos, com a máxima lealdade: não desejamos que, sob a nossa alçada, haja aqui, injustiças e clamores secretos! Os que, também, tiverem sugestões a nos dar, sobre qualquer assunto, poderão fazê-lo, com verdadeira confiança de serem atendidos, fraternalmente. Pedimos que evitem as murmurações, os queixumes nas sombras; preferimos a lealdade, a franqueza. Aqui estaremos, todas as noites, após as lutas do dia, para vos atender, fraternalmente...

Aqui ninguém é mais ou melhor do que outrem.

Sejamos unidos, fraternalmente, como se houvéssemos nascido sob o mesmo teto e fôssemos filhos de um só casal afetuoso! Somos todos nós os herdeiros da desventura e da desilusão, mas desde este momento, poderemos ser venturosos, vivendo em harmonia, auxiliando-nos mutuamente,, livres das calúnias, da intriga, do ódio, da falsidade do despotismo, da devassidão, do orgulho e da vaidade!

Sejamos dignos das bênçãos celestiais, cumprindo estoicamente todos os nossos deveres terrenos e, neste instante, sentindo jorrar do Além as irradiações estelares, eu vos concito a fazermos uma prece veemente, uma vibração espiritual a fim de que seja bendita nossa aliança sobre a Terra e, mais tarde, nos paramos siderais!

Após a prece, se tiverdes algo para nos transmitir, eu e meu amigo, Argos Políbio, estaremos sempre, com toda a boa vontade, ao vosso dispor, podendo emitir os vossos pensamentos, as vossas sugestões, as vossas aspirações! Aqui, sempre, haveis de encontrar-nos para vos atender. Agora, elevemos nossas almas a Jesus e ao Criador do Universo!

— "Pai infinitamente compassivo e justo, aqui estamos congraçados em vosso nome e na de Jesus, unificados pelo tributo de gratidão que vos consagramos, para vos render o nosso preito de gratidão, de nosso amor intraduzível, de nosso reconhecimento por tudo quanto nos tendes proporcionado. Dai-nos ânimo sereno para suportar as lutas, as injustiças, as desilusões de que são férteis as vidas terrenas ou planetárias! Aspiramos a salvação de nossas almas e, por isso nós vos rogamos vossas bênçãos radiosas, que penetram os espíritos torvos, implorando vossa proteção para que, nem por um instante sequer, sejamos invadidos pelo desalento, por pensamentos depressivos, por ideias malsãs de odiosidade, de revolta ou de perversidade!

Somos filhos vossos, afastados de vossa presença para o desempenho de nossas tarefas, ou missões remissoras, mas, unidos pela potência invencível do pensamento, jamais havemos de separar-nos da vossa presença! Abençoai, pois, nossos esforços, nossas esperanças, nossos excelsos Ideais, e, assim fortalecidos e invencíveis, jamais nos afastaremos do caminho do Bem, da Virtude e da Esperança, abreviando o nosso encontro nos planos siderais para então, ajoelhados, com os braços alçados ao Céu,

como neste momento, possamos agradecer-vos todos os benefícios recebidos e por alcançar, eternamente!

Ouvi-nos, Senhor e Pai, e dai-nos a convicção plena de que havemos de triunfar do Mal, bem como das provas árduas!"

Houve um rumor uníssono entre os assistentes, que se acercaram de Flávio, cheios de contentamento, trocando ideias e apresentando soluções para os problemas que se defrontavam na coletividade, cuja boa fama transpunha as fronteiras do Solar de Apolo.

Um dia vamos encontrar os dois amigos conversando.

— Políbio, falou Flávio sorrindo: eu te recebi, no dia em que penetraste neste alcáçar, como amigo, porque, conforme te disse, vi que te ajoelhaste, humildemente, às ocultas antes de aqui entrar. Vendo-te praticar um ato digno de louvor, tirei uma conclusão convincente: um ser humano, materializado, imbuído de sentimentos perversos, não fita o céu, senão para observar os fenômenos meteorológicos; não eleva seus pensamentos ao Criador do Universo para fazer-lhe rogativas, mas para blasfemar! Neste recanto abandonado por todos os seres racionais, não podia suscitar ambições, ignorando todos que um tesouro estava oculto, talvez por mais de um século, se não fosses inspirado para encontrá-lo.

Deixei que aqui penetrasses, mas, no início ainda havia algum receio, conjeturando que desejasses fazer pesquisas como eu, também as fiz, a respeito de tuas aspirações. íamos vivendo, sempre, em mútua observação, quando tiveste a ideia de sondar o mistério de um aposento, onde foi encontrado incalculável tesouro, que, certo, foi acumulado por Argos, após devastações guerreiras. Pensei, então, por momentos: — "Ele já sabia, por alguma revelação secreta de algum parente, que talvez, tivesse sido confidente ou auxiliar do antigo senhor deste Solar, que aqui existiam valores monetários e, talvez, tenha encaminhado seus passos para dele se apoderar. Com certeza durante a noite vai tentar contra a minha vida, mas de súbito, quando proferiste aquelas memoráveis palavras, dizendo que o tesouro não nos pertencia, mas aos que sofrem, aos desamparados, houve, em meu espírito, a derradeira conclusão: não eras um hipócrita, um ambicioso, mas um verdadeiro discípulo de Jesus, e, desde

aquele instante, conseguiste absoluta confiança em meu íntimo, inabalável prestígio, que jamais será destruído! A mensagem que recebeste, certamente de um dos luminares divinos contendo conceitos radiosos, aconselhando-nos, não ao gozo que provém da opulência, mas ao cumprimento dos deveres morais, dos sacrifícios, tornou-me ditoso e entreguei-me, tenazmente, à execução dos nobres projetos aconselhados. Graças, pois sejam rendidas a Jesus por nos haver reunido, parecendo que éramos abandonados na Terra para a execução de uma excelsa missão. Jamais duvidarei de tua lealdade!

Argos Políbio assim lhe respondeu:

— Estamos agindo de acordo com os alvitres transmitidos pelos Mensageiros de Jesus e ainda não nos adveio nenhum dissabor. Prossigamos, pois, com ânimo sereno, e, com a proteção do Alto, havemos de triunfar para que nossas almas também alcancem a vitória suprema: a Redenção!

* * *

Uma era de labores produtivos, de esforços gerais compensadores, raiou para o até então abandonado SOLAR DE APOLO.

Todos os que passaram a viver em conjunto, tinham deveres a cumprir. Qualquer ocorrência digna de menção. eram exposta, lealmente, à noite, no pátio do castelo, onde oram aguardados os abrigados pelos dois aliados do Bem. Políbio, um dia, disse a Flávio:

- Sempre que tiverdes de fazer aquisições de víveres e vestuário, convêm partirdes para Corinio ou Atenas, inesperadamente, ao alvorecer, e, à tarde, regressareis em outro veículo, aprazando com os comerciantes a remessa das compras efetuadas.

— Duvidas acaso, que algum dos asilados possa trair a nossa confiança? interpelou-o Flávio.

— Tudo é possível neste mundo! Devemos viver precavidos, mormente quanto ao local onde se encontra oculto o tesouro que se transformará em pão e agasalho para os que sofrem.

Assim o recomendou um de meus Protetores, em sonho lúcido, para que sejam evitados dissabores e prejuízos futuros.

Serão regularizados os gastos com a manutenção dos protegidos, os reparos indispensáveis neste castelo e não haverá desocupados senão os que estiverem na infância, os enfermos e os octogenários. Com labor, economia e probidade nunca lutaremos com dificuldades.

* * *

Uma tarde, reunidos todos os habitantes do castelo, no pátio central, Flávio, ao lado de Políbio, depois de expor alguns alvitres fraternais, assim se expressou com lealdade:

— Amigos e irmãos em Jesus, todos os que desejarem frequentar algum templo cristão, poderão fazê-lo quando lhes aprouver, sem que isso possa nos desgostar, pois pretendemos conceder liberdade de culto a todos os presentes, respeitando a crença de cada um dos que ora me escutam. Os que foram crentes dos oráculos e das pitonisas, poderão ser atendidos neste recinto, pois o meu bondoso amigo Políbio possui faculdades psíquicas inestimáveis e, aqui, fará preleções utilíssimas para os que se acham no plano terreno. Os que desejarem participar das irradiações espirituais, aqui permanecerão, pois vamos dar início a uma vibrante prece cristã.

Ouviu-se a voz suave de uma mulher, aparentando cinquenta anos, que assim .se expressou:

— Verdadeiros Amigos de Jesus que, olvidando os gozosa efêmeros da vida material, que poderíeis fruir, possuidores de valiosos tesouros que estais despendendo para a manutenção dos desvalidos, dos enfermos, dos infortunados, preferindo os sacrifícios e a proteção aos infelizes, ouvi-me: Já ultrapassei meio século de vida planetária e, pela primeira vez, pude contemplar este fenômeno social: os opulentos compadecidos e irmanados aos desgraçados. Arriscada é a vossa empresa, mas, quanto mais o for, tanto maior será o vosso triunfo espiritual para o Juiz universal: DEUS! Aqui, na Terra da Lágrima e da Desilusão, o Bem é sempre retribuído com a moeda intoxicada de ingratidão e do crime algumas vezes!

Podeis, porém, contar com o reconhecimento de muitos acolhidos e com a eterna recompensa do Pai celestial! Avante, pois, discípulos de Jesus! Que Ele vos ampare, sempre e a todos os que aqui se encontram em vossa presença!

Não é necessário irmos buscar além o conforto da prece, salvo os que o quiserem, pois os que creem nas inspirações dos Mensageiros siderais, aqui encontram os mananciais do conforto e da Verdade propagados pelos adeptos do Templo de Delfos. Vamos, pois, amigos e companheiros, conseguir uma vibração espiritual em benefício de todos os assistentes e, em particular, pelos que nos amparam, com carinho de filhos abençoados por Deus!"

Quando soaram as derradeiras palavras da preleção de Elmana Sêndria, todos os que a escutaram, com crescente atenção, tiveram os olhos fúlgidos de pranto e prosternaram-se murmurando uma prece vibrante, como fora aconselhado pela inspirada oradora que, desde então se elevou no conceito de todos os que ali se achavam, reunidos pelo Destino.

Aproximou-se então aquela mulher, de Políbio, e disse-lhe, com os olhos enublados de lágrimas:

— Desejo falar-vos em sigilo, amanhã, após a primeira refeição. Quero que saibais quem sou eu e desejo revelar-vos os martírios de minha alma batida pelas tormentas da vida!

— Podeis procurar-me, amanhã, na sala das audiências, que, depois de nossa entrada, será hermeticamente fechada. Desejo, porém para agir com integral lealdade, que esteja presente meu inseparável amigo Flávio Genésio. Ninguém mais será cientificado do que nos revelardes.

£ assim transcorreu mais uma noite, remate de mais um dia de lutas e de labores benditos.

* * *

No dia imediato, após a refeição, Políbio e Flávio dirigiram-se ao salão das audiências encontrando a culta Elmana sentada em uma das poltronas laterais.

O jovem, trajado modestamente, como era hábito seu, sentou-se ao lado de Flávio e, voltando-se para a dama que almejava expor-lhes alguns magno segredo, falou-lhe:

— Podeis expor os vossos pensamentos, senhora! Estamos ao vosso inteiro dispor.

Ela, aparentando ter pouco mais de cinquenta anos, mas conservando ainda traços de uma beleza invulgar, com os cabelos repletos da neve do sofrimento, depois de levar aos olhos um lenço branco, com voz embargada de emoção, assim se expressou:

— Amigos dos que sofrem, quero que me julgueis com imparcialidade. Dentre tantos desditosos que aqui se encontram, sob o vosso amparo, é provável que, nenhum deles, haja padecido tanto quanto eu. Acho-me, pois, em frente a um tribunal para que receba um julgamento cristão!

Políbio contemplou-a com piedade e, quase em segredo, disse a seu fiel amigo:

— Como devia ter sido formosa esta dama, nos áureos tempos de plena juventude! Depois, voltando-se para ela, murmurou:

—Podeis relatar-nos o que desejardes! Nós vos ouviremos com a máxima atenção!

—Amigos sinceros, bem dolorosa foi minha existência, em uma afastada povoação onde, há poucos meses, retumbou a notícia confortadora de vossos atos de nobreza e generosidade, evitando por certo o meu suicídio!

Minha adorada progenitora, o Anjo guardião dos lares, desprendeu a alma boníssima, quando vim ao plano material, em consequência de uma febre perniciosa.

Meu pai, homem culto, mas de gênio violento, não sabendo perdoar, mas odiar com ferocidade, prodigalizou-me os seus rudes desvelos e uma esmerada educação, tendo contratado diversos professores para o meu preparo intelectual, no próprio lar, para que eu não me ausentasse um momento sequer de nosso domicílio.

No entanto, durante o tempo consagrada a uma ladainha ou missa, eu me encontrava com frequência com um esbelto mancebo chamado Cláudio Robério, cujos olhares buscavam os meus, com ansiedade. Já nos amávamos, por alguns anos,

quando, tendo meu severo progenitor percebido que estávamos intensamente enamorados um do outro, proibiu-me ir à missa. Pouco tempo depois apresentou-se em nosso lar um rapaz de mais de trinta anos de idade e após o almoço que lhe foi oferecido por meu pai, ouvi estas palavras por ele pronunciadas:

—Elmana, acabo de contratar teu casamento com Eros Argólida aqui presente, abastado comerciante, originário da Arábia, que pretende fazer-te extremamente venturosa.

Estive a ponto de desmaiar e comecei a soluçar!

— Porque tanto pranteia vossa bela filha, senhor Gregário? interpelou-o Eros contrafeito.

— Ela é muito sensível e ficou emocionada com a notícia do seu próximo casamento.

— Quem sabe não lhe foi grato o meu pedido, sem haver eu lhe feito alguma prévia declaração de afeto?

— Não vos aflijais! Logo conversarei com ela, e, amanhã, durante o dia, irei dar-vos uma resposta definitiva sobre vossa solicitação.

Após a saída de Eros Argólida, meu pai assim falou-me:

— Elmana, nunca faltei à minha palavra empenhada a ninguém e, se não aceitares a proposta de casamento do opulento Eros, aquele a quem amas, Cláudio Robério deixará de existir hoje mesmo!

— Meu pai! exclamei eu, com incontido pavor, prefiro que, neste momento, me apunhaleis! Eu abençoarei o vosso gesto, pois prevejo desventuras porvindouras. Não façais mal a Cláudio!

—Ficarás sob a vigilância de Solano Almério e de uma severa serva que passará a dormir em tua companhia. Ai! de ti se tentares falar a Cláudio!

Tive de ceder, para salvar a vida daquele a quem amava. Desde então, tornei-me prisioneira de dois míseros servos, e decorridos poucos dias estava consorciada com

Eros, pois nem ao menos podia atentar contra minha vida, :sob a vigilância do casal de sicários.

Não me foi possível rever meu adorado Cláudio. Eros Argólida era digno e correto no proceder, mas extremamente cioso e de gênio reservado.

Transcorreu algum tempo, talvez uns sete anos em que vivia eu como encarcerada e só podia ausentar-me de casa ao lado de meu progenitor ou de meu marido.

O amor, quando reprimido, aumenta de intensidade, e, quando excessivo, predispõe os seres humanos a cometer insanidades, para que sejam saciados os seus ímpetos afetivos.

Amando como eu amava, apaixonadamente a Cláudio Robério, o meu consórcio com um homem que contava o dobro de minha idade, e ao qual nunca pude amar, embora me tratasse com bondade fraternal, não podia terminar bem. Decorridos alguns anos, meu companheiro de existência foi chamado à terra natal, para atender a um chamado de sua idosa progenitora, que não desejava baixar a sepultura sem se despedir de seu único descendente. Partiu ele assim para a Arábia. A enfermidade materna prolongava-se, tendo feito a entrega de todos os seus tratos comerciais a meu pai, que continuava a tiranizar-me.

Ficava eu isolada, no meu dormitório e só me era permitido um rápido passeio ao jardim, pela manhã ou à tarde.

Uma vez, quase ao entardecer, estando pensativa, sentada em um tosco banco do jardim, vi aproximar-se aquele a quem continuava a consagrar intenso afeto: Cláudio Robério que, ao ver-me, aproximou-se do gradil e disse-me, com incontida emoção:

— Vim despedir-me de ti para sempre, Elmana!

— Que é que disseste, vais deixar nossa Pátria querida? Porque cometer uma loucura que me tomará mais infortunada? falei-lhe comovida e em pranto.

— Vou incorporar-me ao exército grego e ausentar-me por tempo indefinido, para que sejas menos desditosa! Nunca te acusei por teres ligado o teu destino ao de

outrem porque sei que és uma prisioneira! Ausentando-me desta terra querida, serás menos desventurada!

— Tu te iludes: nada poderá tornar-me mais desditosa do que saber que te achas ausente, mais longe de meu coração! Meu esposo está na Ásia; meu carcereiro, saiu para cumprir uma ordem de meu progenitor. Vais entrar comigo na varanda, pois desejo te dar uma lembrança que pertenceu à minha mãe. Entra!

— Não! É arriscado penetrar no lar de adversários cruéis.

—É o destino que nos protege, Cláudio, pela derradeira vez, quem sabe?

Enlouquecido de amor e desespero, Cláudio forçou o portão e eu e ele entramos na varanda e, em seguida fomos ao meu dormitório, ébrios de felicidade e inconscientes de nossa responsabilidade... O que ocorreu fica por conta da loucura, da alucinação de um afeto veemente e sincero, talvez eterno!

Decorridos alguns instantes, ouvimos, apavorados, baterem à porta do aposento onde nos encontrávamos, com violência assombrosa e meu pai dizer, com a voz alterada pela cólera:

— Elmana! Abre a porta antes que a ponha abaixo!

— Estamos perdidos, querida! exclamou Cláudio, sem se acovardar. Morrerei feliz.

Teria sido melhor que eu houvesse fugido quando ele abriu o portão, conforme me propôs, partiríamos para um destino ignorado, tendo por farol o amor existente em nossos corações, podendo conquistar a almejada felicidade então destruída indefinidamente.

Deixo, porém, de divagações, tão penosa é a narração de minha vida. Aberta a porta de meu dormitório, com violência brutal, aquele que eu amava com intensidade, defendeu-se com valor, mas foi apunhalado por Solano, o sinistro servo de meu pai e, logo, arrastado o cadáver para o ponto mais afastado do quintal, murado e instransponível e, o improvisado túmulo foi disfarçado por um monte de pedras.

Fizeram desaparecer todos os vestígios do crime horripilante. Quando recobrei os sentidos e soube da dolorosa verdade, quase enlouqueci! Fui espancada

barbaramente, por meu cruel progenitor e, ao cabo de alguns dias de inércia sobre o leito, soube, por um requinte de perversidade da serva, que também era assalariada de meu pai, que a progenitora de Cláudio enlouquecera, devido ao desaparecimento de seu adorado filho, prevendo um trágico evento. Para obter o silêncio de Solano e o de Esméria, foi mister um gasto excessivo que desfalcou o que seria minha herança paterna. Terminada uma tragédia, afigurou-se-me que outra que aproximava de meu lar: sentia-me enferma e, dentro em pouco tempo, Esméria revelou-me a verdade: estava eu para ser mãe. Temia agora o regresso de Eros, cuja progenitora já havia melhorado.

Implorei a meu pai que me deixasse extinguir a vida que eu então, odiava!

— Não! Tens que resgatar o crime cometido contra a honra de nosso lar! Prevejo que queres morrer para te encontrares com o maldito Cláudio Robério! Tens feito a minha desdita e quero que também padeças como desventurada mãe!

Meu marido avisou que só regressaria no fim do ano que transcorria, então. Antes que ele chegasse fui transportada para uma casa solitária, nos arredores de Delfos, onde ninguém me conhecia, e fiquei sob a vigilância feroz de Solano e Esméria.

Os dias foram-se sucedendo e, uma tarde procelosa, veio ao desventurado planeta da Terra, um lindo ser humano, de cabelos louros, feições semelhantes às daquele a quem eu havia consagrado um afeto imorredouro.

Esméria prestou-lhe os primeiros cuidados depois envolveu-o em um manto róseo a contrastar com a minha dor e o pequenito foi entregue a Solano, que o abandonou numa gruta, pouco distante da estrada real.

Antes que o levassem, quando já ia ser expulsa de um lar que era seu, não cheguei sequer a beijar o fruto de um afeto veemente, pois perdi os sentidos!

Algum tempo depois, eu e os que me seguiram a Delfos, regressamos, tendo antes estado presa ao leito com intensa febre. Com a saúde intensamente abalada, voltei ao local de minha residência, pois não tardava a regressar Eros Argólida, chamado por meu pai, cujos negócios em conjunto com os do genro estavam fracassando:

Um dia, disse-me o que me dera o ser:

— És uma filha desnaturada que trouxe a desonra a nosso lar, que se tornou maldito! Agi com acerto, eliminando dentre os vivos, o causador de nossos infortúnios e, até o presente ainda não me arrependi do que fiz! Agora, já nos ameaça a penúria, a falência temível e fragorosa! Nunca te perdoarei!

Não lhe respondi, pois, então, estava tão abatida que a menor emoção fazia-me desmaiar.

E os dias iam transcorrendo sem sucesso algum digno de menção. Quanto me arrependi por não haver fugido, antes que nascesse o meu filhinho, para longínqua região onde certamente, havia de encontrar quem se compadecesse de minhas desditas!

Meus pensamentos, quando desperta, eram todos consagrados àquele que continuava a ser o meu único afeto sobre a Terra — Cláudio Robério e o nosso filhinho, afastados de minha presença. Por vezes tentei sair de nossa habitação, para arrojar-me ao mar, porém, a vigilância incessante de Solano e Esméria não cessava.

Meu marido interpelava-me, com frequência, sobre a causa de minha enfermidade e tristeza permanente, mas eu me esquivava, dizendo-lhe que havia levado uma queda, da mais alta escada de nossa habitação.

Os negócios de meu pai e os de Eros não prosperaram mais, entrando em declínio e vários prejuízos consideráveis advieram. Meu genitor, tendo abalado o seu crédito de opulento negociante, desgostoso e desiludido, apareceu inerte em seu leito, tudo fazendo crer que havia posto fim à sua vida. Por algum tempo mais, vivemos eu e Eros em dolorosas cogitações mas, o que me torturava sem cessar era a presença do cruel Solano que, com frequência extorquia-me quantias valiosas, para as gastar em jogos ilícitos. Era eu forçada a retirar, ocultamente, dos bolsos de meu esposo, fortes importâncias que, por vezes, foram notadas por ele.

Passaram-se anos de inenarráveis apreensões. Vendo faltar recursos pecuniários para as exigências de Solano e Esméria, fui-lhes entregando as joias, verdadeiras preciosidades de família, para satisfazer-lhes os dispêndios criminosos! Imaginai,

senhores, como transcorreu minha existência, durante vinte anos: prisioneira de dois algozes, que se regozijavam com meus tormentos e eu, por mais esforços que fizesse, não conseguia repelir a lembrança do passado, recordando-me, com frequência daquele que, por crueldade do Destino, só pude contemplar uma só vez — meu filho! Quanto a meu infeliz marido, desalentado com os fracassos comerciais, alguns anos depois também morreu.

"Tornou-se dia a dia mais intolerável a minha vida na residência em que nasci, e vivi desde então, sempre amargurada e desditosa. Por diversas vezes, tentei saber notícias de meu adorado filho, mas não me era permitido ausentar-me do lar senão para um templo, sempre seguida, de perto, pela cruel Esméria.

Continuava prisioneira de Solano e sua assecla, cada vez em situação mais penosa, pois já estava à beira do abismo da miséria: só me restava o prédio, em que residia, mas já hipotecado, quando ouvi, dos lábios de uma velha mendiga, notícias relativas ao SOLAR DE APOLO, onde se acolhiam os infortunados, os que estivessem sem amparo, ou sem recursos pecuniários. Comecei, então, a planejar a fuga definitiva mas, como conseguiria efetuá-la? Uma vez tendo-me isolado no porão de minha residência, Solano e Esméria foram encontrar-me, depois de muitas buscas, e, o cruel assassino de Cláudio disse-me, encolerizado:

— Não tenteis fugir desta casa, pois sereis encontrada e, à volta, terminareis a vida supliciada! Se fordes abrigada por alguma pessoa conhecida eu vos denunciarei à polícia, como verdadeira mandante do homicídio de Cláudio Robério, cuja confirmação será efetuada com os vestígios existentes no fundo do quintal. Tereis a maldição dos parentes de Cláudio, o cárcere e a desonra.

— Porque então, não me tiras a vida que eu detesto?

— Porque quero o vosso sofrimento igual ao meu. Já deveis ter percebido que, apesar de minha inferioridade social eu vos consagro intenso amor, sabendo que me odiais! Compreendeis agora porque fui auxiliar de vosso pai no extermínio de Cláudio?

Fiquei emudecida, por alguns instantes; depois, com voz trêmula, respondi-lhe:

— Liberta-me e eu venderei este prédio e dar-te-ei, bem como a Esméria, tudo quanto eu apurar!

— E para onde pretendeis partir? inquiriu ele subitamente.

— Sem destino, talvez para a Morte!

— Não tenteis pôr em execução o que pretendeis pois, se continuardes viva longe de meus olhos, serei inflexível na vingança! Saberei tirar desforra de vosso ultrajante desprezo. Agora, que soubestes que vos adoro só desejais desaparecer para outro local!

— Se me consagrais amor porque tens sido tão cruel para mim?

— Porque compreendo o vosso injuriante menosprezo, que eu devasso através de vossos olhos que têm para mim, o valor de um céu maravilhoso, o único que conheço!

— As lágrimas que têm fluído já lhes amorteceram o brilho que, brevemente, será extinto.

— E, nesse dia fatal também meus olhos hão de ficar cerrados para sempre!

Compreendendo eu que, mais do que até então, a situação se agravara ao ter notícias do Solar de Apolo, concebi a ideia de uma difícil retirada para este local! Mas como iludir a meus carcereiros? Há poucos dias, porém, a cruel Esméria adoeceu, e, abatida pela febre, ficou meio inconsciente, ocasião que aproveitei para tirar-lhe as chaves. Inspecionei as gavetas, em busca de alguma quantia que me valesse em horas aflitivas, e resolvi por um prática o que me ocorreu à mente: Foge! Foge! Foge!

Reuni, pois, num pequeno envoltório, algumas peças de roupa, a quantia que possuía, deixei à vista as derradeiras joias e escrevi algumas linhas em um retângulo de pergaminho:

— "Não tolero mais a vida! Busco o repouso eterno nas profundidades do mar. Tudo o que me pertencia, passará para Solano Almério que, por amor a Jesus, não abandonará a enferma, Esméria. Estes são os derradeiros rogos da infortunada Elmana Sêndria Argólida".

Deixei o escrito, à hora da partida, sabendo que o cruel Solano estava em algum antro de jogo ou de prazeres ilícitos. Finalmente, temerosa, abri o portão e pude respirar a atmosfera da Liberdade.

Como a estrada real estava deserta, ajoelhei-me, implorando o auxílio dos Mensageiros divinos e parti, sem destino, até que cheguei a um local onde eu sabia existir um senhor que vivia do aluguel de modestas carruagens.

Eu lhe menti dizendo que ia em socorro de um parente, que havia fraturado uma perna, e estava em artigo de morte.

— Pago-vos três vezes o vosso trabalho! disse-lhe eu, temendo que ele não quisesse enfrentar a viagem noturna. Ele ficou reanimado assim que ouviu a promessa pecuniária que lhe sugeri.

Quando a sege se pôs em movimento, senti, pela primeira vez nesta existência, o prazer da liberdade, do desafogo, o que não me sucedia desde a infância! Foi assim que consegui chegar até Sicione, vendo-me longe da perseguição de dois algozes! Despedi o carro e esperei clarear o dia na soleira de uma porta. Quando alvoreceu e pude caminhar, com as vestes encharcadas de água, da chuva, ajoelhei-me, e comovida e em pranto, roguei ao Pai celestial que, se ainda não estivessem findas as minhas provas acerbas, permitisse que eu caísse ao solo, sem vida, para cessar o meu padecimento. Reanimei-me, porém, e consegui subir a colina e ser acolhida neste adorável Solar, cujo nome devia ser mudado para Solar de Jesus. Percebi logo que estaria sob a proteção de dois luminosos discípulos do bondoso Nazareno. Desde então, tenho vivido tranquila e feliz como nunca o fui! O que ora me amargura e deu causa à revelação que acabo de vos patentear, foi um recado imperioso que recebi, por intermédio de um dos mais recentes asilados, de que Solano foi cientificado pelo cocheiro que me conduziu, pois saiu ele em busca de minha pessoa, quando soube que eu prometera suicidar-me e pôs em dúvida minha afirmativa. Declarou que viria a este local denunciar-me como mandante do homicídio de Cláudio Robério, pelo qual eu teria sacrificado a própria vida, de bom grado, afirmando mais que ia denunciar-me também como matricida.

— Que monstruosidade, senhora! exclamou Argos Políbio extremamente emocionado. Aproximou-se de Elmana e interpelou-a com voz trêmula:

— Dizei-me, senhora: tendes certeza de que vosso desditoso filhinho não foi morto pelo cruel Solano?

— Sim, porque meu pai embora impiedoso, me revelou que ele foi recolhido por um digno cavalheiro, mas não quis revelar-me o seu nome, para eu não ir procurar meu desconhecido e adorado filhinho! Tendo eu agora conseguido libertar-me dos algozes, meu objetivo principal é o de rogar vos o auxílio precioso para pesquisar a verdade, indo aos arredores de Delfos, a fim de conseguir saber o paradeiro do querido enjeitado, sempre lembrado com saudade e remorso.

— Lembrai-vos ainda do dia em que ocorreu o nascimento do vosso descendente?

— Sim, 24 de maio.

— Qual foi a vestimenta de vosso filho?

— Não me foi permitido fazer-lhe sequer uma peça de vestuário. Foi ele envolvido em um manto róseo que eu tinha e do qual sem que o percebesse meu pai, cortei um fragmento, que conservo encerrado em uma medalha de ouro, a única joia que restou das muitas que eu possuía.

— Pois bem, senhora, logo faremos um confronto do fragmento que guardastes como relíquia preciosa com o manto onde fui achado, pois eu, também, ao fugir de casa não tive coragem de abandoná-lo.

— Que dissestes, senhor? Enlouqueci eu? interpelou Elmína, aproximando-se de Políbio, com os olhos fúlgidos

O jovem ergueu-se, também, apertou-a no braço falando com a voz trêmula de emoção:

— Deixai agora, o perverso Solano vir até este Solar, senhora! Jamais vós o temereis, pois já tendes vosso filho para vos defender!

— Que ouço eu, Jesus? Dizei-me se ainda não enlouqueci, senhor? falou a desditosa Elmana, em lágrimas, e, subjugada pela emoção, que lhe avassalou a alma, perdeu os sentidos, mas foi amparada pelo seu adorado filho Políbio!

* * *

Quando Elmana terminou a narrativa de sua vida, foi abraçada pelo filho, soluçante, sendo tão intensa a sua emoção, que perdeu os sentidos; Flávio amparou-a também, indo em seguida, chamar a generosa criatura que por ele se havia sacrificado, sua mãe adotiva, que exultou, com a notícia.

— Obrigado! Obrigado! murmurou Políbio, sorridente, retribuindo os abraços dos amigos.

Repentinamente, tendo empalidecido, Políbio falou com voz emocionada e suave:

— "Amigos e irmãos, a data de hoje será eternamente, comemorada em vossos espíritos!

Triunfastes do Mal e esse sucesso faustoso já vos proporcionou uma alegria sem par! Obedecei aos ditames divinos e não sereis jamais abandonados, em hipótese nenhuma, salvo se vos desviardes do carreiro luminoso da Honra e do Dever.

Aqui, no Solar de Jesus, conforme a inspiração da irmã Elmana, congregados fraternalmente, vós vos afastastes das misérias humanas, a fim de revestir vossas almas com o escudo da heroicidade moral e espiritual, contra o qual não prevalecerão os golpes dos adversários de Jesus: o ódio, a vingança, a impiedade!

Cumpri a vossa missão terrena por maiores que sejam os dissabores que vos atingirem! Tendo Jesus em vossos corações, todos os vossos prazeres, vossas decepções serão suavizadas nas horas amargas.

Não vos faltarão dissabores, horas penosas e trágicas, mas tudo sofrereis, tendo em mente Jesus que, por única recompensa, após tantos atos carinhosos que praticou, recebeu dos beneficiados a coroa de espinhos, os cravos lacerantes, que lhe feriram o corpo, mas tudo quanto padeceu lhe deu direito de ascender às Regiões radiosas do Universo!

Trabalhai, pois, com persistência e sem desfalecimentos na Seara do Senhor!

Vivereis, doravante, como se houvésseis nascido num mesmo lar, no qual o afeto sincero e profundo é imperturbável e há de ultrapassar os milênios porvindouros!

Doravante, este bendito alcáçar terá por designação — Solar de Jesus — sucedendo à do luminar dos deuses mitológicos — Apolo — consagrado às Artes e à Medicina, pois o Rabi da Galileia culminou todas as divindades ideadas pelos seres humanos na evolução psíquica e na perfeição moral!

Aqui, no Solar de Jesus, sob a proteção do Mestre bem amado, deverá predominar a lealdade, o combate ao Mal, ao desvario, à devassidão, ao que for nocivo à alma e ao corpo! Intensa será a batalha contra os adversários da alma, porém, o resultado será compensador.

Não decorrerão muitos anos e tereis uma surpresa estonteante, a princípio desoladora, depois confortadora, com a vinda, para este Solar, de alguém que muito amais, cujo auxílio muito intensificará a vossa atividade!

Aguardai, pois, as surpresas, dolorosas e dignificadoras do Destino, que é o intérprete do Legislador Universal — DEUS!"

Com um prolongado é profundo suspiro, Argos Políbio mudou de entonação de voz, fitou com o olhar amortecido os que o rodeavam e, após ligeira pausa, com outro timbre, expressou os pensamentos de novo Mensageiro sideral:

— "Irmã querida, que aqui vos achais pela vez primeira, eu vos sigo há muitos séculos e sou conhecedor de todos os erros e de todas as provações por que tendes passado. Não vos ofenderão as minhas palavras, pois são baseadas no afeto que vos consagro.

Em encarnação passada pertencentes a elevada classe social. Fostes vaidosa, fátua e impiedosa. Cometestes faltas graves, traístes um nobre esposo com àquele que, na presente existência, foi vosso único e veemente afeto, Cláudio Robério, traiçoeiramente eliminado pelo que chamastes de pai e que tinha sido o esposo ultrajado em transcorrida existência. Solano Almério foi outro consorte traído e que, na existência que transcorre, tornou-se vosso mais temível e cruel adversário. Éreis excessivamente consciente da vossa formosura venusina, a qual constitui uma das mais ásperas provas planetárias, pois a vaidade de ser requestada, lisonjeada e adorada, torna a mulher formosa, frívola e conquistadora, dominada pelo desejo de suplantar as suas rivais.

A beleza material, tão decantada na Grécia antiga, tem causado mais malefícios que bênçãos. Grande parte da ruína da nossa pátria se deve à guerra de Troia, motivada pela peregrina beleza de Helena. Todos os dissabores, todas as angústias que assediam vossas romarias neste planeta de dores, tiveram origem na vossa vaidade. E ainda não estão findas as vossas provas, irmã querida! Desprezastes um violento e perverso apaixonado, que sempre foi preterido: Solano Almério. Este, enlouquecido pelo vosso abandono e vosso desaparecimento, não deu crédito ao propalado suicídio e após pesquisas minuciosas, descobriu o local onde vos achais foragida! Ele aqui virá ter, disposto a cometer violências. Já tendes quem vos defende, irmã querida, porém é mister que useis de um estratagema, a fim de evitar graves consequências por não terdes vos submetido à sua cruel e desumana exploração. Quando o vosso rancoroso adversário chegar, deveis atendê-lo com inalterável brandura, sendo-lhe informado que uma desventurada mendiga, que se dirigia para este solar, caiu na estrada que a ele conduz e exalou o derradeiro suspiro antes que pudesse ser socorrida, tendo apenas tido tempo para identificar-se ligeiramente.

Que Jesus vos ilumine as almas onde já fulguram ideais excelsos e vos conceda imorredouras consolações!"

Terminou, assim, a orientação de um dos guias siderais que à Terra descem para o desempenho de importantes missões psíquicas.

* * *

Desde aquele dia inolvidável em que Elmana Sêndria relatou aos dirigentes do Solar de Jesus as ocorrências de sua dolorosa existência, foi ela incorporada aos que dirigiam os asilados do famoso castelo que havia pertencido a Argos Zenóbio.

Apesar da apreensão que lhe causara a notícia relativa a seu tenaz adversário, ela experimentou pela primeira vez em sua acidentada existência, horas de conforto moral, de alegria inexprimível, por haver encontrado aquele que era, desde o seu nascimento, a preocupação máxima de sua vida — seu filho!

Decorridos alguns dias, certa manhã, aproximou-se do alcáçar, um homem já encanecido, de aspecto consternador: estatura elevada, descarnado, nariz adunco, olhos circulados de cor violácea, cabelos bastos e incultos, denotavam a criatura

escrava. Curvo ao peso de uma vida de paixões violentas, eivada de crimes, tinha o aspecto de um vencido nas provas planetárias; sem desejar, contudo, patentear seus intuitos, falou, ao aproximar-se dos senhores do Solar de Jesus, fitando-os com insistência:

— Desejo falar-vos a respeito da senhora Elmana Sêndria que, há poucos dias, transferiu sua residência para este local.

Foi recebido em um dos salões destinados as audiências, onde predominava conforto, mas não em excesso.

— Não estais iludido, senhor? inquiriu Flávio.

—Tenho absoluta certeza de que ela veio residir aqui onde chegou, conduzida por uma sege de um de meus amigos, que me transmitiu todos os informes.

— Já me lembro, senhor, da referida dama, de aspecto nobre, cabelos louros, já encanecidos, vestes de luto.

— Sim! Vós a conheceis, senhor! exclamou o recém- chegado, animando-se.

— Pois bem, senhor, ela aqui chegou, mas antes de transpor os umbrais deste castelo, depois de haver dito onde residira, declarando que deixara tudo quanto possuía para dois servos fidelíssimos, perdeu os sentidos, sucumbindo logo após, não pronunciando mais uma só palavra!

— Que dissestes, morreu Elmana Sêndria? Será verdade? falou o desconhecido, erguendo-se da cadeira que lhe fora designada pelos senhores do Solar de Jesus.

— Calma! Sois parente da desditosa senhora? Quereis ir orar em seu sepulcro?

— Não! Fui seu dedicado servidor durante mais de trinta anos. Eu a estimava muito, mas fui compelido a vir, aqui, relatar-vos episódios trágicos de sua vida de consorte: infiel!'

— Ainda pretendeis lançar a desonra sobre quem já consumou uma infortunada existência, senhor? interpelou-o Políbio, erguendo-se de um impulso quase involuntário do local em que se encontrava acomodado. Era ela, uma desditosa que vinha em busca de conforto espiritual como o temos que aqui são acolhidos e viveu

apenas poucos momentos! Deu-nos a conhecer, como já vos revelei, que possuía haveres valiosos tendo-os legado a dois dignos servidores para que estes pudessem viver sem preocupações.

Já legalizastes o que vos pertence? Se necessitardes de algum informante perante as autoridades eu e meu amigo Flávio Genésio estamos prontos a prestar-vos auxílio.

— Obrigado, senhores! Só desejo saber se ela aqui estava acolhida para evitar ser detida pelas autoridades policiais, pois tinha sob os ombros o peso de um crime nefando: o extermínio de um filho ilegítimo, que ela me encarregou de abandonar na gruta existente nas proximidades, de Delfos.

— Sois parente da desditosa senhora? Porque tanto a acusais?

—Não! Fui seu dedicado servidor e confidente durante mais de trinta anos consecutivos! Eu a estimava bastante, mas vim aqui para vos relatar a verdade e vários episódios de sua vida que poderia ter sido a de uma digna consorte.

— Ainda pretendeis fazer revelações mesmo depois de saber que seu corpo já baixou a um túmulo? Era uma desventurada, pois, nos derradeiros momentos de vida, ela nos deu a conhecer a triste realidade, mas teve mais pressa de afirmar que, tudo quanto possuía, legara a dois servos que ficaram na habitação que lhe pertencera. Já legalizastes a posse?

— Não! Queria avistar-me com ela para fazê-la retroceder, voltando a seu lar deserto! Ela não precisava viver de esmolas, pois possuía uma fortuna! Faltou com a verdade, pois declarou que ia arrojar-se ao mar, no entanto, queria fugir da presença dos que lhe foram consagrados durante três decênios!

— Não devíeis acusá-la, senhor, pois foi ela generosa convosco e sua serva!

— Como a defendeis com ardor, jovem senhor! Compreendo, porém, o que ocorreu: queria ela enclausurar-se para fugir à dor de remorso!

— De que remorso falais? Não podeis usar de lealdade? Estais entre pessoas de confiança. Queríeis que ainda vivesse para que a denunciásseis?

— Esse era o meu intuito quando aqui cheguei, mas, agora, que já sei o que me relatastes, só me resta sair com amarga decepção na alma, se é que a possuo!

Políbio percebeu o seu grande sofrimento e, como já tinha experiência adquirida que o Bem desarma melhor o braço do criminoso do que o Mal, foi buscar um copo de água para lhe dar, enquanto conjeturava:

— Foi esse miserável delinquente que tanto fez padecer a infortunada que me deu o ser. Ele, porém, podia ter-me tirado a vida, quando me levou à gruta. Porque não o fez? Quem sabe não foi minha desditosa progenitora que não consentiu na execução de um tão cruel delito, e, por isso, comprou com sacrifícios inauditos a sua forçada generosidade? Ela há de revelar-me a verdade!

Quando Políbio voltou e lhe deu o copo com água, ele o tomou com ansiedade e, depois, como num brado de consciência, falou aos que o estavam escutando:

— Não devo mentir em hora tão grave, meus senhores! Confesso-vos que, decorridos alguns anos, sob a insistência de Elmana, regressei aos arredores de Delfos e soube que o menino, nascido neste mundo cruel não morrera e fora abrigado por um generoso casal...

— Garantis, pois, que a criança não foi atirada às ondas, interpelou Políbio ao desventurado.

— Sim! Não o matei, embora houvesse recebido ordens de meu amo para o fazer, pois compreendi que o pequenino desprovido da família, do carinho materno, do próprio nome familiar, era digno de compaixão e, quem sabe, talvez encontrasse alguém que o adotasse como verdadeiro filho, o que sucedeu, efetivamente.

— Procedestes com muita piedade e vosso ato é digno de louvor! exclamou Políbio, acercando-se do mísero Solano, que o livrara da morte deixando-o sobre a Terra para ter ensejo de sofrer e resgatar os crimes do passado tenebroso. Nunca fostes recompensado pela progenitora do infeliz enjeitado?

— Não... vacilou Solano, fitando o jovem Políbio, com desconfiança. Eu agi por conta do genitor de Elmana, que me gratificou parcamente e contentei-me somente em proceder como servo fiel penalizado com o sofrimento da desventurada mãe que ficara à mercê das censuras paternas, calando suas mágoas para que houvesse sigilo sobre o adultério que cometera.

—Foi ela a responsável pela morte do amante?

—Ela concordou com o progenitor em que desaparecesse, por completo, o causador de sua desdita.

—Mas, ela não o amava intensamente? tornou Políbio, para não causar suspeitas.

—Sim, mas temia a chegada do consorte, um árabe vingativo e cruel! Agora, senhores, eu vos agradeço a acolhida fraterna que me dispensastes neste Solar e vou retirar-me, gratíssimo aos dois.

Se eu necessitar de algum informe a respeito do legado que a inditosa Elmana me concedeu e à sua dedicada serva Esméria, talvez ainda venha aqui, para vos solicitar detalhes sobre sua morte conforme garantistes.

Depois, pronto para partir, Solano, fitando os senhores do Solar de Jesus, com a voz trêmula de emoção, interrogou:

— E, se algum dia, perder eu tudo quanto vou possuir, poderei ser acolhido neste castelo?

— Sim, se fordes prejudicado por alguma calamidade, pois achamos que vós e a servidora da desventurada Elmana, com critério e economia, podereis aguardar o futuro sem receio da pobreza! Cremos que não sois perdulário ou jogador inveterado, mormente agora que tendes o pão garantido para o resto da existência! exclamou Flávio, percebendo que Solano desejava arriscar no jogo a fortuna que recebera, sabendo que teria o pão garantido, como sucedeu aos moradores do Solar de Jesus.

— Mas, às vezes, sucedem infortúnios inesperados e veem-se milionários tornarem-se párias sem destino.

— Que Jesus vos livre de semelhante desdita, senhor! exclamou Flávio, fitando-o com surpresa e suspeita incontida.

— Só o futuro, sempre enigmático, poderá dar-vos condigna resposta. Vou agora fazer-vos um derradeiro pedido: poderei ver o sepulcro da desditosa Elmana Sêndria?

— Sim! responderam os dois, e, erguendo-se, conduziram Solano à Necrópole do Solar de Jesus, onde, sem dificuldades, mostraram-lhe o sepulcro, ou antes, a cova mais recente.

Ao vê-la, Solano foi dominado por um tremor incontido, da cabeça aos pés, e, esmorecendo, começou a soluçar.

Compadecidos do desventurado, os acompanhantes o abraçaram e, quando ele pôde falar, dirigiram-lhe palavras de conforto. Parecendo arrependido do que fizera Elmana sofrer, falou-lhes, com manifesta sinceridade:

— Desejo voltar a este bendito Solar no termo desta vida amargurada! Desejo repousar antes que meu corpo desça ao túmulo. Consentireis que eu realize esse desejo?

— Sim, mas permiti, que eu vos elucide, senhor, falou Políbio, que só repousam depois da morte, unicamente os que cumpriram todos os seus deveres sociais, morais e espirituais!

— Sabeis, acaso, que tenha eu cometido desatinos ou crimes ocultos? interpelou-o Solano, fitando-o exaltado.

— Eu não formulei semelhante acusação, meu amigo, apenas afirmei que só conseguem repouso, no plano espiritual, os que estão isentos de penalidades divinas ou humanas!

— E sabeis, por acaso, que eu já tenha faltado com os deveres que mencionastes?

—Não! Falei apenas baseado na filosofia dos mais eminentes cultores da moral humana, respondeu-lhe Políbio, suspeitando que ele desconfiara que Elmana houvesse feito alguma referência comprometedora a respeito de sua vida de delinquente.

— Aqui na Terra vivemos em trevas, a respeito de porvir após túmulo e só os que recebem as revelações dos Mensageiros celestes, podem guiar-nos através dos carreiros pedregosos da vida planetária.

— Ainda bem, senhor, que fostes sincero.

* * *

Assim terminou a conferência de Solano Almério com os proprietários do — SOLAR DE JESUS — transformado em abrigo de duas centenas de desditosos.

Solano partiu, acabrunhado e com a alma repleta de remorsos, desde que ouvira a notícia do passamento de sua vítima indefesa, exausta de tantas amarguras sofridas para que não fosse patenteado o que constituía o segredo de uma desventurada mãe, no entanto, ao saber que ela já baixara ao túmulo, conjeturou em seu íntimo:

— Será crível que duas pessoas, que dirigem uma missão excelsa de caridades cristãs, com aspecto tão nobre, tenham faltado com a verdade? Teria Elmana, antes de morrer, a lembrança de relatar-lhes algo de nossa existência na mesma habitação? Houve momentos que me pareceu que ambos estavam a par de meu passado.

Partiu ele, assim, com a alma confrangida por dolorosas suposições.

Quando os que ficaram no Solar de Jesus, cientificaram Elmana da conversa havida com o seu principal algoz, foi firmemente combinado que, daquela data em diante ela passaria a ser chamada Diana Apoloma para que ninguém, pudesse dar algum informe que contrariasse o que foi exposto a Solano.

Outros sucessos, entretanto, ocorreram no famoso castelo.

Um dia, Políbio, tendo em mente seus protetores da infância, onde passou quase vinte anos de relativa felicidade, enviou um emissário a Delfos, com recomendação expressa de ir à casa de Samuel Isócrates, seu desvelado protetor, e foi surpreendido com uma dolorosa notícia que o abalou até o âmago de sua alma sensível.

Seu pai adotivo mantinha-se da mesma forma com os seus seres queridos, mas, tendo efetuado um empréstimo a um amigo, este desaparecera, repentinamente, e, jamais dera notícia, deixando-o em situação embaraçosa. Se não fora o cunhado, marido de sua irmã Anália, ficaria em situação desesperadora!

Além dos revezes de ordem pecuniária tivera outros de maior vulto: sua única filha, Emérita, já consorciada com seu primo e companheiro de infância, Plotino, convidara os sogros e os progenitores para uma excursão ao Golfo de Corinto, por uma formosa manhã primaveril. Samuel e a esposa, lembrando-se do que acontecera a Políbio, fizeram esforços para que desistissem do passeio, mas não foram atendidos e, à

tarde, receberam a lúgubre notícia de que a barca em que foram excursionar tangida por um tufão, se esfacelara de encontro a um recife e, antes que pudessem ser socorridos, pereceram afogados Anália, seu marido Eurípides e os jovens Plotino e Emérita.

Foram infrutíferos os esforços para que fossem encontrados os quatro cadáveres daqueles seres queridos!

— Como terminou a ventura que foi o meu único sonho desde os primeiros anos de juventude! exclamou Políbio, ao ter notícias do infausto acontecimento. Não há ser humano racional, que não fantasie uma era de felicidade para si próprio e seus entes bem amados, mas, essas aspirações, às vezes ilógicas, irrealizáveis, prejudiciais a nosso próximo, não se efetuam, ou se conseguem atingido o plano terreno, tornam-se falazes ou irreais. Deve ser por isso que, quando eu pretendia conquistar o que me parecia a suprema ventura, golpeando corações ditosos, justamente quando foi iniciada a minha missão espiritual na Terra ouvi, em horas avançadas da noite de inquietação e vigília um dos Mensageiros siderais segredar dentro de minha própria alma desalentada: — "Não existe a decantada felicidade neste planeta como a aspiram os entes humanos! Os homens nasceram para felicidade mais alta, gloriosa e duradoura".

Políbio, abalado por soluços incoercíveis, deixou-se cair numa cadeira cobrindo o rosto com as mãos.

— Coragem, amigo! disse-lhe Flávio, abraçando-o afetuosamente.

Elmana, que chegara naquele instante, interrogou-o, com verdadeiro interesse maternal:

— Que tens, meu querido filho? Foste sabedor de alguma notícia desagradável?

Flávio, sempre solícito, satisfez-lhe a legítima curiosidade:

—Soube ele da morte trágica de irmãos com os quais fora criado e educado, bem como dos pais deles. Seu sofrimento aumenta ao pensar em quão profunda deve ser a dor de Samuel Isócrates e sua esposa, nestes dolorosos momentos.

— Pobre filho! Quem lhe transmitiu tão funesto sucesso? interpelou Elmana com crescente desejo de amenizar a tortura que atingira Políbio.

Depois de diversos alvitres confortadores, Políbio, mais calmo, abraçou sua mãe e Flávio, dizendo-lhes, com emoção:

— Obrigado, meus amigos! Vejo em tudo quanto nos sucede a execução das Leis divinas, que presidem nossos destinos. Só agora compreendo tudo quanto antecedeu a minha partida definitiva de Delfos, em um período dolorosíssimo de minha existência. Quando ia eu idealizar a execução de um sonho bem amado, julgando ser correspondido por quem adorava desde a infância, fui atingido pelo golpe do Destino, tornando-se um quase inválido, um desditoso mutilado. Desde então notei a criatura amada afastar-se de mim, correspondendo ao outro. Não tinha limites o meu desengano! Tinha que me resignar a ser infortunado até que baixasse a uma tétrica sepultura! Não tive a calma conveniente para suportar a tortura que se apoderou de meu coração. Era preferível a morte do que uma existência como a que me esperava, sempre difícil de prever sua duração. Projetei, então, egoisticamente, o extermínio daquele que foi meu companheiro de infância, de estudos e de juventude, e, se tivesse efetuado o meu sinistro intento, golpearia, ao mesmo tempo, cinco extremosos corações e ficaria marcado como uma das mais aviltantes designações humanas: Assassino! Traidor!

Foi então que ocorreu a aproximação de um de meus amados Mentores espirituais que me forçou a arrojar ao solo a arma fraticida e fatídica e fugir do único lar que, até então, me fora dado possuir sobre a Terra!

Como hoje abençoo esses desvelados companheiros de intensa dor que paternalmente guiaram meus passos vacilantes para este bendito castelo. Como tudo se gravou eternamente em meu espírito: a fuga, o desalento, a aproximação deste Solar de Apolo ou de Jesus, cujo novo nome melhor interpreta as suas nobres finalidades!

Agora, o que mais ardentemente almejo e imploro, e que meu grande amigo aqui presente, Flávio Genésio, me conceda sua autorização para eu enviar um convite ao meu antigo protetor, verdadeiro pai espiritual, Samuel Isócrates, para que venha colaborar conosco nas pelejas do Bem, como Legionário de Jesus.

— Ainda duvidas, Políbio, falou Flávio com generosidade, que esteja eu de pleno acordo contigo neste ponto?

— Obrigado! disse Políbio, abraçando o bondoso companheiro. Amanhã, ao alvorecer, chova ou faça esplendido dia, expedirei um emissário a Delfos, pois sei que tudo está fracassando na vida de meu amado protetor e quero proporcionar-lhe, e à digna companheira de existência, significativa prova de afeto pelos benefícios que hei recebido em companhia de ambos, meus verdadeiros pais espirituais! Qual será a impressão que terão ao saber que ainda vivo no plano terreno? Que conforto receberão seus corações em momento de tanto sofrimento, pela morte de quatro entes bem amados?

— Estou ao teu inteiro dispor, Políbio, e desejo auxiliar-te nas ações generosas!

— Vinde, pois, até aquela secretária, amigo, pois vou ditar a carta que já formulei em minha própria mente. Ei-la:

"Inolvidável Pai e amigo Samuel Isócrates:

Somente agora, após mais de três anos de ausência forçada, tive notícias do trágico sucesso que enlutou e amargurou vosso lar e vosso coração. Lembrei-me, pois, de vos dirigir estas palavras afetuosos que não foram traçadas pela mão inexistente mas por intermédio de um segundo Pai, que ora escreve o que dita minha própria alma agradecida e que compartilha de vossa grande dor.

Talvez desejeis retirar-vos de Delfos para outro local que não recorde tão intensamente o que sofrestes com a vossa digna esposa.

Lembrei-me, pois, de convidar-vos para uma Cruzada em que estamos empenhados e que, certamente, terá mérito no vosso conceito, pois não trabalhamos mais para as conquistas terrenas, mas para as que elevam os espíritos às regiões siderais.

Aqui deixou de ser o Solar de Apolo e passou a denominar-se o Solar de Jesus, pois este é o nosso Mestre, o nosso eterno modelo, o que nos ensinou a laborar para a Redenção espiritual!

Nós vos esperamos com o nosso coração reconhecido, desejando que venhais nos auxiliar nos prélios do Bem, da Justiça e da Redenção. Sois um inspirado celestial, e, portanto, contamos com o vosso concurso inestimável.

Aqui vos aguardamos, com ansiedade, tenho oportunidade de verificar que vos consagro um afeto leal e profundo.

Vosso filho adotivo e amigo sincero, Argos Políbio".

* * *

Já haviam decorrido mais de três anos que Políbio e Flávio dirigiam os diversos labores do Solar de Jesus, onde todos viviam na mais cordial confraternização. Todos os sucessos que ocorriam no seu interior, eram encarados com verdadeiro critério e todos os asilados se consideravam ditosos por haverem conseguido tanta paz e tanta harmonia naquele reduto que não desmentia a designação que lhe fora posta em hora de inspiração: o Solar de Jesus!

Fabiana e Elmana dirigiam os afazeres domésticos; Políbio e Flávio zelavam pelos trabalhos e pelas despesas. Todos estavam acordes em enaltecer a Justiça e a paz que reinavam no castelo e em suas próprias almas.

Alguns jovens já haviam efetuado consórcios afetuosos sob a proteção de seus parentes e, sobretudo, dos dois magnânimos proprietários do famoso Solar de Apolo, como ainda era chamado algumas vezes.

Enquanto aguardava o regresso do emissário enviado a Delfos, Políbio vivia em meditação e muitas foram as mensagens siderais transmitidas por seu intermédio. Todos os aliados do Solar de Jesus, agiam de comum acordo, não só na direção dos labores que se verificavam diariamente, como nas reuniões fraternais ali efetuadas.

Começaram a surgir os frutos resultantes de uma excelente administração. As terras produziam alimentos variados, cereais, legumes, frutas que, chegavam para o abastecimento do Solar e sobravam para vender nas feiras vizinhas.

Os jovens eram os mais ativos e interessados nos labores agrícolas dos quais dependiam as produções que eram utilizadas por todos os moradores do antigo Solar de Aplio. Raras foram as desavenças entre os abrigados e, conforme a questão aventada, havia um imparcial julgamento promovido pelos dirigentes do castelo — Políbio e Flávio. Quase sempre Argos Políbio recebia dos planos espirituais alvitres conciliadores, que a todos satisfaziam com imparcialidade,

Um dos salões outrora consagrado a festejos monda-nos, foi transformado, durante o dia, em escola infantil e à noite, em curso para os adultos que, até então, não tinham tido oportunidade de aprender a ler.

À tarde, depois da segunda refeição, uma vez por semana, ativavam-se os habitantes para que participassem de alguma reunião de pregações morais ou psíquicas. Nessas fraternas reuniões, sempre tomavam parte Fabiana e Elmana, que se tornaram inseparáveis amigas.

Elmana, que passou a ser denominada Diana Apoloma. tinha arroubos de Fé e gratidão dirigidos ao Criador do Universo, revelando-se uma eficiente colaboradora dos serviços administrativos.

* * *

Após o convite filial que Políbio dirigiu a seus protetores da infância, decorreram algumas semanas e, por uma tarde hibernal, chegaram aqueles dois amigos ao Solar de Jesus, sendo recebidos com o maior acatamento e carinho por todos os presentes. Nereu e sua consorte já haviam partido para o além.

Depois de refeitas as forças orgânicas, esgotadas em aspérrimas lutas, tendo ambos sido substituídos no templo de Delfos, e, com a recepção afetuosa que lhes fora dispensada, alguns dias após sentiam-se reanimados, embora envelhecidos e algo abatidos.

— Estamos nas proximidades do Solar de Minerva, que pertenceu a meus pais, e, logo depois de sua morte, era meu e de minha desditosa irmã, disse Samuel a seu filho adotivo.

— Quereis ir vê-lo, pai? Mandarei aprestar a sege para vos levar.

— Não, filho, não o quero ver, jamais. Era também meu desejo, Políbio, jamais penetrar neste castelo, ou antes, nesta região, onde tanto padecemos eu e meus entes queridos, mas o Destino impeliu-me a agir de modo contrário, para minha humilhação, ou meu maior conforto. É sempre caprichosa a nossa sina! Temos que nos curvar sob o seu império inexorável!

— Não, pai, respondeu-lhe o jovem inspirado. Em bendita hora vós me levastes ao templo de Delfos onde desabrochou a faculdade psíquica que me salvou do mais bárbaro delito e do suicídio. As luzes que lá me foram transmitidas, em hora oportuna, foram-me preciosas, pois, após haver sido decepado meu braço direito, compreendi que assim foi decretado pelo Juiz Supremo para não cometer um revoltante crime que iria ofender, esfacelar os corações que, até então, tinham sido mais generosos para comigo.

— Pois pensaste, filho, em exterminar teu companheiro de infância? interpelou-o Samuel admirado.

— Sim, pai, e, neste momento, eu vos imploro perdão, como já o fiz, inúmeras vezes, ao Magistrado universal. Eu fui preterido por aquela que eu já julgava noiva e, embora não vos houvesse revelado, agora confesso toda a verdade: quase enlouqueci de desespero e quis impedir que outrem fruísse a felicidade que eu desejava para mim. Tudo se passou no recesso de minha alma e, foi quando ouvi um amigo invisível bradar a meus ouvidos: — "Foge, desventurado Políbio, para que não apunhales corações amigos e paternais!"

Obedeci ao imperativo da voz tutelar e quanto tenho agradecido ao Pai celestial o haver me proporcionado tão desvelados inspiradores! Deus tudo remediou nos momentos angustiosos. Nunca havia sonhado com a posse deste Solar que, se já foi o palco de cenas condenáveis, hoje é o refúgio dos desventurados, o conforto dos discípulos de Jesus!

Eu, que já perpetrei diversos homicídios em vidas anteriores e, para que não fosse também assassino na que decorre, o alfanje da Tamis divina decepou o meu braço direito! Ao princípio, nos primeiros dias do martírio moral eu me revoltei contra o Destino, mas, depois, quanto o tenho bendito! O Destino, pois, pai, não é arbitrário, mas baseado no Código celestial.

Tudo quanto nos sucede tem uma base real na vida presente ou nas outras peregrinações planetárias, já transcorridas. Por mais que nos atormente essa verdade, devemos nos resignar com os sucessos dolorosos de nossas existências materiais e

agradecer ao Sumo Juiz por nos ter proporcionado o ensejo de resgate de uma dívida penosa.

— Muito te agradeço, filho, as elucidações que acabo de receber! exclamou Samuel, apertando a mão de Políbio. Não duvidarei, jamais, de que tens recebido as inspirações dos Mensageiros celestes!

— Obrigado, pai! Todos os nossos esforços devem tender para culminar este objetivo: nossa Redenção espiritual!

— Dizei-me, pai, como deixastes a missão que desempenháveis em Delfos.

Samuel deixou transparecer profunda melancolia no olhar, e respondeu:

— Por enquanto, prossegue a obra de paz e espiritualização que tem por centro de forças aquele Santuário, mas fomos informados pelos nossos mentores de que as condições de trabalho se tornam cada vez mais difíceis e que talvez tenhamos de cessar as nossas atividades no plano físico, lá, por longos séculos. As trevas preparam uma aliança nefanda com os bispos cristãos, em consequência da qual eles abandonarão os princípios da sua religião, para participar do governo material do mundo. Prevê-se um demorado período de deturpação dos ensinos de Jesus. Fadado a desaparecer da superfície da terra, o império romano tentará sobreviver na consciência dos homens pelo terror. Não será possível impedi-lo porque a humanidade em conjunto adora o bezerro de ouro, evolui lentamente e não está apta a apreciar em seu justo valor as lições de Jesus. Durante muitos séculos os homens ainda buscarão os gozos efêmeros da matéria, o poder temporal, esquecidos do espírito e desprezando as revelações cristãs. Mas a dor e a desilusão os acompanharão e um dia todos serão despertos para a Verdade. Até lá, deveremos trabalhar sem desfalecimento, hora a hora, minuto a minuto, sem indagar se chegaremos a ver os frutos do nosso, labor. Todos os homens estão fadados a se tornarem gênios do bem, por muito que se transviem e retardem. Herodes, o autor da matança dos inocentes, virá a ser mais tarde o protetor da infância desvalida com o nome de Vicente de Paulo. Judas Iscariotes renascerá como Joana D'Arc; os sumos sacerdotes que condenaram Jesus serão os maiores defensores e divulgadores da sua doutrina, futuramente. Portanto, não há razão para o pessimismo.

Só o Bem é eterno, porque emana de Deus; o mal é apenas o Bem ainda imperfeito, como o diamante é o brilhante ainda não lapidado.

A conversa entre os dois amigos prolongou-se por várias horas, dela participando com proveito o velho Flávio e Elmana Sêndria.

* * *

Desde o dia em que, em conjunto expuseram os seus sentimentos e seus nobres intuitos, Samuel, Políbio, Flávio e todos os seus auxiliares, se constituíram em verdadeiros discípulos de Jesus e tiveram oportunidade de incentivar os labores espirituais e materiais, exercendo todos os misteres sob as Leis da Fraternidade que agradavam a todos os asilados.

Samuel, muitas vezes, presidia as reuniões que eram efetuadas à tarde, no pátio do castelo, revelando-se sempre grande mentor.

Chegando ao remanso de paz que lhe foi proporcionado pelo filho adotivo, que ele julgara desaparecido e sem reconhecimento, desde que abandonara seu lar, Samuel mais uma vez pôde compreender a excelsitude e a sabedoria do Criador que reúne os inimigos do passado para torná-los amigos e permite que reparem os danos praticados.

Um dia, fitando-o ao lado de Flávio, disse-lhe:

— Como te pareces com o antigo senhor do Solar de Apolo, Argos Zenóbio!

— Já eu o disse, senhor, respondeu-lhe Flávio. Parece que Argos renasceu, com o mesmo aspecto mas, com o espírito totalmente diferente, pois as ideias generosas deste não se coadunam com as do violento senhor primitivo deste castelo. Quem sabe se o Pai celestial não lhe deu, pela segunda vez, este imponente Solar para que possa ele remir as faltas praticadas outrora? Tinha ele, porém, seus gestos nobres, praticava Justiça e, por esse motivo, confiou-lhe Deus uma excelsa missão, finda a qual, se a cumprir escrupulosamente, será por certo recompensado.

— Esta deve ser a verdade, Flávio, disse Samuel sem a qual não podemos agir com segurança e da qual, jamais, devemos nos divorciar! Não cessemos, pois, de dirigir o pensamento ao Juiz supremo, para que, jamais, nos afastemos do caminho do Bem e do Direito!

— Sim, meu pai! respondeu-lhe o jovem, muito emocionado, graças a Flávio Genésio, este alcáçar não é mais o núcleo dos que consideram os gozos mundanos acima dos espirituais e foi transformado em abrigo dos que sofrem, sob os auspícios do divino Mestre!

— Obrigado, meu filho! Tu te tornaste, agora, o melhor dos amigos e compreendo que recebeste os alvitres dos Emissários siderais para a execução de uma excelsa missão terrena, justamente quando parecia que estavas abandonado pelo Destino. Todos nós estamos em provas sobre a Terra e, o que nos compete fazer é seguir sem temor, com Jesus, a trajetória das dores, a rota dolorosa do Calvário de todos os tormentos planetários, que é a rota do triunfo e da glória.

— Como sabes, as dores e os prejuízos que padecemos, são todos baseados nos delitos que praticamos nesta ou em anteriores peregrinações. Ninguém sofre sem um motivo justo, embora os ignore. Muitas vezes, somos soldados pusilânimes que fraquejamos em horas de batalhas renhidas, por isso temos que compartilhar de pelejas verdadeiramente acerbas para temperar nossas almas.

— Não te disse já que possuía o Solar de Minerva, pouco distante deste local, o qual pertencera a meus desditosos genitores? Pois eu e minha irmã éramos os únicos herdeiros e, os seus atuais donos conseguiram documentos acusando os que me deram o ser, e assim fiquei desprovido até do essencial para a manutenção da família. Que provam essas desventuras? Crimes desta atual existência? Não! Delitos do passado sombrio de outras eras, já olvidadas.

Mas a alma, porque tenha recebido uma nova roupagem carnal, não se eximiu das punições dos delitos outrora praticados. Que fazer, pois, o ser humano, ligado assim ao passado? Ter resignação e procurar cumprir, escrupulosamente, as Leis divinas!

A morte trágica de meu amado Plotino, sua mulher e outros parentes, deixou-me abatido, mas não vencido.

Aceitei, pois, o generoso convite de um filho que, por vezes, julgava ter arrebatado às pedras de uma gruta que lhe deram a mesma consistência ao seu coração, quando me abandonou! Mas, felizmente, eu me enganara! Com que alegria

recebi teu filial convite, que me causou profunda emoção ou, antes, um conforto extraordinário, embora me sentisse algo humilhado, aceitei-o e vim para o Solar que pertencera a Argos Zenóbio, o destruidor do meu lar, compelido pela invencível força do Destino.

— Não, pai, em vez de humilhação, deve ter sido o resgate de uma antiga dívida do passado...

— Concordas comigo? Muito bem! Vamos, pois, orar pelos que já nos fizeram sofrer as mais dolorosas provas, por mais pungentes que tenham sido! Argos era desditoso como os há pelo mundo em número quase infinito. Como o coração humano custa a perdoar! Já se passaram mais de dois decênios que assisti à primeira tragédia de minha vida: e ela parece ainda recente em minha alma.

— Aprendi convosco pai, que, enquanto estivermos sobre a Terra, devemos fazer os maiores esforços para alijar de nossos corações o peso esmagador do remorso, da vingança, tornando-os imponderáveis, envolvendo-os com a clâmide de luz que se irradia de nossa alma, como sucede às estrelas mais fulgurantes!

— És um inspirado pelos Mensageiros celestes, filho-querido! Vamos, pois, fazer vibrar os nossos pensamentos, em benefício de nossos adversários, de todos os que têm. concorrido para aumentar o peso do madeiro do sofrimento de nossas vidas planetárias...

E os dois, em frente de uma ampla janela, elevaram, seus pensamentos ao Infinito, com os olhos voltados para o céu límpido, pejado de estrelas faiscantes, gozando momentos de divinal euforia.

* * *

Reuniam-se os moradores do castelo, todas as tardes, quando cada um relatava as ocorrências principais do dia e que, às vezes, pedia as orientações dos dirigentes do SO¬LAR DE JESUS.

Uma tarde, logo após as vibrações espirituais, adiantou-se um dos asilados e, respeitosamente, aproximando-se de Flávio e Políbio, disse-lhes o seguinte:

— Necessito ser ouvido em sigilo por um dos senhores e pela senhora Diana Apolonia.

— Aguardai um pouco, e já vos ouviremos.

Depois da reunião, cada qual se retirou para seus aposentos, ao passo que os dirigentes do Solar de Jesus foram para o salão reservado aos que tinham de relacionar algum fato ou sucesso particular. Quem havia feito um apelo a Flávio e seus consócios, chamava-se Jônio Solon, que devia contar uns cinquenta anos e era sempre comedido em suas apreciações. Sentando-se perto de seus protetores, atenuando a voz, como se temesse, além dos que ali se achavam, mais alguém que pudesse ouvi-lo, falou:

— Senhores, há quase dois anos aqui esteve um indivíduo, logo após a chegada da senhora Apolonia, sem que ambos se defrontassem. Ele, por diversas vezes aqui tem vindo, às ocultas, interrogando sobre o paradeiro de uma dama de Atenas, Elmana Sêndria, que ele desconfia estar viva e reclusa neste Solar. Por mais que eu tenha feito esforços para convencê-lo do contrário, ele insiste em que o iludido, sou eu. Aos poucos relatou-me vários fatos a respeito da referida dama.

— Queres relatar-nos o que sabes, Jônio? pediu Políbio.

— Sim. Eu insisti para que ele me desvendasse os seus intuitos, a fim de poder preveni-los e ajudá-los no que estivesse ao meu alcance. Tentarei reproduzir a nossa conversação:

—"Tenho plena certeza, começou ele, com emoção irreprimível, que, existe uma dama aqui, a qual já foi muito opulenta, e viveu, durante muitos anos, em Atenas, onde perdeu o pai, o esposo e o amante, que ela adorava!

Foi este, porém, assassinado pelo próprio genitor da mulher que muito o amava, na ausência de seu marido, tendo sido enterrado nos fundos do extenso quintal. Foi esse crime que a desgraçou para sempre, pois ficou sem o amante e o filho que nasceu e, logo após, foi enjeitado, cruelmente, forçada pelo pai, a repelir o fruto de um amor infortunado mas profundo, abandonando-o por ordem de seu avô materno, em uma gruta deserta, por uma tarde tempestuosa.

Eu, que sabia de todos os segredos de sua vida, seria feliz se Elmana me consagrasse algum afeto, mas seu formoso olhar revelava o ódio que me votava por ter sido o auxiliar, forçado, da morte de seu bem amado. O consorte nunca soube da infidelidade de Elmana, ou de sua traição, e, quando ele morreu, logo depois seu cruel sogro foi levado à sepultura, desconfiando eu que ele se suicidara por questões financeiras.

Eu, que sempre guardei segredo em torno de todos os trágicos sucessos que acabo de relatar, nunca deixei de consagrar a Elmana uma invencível afeição e, sempre generosa, ela me entregava, com frequência, valiosas gratificações.

— Dize-me a verdade, perguntei a Solano, dava-te ela, voluntariamente, essas recompensas, ou tu lhes exigias com violência, ameaçando-a de narrar a dolorosa história de sua vida às autoridades?

— Eu gostava de jogos e diversões para esquecer a minha desdita e ela não tinha ânimo de negar-me o que eu lhe exigia! Estás duvidando de minha lealdade?

— Não. Podes prosseguir tua narrativa! disse-lhe eu.

— Tudo terminou há cerca de dois anos, meu amigo. Ela, ao fugir de seu próprio lar, simulou um suicídio, que não se efetuou e legou-me a habitação em que vivera. Sua serva, com quem eu vivia e que a conheceu desde a infância, morreu logo após a fuga. Com o coração infortunado, sem alento, despendi tudo quanto apurei com a venda da habitação, das joias e do mobiliário existente, em noites intérminas de boêmia, de jogos, sentindo sempre enlutada, minha alma!

Pouco tempo depois, ao referir a um amigo o desaparecimento de Elmana, soube que ela não se suicidara e está vivendo com nome suposto no Solar de Apolo, transformado em abrigo de desventurado. Tentei assediá-la, mas venceu ela e fui eu esmagado pela fatalidade!

Meu desejo agora é entrar no castelo e revelar todas as peripécias de sua vida infamante, afirmando que ela é responsável pelo homicídio do amante e pelas desventuras do filhinho.

— Não tens remorso por haveres extorquido tantas quantias para as desbaratar em jogos e em entretenimentos nocivos à moral e à alma e ainda desejares prejudicar a uma pobre mulher?

— Não! Agora só me resta a vingança final: eu sei que ela não morreu, e que é prestigiada pelos senhores deste castelo e feliz! Meu amor se transformou em ódio e eu preciso aniquilá-la!

Repliquei, com energia:

— Lamento tudo quanto me relataste, Solano, mas, eu, que estou residindo no Solar de Jesus, sendo tratado fraternalmente por todos, ignoro se Diana Apolônia, culta e inspirada, é a mesma pessoa a que te referes, pelo nome de Elmana Sêndria.

— Eu tenho recebido informes minuciosos de um antigo servo do pai de Elmana que, após a morte do amo, caiu em penúria extrema e, como tu, foi admitido no castelo. Ele a conhece, desde os primeiros anos da juventude.

— Se ele ficou a par de um segredo que pertence a seus protetores, devia ter sido leal aos que o acolheram com benevolência e não trair os que lhe estenderam as mãos generosas, em hora amarga.

— Sim, mas também sempre foi meu fiel amigo. Estamos unidos, indissoluvelmente, pelos sucessos que te relatei e não deves trair a nossa confiança. Foi ele quem nos auxiliou no extermínio do amante de Elmana, o desditoso Cláudio Robério.

— Qual é, porém, o interesse de ambos para infelicitar, novamente a infortunada dama? interpelei com indignação.

— Porque sempre a adorei e fui desprezado, com desdém insultuoso, aviltante. Quero, pois, vingar-me de tudo quanto tenho sofrido por sua causa. Enquanto vivia ela no mesmo lar, a minha "revanche" era a de valer-me de sua bolsa, mas, agora, a casa que ela me legou já foi vendida e, desde então, entreguei-me ao entretenimento predileto, o jogo e, atualmente, estou desprovido de um abrigo, durmo nas mansardas abandonadas, enquanto ela vive em um principesco palácio, amada pelos que a cercam

e isso me revolta e induz-me à mais requintada vingança: quero denunciá-la pelo homicídio de Cláudio Robério, a fim de que seja expulsa daqui!

— Mas, porque desejas te vingar de quem foi generosa contigo ao ponto de legar-te uma confortável habitação, que podia ter feito a tua ventura, podendo viver despreocupado o restante da vida, se tivesses outra orientação?

— Porque nas horas de desespero só desejava amortecer o meu penar distraindo-me com os amigos! Porque, realmente, ela é venturosa e eu, um desgraçado pária. Eu, o desprezível, estou em penúria extrema e ela em abastança feliz.

Eu lhe falei, novamente, estudando as palavras que ia proferindo, para não exacerbar seus sentimentos de revolta.

— Vou rogar aos dirigentes do Solar de Jesus para que sejas acolhido como todos o foram, com verdadeira caridade cristã, no bendito castelo em que encontrei a tranquilidade no derradeiro quartel da vida terrena! Hás de, porém, prestar um juramento sagrado de que jamais pensarás em vingar-te de quem tanto já padeceu. Mas acho que Apolonia e Elmana não constituem uma só personagem! Creio que estás iludido.

— Iludido, eu? Jamais! Meu antigo companheiro de serviço muito a conhece, desde longa data e, se ela agir para que eu seja repelido, irei à polícia mesmo em risco de me complicar e farei declarações comprometedoras, que serão patenteadas com o encontro de um esqueleto, na antiga residência de Elmana Sêndria, comprovando o crime cometido por sua causa.

— Como poderás acusá-la sendo tu conivente no homicídio?

— Direi que fui obrigado a comparticipar do crime, sob pressão invencível de Elmana, que pretendia ocultar a verdade a seu esposo e de seu progenitor e que ameaçara tirar-me a vida se eu o revelasse.

— Tua denúncia não teria valor, pois foste comparsa e gratificado para a execução do crime. Devias ter efetuado a denúncia antes, e não tantos anos depois!

— Sim, mas eu direi que agi, também, movido pelo ciúme, fazendo desaparecer do plano terreno o único ser a quem ela adorava!

— Compartilhaste, pois, do nefando crime, por um duplo motivo: ciúme, por um amor repelido, e por interesse pecuniário, pois ficaste com a vítima sob teu domínio para dela extorquires vultosas quantias.

— Sim, outrora assim sucedeu mas, agora, sou impulsionado apenas pelo desejo de vingança, por ela se ter ocultado de meus olhos!

— Assim, Solano, não poderei interessar-me por ti, receoso que estou de um grave sucesso que irá infelicitar um santuário de paz.

Fitou-me ele com os olhos chamejantes e falou, com a voz alterada pelo ódio, que nutre pela digna dama que reside conosco e é tão sensata e acatada por todos que a conhecem. Percebi logo que ele planejava uma injusta vindicta, e, falseando a verdade por um motivo louvável, modifiquei meu timbre de voz e disse ao Solano que iria interessar-me fraternalmente para que fosse ele admitido no Solar de Jesus, ficando de obter a resposta definitiva amanhã à tarde.

— Obrigado, Jônio, disse-lhe Flávio, apertando a destra do fiel protegido. Eu e os amigos presentes vamos agir em defesa de nossa irmã Cassandra e precisamos executar um plano eficiente para burlar as pretensões do cruel adversário de sua vítima! Amanhã virás à presença dos que aqui se encontram, pela manhã. Necessitamos muito de teus esforços e de tua dedicação. Serás condignamente recompensado por tua fidelidade!

— A recompensa que desejo, senhores, é ter minha consciência sem mácula!

— Louvamos imenso os teus nobres sentimentos, Jônio! Deus que te recompense! exclamou Políbio.

***

Ficando isolados os dirigentes do Solar de Jesus, Flávio, Políbio e Samuel fizeram vir a sua presença a desditosa Elmana que, emocionada, escutou o relato das confidências de Jônio e foram feitos diversos comentários por aqueles quatro seres congregados pelo Destino.

Depois de diversas conjecturas, chegaram a um acordo. Políbio, que, também, comovido pelo que ouvira com referência à infortunada Elmana, assim falou:

— Meus amigos, Solano Almério é um indivíduo perigoso ao extremo, vingativo e cruel, a paixão do jogo o domina como se fora um verdadeiro déspota. Para satisfazer o seu triste vício, será capaz de praticar as maiores indignidades! Enquanto sua vítima estava sob seu domínio, ele, podendo continuar com seus hábitos de jogador inveterado, guardava sigilo de que presenciou a morte de meu desditoso pai, sendo ele, talvez, o próprio homicida. Depois que se esgotou a mina, a bolsa de sua sacrificada senhora, o seu ódio não teve limites!

Sabe que ela aqui se encontra, por intermédio de um antigo comparsa, o qual será despedido deste Solar, que tem por escopo proteger os infelizes e não os celerados e, certamente, vai agir contra todos os que protegem minha querida mãe! Quer ser ele admitido como desamparado. sendo adversário dos que vivem, neste bendito Solar, dominado como está por sentimentos inferiores! Pois bem, exponho aos bondosos amigos que me ouvem, o meu pensamento: não convém que o levemos aos tribunais, porque faria deprimentes confissões contra minha mãe e seus entes bem amados. Não deve ser morto, porque estamos associados para a execução do que é humanitário e digno e não para a consecução de atos perversos. Que faremos, então? Depois de ser minuciosamente revistado, pois deverá trazer armas, nós o encerraremos em um dos cárceres subterrâneos deste castelo, onde ficará prisioneiro, mas será tratado com piedade. Tudo faremos para que ele se regenere.

— Muito bem Políbio, disse Flávio, és um espírito ponderado e justo e louvo o que pretendes pôr em execução. Evitaremos desse modo que Solano forje histórias inverossímeis e lance o descrédito sobre quem tanto já tem sofrido:

Todos os circunstantes aprovaram a sugestão e, em conjunto, fizeram vibrar os pensamentos, dirigindo-os aos Entes siderais que, embora pareçam distantes, não abandonam os que na Terra estão passando por rudes provas!

—Tudo temos feito a nosso alcance para minorar a desventura de nosso próximo, disseram ambos a Samuel, e, no entanto, já existe quem deseje destruir o que temos realizado em nome do Mestre bem amado!

— Jesus, porém, não o consentirá, meus amigos! respondeu-lhes Samuel, pois estamos avisados e, com o auxílio que teremos do Alto, sairemos vencedores!

Os dirigentes do Solar de Apolo tinham ficado apreensivos, pois tudo podiam esperar de um insensato que desejava vingar-se da vítima que se afastara de suas garras asfixiantes.

Jônio, ao entardecer, havia-lhes dito:

— Senhores e amigos, o desventurado Solano Almério disse-me que amanhã, ao alvorecer, estará neste Solar contando com a generosidade dos que o dirigem, até agora fartamente demonstrada. Fiquei de ir aguardar sua vinda, além, na estrada real. Podeis confiar na minha lealdade, senhores!

—Sim, Jônio, nós te esperaremos, com a máxima confiança! falou Políbio, fitando-o com gratidão. És digno de nosso reconhecimento, pois se não nos relatasses a verdade, provavelmente todos nós teríamos de sofrer amanhã, as consequências da alucinação de um indivíduo sem consciência.

Jônio, emocionado, antes de se retirar, falou:

— Podeis confiar em minha eterna gratidão! A recompensa que mais desejo é a de jamais retirar-me deste grande Solar e merecer a afeição paternal daqueles que o dirigem.

Transcorreu o dia sem incidentes dignos de menção. Os dirigentes do Solar, contando com a presença de Samuel Isócrates, que era culto professor dos jovens e adultos, auxiliado por sua digna esposa Eneida, mostravam-se calmos, porém, entristecidos.

Passou a noite, alvorecendo um dia primaveril. Jônio afastou-se do Solar de Jesus, partindo ao encontro de Almério. Não haviam decorrido duas horas quando regressou o fiel Jônio, seguido do alquebrado Solano Almério que, a custo, conduzia um grande saco que depositou no solo, mal chegara.

Esperavam-no, no andar térreo, Flávio, Políbio e Samuel.

O recém-chegado, aparentando humildade e gratidão, saudou-os cortesmente, dizendo-lhes:

— Muito vos agradeço o acolhimento amistoso, senhores, e confio agora, até que a morte me leve para o túmulo, em vossa generosa proteção!

—Tu a terás, meu amigo, respondeu-lhe Políbio, mas desejamos, agora, avisar-te de que vamos proceder com toda a lealdade, a fim de que seja verdadeiramente fraterno o acolhimento que te será dispensado. Desejamos antes, fazer uma rigorosa inspeção no volume que trouxeste.

— Pois duvidais de mim, senhor? interpelou ele, fitando Jônio, que empalideceu visivelmente. Logo após, Solano agarrou com violência, o surrão que levara, querendo afastar-se do local onde fora acolhido fraternalmente.

Enfurecido, como um tigre acuado, gritava ele, com desespero:

— Quero minha roupa! Quero sair deste maldito castelo!

— Teu futuro depende de teu proceder! disse Argos. Deliberamos, há muito revistar os que desejarem privar conosco, pois já houve um falso mendigo, que trouxe armas e líquidos inflamáveis para incendiar este castelo, desejando exterminar uma infortunada dama digna de toda a compaixão, que dele fugira porque era martirizada! Desde então, procedemos com vigilância para com todos que aqui venham conviver, evitando, com precauções, desventuras irreparáveis. Podemos afirmar, porém, com toda a lealdade, que serás tratado com benevolência, como se foras um irmão desventurado.

— Mas, eu não sou um criminoso, senhor! exclamou Solano com violência e desespero crescente.

— Mais uma razão para que não temas a nossa inspeção, que só tem por mira patentear a tua sinceridade! tornou Políbio.

Solano, porém, que já não possuía destreza, enfraquecido pelas noites de vigília e privações, quis, novamente, entravar a entrega do volume que conduzira, esforçando-se por retroceder pela porta pela qual ingressara no Solar.

— Não conseguirás o teu intento, desditoso! Teu proceder desperta suspeitas, Solano! Somos indulgentes e compassivos e não necessitas temer nosso acolhimento!

Assim dizendo, Políbio ordenou a dois asilados, jovens e vigorosos, que detivessem Solano Almério. O recém-chegado foi então vencido em sua resistência, e examinado minuciosamente, custando a todos conter um ímpeto de furor, ao constatar

a verdade. Nos bolsos e no volume que Solano conduzira, foram encontrados: punhais, uma pedra de fazer fogo, várias garrafas de óleo bem como panos velhos em grande quantidade, certamente para facilitar o incremento das chamas que iam ser ateadas no Solar em diversos pontos simultaneamente. Estava Solano lívido, e, não lhe sendo possível dominar a emoção, caiu ao solo, espumando e sem sentidos.

— Deixemo-lo despertar, a fim de que saiba que estamos agindo com Justiça e lealdade! falou Flávio.

Quando Solano recobrou os sentidos, solicitou, em brados, que o deixassem partir, que jamais queria voltar àquele maldito local.

— Foste o meu traidor, Jônio! gritou ele. És um hipócrita e eu te considerava amigo sincero! gritava, com violência, o exasperado criminoso. Hei de vingar-me! Não perdes por esperar!

— Nós não te supliciaremos, infeliz! Jônio apenas interessou-se por ti, rogando que fosses admitido ao nosso convívio. Ignorava ele que quisesses trair a nossa confiança.

— Quem vos revelou a verdade, senão ele? Relatei minha dolorosa vida a Jônio, que eu julgava um leal amigo.

— Sim, ele o é! Ignorava a realidade, apenas interessando-se para que fosses incluído entre os moradores desta casa. Como prova da nossa boa intenção para contigo, guardaremos segredo dos teus planos sinistros a fim de que os asilados não venham a castigar-te ao saberem que pretendias queimar-nos vivos a todos. Nós, que somos sinceros amigos dos que padecem, esforçados discípulos do Rabi da Galiléia, fomos salvos, também das misérias da vida. Quem for crente no Pai celestial poderá contar com seu auxílio benéfico, como de seus fiéis mensageiros, os espíritos protetores.

—Eles só protegem os opulentos, deixando os desditosos párias no abandono mais desprezível! falou o delinquente, revoltado.

— Não sejas injusto, infortunado irmão, pois Eles são bons e justos e, mais uma vez, ficou patenteada a compaixão por todos nós, pois foram eles que nos advertiram

dos teus propósitos. Mas não temas, estás em poder de verdadeiros cristãos, que só têm um objetivo sobre a Terra: melhorar as nossas condições psíquicas, guiar os nossos passos e os dos delinquentes para o Céu ou para a Redenção eterna! Pensaste somente na vingança contra quem foi sacrificada por mais de dois decênios por aquele que apunhalou quem ela adorava, não a deixando mais em paz. Seguindo as lições de Jesus, perdoo-te o haveres assassinado o meu infortunado Pai!

— Pai, dissestes vós? inquiriu, com espanto e pavor, o encarcerado, fixando Políbio com o olhar cintilante de ódio incontido. Sois portanto o filho desaparecido de Elmana Sêndria? Agora percebo porque caí em verdadeira cilada! Não sabeis, por acaso, que eu é que vos salvei a vida? Ignorais que vosso avô materno ordenou que vos arrojasse nas ondas?

— Sei que foste o encarregado de levar-me a uma praia deserta, pouco distante do Golfo, mas, não me iludes, pois o que fizeste não foi por piedade, mas para conservar o domínio sobre tua indefesa vítima, minha mãe! Fui encontrado e criado por um compassivo Pai, Samuel Isócrates, aqui presente, que me educou, tratando-me sempre com amor. Embora saiba o móvel de tua pretensa caridade, saberei ser grato e compassivo. Terás minha proteção, e, sobretudo, quero arrancar-te dos braços do crime, do jogo e do Mal!

Tudo o que fizeste, salvando-me de uma violenta morte não foi por bondade tua, mas para teres um argumento a teu favor e que ficasse mais jungida às tuas mãos insaciáveis, tua vítima de prolongada extorsão!

—Não discutamos o passado! Houve o Bem praticado, outrora, dai-me hoje, em troca, a liberdade, mancebo! Não sejais injusto para que eu não tente vingar-me tornando-vos desgraçado!

— Tu és o que és, infeliz, pois eu jamais serei assim considerado, porque tenho em mente a prática do Bem, do dever, da doutrina cristã e, por mais desditoso que o seja, não serei desgraçado, porque não me há de faltar a misericórdia divina! Ficou provada a tua criminalidade, ao buscar um abrigo acolhedor, que tem por objetivo a expansão da caridade, para destruir o lar de dezenas de infortunados! Foste recebido

qual um novo amigo e vieste preparado para incendiar este bendito refúgio dos que padeciam pelo mundo dissabores e misérias!

Eu e meus dignos companheiros, temos em mente atenuar as amarguras alheias, repartir o pão como o fez Jesus, o eterno símbolo da caridade neste planeta! Rogai perdão a Deus e a Jesus!

.....

O desditoso Solano contorcia-se no solo, como se houvesse sido mordido por uma víbora, presa de um furor indescritível.

— Hei de conseguir evadir-me e tereis de resgatar o que estais me fazendo sofrer, desgraçados!

— Solano, falou Samuel, aproximando-se do detido, nós não desejamos atormentar-te, nem fazer-te padecer, mas queremos regenerar tua alma, encaminhando-a para o Criador e Pai! Não temas tortura alguma. Vais ser tratado humanitariamente dependendo tua liberdade do teu proceder correto. Se continuares como até agora, dominado pelo ódio e pelos impulsos da vindicta nós te entregaremos à Justiça com todas as provas em nosso poder, retiradas do teu surrão! Teremos, então, de revelar todos os teus crimes, as extorsões contra a desditosa Elmana, e severa será a punição que vais receber!

É preciso que te humilhes, que te conformes com os direitos que nos assistem, pois aqui, apesar de tratado fraternalmente, abrigas planos sinistros. Domina, pois, os teus ímpetos de furor, de verdadeira ferocidade. Desejo, agora, que me respondas:

— Sabes orar ao Pai celestial e a Jesus?

— Não! Nem quero aprender! Nunca eu os conheci, nem fui por Eles beneficiado! Também não conheci pai nem mãe. Fui criado, por esmola, numa casa com toda a crueldade, como escravo e, por isso não sei compadecer-me dos que sofrem. Aos vinte anos de idade, fugi do local onde fui criado e encontrei asilo no lar do progenitor de Elmana Sêndria, a qual comecei a adorar, sentindo que seu domínio me subjugava completamente. Vê-la era suficiente para fazer-me feliz! Ela era possuidora de uma surpreendente formosura, parecendo uma encantadora deusa da Mitologia que

houvesse ficado tangível por um poder sobrenatural! Bastava que ela se compadecesse de mim, que me dirigisse uma palavra de afeto e seria seu escravo! Mas, era orgulhosa, e, embora consorciada com um homem rico, amava um jovem de família humilde que, na ausência do esposo, introduzia-se em seu dormitório. Quando seu pai, enlouquecido de ódio, propôs-me exterminá-lo, eu aceitei com prazer e fi-lo com violência, por vingança. Passou ela a odiar-me, com ferocidade! Nunca ninguém descobriu nosso crime, pois não houve testemunhas e o cadáver foi sepultado nos fundos do quintal. Cumpri as determinações do senhor que era seu pai e ameaçou-me de exterminar minha vida se eu revelasse o trágico sucesso, que nunca foi desvendado, por mais que as autoridades policiais procurassem o desaparecido a pedido de sua mãe.

— Não soubeste conquistar a afeição de Elmana Sêndria, Solano! falou Samuel, aproximando-se do detento. Não se conquista pela violência um coração nobre, ferido rudemente por uma tragédia inesperada.

* * *

Solano Almério, olvidando por momentos as palavras de Políbio e Samuel, deixou-se cair ao solo, preso de um acesso de lágrimas, que lhe abalava o peito com violência.

— Tudo está perdido! Cheguei ao fim desta maldita vida! exclamou ele com desespero.

— Não, amigo, respondeu-lhe Samuel, intervindo compadecido do desditoso delinquente. Ainda podes sentir, em teu íntimo, a felicidade que só existe na alma dos justos, nos momentos de mais acerba prova: não tenhas pensamentos de revolta ou de vingança, de ódio ou de crueldade. Torna-te humilde e compassivo: alia-te aos que se esforçam por seguir o Mestre da Galiléia, abolindo os atos de violência, sendo cumpridor austero de todos os deveres cristãos, buscando o sacrifício como saneador da alma onde há remorso e recordações pungentes pelo mal praticado em horas fatais!

Enquanto não dominares os ímpetos de ódio, e de crueldade, não encontrarás a paz de que necessita teu espírito! Pensas em retribuir o Bem que desejamos fazer-te com o Mal que projetaste contra nós.

— Assim procedo, porque desde que compreendi a vida, falou com aspereza Solano, só tenho recebido decepções amargas. Por desventura minha, conheci Elmana no esplendor da juventude e tive a desdita de enamorar-me de seus encantos. Vê-la era o meu único prazer! Mas fui desprezado como se não pertencesse à mesma humanidade, e, sendo bela como uma deusa, adorei-a com loucura, e, para ganhar um sorriso, um olhar compassivo, seria capaz das maiores loucuras ou das mais inesquecíveis heroicidades!

Ela, porém, era sempre indiferente às minhas demonstrações de afeto, correspondendo à afeição de um e sendo forçada a unir seu destino ao de outro a quem ela não amava. Nunca se compadeceu de mim, parecendo odiar-me, tanto mais quanto ia transcorrendo o tempo, desde que perdera o seu grande enamorado.

—Bem sabes, Solano, que a sociedade está dividida em diversas castas, de acordo com o nascimento de cada ser humano, e, raramente, alguém poderá invadir a que lhe não pertence. Quem dividiu as criaturas humanas pela cor da epiderme, pelas raças de diversas categorias? A humanidade? Não! Deus, que é a suprema Justiça e deve agir de acordo com o mérito ou o demérito de cada indivíduo. Somente existe a igualdade integral nos planos superiores do Universo, depois que esgotarmos o cálice de amarguras das provas terrenas, depois de conquistadas todas as virtudes dignificadoras.

—Talvez, mas, quando ela perdeu o pai e o esposo, quase na mesma época, ficou inteiramente livre e podia ter atendido aos imperativos do meu coração que aguardava com ansiedade aquela ocasião. No entanto, fui tratado com desprezo, com desdém ofensivo, que me levaram ao desespero humilhante que só o sentem os párias, os escravos, os inúteis na vida terrena.

—Ignoras, Solano, que foste tu quem arrebatou a vida ao ser adorado? Quem poderá amar aquele que exterminou a sua felicidade, transformando em luto perene o transcurso da vida até que o túmulo devore um corpo extenuado de padecimentos? Quem não sofre com os embates da dor, vibrados pelos que destroem as esperanças, as ilusões, deixando o coração vazio inútil até o extremo alento vital? Não destruíste todos os projetos que ela nutria para o porvir? Só os que ainda não sofreram um destes

rudes golpes poderão perdoar-te a crueldade que praticaste sob duplo motivo: vingança e desejo de enriquecer. Poderias ter-lhe conquistado a gratidão depois que salvaste o fruto de um afeto profundo se não houvesses desde então extorquido quantias inapreciáveis, almejando talvez levá-la a penúria extrema para que, então ficasse nivelada a ti. Mas uma vez que isso não aconteceu e ela fugiu, legando-te todos os seus haveres, devias ter controlado os gastos, para que, jamais caísses em penúria. Mas, uma vez mais, foste arrebatado pelo vício de jogo, excedendo os desmandos ao que chegaste a possuir.

—Ai! senhor! a sua ausência, para meu coração sequioso de sua presença, tornou-me verdadeiramente destraçado! Preferia que ela me acusasse, vibrasse um látego de fogo em meu corpo, mas não fugisse da minha presença, pois vendo-a, encontrava uma gota de conforto para o coração enlouquecido de amor!

—Porque não lhe pediste perdão? Porque lhe aumentaste o sofrimento impondo-lhe gastos que, aos poucos, iam extinguindo o que possuía ela?

—Porque concebi o seguinte plano que me pareceu invencível; reduzi-la à penúria extrema, para que me olhasse com atenção, e, desde então, eu saberia trabalhar, confortando-lhe a alma e, também, recebendo a esmola de um carinho seu.

—Esse plano não deixa de ser engenhoso, Solano, afirmou Samuel, mas não surtiu efeito, pois que ela, sempre digna, não se utilizaria jamais dos préstimos de quem assassinou o seu mais profundo afeto, preferindo a morte à ignomínia!

—Condenais o meu proceder, vós que aqui estais vedando o meu desaparecimento, porque não sabíeis quanto ela me supliciava com o seu desprezo humilhante! Agora, que me convenci de que ela já partiu para o desconhecido, encontro-me mais desventurado, pois ficou despovoado o mundo que habito. Queria vingar-me de seu acintoso desprezo, mas agora, que ela morreu, extinguiu-se o meu ódio. Deixai-me sair, afastar-me deste Solar, ou permiti-me finalizar o meu suplício atirando-me do alto de uma das torres deste castelo.

—Não, infeliz! exclamou Samuel, penalizado, postando-se à frente do detento. Desiste de praticar um novo crime agora contra tua própria alma!

— Mas nossa vida não nos pertence, podendo agir como bem o entendemos? Que é, então, sobre a Terra, que nos pertence? Tudo podemos perder até a própria alma?

—Vou conceder-te a resposta de que necessitas, Solano! Ouve-me, pois, com atenção. Nós não nos pertencemos, mas ao Criador do Universo, o Pai, que nos concede faculdades morais, intelectuais e psíquicas.

O Ego, ou o nosso Eu, é o responsável por todos os nossos atos dignos ou reprováveis. No entanto, Solano, tudo que nos pertence, no próprio organismo, tem um domínio estranho e desconhecido pelos ateus: o Senhor é o próprio Fator do Universo: DEUS! Logo, NOSSA alma não é absoluta e deve obedecer às Leis divinas, como o organismo, aos imperativos de nosso espírito, sede da inteligência — o Farol celeste, não deve deixar triunfar o Mal, dominando os cruéis impulsos que ele inspira!

— Então, nossa alma na qual creio muito pouco e, nossa vida não nos pertencem? Que é, pois, exclusivamente NOSSO, sobre a Terra: apenas nossa sepultura? falou Solano, mordaz, com a voz alterada e repleta de sarcasmo.

—Vou informar-te devidamente, Solano, pois tens agido mal por deficiência de orientação cristã, que só se aprende, mais do que nos templos, nos lares paternas e tu não os tiveste, ficaste ao léu da sorte, e assim, tua alma ficou repleta de descrença e revolta.

Segundo as provas que nos fornecem as comunicações com o plano invisível, a única coisa que nos pertence, realmente, são as nossas ações, nobres ou nocivas. As primeiras nunca se afastam de nosso espírito, as outras deverão ser expungidas e permanecer na Terra, até que se transformem em caridade, em perdão, em auxílio aos prejudicados, formando tudo o patrimônio etemo de nossa alma imortal. Bem vês que podemos enriquecer o que nos pertence por dádiva celeste — a alma, que nos é concedida desde o instante em que a fagulha divina se desprende do Criador e Pai. ÊLE no-la concede como um genitor distribui os haveres que possui, não para que sejam desbaratados nababescamente, até que se esgote a derradeira moeda, como te sucedeu, mas para que possamos aumentar o pecúlio, tornando-o incalculável, fazendo-nos milionários de virtudes, de ações dignificadoras, de esforço em prol do

progresso humano, da ciência, da instrução, da moral, da espiritualidade, da redenção, nossa e de nossos semelhantes.

Bem vês que, com nossos esforços, nossos labores, podemos conquistar bens eternos ou de duração infinita! Que nos custa o esforço em prol de nosso semelhante, de nosso próprio espírito? Não tens passado noites incontáveis à mesa do jogo? Porque não as passas beneficiando os enfermos, em algum hospital, acolhendo os infelizes em uma habitação que fosse custeada por teu labor e teus sacrifícios? O Mal é como o câncer que destrói os tecidos, com a diferença que aquele carcome a alma, que só se reconstitui após muito sofrimento ou muitas ações nobilitantes! O Mal é sempre punido, o Bem, recompensado! Não devemos, pois, desprezar os que nos buscam, os que se capacitam de que podemos aliviar-lhes as dores e os pesares, pois em todo o Universo só existe um Pai clementíssimo — DEUS — que não se esquece dos perversos para os transformar em bons e guiá-los para a Redenção ou para a isenção de provas! Estás pensando no suicídio, Solano, para te libertares da dor. Estás iludido, pois o sofrimento não termina no túmulo, mas segue o espírito, que é indestrutível e, talvez, seja mais intensificado do que quando nos encontramos no plano material. Um dos maiores padecimentos aplicados aos egoístas é o do afastamento de todos os núcleos humanos, em locais frígidos e desprovidos de quase tudo o que existe na superfície terrena, até que o desditoso se arrependa do Mal praticado, pelos atos de perversidade ou de indiferença perpetrados. Humilha-te e implora perdão a Deus, nosso pai amoroso e boníssimo e conhecerás a felicidade.

—Como podeis saber, com tanta precisão, tudo o que acabastes de revelar-me, senhor?

—Porque meus lábios pronunciam o que minha mente, ou minha alma recebe, ditado pelos Mensageiros divinos.

—Mas como hei de convencer-me de que nossa vida não nos pertence, e não podemos executar o que concebemos?

—Em todos os lugares sempre se manifestam seres que pertenceram ao plano terreno e têm feito revelações, com as quais podemos saber tudo quanto se relaciona com a verdadeira vida que, erradamente, chamamos de morte, quando por esta, às

vezes, se o Bem já superou o Mal, e os delitos foram todos remidos, podemos alcançar a verdadeira imortalidade!

O que nos pertence, Solano, realmente, é o cumprimento exato de todos os deveres morais e sociais, a prática do Bem, da Virtude, o esforço em prol do progresso psíquico e, então, esse patrimônio, o único que Deus valoriza, constitui um tesouro inalterável de nosso espírito que contém a fagulha divina, eterna quanto ÊLE o é!

Compreende, Solano, a grande VERDADE. Acompanha-me agora na prece que vou dirigir ao Senhor dos Mundos.

Todos inclinaram as cabeças e Samuel pronunciou com voz pausada:

"Senhor, infundi em nossos corações sentimentos dignificadores de amor abnegado aos que sofrem, de perdão aos nossos ofensores!

Perdoai as nossas crueldades desta ou de transcorridas romagens terrenas, nossos atos cruéis ou nefastos, dando-nos a coragem precisa para não fracassarmos nas batalhas da vida, empunhando apenas as armas luminosas da Fé, da Lealdade, do Perdão, da Caridade e de todos os sentimentos fraternos.

Agora, Senhor e Pai, nossas almas genuflexas vão agradecer-vos os benefícios, toda a proteção que nos tendes dispensado através dos séculos de que se compõem nossas vidas planetárias ou siderais desde que de Vós desprenderam-se as centelhas de vossa Alma radiosa e inesgotável, para que formem outras tantas, todas imortais, eternas, mas que têm sido obscurecidas: eclipsadas pelas trevas compactas dos erros e do Mal que praticamos sobre a Terra.

Permiti que, doravante, sigamos, resolutamente, a carreira do Bem, da Virtude, do Labor e da Honra, no extremo do qual poderemos encontrar-vos e a Jesus — o Mestre incomparável e eterno deste Planeta.

Terminada a prece, o infeliz Solano, comovido, falou a 'Samuel:

—Compreendo que todos vós sois caridosos, mas eu não tenho mais coragem de enfrentar as asperezas da vida, dominado por um desalento esmagador desde que soube que aquela que tanto me martirizou, mas era o único objetivo de minha vida, deixou de existir sobre a Terra que, para mim, ficou despovoada, pois apesar de seu

desprezo eu sentia conforto com a sua presença! Não tenho agora, mais ânimo de recomeçar a viver, sabendo que ela não habita mais neste planeta! Morreu ela? Tudo, para mim, terminou! Nada mais existe senão o meu sofrimento!

—Outro erro em que vives, infeliz! exclamou Samuel. A morte não destrói senão a matéria, que se desfaz dentro do sepulcro, mas a alma, despojada de seu invólucro é o prolongamento da vida imortal e indestrutível! A vida, pois, é uma interrupção da Eternidade; a alma, quando conquista todas as virtudes, deixa as sombras planetárias, perde a força de atração, torna-se imponderável e fica de posse da liberdade perene, jamais interrompida!

— Como podeis afirmar, senhor, tudo quanto me dissestes, com tanta convicção se aqui na Terra ninguém poderá fazê-lo, pois a Morte e a Vida continuam envoltas em impenetrável mistério? interpelou Solano, com ironia.

— Que é que disseste? Não sabes que é facílima a comunicação com os seres que partiram antes de nós? Nunca ouviste falar no dom de receber o Espírito que possuem as pitonisas e os profetas? Nunca consultaste um. oráculo?

— Não, senhor. Nunca pude acreditar nessas coisas,, que supunha próprias de ignorantes.

—Pois aqui terás ensejo de verificar a existência e a imortalidade da alma. Verás também como age a justiça divina, com misericórdia e rigor, duas qualidades que parecem contraditórias mas que se harmonizam perfeitamente. E acabarás convencendo-te da existência do Ser Supremo, pela maravilha da criação, pela sabedoria e o poder nela manifestados.

Não existe algo de misterioso em tudo quanto vemos e idealizamos desde o movimento contínuo, rítmico e irreprimível dos astros dos satélites, à velocidade louca dos cometas e das aves em pleno espaço?

Que é a vida, que mantém o calor, a pulsação cardíaca,, o crescimento gradativo dos membros com precisão matemática e, um dia, cessa tudo, passando a centelha divina para o espírito que, raramente, é pressentido pelos que não possuem faculdades perceptivas especiais?

Vemos, em tudo, a manifestação de Deus, bem como seu poder infinito e não é possível que no túmulo, quando cessa o influxo que vivifica o organismo, desapareçam os. sentimentos dignificadores ou cruéis, manifestações artísticas, as inteligências que ultrapassam os séculos, nas produções das obras eternas! De onde provém o que foi enumerado? Do Fator supremo — DEUS!

Pões em dúvida minhas asseverações cristãs, porque até agora tens aplicado a tua energia e o teu vigor para a prática do Mal, do jogo, do homicídio, mas, para o que é justo, digno e humanitário não tens ainda o menor entusiasmo!

Não, se quiseres aqui terás orientação precisa. Nós nos encontramos neste Solar bendito e, tendo patentes diante de nós os teus crimes, podíamos ter-te submetido a atrozes suplícios, fazendo desaparecer teu cadáver no mar. No entanto, temos envidado esforços para convencer-te das verdades salvadoras, da doutrina de Jesus, para nortear tua alma de delinquente para o carreiro luminoso do Dever, da Virtude, da Redenção. Queremos salvar tua alma do abismo dos crimes! Que é que lucraremos se o conseguirmos? A paz de consciência, a bênção celestial! Nós, que, socialmente, estamos em situação vantajosa em confronto com a tua, aqui estamos para revelar-te as verdades que já foram patenteadas, e, em vez do silêncio e das correções perversas, temos procedido contigo como se fosses um amigo, ou um irmão infortunado. Lemos, porém, em teu rosto, a dúvida e a revolta mal dissimulada em teu olhar cruel. Parece-me que, infelizmente, perdemos o nosso precioso tempo, pois te manténs insensível às demonstrações de caridade humana e da piedade celeste.

* * *

Solano que, até então, parecia alheio às demonstrações de comiseração dos senhores do Solar de Jesus, às palavras persuasivas de Samuel, agitado por um tremor nervoso, falou com emoção:

— Perdoai-me, senhores, reconheço que tendes sido compassivos para um infeliz criminoso como eu o sou! Bem sei que não mereço a vossa caridade, manifestada especialmente por intermédio de vossas palavras compassivas, tentando arrancar-me da estrada do mal dos delitos para seguir o caminho da Virtude e do Bem! Sou, porém, dominado pelo ódio e pela vingança! Sei que tendes sido piedosos para comigo, mas,

eu me sinto tão desgraçado, que, talvez, mais vos agradecesse se me tirásseis a vida. Vossas exortações sensatas muito me têm feito padecer! Não estou preparado para suportá-las e vivê-las.

Meu ambiente é outro e não posso modificar-me.

— Tu te iludes, tornou Samuel, podes perfeitamente despertar em teu espírito sentimentos dignificadores, arrependimento sincero do que tens praticado contra o próximo! Se te convenceres das verdades que já te revelamos, se te arrependeres do que pretendias fazer neste Solar, nós te libertaremos e poderás seguir teu caminho...

Não sentimos nenhum contentamento em ver-te segregado do mundo exterior, embora o crime premeditado seja de proporções gigantescas, pois pretendias ceifar vidas de seres humanos que nem conhecias, para saciar os ímpetos de vingança contra uma de tuas mais infortunadas vítimas! Somos cristãos e, por isso sabemos perdoar aos que nos desejam o mal, pois temos em mente sempre, os ensinamentos de Jesus e, diante de nossos olhos, o celeste Crucificado traído, sentenciado a um injusto suplício para nos conceder o eterno exemplo de como devemos proceder neste Orbe.

—Não tenho a necessária coragem de imitá-lo, senhor, respondeu Solano, entristecido, e acho que o Mal deve ser combatido ou punido, sem piedade! Os que supliciaram a Jesus deviam ter sido condenados, e os que Lhe dirigem preces fervorosas, não deveriam ser abandonados e sofrer imerecidamente. No entanto, os que o martirizaram, nenhum sofrimento tiveram, exceto Judas Iscariote, por suas próprias mãos justiceiras e os perseguidores dos cristãos tiveram vidas abastadas e ditosas. Que vale, pois, perante Deus, a prática do Bem? Porque são flagelados os humildes e nunca defendidos pelos Emissários celestes?

—Ainda não compreendeste, Solano, a Justiça divina! tornou Samuel, convicto das palavras que já havia pronunciado. Deus nos concede o livre arbítrio, outorgando-nos à liberdade de praticar o Bem ou o Mal, porém, o primeiro é, sempre, por Ele recompensado e o segundo, punido hoje ou no porvir milenário das criaturas humanas! O que nos parece ilógico é o não presenciarmos, na mesma peregrinação terrena o desfecho desejado para os apologistas da Justiça. Os algozes de Jesus ficaram impunes na etapa terrena em que desempenharam um papel condenável, no entanto,

nas subsequentes peregrinações planetárias têm eles sofrido o que fizeram o Mestre padecer outrora, na Palestina. Que importa não saibamos quem são eles atualmente? Os sofrimentos continuam alojados no plano terrestre, as injustiças prosseguem o seu curso nefasto. Porquê? Simplesmente porque as vítimas de hoje, foram os algozes de ontem! ÊLE, porém, o Mestre bem amado, veio exemplificar o procedimento que devemos ter nas horas de amargura: sorver o cálice dos padecimentos com ânimo sereno, convictos de que o Criador e Pai saberá fazer Justiça integral! Os seus crés verdugos, através dos séculos, moídos pelo remorso, têm pedido para serem justiçados, e nenhum se libertará do sofrimento sem a absolvição da própria consciência. O resgate e as crucificações depuram a alma e a libertam dos delitos perpetrados outrora, concedendo o galardão aos vitoriosos do Mal, contribuindo para a com quista da Felicidade e facultando o ingresso nos Orbes siderais, onde a luz não se extingue nunca, quer nas almas quer no espaço!

Podemos organizar o nosso patrimônio celeste, nossa herança divina e isso é o que nos pertencerá realmente, por toda a consumação dos séculos, seguindo sempre a rua áspera dos deveres nobremente praticados, sofrendo as decepções, as dores, os tormentos e as injustiças, tendo por norma o exemplo do Mestre bem amado e por exclusiva aspiração o derradeiro triunfo — a Redenção de nosso espírito imortal e indestrutível!

— Onde aprendestes estas asseverações filosóficas, senhor? interpelou Solano, que antes que obtivesse uma resposta, prosseguiu:

—Tudo o que descrevestes, é belo e sedutor, digno dos filósofos e dos poetas, para deleite dos ditosos da Terra, mas, quando estamos em luta com o infortúnio, em peleja com a desilusão e com o próprio Destino, não podemos agir com segurança, ficamos desiludidos, alheios à espiritualidade e só podemos crer nas coisas positivas, ao alcance de nossas vistas!

Quando o coração estiver esfacelado, transbordando amarguras, desilusões e desespero, as filosofias são inacreditáveis, fantásticas e só podemos crer na realidade dolorosa que se nos depara.

—Quer isso dizer, Solano, que, apesar do que ouviste, nada encontrou abrigo em tua alma desarvorada, desprovida de elementos que se transformaram no transcurso da vida terrena em Fé, em Esperança nos desígnios supremos! Tens o espírito tão árido como o deserto. Mas nesse areal de desenganos, há de existir algum oásis oculto que no porvir se tornará um manancial de ações meritórias, de proteção aos que sofrem, da piedade para com os delinquentes.

Terminando, agora, os meus conselhos fraternos, eu te concito a trabalhar pelo progresso psíquico, a fim de que sejas norteado para Jesus, que te levará paternalmente ao Criador do Universo, onde serão lembradas as provas planetárias como se fossem sonhos que levam, ao despertar, a uma grandiosa realidade!

Que importa que a conquista idealizada leve milênios a ser efetuada se excede ela a todas as glórias, a todas as mais encantadoras fantasias?

—Mas, senhor, tudo quanto de belo dissestes, objetou Solano, pode ser a expressão da verdade e, também, não passar de alucinante fantasia.

— Não! Temos a prova de tudo quanto te afirmamos. Nosso intuito é que tua alma inicie o trajeto luminoso que tem por finalidade o progresso psíquico, a isenção de sofrimento, a remissão eterna de todas as perversidades. Estamos capacitados da verdade sobre a vida, de além-túmulo, por experiência própria e não há quem não conheça os fatos psíquicos, desde a previsão do nascimento de Jesus, por intermédio de um Emissário divino, que se tornou tangível, por momentos, revestido da matéria quintessenciada, que compõe os corpos siderais! Outra aparição foi no Jardim das Oliveiras, quando Jesus, pressentindo seus tormentos, orava contritamente, uma Entidade celeste apresentou lhe o cálice das amarguras de que Ele teria de sorver a derradeira gota. Como é que o Mestre, tornando-se imponderável, caminhou sobre as vagas, e, à vista de deslumbradas criaturas, alçou-se ao Firmamento, como que projetado do túmulo ao Infinito? Como esses, mil e um fenômenos espirituais chamados milagres. Tudo isso não revela o triunfo da alma sobre a matéria que, sem ela, logo se transforma em barro imundo?

Não há povo deste planeta terrestre que não relate um fenômeno espiritual de suma importância. Nós, pois, os espiritualistas, sabemos em que basear as nossas

convicções. Não somos fantasistas, mas temos bases em fatos diários que parecem sobrenaturais e, no entanto, se explicam satisfatoriamente! Que são as invenções, úteis a humanidade, os grandiosos empreendimentos promovidos pelos mais humildes seres, senão recordações de vidas anteriores, em cenários diferentes, onde já haviam haurido os cabedais necessários para beneficiar os povos, como o arrojo de Colombo, e que no entanto, patenteou ao mundo a sua metade ocidental, cuja realidade existia em sua alma, que antevia o que não passava de miragem para os sábios de sua era?

Quando meus progenitores morreram, tragicamente, dominado eu por pesar avassalador, vencendo a custo a dupla dor que me ferira, teria talvez fracassado, buscando a morte voluntária quando, altas horas da noite, recebi dos Emissários de Jesus a orientação de que eu necessitava.

Afirmo, pois, com segurança inquebrantável, que a alma subsiste após a morte. Esta nada é senão um episódio em nossa vida, uma interrupção dos sofrimentos planetários.

Se eu te disser que, antes que pedisses a um amigo para interceder por tua vinda para este Solar, um dos nossos Guias invisíveis revelou-nos toda a extensão de teus projetos sinistros, não porás mais em dúvida a realidade: até nossos pensamentos são devassados pelos que possuem faculdades perceptivas. É natural que os desmaterializados as possuam em mais elevado grau do que os que estão revestidos da matéria.

—Assim me dizeis, senhor, para que seja defendido aquele que vos denunciou o meu plano de ser abrigado neste castelo! exclamou Solano, com manifesta dúvida a respeito do que lhe dissera Samuel.

—Não! somos incapazes de faltar com a verdade! falou Samuel com energia. Vais convencer-te da realidade. Tu lhe havias revelado que pretendias incendiar este remanso bendito — o Solar de Jesus?

—Não! eu nada relatei àquele amigo! respondeu Solano, surpreso pela demonstração real da verdade que lhe dera Samuel.

—Pois então, convences-te da realidade! Tudo nos foi revelado por um de nossos prezados amigos espirituais, que penetram nas almas humanas devassando-lhes os mais tenebrosos ou nobres segredos! São eles os verdadeiros Emissários divinos ou de Jesus, tendo a oportunidade de defender os seres humanos que são fiéis às Leis celestes e terrestres. Fomos beneficiados por um amigo desconhecido que, talvez, já o tenha sido em transcorrida existência, não desejando que fosse interceptada a grandiosa missão cristã que pretendemos exercer até o derradeiro instante desta vida consagrada ao Mestre!

Sirva-te, pois, de exemplo o sucedido, e não te rebeles contra os que, almejando praticar o Bem, procuram tolher teus propósitos de vingança.

Solano, com a fronte pendida, conservou-se mudo por alguns instantes e, após, respondeu comovido:

—Eu tenho sido um abandonado sobre a Terra, sem família, sem afeições sinceras, só tenho encontrado quem me propunha questões indignas e, unicamente agora, reconheço que eu devia ter tido a precisa coragem de as repelir.

Hoje, sinto que sou um dos mais desventurados entes humanos, pois, aqui, onde poderia encontrar conforto para meu coração esfacelado, foi descoberta a verdade de meu indigno proceder, e, jamais, alguém terá confiança em meus atos ou em minhas palavras. Seria preferível que se extinguisse minha miserável vida.

—Não, meu amigo. Não queremos tua morte, mas concorrer para a tua salvação, para o teu sincero arrependimento, para que sejas um verdadeiro discípulo de Jesus, convicto das luminosas palavras que transmitiu Ele aos que o seguiram, deslumbrados pelo que revelara aos que sofrem, concitando-os a perdoar os adversários, praticar o Bem, e, embora crucificado e com a fronte cingida de espinhos, não vociferou contra o destino, sabendo ser indulgente para com os que o faziam padecer. "Perdoai-lhes, Pai, eles não sabem o que fazem!" exclamou Ele, quase a hora de terminar sua excelsa missão planetária.

—Que é que lucrais, senhor, conseguindo o progresso de minha alma, na qual não acredito realmente, se a tenho, ou não, pois nada me revela a sua existência? interpelou a Samuel o infeliz.

—Nós não trabalhamos pelo conforto material e espiritual de nosso próximo pelo lucro que disso nos possa advir, mas pelo prazer de concorrer para a felicidade dos nossos semelhantes. Queremos libertar-nos dos padecimentos planetários praticando os deveres sociais, psíquicos e morais, pois só assim procedendo faremos jus a glória suprema: a Redenção! Não crês na existência e sobrevivência do espírito porque não és observador!

Ele está patente até nos fenômenos orgânicos, pois, quando a alma parte, desprendendo-se da matéria, o coração fica paralisado, e a matéria entra rapidamente em decomposição. Que é que o movimenta, enquanto estamos com saúde? Que é que produz o crescimento, todos os fenômenos vitais, a compreensão, a inteligência, os pendores artísticos, perversos, nobilitantes, senão o fator divino que se localiza em nosso organismo tangível? A matéria, desmembrada da alma, o agente e propulsor divino, é inerte, semelhante aos minerais. Que é que projeta os grandes empreendimentos humanos, filosóficos ou científicos, senão o espírito culto, que já tem conhecimentos de etapas anteriores? Porque, se assim não fora, sendo a constituição física do organismo idêntica em todos os corpos carnais, todos os seres humanos seriam iguais, em estatura, inteligência, bondade ou perversidade, como os animais inferiores. No entanto, os próprios irmãos oferecem característicos diferentes na estatura, na cor dos cabelos, na tez, nos sentimentos, nas aspirações, no proceder. Porque assim sucede? Porque alguns indivíduos são idealistas, como Platão e Sócrates, outros matemáticos como Arquimedes e Pitágoras, e, muitos, são loucos, desprovidos de senso, de virtudes, de nobreza?

De onde provem a diversidade de percepção? — do sangue, do cérebro, do coração? Se assim fora, porque todos os seres humanos não são iguais como as folhas da mesma árvore, como as rosas da mesma roseira? Que elementos favoráveis ou deprimentes atuam no cérebro de uns e dos outros? Que é que diversifica os entes humanos em todos os países, em todas as regiões terrestre? A Alma.

O corpo, que se desfaz em putrefação no âmago dos sepulcros, não deixa vestígios dos pensamentos nobres ou nocivos, da dor moral, da alegria, da loucura, do

senso, da fantasia, da vocação para as Artes mais afamadas. Só a pré-existência da alma explica a vocação, o gênio.

Que é que conserva as lembranças do passado, os planos do futuro, o amor, o ódio, os projetos mais grandiosos ou deprimentes? Onde se elaboram os planos sinistros? Na alma. Em resumo: queres saber o que é a alma? Vê um corpo sem ela.

Uma coisa, porém, eu vos prometo: nunca mais praticarei um ato condenável contra o próximo.

—Pois bem, Solano, respondeu-lhe Políbio, penalizado, vamos agir com inteira Justiça, conforme o teu proceder, e, em breve tempo, nós te libertaremos, contando com a tua perseverança no Bem e, serás um de nossos auxiliares. Nós, mormente eu, de quem salvaste a vida, no início desta peregrinação terrena, faremos o que necessitas para a pacificação de teu espírito.

—Obrigado, mancebo, jamais me esquecerei de ti e das palavras maravilhosas deste senhor, que tão belas preleções tem feito, para que eu perceba a finalidade da vida humana. A todos os presentes o meu eterno reconhecimento.

.....

Transcorreram dias serenos para os habitantes do SOLAR DE JESUS. Elmana Sêndria apenas vivia reclusa em seu aposento particular orando e idealizando um porvir menos doloroso, pois a presença de Solano, embora prisioneiro, causava-lhe incessante preocupação e, por vezes, seu afetuoso filho ia encontrá-la em pranto, quando interrogava com ansiedade:

—Como passa o desditoso Solano? Somos ambos prisioneiros.

—Parece mais conformado com o destino, mas está imerso em mutismo angustioso. Algo me adverte de que há um sinistro projeto em sua mente.

—Também eu o creio, confirmou Samuel, que se achava presente. Momentos após este ligeiro diálogo, Políbio ergueu-se e, com a voz alterada, a mão levantada, falou, com vibração intraduzível:

— "Irmãos e amigos, Jesus vos abençoe! Cumulai de conforto o coração árido do infortunado Solano Almério que premedita, com insistência, a morte do seu corpo terreno.

Vós, irmãos, fostes grandemente humanitários com ele, e por tudo quanto fizerdes pelos desditosos, Deus vos recompensará! Tivestes uma inspiração divina e, muito labor, incontáveis sacrifícios tereis de efetuar para o desempenho de vossa meritória missão planetária que terá repercussão no plano sideral!

Hoje deveis interpelar o infortunado detento a fim de que saibais o que concebeu ele para libertar-se do cárcere em que se encontra e do sofrimento moral.

Tereis doravante uma vida de incessante vigilância, pois não podendo o prisioneiro efetuar o projeto de vingança, quer desertar do mundo material conjeturando alcançar plena liberdade! Que Deus vos abençoe e inspire, irmãos e amigos!"

Diante desse aviso e compadecidos do sofrimento do detento, retiravam-no do subterrâneo, levando-o a passear pelo jardim e pelo pomar. Quando tal sucedia, volvia ele os olhares, com frequência, para as janelas do castelo, desejando, certificar-se se era ou não, verdadeira a notícia da morte de Elmana.

E, assim foram transcorrendo os dias, sem sucesso digno de menção.

Sempre que Solano deixava o subterrâneo destinado aos prisioneiros, era seguido por Políbio e dois robustos servos. Um dia, voltando-se ele para o jovem, quebrou o mutismo em que vivia mergulhado e falou:

—Desejo aproximar-me da praia, descendo a escada que fica aos fundos do castelo.

—Iremos, ainda esta semana, Solano! respondeu-lhe Políbio, desconfiando dos intuitos sinistros do encarcerado. Por hoje, subiremos a torre principal do castelo de onde se avista o mar e poderás matar as saudades que sentes das praias...

—Sim, eu muito vos agradeço a generosidade, exclamou Solano, animando-se. E prosseguiu:

Desejo fazer-vos uma revelação: Há dias tive um sonho que muito me fez padecer; vi Elmana, repousando em confortável aposento existente do lado posterior deste castelo; Ao deparar comigo, gritou por socorro, o que repercutiu em meu íntimo como uma punhalada, pois ainda a amo. Como hei de ter o ânimo preciso de continuar sobre a Terra?

—Acreditas mais em um sonho ilusório do que na verdade de nossas palavras, Solano? falou Políbio, agastado.—É difícil responder-vos, senhor, mas, sinto que a vida tornou-se-me intolerável!

No momento preciso em que assim se expressou, o infeliz havia chegado ao limite superior da escaleira da torre central do Solar de Jesus. Ao galgar o derradeiro degrau, lançou um olhar para as praias do Golfo de Corinto e para o solo que lhe ficava próximo e, subitamente, sem que os assistentes pudessem impedir o seu ato, arrojou-se ao espaço, proferindo um doloroso grito de dor ou de desespero.

—Solano! Solano! bradou Políbio, procurando ainda segurar-lhe as vestes com a mão esquerda, auxiliado pelo servo que se achava perto, mas infrutíferos foram os esforços dos assistentes. Desceram com precipitação a longa escada e, chegando à terra, puderam constatar a morte violenta do desventurado Solano, com o corpo quase esfacelado! Aglomeraram-se no mesmo instante, todos os que tiveram conhecimento do trágico sucesso e, o levaram para o saguão do Solar, onde ficou depositado sobre um banco tosco, de onde seria retirado para o féretro e a sepultura.

À noite, depois das lamentáveis ocorrências daquele dia, reuniram-se os habitantes do Solar de Jesus em um dos salões térreos, onde foram feitas preces coletivas, em benefício do desditoso suicida.

—Que Deus perdoe o infortunado Solano! exclamou Políbio, angustiado pelo infausto acontecimento.

—Não devias ter subido à torre, Políbio! falou Samuel, paternalmente.

—Ele me iludiu, pai! respondeu-lhe o jovem. Há dias afirmou-me que deseja ir a um lugar onde pudesse descortinar as praias, das quais estava saudoso. Quem sabe se não foi impelido por algum adversário do plano espiritual?

—Talvez assim haja sucedido para que nós fôssemos libertos de um irreparável dissabor.

—Talvez ao ascender a torre, falou Samuel, ele não tivesse em mente o suicídio, sendo-lhe o mesmo sugerido por um de seus adversários do plano espiritual!

—Então, o crime do suicídio, por influência dos desmaterializados, deve ter uma atenuante para quem o comete.

—Sim, cabendo toda a responsabilidade para o atuante! disse Samuel. Compreendo, porém, que, há muitos dias alimentava ele planos sinistros, os quais na primeira oportunidade seriam postos em execução. Os pensamentos, germinados no cérebro, por influxo do espírito atuante, exteriorizam-se e, os que já estão no plano espiritual, logo os interpretam e, muitas vezes, executam os projetos louváveis ou reprováveis. Foi isso o que sucedeu ao mísero Solano. Tudo fizemos, ao nosso alcance, para nortear o desditoso

Solano para a prática do Bem, ele, porém, continuou a alimentar os projetos de vingança e de perfídia. Não teve permissão de prosseguir o que é nocivo, para que, em porvindoura existência, depois de uma louvável aprendizagem moral nos planos espirituais, baixe a Terra com melhores intuitos, e, então, norteado pelos Mensageiros divinos, tenha a precisa coragem de executar planos benéficos para ele e para o próximo. O crime que ele projetou, de destruir o Solar de Jesus, para que fosse atingida uma de suas indefesas vítimas — Elmana Sêndria — não se transformou em realidade, devido ao auxílio precioso que recebemos por intermédio dos Amigos siderais. A gravidade do delito, desde que é projetado, embora não executado por intervenção alheia, acarreta consequências funestas.

Estamos, porém, no momento de seu enterro, de levar ao sepulcro os fragmentos de seu corpo de desvairado delinquente. Já foram dadas todas as providências para nos livrarmos de uma suspeita odiosa e infundada, de havermos precipitado ao abismo aquele que projetou a destruição deste castelo. Registramos a morte legalmente e, agora, só nos resta promover o auxílio que podemos conceder-lhe por intermédio de preces fervorosas para seu arrependimento e seu progresso psíquico.

Mal terminadas as ponderações de Samuel, Políbio ergueu-se e com a voz revelando o influxo espiritual, murmurou com emoção:

— "Deus, Vós que sois o único Soberano do Universo, Pai magnânimo de todos os seres humanos, o Fator de tudo quanto existe aquém e além do Firmamento, recebei neste momento o sincero preito de humildes e devotados filhos vossos, que só têm por objetivo combater nas Falanges do Bem os adversários da Luz, dos que pretendem ferir nossos corpos ou nossas almas que são vossas servas fiéis!

Necessitamos de vossas bênçãos para que estas se impregnem em nossos espíritos, transformem-se em ações meritórias, e, possamos distinguir o que é útil ou prejudicial à humanidade, para que consigamos ser vossos dedicados vassalos, sempre propensos a combater o Mal e a praticar o Bem, a Justiça, a Fraternidade, o Perdão e o Labor honesto!

Que nossos espíritos, neste momento, genuflexos e humildes, repletos de gratidão, possam agradecer-vos, eternamente, os benefícios que já nos tendes proporcionado nestas e em transcorridas peregrinações terrenas!"

Depois de efetuado o sepultamento do desditoso suicida, reunidos os protetores e os protegidos no mais amplo dos salões do Solar de Jesus, Samuel, comovido, falou aos assistentes:

— Amigos, que me ouvis, eu desejo que de nossas almas partam vibrações veementes, sinceras e fraternas em benefício daquele que, com intuitos sinistros, penetrou neste Solar consagrado a Jesus. Guardamos até aqui sigilo absoluto sobre o que sabíamos para que não surgissem ímpetos de revolta e de vindicta.

Peço-vos que doravante os pensamentos referentes ao infeliz suicida sejam de piedade e para dirigir-lhe preces fervorosas! Se agora eu me refiro a esse doloroso tema é para destruir o julgamento que paira em vossas mentes: Porque aprisionaram um desventurado no cárcere obscuro deste castelo os que propalam que têm amor aos que sofrem?

Porque, meus amigos, premeditou ele um crime imperdoável contra todos os que aqui nos abrigamos, como se fôssemos irmãos, tal o afeto reinante em nossos corações.

Há muito desejávamos, eu e meus dignos companheiros de jornada terrena, elucidar-vos a verdade, ora patenteada.

Aquele desventurado, que levamos ao túmulo, tendo solicitado sua inclusão na falange dos que ora me ouvem, trouxe o que era necessário para o incêndio deste Solar, na calada da noite, enquanto todos nós estivéssemos adormecidos. Descobrimos a prova material do crime mal chegou ele a este castelo, verificamos a realidade que nos foi patenteada, horas antes de sua chegada, por um dos mais lúcidos e bondosos Emissários do Mestre bem amado!

Constatado o delito premeditado, pensamos em entregar o criminoso às autoridades policiais, mas, impulsionados pelo desejo de ser-lhe útil, de desarraigarmos de seu espírito os intuitos malsãos, nós o fizemos encarcerado, sendo, porém, tratado com piedade, a fim de que fosse ele norteado para Deus, para a Luz da Redenção, para o arrependimento de seus crimes. Visava ele o extermínio de todos os que aqui residem para ferir mais amplamente nossa irmã Elmana Sêndria, que, por mais de vinte anos, foi sua vítima incessante, da qual extorquia quantias fabulosas para deixá-las nas mesas de jogos.

Ele, não se resignando com a perda de seus planos criminosos, não sentindo senão o ímpeto da vingança, perpetrou o derradeiro delito de sua acidentada peregrinação terrena, e, talvez inspirado por adversários do plano espiritual, extinguiu a própria vida corporal não crendo na outra, a que é eterna, evidente, divina: a de sua própria alma!

Resolvemos não o entregar às autoridades, para que não morresse, desalentado ou de desespero nas galeras do estado sem o menor conforto espiritual. Desejávamos vê-lo arrependido para o tratarmos como verdadeiro irmão. Julgamos, porém, que continuava ele a fomentar pensamentos de rebelião e planos de vingança contra os que não o condenaram, perdoando-lhe o crime projetado que atingiria a todos os que me ouvem, neste momento. Foi ele justiçado por suas próprias mãos, condenando à morte o seu corpo material, talvez impulsionado por adversários seus, vítimas dos crimes que cometeu.

O suicídio, irmãos, é o fracasso de um espírito quando este não enfrenta com a precisa coragem as batalhas da vida terrena, é como se fora um soldado que deserta do campo de peleja no instante decisivo da luta. No entanto, deixa de ser um crime quando alguém sacrifica a própria vida planetária para evitar um cometimento aviltante, uma traição lamentável, um delito abominável contra um amigo, ou mesmo um desconhecido indefeso, deixando de macular a dignidade de um lar honesto.

Jamais, meus amigos, faremos, neste local, referências aos sucessos lamentáveis que, hoje, aqui se deram a fim de que possais julgar, com inteira Justiça, o nosso proceder para com o desditoso suicida. Faremos, antes de nos retirar deste recinto, uma irradiação espiritual, que transponha o Espaço e atinja o Coração do Universo, onde se encontra o seu grande propulsor, Deus, rogando-lhe compaixão e luzes para o infortunado suicida que, quando no plano terrestre, teve oportunidade de constituir um lar, rodear-se de seres amados e, no entanto, viveu isolado, premeditando crimes e vinganças, sem um ser dedicado que lhe confortasse a alma árida e estéril.

Que Jesus, como o mais fulgurante Farol deste Orbe de Trevas, ilumine sua alma, a fim de que, quando novamente :se incorporar no plano material, saiba melhor cumprir os seus deveres e seja norteado para o grandioso objetivo da vida humana neste planeta: — a Redenção espiritual!

Foram então, e em dias subsequentes, efetuadas vibrações espirituais em benefício do infortunado Solano Almério.

Decorridos alguns dias, de plena harmonia, no Solar de Jesus, à hora consagrada às preces, antes de todos se recolherem ao leito, estando presente Elmana Sêndria, esta uma noite, ergueu-se atemorizada e, apontando para o local onde se encontravam Samuel, Políbio e Flávio Genésio, exclamou, aos gritos e com a voz alterada pelo pavor que a invadira:

— Vejam todos o desventurado Solano! Vejam-no! Está ele perto de nós! Reconheço-o perfeitamente! Está agora ajoelhado com os braços erguidos e parece convulsionado pelo choro, que o abala!

Houve um verdadeiro tumulto na assistência, logo sustido pela palavra convincente de Samuel, que falou com energia; e emoção:

—"Que Jesus se compadeça de teus padecimentos, desditoso irmão!"

Terminando uma longa súplica em benefício do que se manifestava, convulsionado de dor moral, subitamente, inspirado pelos Mentores siderais, Samuel elevou a voz, e, com um timbre desconhecido, prosseguiu:

—"Nós te perdoamos, em nome do Mestre bem amado da Palestina e no de nosso Pai celestial, Solano!

Aqui, onde nos vês, continuaremos a vibrar os pensamentos em uníssono, em teu benefício e no de todos os sofredores que povoam os planos etéreos!

Sofres, agora, as consequências dos desatinos que cometeste em diversas peregrinações planetárias. Arrepende-te e pede perdão de tua rebeldia e de tua perversidade!"

Ainda bem não haviam sido pronunciadas as aludidas palavras quando uma estranha vibração abalou a assistência, caindo genuflexo um jovem, que se contorcia dominado por uma intensa influência espiritual: e dizia em tom lamentoso:

—Perdão! Perdão! Sofro muito! Quero ter sossego em minha alma, na qual agora eu creio com segurança! Imploro perdão a todos os presentes que eu teria prejudicado grandemente senão fora a intervenção de Mentores espirituais.

Perdão, Elmana, de tudo quanto te fiz padecer! Perdoai-me vós que me ouvis!"

— Meu irmão, levanta-te e ouve, disse Samuel amparando-o, nós te perdoamos, por amor do magnânimo Jesus. Desejamos que neste momento tenhas a sensação inebriante da misericórdia divina! Elmana Sêndria, piedosa cristã, também já te perdoou o que lhe fizeste. Fazemos um apelo veemente a teus Mentores psíquicos para que te retirem deste local de sofrimentos, levando-te a conhecer a amplitude e a magnificência do Universo para que, em subsequentes existências planetárias, possas seguir o austero e acidentado carreiro do Bem e da Virtude e venhas cooperar conosco na manutenção desta obra. Deverás pois, segui-las, confiante na Justiça e na proteção dos celestes Emissários! Tens que preparar, no plano espiritual, tua alma conturbada para que venha adquirir a clâmide bendita das Virtudes. Deve ela ser paciente, compassiva, e, por maiores que forem as provas materiais, nunca esfacelar os corações.

Hás de padecer e chegar ao termo de todos os suplícios morais por que passam os convictos da Justiça divina! Precisas combater, tenazmente, em prol de teu espírito.

O jovem receptor dos pensamentos de Solano que, permanecera atento, soluçando, caiu genuflexo e, com a voz emocionada e tremula, exclamou:

—Perdoai-me, Jesus!

—Sim, irmão, Ele saberá perdoar-te, pois, do alto do Calvário, teve compaixão de seus gratuitos adversários, que tanto o supliciaram!

—Compadecei-vos, Senhor, desse mísero delinquente, que, também, está padecendo as consequências de inúmeros crimes!

—Podes acalmar-te, Solano, e, após as nossas preces, podes retirar-te em paz, convicto de que a misericórdia divina é infinita! Nós, que aqui estamos em conjunto, aliados pela fraternidade que, no término dos milênios há de dominar neste Planeta, saberemos, também, interceder por ti e perdoar-te. É mister, porém, que te esforces no austero cumprimento de todos os deveres e, jamais, desvies os teus passos do luminoso caminho do Bem, da Virtude e da solidariedade humana!

Subitamente, o jovem, que estava interpretando os sentimentos do infortunado suicida, tombou sobre o assoalho, inerte, e, somente volvidos alguns momentos, recobrou os sentidos, reabriu os olhos, e, então, murmurou estas palavras:

— Julguei estar prestes a perder a vida. Uma dor aguda e penetrante empolgou todo o meu corpo, e, um tormento inenarrável dominou-me por completo. Tive receio de jamais despertar!

Samuel, que estava pouco distante do médium — um jovem de nome Evandro — aproximou-se mais e, colocando sua destra sobre a fronte do mancebo, falou com os olhos voltados para o céu:

— "Pai celestial, Jesus, Vós que sois compassivos para com os que padecem, vinde até este humilde recinto e a todos os que aqui se congregam bem como a todos os seres humanos deste Planeta de Trevas, concedei as vossas bênçãos e o vosso perdão! Aliviai o sofrimento de um desditoso delinquente que acaba de se manifestar. Permiti que sejam retirados do frágil organismo de que ele se utilizou, os influxos

dolorosos que lhe foram transmitidos. As dores que o receptor de seu espírito sente após a caridade que prestou ao infeliz suicida, revelam o tormento por que passa o que atentou contra a própria vida, e, os que aqui se reúnem, imploram vosso incomparável influxo para que, ambos, sejam beneficiados e não mais saturados pelo suplício que ora os atormenta. No entanto, Senhor e Pai, sabemos que a própria dor que flagela os seres pensantes, é um inigualável benefício gerado em vossa generosidade paternal, pois é a propulsora da alma do criminoso para poder remir seus desatinos, sendo-lhe então permitido arrojar-se ao Infinito, deixando de ser habitante planetário para se tornar uma águia, sideral, radiosa e eterna!

Compadecei-vos de todos os que aqui se encontram, congregados em vosso Nome fulgurante e no do luminoso Emissário que enviastes à Terra — Jesus!

Daí aos que sofrem, neste recinto, o alívio de seus acerbos tormentos! Iluminai todas as almas por mais trevosas que o sejam, com o Farol incomparável da Redenção, a fim de que focalizem todos esses delitos, substituindo-os pela Virtude, inspirando-lhes o Bem, o áspero caminho do Dever, da Honra, do austero cumprimento de todos os sacrifícios divinos, morais e sociais, a fim de que, remindo todos os seus crimes possam merecer o vosso perdão que é a conquista valiosa do ser racional!

Dai-nos, enfim, o vosso radioso Perdão, quando atingirmos o limite de todas as provas planetárias, todos os suplícios merecidos em confronto com a vossa paternal misericórdia para com todos os que criastes.

Permiti, Senhor, que jamais tenhamos a ideia sinistra de atentar contra a vida, o mais valioso e divino atributo concedido à criatura humana, seja a nossa ou a de nosso semelhante, para que não se torne mister o resgate penoso com muitas lágrimas, muitas dores e muitos tormentos remissores!

Vós, que sois a Justiça infinita, o Poder incalculável que lucifica a Criação, da qual se originam desde os minúsculos infusórios aos mais esplendorosos corpos siderais não nos deixeis, jamais, perpetrar um deslize no Código Divino!

Compadecei-vos de nossa pequenez perante Vós e vossos portentos disseminados pelo Universo incomensurável, mas concedendo-nos um débil organismo material, neste incrustastes a mente onde se concebem os mais grandiosos

planos e a própria vastidão do Espaço ilimitado, podendo também, perceber o vosso poderio, e, sendo nós finitos, possamos idealizar "o incomensurável, contar as maravilhas do Universo!

Atendei às súplicas dos que se encontram congregados neste humilde recinto e permiti que vossos fiéis e radiosos Emissários venham cooperar no grandioso empreendimento do progresso e da Fraternidade de toda a humanidade disseminada por incontável número de Planetas e corpos siderais!

Nossas almas, ávidas de luz e de progredir indefinidamente, ora genuflexas, esperam receber neste momento, uma fagulha de vosso amor, vossa Piedade e vossa clemência infinda, a fim de que, jamais, nelas germine o Mal e sejam incentivados os sentimentos dignificadores e remissores!"

O ruído peculiar ao movimento corporal dos que se prosternam subitamente, foi patenteado no instante em que Samuel pronunciou as últimas palavras, e, sem que ninguém se certificasse, então, de onde fora irradiado, um maravilhoso clarão que parecia ligar o SOLAR DE JESUS ao crepúsculo estival, inundou todos os seres que se encontravam genuflexos naquele saguão e, inesperadamente, do órgão que ficava instalado em uma sala que lhe ficava próxima, elevou-se uma prece musical, executada pela inspirada Elmana Sêndria, consagrada ao Criador do Universo, a qual ela compôs em elevado estado de transe, arrebatando a assistência, que gozou momentos de êxtase inenarrável. Quando terminou a reunião, todos choravam de felicidade, saboreando antecipadamente os gozos reservados aos espíritos redimidos.

Este livro foi composto
e impresso na Gráfica
Editora Linotype,
à Rua Mem de Sá, 172. Tele¬
fone: 32-4348 - S. Paulo.

Notas:

(1) Nota digital: Postilhão (substantivo masculino)- indivíduo que transportava mensagens a cavalo. No serviço de posta, o condutor da diligência.

(2) Nota digital: Criador ou Creador conforme o original.

(3) Nota digital: destaquei a palavra.

(4) Nota digital: Dejanira era filha de Eneu, lendário rei de Calidon que se tornou muito solitário após a morte de sua esposa e de seu filho Meleagro. Por isso pretendia casar sua filha e ter muitos netos, tendo prometido que concederia sua filha em casamento com aquele que provasse ser o mais forte durante uma competição.

Hércules retornava de uma vitoriosa expedição e querendo esquecer a traição de sua ex-esposa Mégara, entrou na competição. Hércules lutou com vários concorrentes e venceu a todos eles. Conforme prometido, Hércules casou-se com Dejanira e foi feliz durante vários anos.

Em viagem junto com Dejanira, Hércules chegou às margens do rio Eveno cujas correntezas eram muito fortes. Ali o centauro Nesso se oferecia para atravessar as pessoas no rio montadas em seu dorso. Nesso se ofereceu para levar Dejanira até a outra margem e depois retornaria para buscar Hércules. Confiando em Nesso, Hércules colocou sua mulher sobre o dorso do centauro que imediatamente iniciou a perigosa travessia.

Ao chegar na outra margem do rio, o centauro tentou fugir com Dejanira atendendo ao pedido de Hera, a esposa de Zeus que odiava Hércules - o filho bastardo do marido. Ao ver o centauro em fuga com sua mulher, Hércules disparou suas flechas envenenadas com o sangue da Hidra de Lerna e feriu Nesso.

Ferido e agonizante, o centauro disse a Dejanira que recolhesse um pouco de seu sangue e guardasse. Caso algum dia Hércules se interessasse por outra mulher, ela deveria impregnar uma túnica com aquele sangue e mandar Hércules vesti-la. Assim, ele voltaria para ela. Hércules atravessou o rio nadando e quando chegou à outra margem, Dejanira nada comentou sobre os conselhos do centauro Nesso.

Algum tempo depois Hércules lembrou-se de cobrar uma promessa do Rei Euritos e buscou a princesa Iole pretendendo casá-la com seu filho Hilo. O rapto de Iole foi um erro de funestas consequências, pois Dejanira imaginou que o marido queria substituí-la pela jovem.

Lembrando-se das recomendações do centauro Nesso, Dejanira deu a Hércules uma túnica impregnada com o sangue do centauro que havia morrido envenenado pelas flechas de Hércules. Ao vestir a túnica, Hércules foi tomado de uma grande agonia. Sentindo que ia morrer, Hércules deu seu arco e flecha para seu amigo Filoctete revelando-lhe o poder mortal de suas armas.

Sendo um fiel amigo de Hércules, Filoctete construiu uma pira, colocou o corpo de Hércules sobre ela e dedicou ao grande herói todas as honras fúnebres. Quando o fogo baixou, a fumaça não formava mais que um tênue véu. Todos se espantaram ao ver que não sobrara sequer cinzas de Hércules. Filoctete convenceu-se que Zeus tinha elevado Hércules para junto dos imortais. Dejanira compreendeu o grande mal fizera ao marido e morreu de pesar. No entanto, o grande e poderoso heroi tinha partido para sempre...

Retirado do sitio: http://eventosmitologiagrega.blogspot.com.br/2012/04/dejanira-remorso-e-o-sentimento-de.html em 27/10/2016.

(5) Nota digital. marnel (origem obscura) - substantivo masculino - **Terreno alagadiço de fundo margoso.** http://www.priberam.pt/dlpo/marn%C3%A9is